

**Figura 1** – Feira livre de Santo Amaro e Rio Subaé.



Fonte: Isabela Seifarth, 2021.  
Aquarela sobre papel canson300g



**PROET**  
PROGRAMA DE  
PÓS-GRADUAÇÃO EM  
ESTUDOS TERRITORIAIS

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB**  
**Pró-Reitoria de Pesquisa e Ensino de Pós-graduação – PPG**  
**Departamento de Ciências Exatas e da Terra – DCET/*Campus I***  
**Programa de Pós-Graduação em Estudos Territoriais – PROET**

**JOELMA GOMES FERREIRA**

**“VEM FREQUÊS!”:**

*Lugares, contextos e relações identitárias na feira  
livre de Santo Amaro – Recôncavo Baiano*

**SALVADOR–BAHIA**  
**2021**

**JOELMA GOMES FERREIRA**

**“VEM FREQUÊS!”:**

*Lugares, contextos e relações identitárias na feira  
livre de Santo Amaro – Recôncavo Baiano*

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Territoriais da Universidade do Estado da Bahia, no âmbito da Linha de Pesquisa II – Processo territoriais e dinâmica urbano-regional, vinculada ao Grupo de Pesquisa GEO(BIO)GRAFAR: Geografia, Diversas Linguagens e Narrativas de Professores, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos Territoriais.

Área de concentração: Análise de processos e dinâmicas territoriais

Orientadora: Profa. Dra. Jussara Fraga Portugal

**SALVADOR–BAHIA  
2021**

**FICHA CATALOGRÁFICA**  
**Sistema de Bibliotecas da UNEB**

F383v

Ferreira, Joelma Gomes

Vem freguês: lugares, contextos e relações identitárias na feira livre de Santo Amaro - Recôncavo Baiano / Joelma Gomes Ferreira. - Salvador, 2021.

214 fls : il.

Orientador(a): Profa. Dra. Jussara Fraga Portugal.

Inclui Referências

Dissertação (Mestrado Acadêmico) - Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Exatas e da Terra. Programa de Pós-Graduação em Estudos Territoriais - PROET, Campus I. 2021.

1.Santo Amaro, Ba - feira livre. 2.Práticas culturais. 3.Histórias de vidas. 4.Relações identitárias. 5.Contextos identitários.

CDD: 907

## FOLHA DE APROVAÇÃO

### “VEM FREGUÊS!”: LUGARES, CONTEXTOS E RELAÇÕES IDENTITÁRIAS NA FEIRA LIVRE DE SANTO AMARO – RECÔNCAVO BAIANO

**JOELMA GOMES FERREIRA**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Territoriais, Departamento de Ciências Exatas e da Terra I, da Universidade do Estado da Bahia, *Campus I*, da Universidade do Estado da Bahia, no âmbito da Linha de Pesquisa II – Processo territoriais e dinâmica urbano-regional, vinculada ao Grupo de Pesquisa GEO(BIO)GRAFAR: Geografia, Diversas Linguagens e Narrativas de Professores, como parte dos requisitos obrigatórios para obtenção do título de Mestre em Estudos Territoriais.

Salvador - Bahia, 21 de junho de 2021.

Banca Examinadora:



**Jussara Fraga Portugal – Orientadora**

Universidade do Estado da Bahia – UNEB

Doutora em Educação e Contemporaneidade, Universidade do Estado da Bahia – UNEB

Pós-Doutorado em Geografia, Universidade Estadual de Londrina – UEL



**Agripino Souza Coêlho Neto**

Universidade do Estado da Bahia – UNEB

Doutor em Geografia, Universidade Federal Fluminense – UFF



**Gil Carlos Silveira Porto**

Universidade Federal de Alfenas – UNIFAL

Doutor em Geografia, Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG

## *Dedicatória*

*“Ela escolheu o amor, a alegria, a  
gratidão e o lado doce da vida”*

---

“A mainha, Valdiluce Gomes da Cruz,  
pelo saber transmitido através do leite materno  
e através de todos os gestos de amor,  
inteligência, força, sabedoria e fé”

## *Agradecimentos*

---

Um galo sozinho não tece uma manhã:  
ele precisará sempre de outros galos.  
De um que apanhe esse grito que ele e o lance a outro;  
de um outro galo que apanhe o grito que um galo antes e o  
lance a outro;  
e de outros galos que com muitos outros galos se cruzem;  
os fios de sol de seus gritos de galo para que a manhã,  
desde uma teia tênue, se vá tecendo, entre todos os galos.

(JOÃO CABRAL DE MELO NETO, 1966)

O poema *Tecendo a Manhã*, do escritor pernambucano João Cabral, foi publicado originalmente em 1966 e faz parte da minha memória no tempo do ensino médio; sendo mais precisa, de uma aula de física ministrada pelo professor Jarbas Farias, que após ler este poema na abertura de sua aula me presenteou com este escrito que marcou não só aquele dia como todo a minha trajetória. Naquela aula eu aprendi que tecendo teias e sendo grata pelos conhecimentos a minha existência ganha mais sentido. Obrigada a todos os mestres que juntos contribuíram para formar a pessoa que hoje sou.

E neste clima de agradecimento, agradeço às forças do universo que convergem para facilitar o progresso daqueles que acreditam que podem aprender com suas escolhas.

Com gratidão e respeito, exalto os meus antepassados que juntos lutaram para que hoje nós pudéssemos viver uma vida melhor e que de algum modo ainda nos protegem, nos guiam e nos fortalecem.

Com o melhor amor, agradeço à Senhora Valdiluce Gomes da Cruz, minha rainha, minha mãe, que sempre me ensinou a ser boa filha, boa irmã e boa amiga. Que abdicou de sua vida em prol da minha, que me chama de amor e que todos os dias diz para mim: “Você é uma mulher linda, guerreira, vencedora, melhor presente de Deus minha filha!”. A você, minha mãe, devo tudo que sou. Com esta conquista que é exclusivamente sua, espero estar lhe dando uma forma de retribuição.

Agradeço também às figuras que me marcaram nos anos em que frequentei esta escola, o Programa de Pós-Graduação em Estudos Territoriais – PROET, da qual saio mestre em cooperação, humildade e em saberes diversos que foram transmitidos pelos colegas, também na condição de estudantes de mestrado; pelo corpo docente que em conjunto transformou cada pesquisa em conhecimento territorial único, e que com certeza já fez diferença na vida dos sujeitos que tiveram suas histórias cruzadas pela força que emerge das relações construídas em meio ao contexto acadêmico.

Ao ler sua tese de doutorado, aprendi que existe mãe-acadêmica. Ser supremo, especial, que faz as dificuldades desaparecerem, que acalma e aponta a direção certa. E foi como filha que me senti ao ser orientada pela minha professora Jussara Fraga Portugal, a qual me ensinou caminhar pela pesquisa deixando marcas de delicadeza e de amor. A palavra gratidão ainda é pouco para agradecer pela oportunidade de aprender com a senhora.

Com muito carinho agradeço ao meu professor Agripino Coelho por plantar na minha trajetória acadêmica conhecimento, organização e o que para mim reverberou com mais importância: o incentivo. Ter seu apoio e suas contribuições assertivas e inspiradoras foram significantes nesta conquista coletiva e na minha vida. Preciso ressaltar que o senhor é um dos meus professores preferidos.

Agradeço ao professor Gil Porto por aceitar o convite e por ter sido não só um avaliador, mas sobretudo um colaborador. Obrigada por sua leitura cuidadosa, pela indicação de filme e estudos que ajudaram na compreensão deste objeto, o qual demarca um traço comum em nossas vidas.

Agradeço aos meus queridos amigos e amigas que julgaram como lento, demorado o meu tempo de escrita e de pesquisa. Rebanhos de incentivadores fajutos, ouvidores forçados de cada parágrafo, contadores de páginas da pesquisa alheia, leitores apenas do título. Sem vocês eu teria procrastinado menos, devido aos convites não recusados para – desculpem a expressão – vadiar. Sem sombra de dúvidas, vocês não são merecedores do meu imenso amor, mas como nunca fui boa em matéria de amar, amo cada um de vocês.

Para estes mesmos amigos, eu agradeço pela participação na rifa solidária, a qual serviu para arrecadar um valor simbólico que foi destinado para a revisão ortográfica deste estudo. Sim, poderiam ter sido mais generosos, porque além de amiga, eu sou psicóloga, livro de receita, professora, mediadora de conflitos, divulgadora dos trabalhos e redes sociais, fotógrafa, consultora, cabeleira, cupido e incentivadora. Logo, eu merecia mais por tantas funções desempenhadas gratuitamente, as mesmas sendo acompanhadas de muito carinho, dedicação e amor. Porém, eu sou grata e me sinto amada, potencializada pelo apoio de anos, de meses, de dias, vindo de cada um de vocês, que mesmos espalhados pelo Brasil fizeram o pix.

Ao Boiadeiro Cacique Guerreiro Rei de Luanda e ao Caboclo Martins Beira Rio da Jogada do Remo pela proteção.

Por fim, agradeço a mim, por ter me suportado nos momentos mais oscilantes entre a ausência e a presença da vontade de escrever. *Eu me amo, me cuido...*

Ô dona Fia

Eu vim comprar fiado  
Farinha, feijão de corda  
E um peixe moqueado  
Eu sou lá da freguesia  
Do divino São José  
Se dona fia me fia  
Quero binga pra rapé  
Quero também do seu milho  
Pro meu galo garnizê  
Levo carvão, levo gás  
Tarrafa vai se tiver  
Anote no seu caderno  
Eu pago quando puder  
Ô dona fia  
Eu vim comprar fiado  
Farinha, feijão de corda  
E um peixe moqueado  
Se dona fia fiar  
Quero pimenta de cheiro  
Tempero pra temperar  
Mel rosado, água de flor  
Fumo de rolo e buçá  
Um pavio de candeeiro  
Gaiola de juazeiro  
Facão guarani e um borná  
Cachaça do engenho doce  
Se tiver mande botar  
Ô dona fia  
Eu vim comprar fiado  
Farinha feijão de corda  
E um peixe moqueado  
Se dona fia me fia  
Quero pano pra rudia  
Um barril, uma bacia  
E vela pra romaria  
Viola pra cantoria  
E já que amor não se cria  
Se não tiver companhia  
Dona fia eu queria  
O amor de sua fia  
Pra eu fazer uma família  
Ô dona fia  
Eu vim comprar fiado  
Farinha, feijão de corda  
E um peixe moqueado.

Composição: Roque Ferreira

# Resumo

---

FERREIRA, Joelma Gomes. **“Vem freguês!”**: lugares, contextos e relações identitárias na feira livre de Santo Amaro – Recôncavo Baiano. 2021. 214f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação em Estudos Territoriais – PROET. Departamento de Ciências Exatas e da Terra. Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Salvador, 2021.

Esta pesquisa, de abordagem qualitativa, inscreve-se no âmbito dos métodos (auto)biográfico e fenomenológico, inspirada na abordagem da Geografia Cultural. Toma-se como a principal fonte de recolha de dados as narrativas das histórias de vida dos sujeitos que desenvolvem a atividade de feirante na feira livre de Santo Amaro, no Recôncavo Baiano, e entrelaçada às atividades da mariscagem, pesca artesanal e da agricultura. Neste sentido, parte-se da seguinte questão norteadora: Quais saberes guardam os sujeitos feirantes que vivenciam relações identitárias na feira livre de Santo Amaro no Recôncavo Baiano? Intentou-se compreender como a feira livre de Santo Amaro se inscreve no cenário composto por diversas identidades, a partir das práticas culturais e relações identitárias narradas por quatro sujeitos que vivenciam, cotidianamente, esse contexto. Dos colaboradores desta pesquisa, dois são oriundos das comunidades que são reconhecidas como comunidades tradicionais remanescentes de quilombos – a saber: Acupe e São Braz –, e os dois são moradores do bairro da Pedra na cidade de Santo Amaro. O recorte teórico construído teve como base as contribuições dos estudos da Geografia Humanista, ancorado no método fenomenológico – o lugar e as suas aplicações – e abordagens da Geografia Cultural, uma vez que esta representa o sistema simbólico, o mesmo composto pela materialidade e imaterialidade culturais, que reverberam saberes e práticas culturais tradicionais. Nesta perspectiva, os dispositivos – observação e entrevista narrativa individual – foram as técnicas utilizadas para conhecer o objeto de estudo e apreender as concepções dos quatro sujeitos colaboradores e as suas relações identitárias. Conforme as narrativas dos feirantes, a feira livre de Santo Amaro, apresenta-se como lugar polissêmico, enquanto espaço livre, popular, herdado, social, cultural e educativo, que possibilita a construção e socialização de saberes e a emergência de conhecimentos diversos e é também concebida como um lugar constituído e construído por pessoas negras. Seu contexto é composto por elementos identitários, crenças, dialetos, memórias, vivências, relações de pertencimento, de afetividade e de experiências visibilizadas pelas práticas (saberes-fazer) baseadas na coletividade e nos saberes tradicionais dos sujeitos que fazem a feira acontecer cotidianamente.

**Palavras-chave:** Feira livre de Santo Amaro. Histórias de vida. Lugar. Práticas Culturais. Contextos e Relações identitárias.

## Resumo (yorubá)

---

FERREIRA, Joelma Gomes. **“Wá alabara!”**: Awon aye, awon ipo ati awon ibatan idanimọ ni oja ofe Santo Amaro - Recôncavo Baiano. 2021. 214f. Iwe-akọlẹ (Igbimọ Titunto si). Eto Ile-iwe giga ni Awon ẹkọ Ile-ilẹ - PROET. Sakaani ti Gangan ati Awon Imọ-aye. Ile-ẹkọ Ipinle Bahia – UNEB, Salvador, 2021.

Iwadi yii, pẹlu ọna agbara kan, şubu laarin aaye ti autobiographical ati awon ọna lasan, ti atilẹyin nipase ọna ti Cultural Geography. Orisun akọkọ ti gbigba data ni a gba lati awon itan-akọlẹ ti awon itan igbesi aye ti awon akole ti o dagbasoke işe ti ataja ni Santo Amaro oja ofe, ni Recôncavo Baiano, ati ibaramu pẹlu awon işe ti ipeja, ipeja işe ọwọ ati ogbin. Ni ori yii, o bere pẹlu ibeere itoşona atele: imọ wo ni awon onişowo ti o ni iriri awon ibatan idanimọ ni oja ofe Santo Amaro ni Recôncavo Baiano toju? Ero naa ni lati ni oye bawo ni ite oju-ona ita Santo Amaro je apakan ti iwoye ti o ni awon idanimọ orişirişi, da lori awon işe aşıa ati awon ibatan idanimọ ti awon omọ merin merin ti o ni iriri ipo yii lojoojumọ so. Ti awon alabaşisepo ninu iwadi yii, meji wa lati awon agbegbe ti a gbayeye bi awon agbegbe ibile ti o ku ti quilombos - eyun: Acupe ati São Braz - ati pe awon mejeeji je olugbe agbegbe Pedra ni ilu Santo Amaro. Ilana ti ẹkọ ti a ko da lori awon ebun ti awon ẹkọ ti ẹkọ eniyan, ti o wa ni ọna iyalenu - ibi ati awon ohun elo re - ati awon isunmọ si Geography ti aşıa, nitori eyi duro fun eto apeere, eyiti o je ti ohun elo ti aşıa ati ti ara, eyiti iwoyi imo asa ati ise ibile. Ni oju-iwoye yii, awon ero - akiyesi ati ibere ijomitoro alaye ti ara eni koşkan - ni awon imo-ero ti a lo lati mọ nkan ti iwadi ati ki o mu awon ero inu ti awon koko-ifowosowopo merin ati awon ibatan idanimọ won. Gegebi awon itan ti awon alatuta naa, oja şiši Santo Amaro se afihan ara re bi aaye polysemic, gegebi ominira, gbajumọ, jogun, awujo, aaye aşıa ati eto-ẹkọ, eyiti o je ki ikole ati isopoşo ti imo ati ifarahan ti Oniruuru imo ati pe o je tun loyun bi ibi ti o je ati ti awon eniyan dudu ko. Ayika re je awon eroja idanimọ, awon igbagbo, awon ede orişirişi, awon iranti, awon iriri, awon ibatan ti ohun-ini, ife ati awon iriri ti o han nipase awon işe (mo-bawo) da lori ikoşoşo ati lori imoye aşıa ti awon koko-oro ti o je ki adajo seşe lojumọ .

**Awon oro-oro:** Santo Amaro şiši oja. Awon itan igbesi aye. Ibi. Awon işe Aşıa. Awon Akosile Idanimọ ati Awon ibatan.

# Abstract

---

FERREIRA, Joelma Gomes. “**Come customer!**”: places, contexts and identity relations at the Santo Amaro free fair – Recôncavo Baiano. 2021. 214f. Thesis (Master's degree). Postgraduate Program in Territorial Studies – PROET. Department of Exact and Earth Sciences. Bahia State University – UNEB, Salvador, 2021.

His research, with a qualitative approach, falls within the scope of the (auto) biographical and phenomenological method, inspired by approach of Cultural Geography, takes as the main source of data collection the narratives of the life stories of the subjects who develop the activity at the Santo Amaro free fair, in the Recôncavo Baiano, intertwined with activities of shellfish, artisanal fishing and agriculture. In this direction, starting from the guiding question: wich knowledge safeguard the subjects who experience identity relationships in the Santo Amaro free fair in the Recôncavo Baiano? The intention is to understand how the Santo Amaro free fair is part of the scenario composed of several identities, starting of the cultural practices and identity relationships narrated by four subjects who experience, daily, this context. Of the collaborators in this research, two come from communities that are recognized as traditional communities remaining from quilombos, namely: Acupe and São Braz \_\_, and the two are residents of the districts of Pedra in the city of Santo Amaro. The theoretical reference constructed is based on the contributions of Humanist Geography studies \_ anchored in phenomenological method \_ the place and their applications and approaches of the Cultural Geography, because this represents the symbolic system, the same composed by cultural materiality and immateriality, which reverberate knowledge and traditional cultural practices. In this perspective, the devices – observation and individual narrative interview – were the techniques used to know the object of study and capture of the four collaborating subjects' conceptions and their identity relationships. According to the traders' narratives, the free fair of Santo Amaro presents itself as a polysemic place, understood as a free, popular, inherited, social, cultural and educational space, that enables the construction, socialization and emergence of diverse knowledge and it is also conceived as a place constituted and built by black people. Whose identity context is composed of identity elements, beliefs, dialects, memories, experiences, relationships of belonging, affectivity and experiences made visible by the organizational practices (knowledges and pratices) based on the collectivity and the traditional knowledge of the subjects who make the fair happen daily.

**Keywords:** Santo Amaro free fair. Life stories. Place. Cultural pratices. Contexts and identity relationships.

# *Lista de Siglas e Abreviaturas*

---

CECULT– Centro de Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas

COVID 19 - Corona Vírus Disease

CNJ – Conselho Nacional de Justiça

CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

D.O.U – Diário Oficial da União

DCET – Departamento de Ciências Exatas e da Terra

FCP – Fundação Cultural Palmares

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

KG – Quilograma

PROET– Programa de Pós-Graduação em Estudos Territoriais

RTID – Relatório Técnico de Identificação e Delimitação

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

UFBA – Universidade Federal da Bahia

UFRB – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

UNEB – Universidade do Estado da Bahia

# Lista de Figuras

Figura 1 – Feira livre de Santo Amaro e Rio Subaé. Aquarela sobre papel canson300g	Capa
Figura 2 – Sem título, pintura acrílica sobre tela	18
Figura 3 – Feira Livre, acrílica sobre tela	24
Figura 4 – Feirantes, acrílica sobre tela.	28
Figura 5 – Joelma Ferreira e a feira. Aquarela sobre papel canson300g	39
Figura 6 – Comunidade quilombola Acupe, Santo Amaro – BA	43
Figura 7 – Lurdinha, peixe e a feira. Aquarela sobre papel canson300g	52
Figura 8 – Prosa, acrílica sobre tela	58
Figura 9 – Sem título, pintura acrílica sobre tela	69
Figura 10 – Fiado, pintura acrílica sobre tela	73
Figura 11 – Carregadores, pintura acrílica sobre tela	74
Figura 12 – Localização da área de estudo: Feira de Santo Amaro	80
Figura 13 – Saveiros ancorados no rio Subaé / Ponte da Moringa. Primeira metade do sec. XX	82
Figura 14 – Antigo Mercado Municipal de Santo Amaro	84
Figura 15 – Atual Mercado Municipal de Santo Amaro	84
Figura 16 – Vários tipos de pimentas	85
Figura 17 – Variedades de carnes secas	85
Figura 18 – Artigos de couro	86
Figura 19 – Artigos diversos	86
Figura 20 – Fumo, cachimbo, charuto	87
Figura 21 – Peixe moqueado	88
Figura 22 – Pastel da Feira	89
Figura 23 – Festa do Bembé em comemoração ao 13 de maio	90
Figura 24 – Arte em cerâmica: elemento identitário na feira livre de Santo Amaro	96
Figura 25 – Arte em cerâmica, popularmente conhecida como boneca namoradeira: elemento identitário na feira livre de Santo Amaro	97
Figura 26 – As plantas que curam: elemento identitário na feira livre de Santo Amaro. Feirante que comercializam as plantas, conhecido como Vaqueiro da selva.	98
Figura 27 – Arte com cipó: elemento identitário na feira livre de Santo Amaro	100
Figura 28 – Camarão defumado: elemento identitário na feira livre de Santo Amaro	101
Figura 29 – Beiju, farinha, bolo de puba: elementos identitários na feira livre de Santo Amaro	103
Figura 30 – Maniçoba: elementos identitários na feira livre de Santo Amaro	104
Figura 31 – Mosaico “Identities em contexto”	116
Figura 32 – Dona Ninha e a feira. Aquarela sobre papel canson300g	120
Figura 33 – Comunidade quilombola São Braz, Santo Amaro – BA	121
Figura 34 – Vista da comunidade São Braz e acesso ao porto (canal à esq.,	123

## Fundo de São Braz

Figura 35 – Alimentos comercializados por Dona Ninha na feira livre	129
Figura 36 – Márcia e a feira. Aquarela sobre papel canson300g	132
Figura 37– Massa branca (tapioca), massa amarela (aipim), massa meio amarela (massa puba), pacote verde (maniçoba), abaixo são beijus.	136
Figura 38 – Senhor Lucimário e a feira. Aquarela sobre papel canson300g	140
Figura 39 – A comunidade quilombola Acupe vista do alto	142
Figura 40 – Porto do Acupe	144
Figura 41 – Balança de dois pratos e os pescados exposto na banca na feira livre	147
Figura 42 – Senhor Manoel e/na feira. Aquarela sobre papel canson300g	149
Figura 43 – Joelma na feira livre, durante a entrevista narrativa com o Senhor Manoel	150
Figura 44 – Senhor Manoel e o seu pilão na feira livre de Santo Amaro	156
Figura 45 – Sem título, pintura acrílica sobre tela	159
Figura 46 – Trecho da feira livre de Santo Amaro vista de fora	162
Figura 47 – Feira livre e São João, pintura acrílica sobre tela	188
Figura 48 – Feira livre de Santo Amaro em palavras	198

## *Lista de Quadro*

---

Quadro 1 – Síntese espaço-temporal das sessões de entrevistas narrativas 114

# Sumário

<b>PRIMEIRO PREÂMBULO: Carta para a feirante D. Lurdinha</b>	18
<b>SEGUNDO PREÂMBULO: Feira livre: memória e arte</b>	24
<b>1 INTRODUÇÃO: A feira tem muita força</b>	28
<b>2 RECÔNCAVO, CAMINHOS IDENTITÁRIOS: manifestos de memórias da filha da terra</b>	39
2.1 Antes da feira, Acupe: o lugar do começo	41
2.2 A feira de Simões Filho e/em nossas vidas	52
2.3 Bioepistemologia: quilombola, feirante e urbanista	59
<b>3 INCURSÕES METODOLÓGICAS: a pesquisa e seus percursos</b>	69
3.1 A feira livre de Santo Amaro – Bahia: o (re)encontro	71
3.2 A feira livre de Santo Amaro – Bahia: contextualização	77
3.2.1 Elementos identitários da feira livre de Santo Amaro: expressões culturais	91
3.3 A pesquisa na/sobre a feira livre de Santo Amaro: trajetórias teórico-metodológicas	105
<b>4 HISTÓRIAS INVISIBILIZADAS, VIDAS NARRADAS: identidades em contexto</b>	116
4.1 Ana Francisca Neves da Silva (D. Ninha): “a feira livre é livre”	120
4.2 Márcia Ferreira: “a feira livre de Santo Amaro é negra”	132
4.3 Lucimário Alves: “herdei a feira livre do meu pai”	140
4.4 Manoel Lobo: “a feira livre é a universidade”	149
<b>5 CONTEXTOS IDENTITÁRIOS NA FEIRA LIVRE DE SANTO AMARO: abordagens e interpretações</b>	159
5.1 Feira livre: espaço de liberdade, mundo vivido	164
5.2 Feira livre: lugar de produção e socialização de saberes e conhecimentos	170
5.3 Feira livre: herança, legado e vida	176
5.4 Feira livre: Atlântico de resistência negra	181
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS: a feira livre segue o seu curso</b>	188
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	198
<b>APÊNDICES</b>	210
Apêndice A – Termo de adesão à pesquisa	211
Apêndice B – Declaração de compromisso	212
Apêndice C – Carta de cessão para as histórias de vida (entrevistas narrativas) dos feirantes da feira livre de Santo Amaro – Recôncavo Baiano	213
Apêndice D – Termo de consentimento livre e esclarecido e de consentimento pós-informado	214

# Primeiro Preâmbulo

## Carta para a feirante Dona Lurdinha

“[...] Deus é uma mulher preta.  
[...] É semente da mente de deusas de lá de onde  
eu vim.  
Rainhas de ontem e hoje florescem em mim.  
Deus é uma mulher preta [...].  
Minha mãe me abençoe e dê forças pra eu prosseguir  
Seus olhos d’água refletem a força que mora em mim”.

Composição: Jessica Gaspar

**Figura 2** – Sem título, pintura acrílica sobre tela



Fonte: Isabela Seifarth, 2018.

Para a senhora Lurdinha (minha mãe),  
Sua “benção!”

Embora eu esteja pesquisando a feira livre de Santo Amaro, escrevo daqui, do lugar que acontece a feira livre de Simões Filho, especificamente da entrada principal. Estou sentada em um caixote de madeira do lado de fora, com lápis, caderno e usando máscara, pois, como a senhora sabe, o local está fechado desde março do ano de 2020 por conta da pandemia e ainda permanece devido à famosa reforma que promete melhorar as condições de trabalho e sanitárias para nós feirantes. Mas no fundo sabemos que estas modificações no espaço da feira livre cumprem as exigências do mercado, considerado formal e, pelo projeto apresentado pela atual gestão da cidade, trata-se também de uma qualificação que destoa com as características culturais do nosso lugar de trabalho.

Pelo visto teremos que nos readaptar e fingir que concordamos com esta ordem excludente. Por coincidência ou não, hoje é sábado, o dia de maior movimento na feira e o dia que normalmente trabalhamos juntas por mais de 30 anos. Aqui, no entorno do mercado municipal, os trabalhadores estão trabalhando bem próximos uns dos outros com seus carros de mãos, balaios, isopores, bancas, todos cheios de frutas, verduras e legumes, esperando seus consumidores. A maioria das mulheres feirantes está trabalhando sob o sol, com o avental amarrado na cintura; algumas usam chapéu, outras usam lenços como forma de proteção, e muitas delas estão acompanhadas de seus filhos. Com certeza, foram obrigadas a trazer seus pequenos para tamanha exposição, principalmente neste contexto de pandemia, o qual tem exigido o isolamento social. E a grandeza da feira se faz no contato direto entre feirantes e seus fregueses. Olhar pela primeira vez esse lugar tão silencioso é uma experiência singular, até aqui única na minha vida.

Observando essas mulheres, lembro-me da senhora. Mesmo ausente, consigo enxergá-la em cada uma. Fico sempre a te observar, quando lamenta por todas as formas de sofrimentos decorrentes da pandemia que atingem os trabalhadores das feiras livres que precisam exatamente do contato social para a realização do seu trabalho. Seu posicionamento é pertinente ao analisar que infelizmente para nós, feirantes, o “ficar em casa” não é um direito assistido. E quem nos dera a despreocupação da falta de alimento, sem mencionar o gás, a luz e a água. Vejo em seus olhos a dor por saber que, tanto dentro ou fora de casa, somos

acometidos por algum tipo de opressão, dentre muitas a fome, que graças a Deus não nos atinge, mas se faz presente em muitos lares.

Eu sei que a senhora sente falta da feira, eu também sinto! Dá uma agonia, não é? Ficar sem saber como estão os nossos fregueses perante a pandemia, se estão bem?! É inevitável não perceber o vazio no silêncio desse lugar, pois aos sábados, os fregueses estavam com a gente; se não para fazer as compras, se faziam presentes para sociabilizar, conversar sobre as questões do cotidiano, levar o nosso café, tomar umas cervejas, circular entre uma banca e outra, reclamar dos preços, convidar para as festas de aniversários, batizados, casamentos, pagar o fiado e até mesmo para nos ajudar com a venda dos nossos pescados. É incrível como a feira permite e propicia a construção de relacionamentos que ultrapassam o muro das relações fundamentadas no sistema capitalista.

Percebeu ou reparou na pintura que antecede as linhas iniciais desta carta? Me lembra a senhora e tantas outras mulheres negras que vivenciam cotidianamente a vida feirante. Nossa, mãe! Como esta pintura conseguiu capturar as emoções que vocês transmitem pelas vestes, pelo sobreiro, pela postura do corpo curvado, pelo rosto marcado pelo cansaço, o modo como se arruma os produtos, a distração traçada pelo movimento desenhado pelo olhar, a particularidade à margem do universo. A relação com o mar que está para além de ser mais um meio de sustento; se refere, sobretudo, ao contexto identitário construído e potencializado nas comunidades pesqueiras.

Em particular, sinto que a feira livre é tomada por aqueles que a vivenciam como espaço simbólico, cultural, socialmente produzido e construído, carregada de manifestações históricas, as quais alimentam o imaginário das pessoas que circulam entre seus arranjos imprecisos. Chego a pensar que a feira enquanto lugar abarca uma gama de identidades, que ora se entrecruzam, se transmutam, noutra permanecem imutáveis, presas em suas geografias. Assim, como nós, que mesmo criando laços sociais territorializados na feira livre de Simões Filho, sempre tomamos com lugar que nos define as relações identitárias estabelecidas nos lugares do Recôncavo Baiano.

Inclusive, dizer que somos de Santo Amaro provocava maior contentamento nos fregueses, gerava uma ambiência de tradicionalidade e confiança. Principalmente quando se referiam à origem dos produtos, os quais eram

procurados devido ao modo de produção artesanal. Há quem dizia que o nosso camarão defumado, o azeite de pilão e o peixe moqueado são os melhores da Bahia.

Mas, antes que fique a questionar o porquê de lhe escrever uma carta falando das coisas que a senhora por muitas vezes vivenciou e ainda vivencia, saiba que a partir deste momento começo a escrever, entre memórias e palavras, sobre a importância da sua força de mulher feirante para esta pesquisa e, principalmente, para a minha vida. A minha história é marcada pela sua. As minhas trajetórias retratam os caminhos que juntas, fisicamente ou simbolicamente, percorremos juntas.

Mãe, certa vez, não me recordo o tempo exato, escutei uma senhora dentro do ônibus recitar um poema de Clarice Lispector, a qual dizia: “[...] que se perde muito tempo para aprender usar as palavras e que as palavras devem ser faladas ou escritas, se não elas te sufocam”. De imediato, concordei! No entanto, cada pessoa tem seu tempo de amadurecimento, percepção e coragem para se permitir à escrita e às narrativas. E no meu caso não é diferente! Levei muito tempo para acreditar que ainda, entre um erro de escrita e outro, eu posso sim escrever sobre as minhas emoções e memórias, ainda que isso revele muito sobre acontecimentos que despertem em mim algumas angústias, insatisfações e dores.

Tenho que te confessar que este tempo chegou e foi sendo construído gradativamente ao seu lado, a pessoa que não conseguiu concluir os estudos (possui ensino fundamental completo), mas que me dá aula de boa conduta, de conhecimento e saberes ancestrais. Preciso ressaltar para a senhora e para quem mais for ler esta escrita que ainda sinto as cócegas na barriga e nos pés que a senhora provocava ao tirar meu uniforme escolar quando eu chegava da escola para me fazer rir e para me distrair das dificuldades que vivíamos constantemente em nossa casa. Sua presença e seu amor foram e são tão importantes. Não há como conceber qualquer narrativa sem sentir suas mãos juntas às minhas ao percorrer o caminho para escola, os trajetos em direção à maré, à feira e para a concretização deste estudo que nunca foi só meu.

Lembro-me daquele dia que fui para a escola sem tomar o café da manhã e que no decorrer da aula, a senhora apareceu com um suco de limão e um pão. Então, naquele dia eu bebi cada gole do seu amor, da sua dedicação como força

motriz para dá continuidade aos estudos. Eu não poderia falhar, não para a senhora que compartilha comigo os seus anseios, seus sonhos, seus risos e suas angústias. Obrigada por estar comigo por todas as trajetórias.

Sinto que cada passo, cada descoberta pelas leituras e pelos espaços acadêmicos que ocupamos juntas – pois se eu estou com certeza a senhora está –, abrem caminho para que outras mulheres que vivenciam o lugar de feirante se permitam às potencialidades que habitam dentro de si. E neste sentido de ocuparmos espaços que eu trouxe a sua voz, as vozes de outras mulheres e homens para compor a escrita dessa dissertação ancorada nas histórias de vidas para compreendermos juntas as relações identitárias construídas na feira livre de Santo Amaro.

Mãe, acredito que narrar nossas memórias, a nossa relação com a maré e com a feira, implica em duas observações. De um lado existem os percalços e do outro existem as representações simbólicas e imagens, cujos significados refletem a personificação do amor maternal. Lembra a relação entre o mar e a ilha, em que o mar é então associado à figura materna que protege o seu filho (ilha) com toda profundidade que há em si das amarguras da vida. Permito-me dizer que quando iniciei a pesquisa não esperava que fosse possível escrever dentro de uma escrita acadêmica uma carta para você, que é a inspiradora principal, nem tampouco enxergar a nossa experiência como exemplo que ajuda na compreensão de conceitos e aspirações de contextos localizados nos lugares vivenciados por nós.

Se bem que cabe ainda ressaltar que através da feira livre alimentamos com pescados e mariscos que advêm das comunidades tradicionais do Recôncavo da Bahia outras cidades. Esta constatação revela que de certa forma somos pessoas que criam e que facilitam a relação entre os lugares por meio dos alimentos, um elo de uma cadeia de sujeitos que pescam, fazem a catação, transportam e distribuem. Tratam-se também de alimentos que nutrem não só o corpo, mas que agem sobre a disseminação da história que revela a prática da pesca artesanal.

Entre palavras e memórias, ressalto que a sua voz e as vozes das senhoras e dos senhores que estão presentes nesta pesquisa coadunam com tudo o que aprendi na tradição das trocas de saberes pela prática desenvolvida numa convivência em comunidade, onde o compartilhamento dos saberes é transmitido por ações involuntárias. Faz parte do nosso modo de existir esta capacidade de

transbordar conhecimento pela *performance* do corpo, pela oralidade e pelas palavras que não estão necessariamente escritas nos livros, mas que permeiam as memórias e as histórias de vida de todos vocês.

Bom, o tempo passou e já faz meses que iniciei a escrita desta carta e no decorrer deste tempo ficamos mais próximas cotidianamente, desfrutando do amor uma da outra. Eu com certeza a mais privilegiada desta convivência, pois além de aproveitar da sua companhia alegre e engraçada também tenho a oportunidade de me deliciar com os seus dotes culinários desde o café da manhã até a janta, sem contar os lanches, a jaca já desbagada no pratinho, a cervejinha antes do almoço e a dose do licor que a senhora diz que é para começar/abrir o dia. Sem sombras de dúvidas, eu tenho o título da filha mais feliz e grata do mundo.

Só mais um detalhe. Obrigada por ter tornado o nosso isolamento, o qual seguimos com todo cuidado, numa oportunidade de redescoberta da terra, onde semeamos tomates, pimentas, coentro, melancia e nas outras plantas frutíferas, como a acerola, limão, mamão e o jambo, estas que ainda levarão mais tempo para nos apresentar com os seus deliciosos frutos, suas sombras e com as suas propriedades energéticas revigorantes.

Sendo assim, encerro esta carta com um ensinamento do tempo da minha vó, sua mãe, que em sua trajetória de vida foi marisqueira, produtora de farinha, de azeite e agricultora, e que ao semear sempre dizia: “nenhuma árvore grande chegou ao tamanho que está sem antes ter sido semente”.

Com muito amor e gratidão, Joelma.

Acupe, 14 de abril de 2021.

**Figura 3** – Feira Livre, acrílica sobre tela.



Fonte: Isabela Seifarth, 2018.

## *Segundo Preâmbulo*

### *Feira livre: memória e arte*

Se queres saber quem sou,  
Se queres que te ensine o que sei,  
Deixa um pouco de ser o 1que tu és  
E esquece o que sabes.  
(HAMPATÊ BÁ, 2010, p. 212)

Segundo Hampaté Bâ (2010), na tradição viva, concepção da filosofia africana, a transmissão do saber começa quando o ser humano se coloca na condição de aprendiz, se desfazendo das armaduras de um conhecimento considerado como único e verdadeiro. Para o autor, a presente geração são os sujeitos, os principais vínculos e veículos da herança cultural, depositários de toda espécie de conhecimentos. Neste devir, a tradição viva é onde tudo e todas as coisas se ligam e religam no ciclo ancestral de sentir, descobrir e significar a experiência que é essencialmente coletiva.

E, neste compromisso de se permitir ao aprendizado por outra fotografia do saber, que o uso particular da arte que abre a escrita deste preâmbulo, ressalta grandiosamente o sentimento de gratidão a Bela Seifarth, artista contemporânea que permitiu que suas narrativas, através da pintura, fizessem parte desta composição coletiva que ora ressoa como dissertação e noutra como expressão simbólica de nós mesmas.

O encontro com Bela Seifarth, artista plástica e pintora que passou parte da sua infância no município de São Felix, no Recôncavo Baiano, reflete aquela sábia concepção espiritualista: *que nada é por acaso*; bem como aquela que diz: *o que há de ser tem muita força*. Pois não existe outro entendimento coerente para justificar cruzamento de ideias que resultam no compartilhamento e agregação de saberes potentes. Sua obra, *Feira livre* (acrílica sobre tela, 2018) nos fala sobre o lugar feira livre, cuja temporalidade caminha pela história de um fim que nunca se alcança. Pinta-se aí uma contextualização que venho procurado tecer na minha trajetória acadêmica: a feira livre construída e territorializada por homens e mulheres negras, como lugar que não se restringem apenas para a comercialização de bens e serviços, mas que se faz presente em memória, em sentidos moventes, em sabores, em reminiscência e em cultura.

Tanto que esta breve exposição ressei como convite para pensarmos a feira livre em um dos seus outros ambientes, nos quais se inscrevem, se narram e se pertencem: o tempo, a memória e a narrativa, desenhados por meio da pintura. Esses elementos se entrelaçam e assemelham-se como o tempo espiralar, concebido como

[...] uma percepção cósmica e filosófica que entrelaça, no mesmo circuito de significância, a ancestralidade e a morte. Nela o passado habita o presente e o futuro, o que faz com que os eventos,

desvestidos de uma cronologia linear, estejam em processo de uma perene transformação e, concomitantemente, co-relacionados. (MARTINS, 2001, p. 79)

Nessa perspectiva, a pintura *Feira livre* transmite na sua textualidade os tempos que se cruzam, que contam diferentes histórias, uma ordem do acontecer próprio do ambiente adjetivado como livre, onde não se percebe barreiras territoriais que impeçam a circulação de sujeitos e outros seres. Uma moldura simbólica que visibiliza o que parece ser invisível, assim como a escrita, que revela dores, entraves, conhecimentos, cores, saberes, sabores, histórias, lugares, memórias e representações.

Para Scarpim e Trevisan (2018, p.117), “[...] a memória caracteriza-se por dinâmica própria de constituição, remodelação e adaptação extremamente dependentes do contexto em que é acionada”. Portanto, é um elemento que cabe ao sujeito que o aciona determinar o que vale ser lembrado, tanto pela expressão que se desvela em uma escrita narrativa como pela arte ou por qualquer outro modo que consiga transmitir os saberes, os modos de vidas, as imagens, os sonhos, os contextos identitários.

Discorrer sobre a feira livre através da memória narrada pela arte, numa dinâmica de leitura e de significância é permitir a oportunidade de articular no campo da interdisciplinaridade, a ciência e arte, para além de um compromisso desvinculado, não totalmente, do rigor acadêmico. Visto que na concepção teórica da Geografia Cultural o que está em foco é a “[...] interpretação das representações que os diferentes grupos sociais construíram a partir de suas próprias experiências e práticas” (CORRÊA, 2009, p.1). Neste sentido, a arte e a Geografia Cultural são diversidades do cotidiano social que podem ser compreendidas por múltiplos olhares, numa infinidade de ideias que talvez se cruzem, se desviem, se fundem ou se rompem.

Para Rodrigues (2020), a pintura, enquanto lugar de possível leitura da paisagem geográfica, legitima a manifestação simbólica e identitária de quem produz a arte e quem se deixa envolver pelo que é retratado. Trata-se de uma compreensão fundamentada na coexistência, e a arte é reflexo dos sentimentos e dos ideais que habitam no artista. Sua potência criativa e reveladora “[...] expõe em traços, linhas e cores as formas de tratar o mundo e as coisas do mundo; as maneiras de

representar o espaço e a experiências no espaço" (RODRIGUES, 2020, p. 469). O autor, de modo contundente, ressalta ainda que

A referência à experiência neste processo considera que a arte não está fora do mundo, mas que ela fala-do-mundo e daquilo que de mais sublime se demonstra nas criações do artista: sua maneira de perceber, criar e intervir. Neste sentido, a arte não pode ser pensada como imitação da vida, mas uma criação da vida. (p. 477)

É importante situar que há em cada abertura dos capítulos uma arte da exposição chamada *Feira Livre*. E o mesmo ocorre nos subcapítulos que contam a história de vida dos quatro colaboradores da pesquisa. Pois na escrita deste trabalho, decorrente de reflexões sobre as histórias de vidas, a feira livre e a arte se cruzam não só na escrita narrativa, como também nas pinturas que unem estas vertentes em tons da aquarela<sup>1</sup>, na qual a água é um elemento base no fundamento das cores que ilustram cada colaborador. Sendo assim, antes do seu olhar se encontrar com as histórias narradas, passará pelos rostos das suas personagens, os quais foram pintados por Isabela Seifarth, no ato demonstrativo de gratidão.

---

<sup>1</sup> Técnica de pintura.

Figura 4 – Feirantes, acrílica sobre tela.



Fonte: Isabela Seifarth, 2017.

## 1 INTRODUÇÃO

### *A feira tem muita força*

[...] nossa história, nossas memórias, nossas trajetórias singulares, nossas diferentes formas de estar sendo no mundo; nossas interrogações, nossas inquietações, nosso desassossego, são marcas invisíveis presentes na organização de nossas investigações, desde a problematização inicial à configuração final do objeto de pesquisa.

(PÉREZ, 2006, p. 182)

*“Ah! minha filha! A feira e a força são  
uma só, não é à toa que são  
femininas.”*  
(Dona Ninha<sup>2</sup>, 2020)

Na beira do Rio Subaé há uma feira livre.

Uma feira livre que transborda a força do seu acontecer em um ritmo semelhante às águas do rio. Águas que ganham forças diferentes no longo percurso e que contribuem para uma paisagem marcada pela relação entre homem e natureza. E em meio a esta relação, a presença de uma feira encantada, que imprime suas marcas no cotidiano da cidade de Santo Amaro, no Território de Identidade do Recôncavo<sup>3</sup> e que guarda segredos ancestrais em seu povo negro, em seu povo de santo, que usa do espaço da feira para territorializar as manifestações do sagrado. Uma feira livre que cria memórias nos sujeitos que dependem diretamente da atividade de feirante para a manutenção de suas vidas. Ao fazer esta exposição, busco – através da fala de Dona Ninha, citada na epígrafe que abre esta escrita introdutória – uma sensibilidade analítica para enxergar a feira livre para além de um compromisso de trabalho acadêmico, mas intentar retratá-la como um lugar que envolve filosofia, arte e onde a vida acontece, materializada pelos seus modos de conceber e viver e pelas histórias narradas.

A feira livre pensada enquanto corpo feminino carrega “[...] as dores e delícias de ser quem era, quem é”, e o que pode vir a ser no percurso marcado por ciclos que sangram, que expressam luta, sagacidade, altivez, malemolência e que necessita de pausa, cura, silêncio e descanso. Sem dúvida, o necessário para o recomeço no dia que pode ser de feira, das feirantes, das freguesas, dos encontros inesperados que nutrem de significados as relações que provocam identificação nas histórias narradas, que embora tenham suas especificidades, mas que em um dado momento, enveredam ou se cruzam, se entrecruzam no mesmo ponto.

Na narrativa de Dona Ninha sobre a sua compreensão sobre a feira, surgem

---

<sup>2</sup> Colaboradora da pesquisa, moradora da comunidade quilombola São Braz. É marisqueira e trabalha na feira comercializando camarão defumado e outros produtos.

<sup>3</sup> Este Território abrange uma área de 4.570 km<sup>2</sup> (IBGE, 2013), o que corresponde a aproximadamente 0,8% do território do estado da Bahia. É composto por dezenove municípios, a saber: Cabaceiras do Paraguaçu, Cachoeira, Castro Alves, Conceição do Almeida, Cruz das Almas, Dom Macedo Costa, Governador Mangabeira, Maragogipe, Muniz Ferreira, Muritiba, Nazaré, Salinas da Margarida, Santo Amaro, Santo Antônio de Jesus, São Felipe, São Félix, Sapeaçu, Saubara e Varzedo.

também outros caminhos para entender o lugar feira livre. Entre eles estão aquele que converge para perceber a mulher como a principal potência que contribui para a formação e continuidade da feira livre. Ao mesmo tempo em que aponta outro paradoxo: a mulher negra como sujeito condicionado pelas estruturas racistas e capitalistas a uma vida precarizada, desigual e subalterna. Silvio Almeida (2019) – autor que teoriza sobre racismo estrutural tomando como fundamento as teorias sociais – ressalta que na base da pirâmide social, as mulheres negras são as mais penalizadas devido à condição social racista estruturada pelo poder político e econômico. Tal evidência exige das mesmas uma postura de resistência frente ao imaginário social construído pelas estruturas de poder, as quais induzem/ditam os lugares que elas podem ocupar; normalmente, ocupações fora dos espaços de poder.

A feira e a força sendo ambas sentidas como femininas entrelaçam os mistérios que habitam na experiência vivida, em que o tempo ancestral marca sua presença através do corpo da mulher negra e nordestina. Sendo-a, também, marisqueira que ao adentrar no mar se movimenta entre os ritmos das águas, marcados pelas ondas e marés, a mesma água que intercala a abundância, a fertilidade, e é entendida como fundamento epistemológico por ser acionada para refletir “[...] experiências e memórias ancestrais das mulheres negras que atravessaram o atlântico no período pós-colonial” (AKOTIRENE, 2019). Convém ainda acrescentar que a feira e a força são encruzilhadas construídas pelas relações identitárias.

Para Tuan (1983, p.12), “[...] a mão humana é incomparável em sua força, agilidade e sensibilidade”. Tão imprescindível que uso sua força e a sua energia para justificar que a realização da escrita deste texto refere-se há uma construção coletiva, na qual empresto as minhas mãos para compor uma pesquisa que versa não só sobre a minha história de vida atrelada à feira e outros caminhos que são complementares, como também sobre as histórias de vidas dos sujeitos que vivenciam a feira livre de Santo Amaro, articuladas aos esforços dos pesquisadores que dedicaram suas vidas em pesquisas para desenvolverem fundamentações teóricas que ajudam na compreensão dos fenômenos humanos. Portanto, faço saber que aqui são mãos visíveis e invisíveis tecendo conhecimentos e saberes.

Penso que defender a ideia de dissertação ser um produto construído

coletivamente justifica-se primeiramente porque compreendo que se trata de um compromisso ancestral indispensável para nós negros. Em nossa filosofia ancestral só podemos ser quando o outro é; não cabe em nossa forma de viver o mundo a epistemologia como egoísmo acadêmico – para nós é necessário entendermos que somos a continuidade e o aperfeiçoamento dos saberes e dos conhecimentos passados por geração e geração. E segundo, porque de certa forma reflete o modo pelo qual a feira livre é constituída. Pela minha experiência enquanto feirante, trata-se de um lugar vivenciado por diversos sujeitos que realizam ações comerciais, de lazer, religiosas, políticas, culturais; cujo cenário é composto por som, cores, cheiros, movimentos, alimentos, objetos simbólicos, serviços e – tão importante quanto – por insurgências de ordem coletiva. São construídas relações sociais que culminam em amizade e ou divergências entre os sujeitos envolvidos nesta trama real. Ademais, refere-se a um lugar que emergem contextos identitários.

É importante situar que o interesse acadêmico em empreender um estudo sobre a feira livre, articulando com os saberes e fazeres dos feirantes ancora-se em duas referências. A primeira está entrelaçada com a minha relação pessoal com esse lugar: são anos desenvolvendo as atividades de feirante na feira de Simões Filho – BA, no Território de Identidade Metropolitano de Salvador<sup>4</sup>. Por conseguinte, esta feira tornou-se objeto de estudo na graduação, no curso de Urbanismo no Departamento de Ciências Exatas e da Terra – DCET/UNEB / *Campus I*, a partir da escrita da monografia, intitulada *Dinâmica da feira livre de Simões Filho e o circuito inferior da economia urbana* (FERREIRA, 2017)<sup>5</sup>, cujo tema versou sobre a questão

---

<sup>4</sup> Este Território comporta os municípios Camaçari, Candeias, Dias D'Ávila, Itaparica, Lauro de Freitas, Madre de Deus, Mata de São João, Pojuca, Salvador, São Francisco do Conde, São Sebastião do Passé, Simões Filho, Vera Cruz.

<sup>5</sup> Uma das constatações importantes da pesquisa foi que a maior parte das atividades da Feira Livre de Simões Filho está ligada ao circuito inferior de sua economia urbana. São atividades que se renovam e se adequam ao momento e às necessidades de seus atores sociais. Na fase de trabalho de campo ficou também constatado que a feira livre de Simões Filho teve seu contexto duplamente modificado: envolveu modificações em suas interações espaciais. Aos sábados, a presença de feirantes oriundos de outros municípios baianos modifica o ambiente, presencia-se outros sotaques, oferta de outros produtos e etc. Inicialmente, destacou-se que a feira de Simões Filho surgiu no início do processo de urbanização do município. Logo alcançou destaque em função da movimentação de vendedores e compradores que se dirigiam para o centro com finalidade de comprar e de comercializar os mais diversos produtos. Com a instalação do Centro Industrial de Aratu, houve uma nova dinâmica populacional e por consequência a ampliação da feira. Este dinamismo foi influenciado pela grande circulação de pessoas na cidade, advindos da atividade industrial, que era a mais importante atividade econômica naquele momento. A consolidação do setor terciário no município e o surgimento dos conjuntos residenciais e dos loteamentos provocaram modificação nas formas e na função existentes no município. A paisagem que antes era espaço em processo de adensamento, passou a ser dominada por estabelecimentos comerciais e de prestação de serviços, geradores de

da economia urbana com base na teoria dos dois circuitos (SANTOS, 2008).

A feira livre de Simões Filho foi o ambiente onde iniciei e aprendi junto com a minha mãe a vida de feirante. E no decorrer dos 20 anos atuando como feirante pude acompanhar e vivenciar as mudanças socioespaciais ocorridas no entorno e dentro da feira de Simões Filho. Atualmente, graduada em Urbanismo e experienciando a formação acadêmica, agora no âmbito da pós-graduação, ainda vivo a condição de feirante. Porque o lugar feira livre representa um “porto seguro”, embora em condições difíceis, mas onde vivencio relações mais humanas.

Já a presente escolha pela feira livre de Santo Amaro como centralidade desta pesquisa se deu pela necessidade que eu sentia em conhecê-la, guiada pelas pessoas que vivem e a constroem cotidianamente, pois não bastava frequentá-la esporadicamente apenas para fins de abastecimento alimentar; era necessário, enquanto quilombola, filha da terra e pesquisadora negra<sup>6</sup> abordá-la no âmbito

---

maior número de emprego formal. Ainda que tenham ocorrido todas essas modificações, a feira continuou resistindo e sendo a principal forma de abastecimento para a população simõesfilhense. Outros fatores, contudo, vieram a contribuir decisivamente para a ocorrência de modificações em seu *modus operandi*. Nesse quadro de referência, destacam-se: a inserção dos supermercados, como uma nova forma de comércio e de consumo e as condições físicas e estruturais da feira. No que pese todas essas modificações, a feira permanece em pleno funcionamento, em condições de influenciar na dinâmica do espaço urbano do Município de Simões Filho, mediante dois fatores: o econômico e o social. Quanto ao primeiro, constitui a principal fonte de renda dos que não possuem qualificação profissional, na medida em que emprega informalmente mais de 900 feirantes, tanto do município quanto de fora, o que acarreta o deslocamento diário de seus consumidores entre o local de residência e a feira. Ainda que indiretamente, a feira atrai consumidores de outros empreendimentos comerciais, não obstante sua classe social. A pesquisa de campo apontou que a sociabilidade entre feirantes e consumidores é construída no decorrer do tempo, onde o consumo de mercadorias é transformado em consumo de relações humanas; o ato de consumir é transformado no conhecer das particularidades do outro. Para além disso, a feira funciona como palco de manifestações religiosas, campanhas educativas, ambiental e eleitoral. Apesar de toda esta importância, na feira também existem problemas que dificultam o trabalho dos feirantes. As dificuldades estão relacionadas a organização; a falta de segurança; a falta de condições sanitárias, entre outros. Entende-se que estes problemas são resultantes da falta de gestão por parte do poder público municipal. Ao fim da pesquisa, ressalta-se que a feira livre de Simões Filho é um importante elemento que viabiliza processos sociais, políticos, culturais e econômicos. Processos estes, que são postos em movimento pelos atores feirantes e consumidores, que juntos modelam a organização do espaço. (FERREIRA, 2017, p.75)

<sup>6</sup> Segundo o Fundo Baoba (2019), no último censo demográfico, realizado em 2010 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população negra (pessoas autodeclaradas pretas ou pardas), corresponde a mais da metade da população total. Neste universo, cerca de 53% é composto por mulheres. Embora o ativismo negro, em especial de mulheres negras, e a conversão de muitas de suas demandas em políticas públicas tenham contribuído para uma significativa melhoria nos indicadores sociais de saúde, educação, trabalho e renda e na participação política, as desigualdades raciais ainda persistem em todos os setores da vida pública e privada. Por exemplo, de acordo com as estatísticas de Gênero do IBGE, a taxa de conclusão do ensino superior na faixa etária de 27 a 30 anos foi de 26,5/1000 para homens brancos, 31,6 para mulheres brancas, 9,4/1000 entre homens pretos ou pardos e 14,6 entre mulheres pretas ou pardas. No universo acadêmico, a proporção de bolsistas do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) que se identificou como preta ou parda não chegou a 30%, no período de 2013 a 2017. Entre os

acadêmico como um lugar importante para a conservação dos contextos tradicionais e identitários dos povos desta fração do Território de Identidade do Recôncavo.

O tema desta pesquisa situa-se no quadro dos trabalhos científicos que têm discutidos questões que permeiam a feira livre, os quais estão ancorados nas abordagens defendidas por diversas matrizes teóricas dentro da ciência geográfica. Uma das utilizadas está associada à obra do geógrafo nordestino, Milton Santos, intitulada *O espaço dividido: a teoria dos dois circuitos da economia urbana* (SANTOS, 2008), presentes no trabalho de Porto (2005); Rocha (2016); Ferreira (2017), dentre outros. Esta obra originalmente publicada em 1979 constitui mais que um esforço singular de interpretação sistemática e interdisciplinar das concepções econômica, territorial, social, política e ao mesmo tempo geográfica dos países emergentes. O objetivo era propor uma nova teoria – a teoria dos dois circuitos da economia urbana –, tomando como base o fenômeno da urbanização e a organização do espaço urbano para compor um novo enfoque que levaria à modificação na prática do planejamento regional e urbano. Constituíam-se também em analisar o impacto da modernização tecnológica sobre os espaços dos países subdesenvolvidos, considerando como fundamental a base econômica e política (SANTOS, 2008). Com base nesta teoria, a feira livre é compreendida como atividade econômica, cujas características se inscrevem majoritariamente dentro do circuito inferior<sup>7</sup>.

Entre tantas concepções que se têm sobre as feiras livres, há uma que considero importante para caracterizar a feira livre de Santo Amaro, que é inscrita como meu objeto de estudo, a saber: a natureza humana. Esta, por sua vez, é desdobrada para alcançar a concepção que compreende a dimensão histórico-cultural e a dimensão socioeconômica. Neste dinamismo, toca-se nos processos que

---

homens, mais de 30 mil cadastros não constavam da informação sobre raça ou cor; e entre as mulheres quase 24 mil. Do total das bolsistas mulheres cadastradas, 15% são negras e 32% brancas (os dados não excluem aquelas que deixaram de declarar raça ou cor). Trinta e cinco por cento das bolsas concedidas nas Ciências Exatas e da Terra ou Engenharias são destinadas às mulheres: dentre as bolsistas, 4% declararam-se pretas e 22% pardas. Mulheres negras (pretas e pardas) com doutorado correspondem a 3% do total de docentes da pós-graduação. Já as professoras brancas com a mesma escolaridade na docência da pós são pouco mais de 10 mil, ou 19% do total de 53.995 professores nos cursos de doutorado, mestrado e especialização. Disponível em: [www.baoba.org.br](http://www.baoba.org.br)

<sup>7</sup> Segundo Santos (2008), trata-se de uma economia periférica, constituída por atividades de fabricação, comércio e serviço cujo grau de capitalização, organização e tecnologia é preponderantemente baixo, ou seja, o circuito inferior da economia nasce e se desenvolve em função das demandas criadas pela economia hegemônica, modelo econômico responsável pelo desequilíbrio na distribuição de renda e que impede o desenvolvimento do mercado interno.

perpassam a vida humana, bem como a formação e continuidade da feira livre pelas ações do povo negro que colabora para que a mesma seja estudada como lugar de tradicionalidades, de uso coletivo para a comercialização de produtos e a manifestação de diversas práticas sociais. No entanto, mantenho meu foco principal para o desenvolvimento desta pesquisa na vivência enraizada dos feirantes como este lugar, por eles guardarem memórias que foram construídas mediante a uma experiência que pode revelar conhecimentos que ajudam na leitura e compreensão da feira livre. Do ponto da corrente humanista da Geografia, a ciência base desta pesquisa

[...] as narrativas podem contribuir para um olhar sensível sobre nossas problemáticas espaciais, evidenciando a subjetividade da relação construída com o espaço geográfico, buscando conhecer o mundo através das histórias dos outros, das suas experiências emocionais com os lugares e com as outras pessoas. Esse entendimento sobre as narrativas reforça a necessidade de uma atenção sobre a intersubjetividade que compõe as espacialidades da vida cotidiana, que aparecem para além do enunciado: é preciso estar atentos ao corpo, aos sons, aos sentidos, às cores. (SILVA, 2020, p. 362)

Nesta perspectiva se revela a problemática da pesquisa que visa tecer leituras sobre a dimensão fenomenológica da feira livre pelo viés do conceito de lugar; e, procurando por este caminho, enfatizar valores humanistas orientados pela essência da experiência geográfica, dando atenção para a diversidade identitária, a heterogeneidade e a diferença que são múltiplas, já que o lugar tem em si o vivido, o simbólico, o sagrado e a prática cultural como elementos que colaboram na sua definição. Mas será que é possível o cruzamento e o diálogo com os saberes narrados pelos feirantes com as dimensões que compõem o lugar? Entendendo a narrativa como potência reveladora do lugar e suas inter-relações e significados produzidos pelos sujeitos, e assim apreendo o que foi dito e experienciado. Para Tuan (1983), o lugar adquire identidade mediante a experiência, esta que ganha sentido quando mobilizada, expressada no desenrolar da vida.

E assim, com base no que foi exposto intenciono compreender: quais saberes guardam os sujeitos feirantes que vivenciam relações identitárias na feira livre de Santo Amaro no Recôncavo Baiano? Para além desta questão norteadora, este estudo também, intenciona investigar: Como as histórias de vidas e memórias dos sujeitos feirantes podem contribuir para compreender a feira livre? Como as

vivências no lugar feira livre corroboram para a construção da identidade do sujeito feirante? Quais são os elementos identitários presentes na feira livre de Santo Amaro? Como os feirantes da feira livre de Santo Amaro dão sentido às suas experiências a partir da mobilização de saberes ancestrais? Essas perguntas que movem a pesquisa estão ancoradas nos seguintes objetivos traçados, a saber:

**Geral:**

Compreender como a feira livre de Santo Amaro, no Recôncavo Baiano, se inscreve no cenário composto por diversas identidades, a partir das práticas e relações identitárias narradas pelos sujeitos que vivenciam esse lugar.

**Específicos:**

- ✓ Contextualizar a feira livre de Santo Amaro e suas possíveis insurgências;
- ✓ Caracterizar as comunidades tradicionais que se inter-relacionam com a feira livre de Santo Amaro;
- ✓ Identificar os elementos identitários presentes na feira livre de Santo Amaro;
- ✓ Conhecer as histórias de vida dos sujeitos feirantes que atuam na feira livre de Santo Amaro;
- ✓ Analisar as narrativas dos feirantes sobre a feira livre e as relações identitárias estabelecidas nesse contexto.

O grupo de sujeitos colaboradores desta pesquisa é composto quatro pessoas, duas mulheres e dois homens, que desenvolvem a atividade de feirante na feira livre de Santo Amaro e que estabelecem uma relação direta como a atividade da mariscagem, pesca artesanal e da agricultura, sendo eles oriundos das comunidades que são reconhecidas como comunidades tradicionais remanescentes de quilombos: Acupe e São Braz. A escolha por este grupo de sujeitos se deu pelo compromisso de construir uma pesquisa territorializada pelas memórias de pessoas negras que têm suas vidas ambientadas no convívio coletivo, onde tudo e todas as coisas se ligam e religam no ciclo ancestral de sentir, descobrir e significar a experiência.

O título esta pesquisa, **“Vem freguês!”: lugares, contextos e relações identitárias na feira livre de Santo Amaro – Recôncavo Baiano**, tem por função

pedagógica expor a linguagem/dialeto utilizado na feira e situa-se no plano daquilo que a corrente humanista da geografia tem procurado capturar a partir da teoria de lugar (TUAN, 1980, 1983); os contextos identitários que envolvem discursões acerca da identidade (STUART HALL, 2007); identidades territoriais (HAESBAERT, 1999). Penso que os elementos presentes no título alcançam a amplitude das relações sociais nos quais se inserem os sujeitos, o sentimento de pertencimento, os embates que são comuns no contexto da feira livre e o entendimento que os sujeitos buscam sobre si mesmos quando a identidade está em questão.

As teorias que inspiram esta pesquisa fazem parte do momento no qual a ciência geográfica, à luz da fenomenologia, se dedicou a compreender através da vertente humanista as experiências dos sujeitos e grupos humanos em relação ao lugar a fim de buscar entender seus valores, comportamentos e significados. Conforme recomenda Holzer (1997), o método fenomenológico para o estudo do lugar deve ser utilizado para fazer uma descrição rigorosa do mundo vivido da experiência humana e, com isso, através da intencionalidade, reconhecer as essências da estrutura perceptiva. Um tanto quanto semelhante, Corrêa (2009) aponta, com base nas concepções da Geografia Cultural, que os significados devem ser entendidos para além de um “[...] produto social, que constituem uma condição para a reprodução social, incluindo [...] crenças, mitos, utopia e também as relações sociais e a espacialidade humana” (CORRÊA, 2009, p.3). Neste ínterim, encontra-se um dos desafios da pesquisa qualitativa: o momento em que a teoria se encontra com a complexa realidade e precisa ser articulada, com o intuito de tecer reflexões do objeto estudado. Outra matriz teórica que contribui com esta discussão está sedimentada na tradição viva amparadas nas concepções (HAMPATÉ BÂ 2010; SANTOS, 2015) e definida como transmissão de saberes, experiências construídas por determinado grupo social.

Creio, portanto, que os diálogos entre as diferentes concepções teóricas são complementares e que diante das inquietações advindas dos objetos de estudos podem produzir novas formas de pensamentos e possibilitar a criação de rupturas da ordem existente, sob a ideia que nenhuma teoria explica tudo.

Esta investigação faz parte da pesquisa *Geo(grafias) em múltiplos contextos territoriais: memórias, narrativas e linguagens*<sup>8</sup>, vinculada ao Grupo de Pesquisa

---

<sup>8</sup> Esta pesquisa que entrelaça as abordagens sobre memórias, trajetórias de vida-formação-profissão

Geo(Bio)grafar – Geografia, Diversas Linguagens e Narrativas de professores. Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, ancorada nos métodos fenomenológico e (auto)biográfico, alicerçada pelo aporte teórico da Geografia Humanista e inspirada na abordagem da Geografia Cultural, uma vez que trabalho com contextos identitários, sem deixar de enfatizar a importância das expressões culturais da feira livre de Santo Amaro do Recôncavo Baiano, cujos procedimentos de coleta de dados foram observações *in loco* e as entrevistas narrativas.

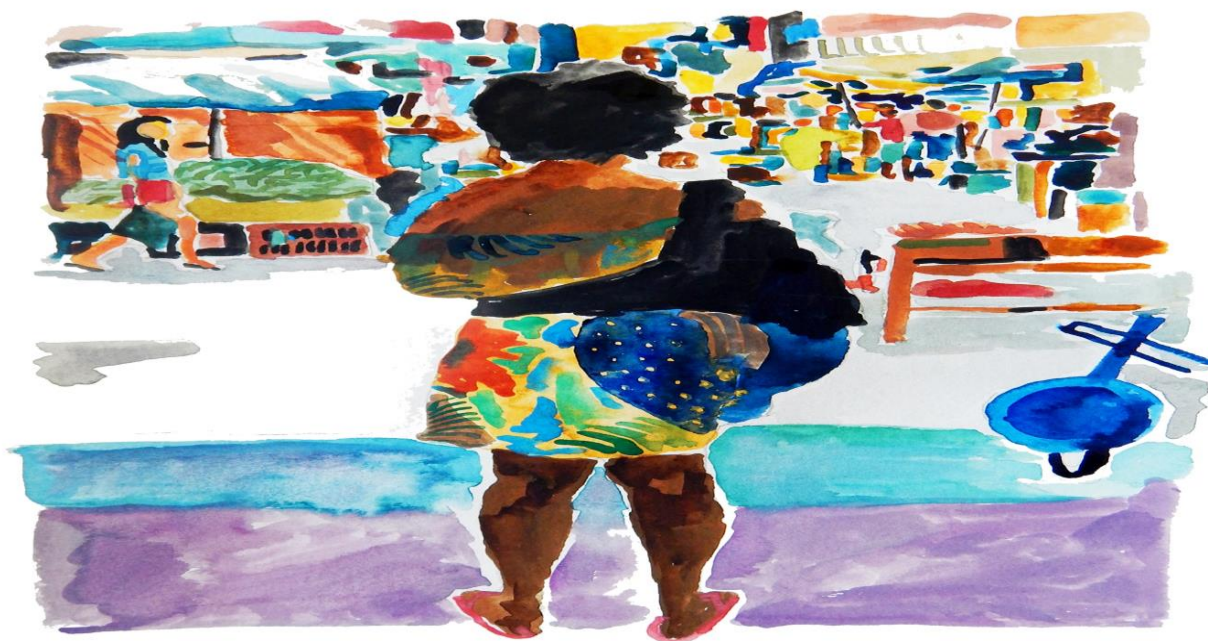
Estruturalmente, a escrita deste texto está organizada em seis dimensões, incluindo dois preâmbulos. O primeiro comporta uma carta para uma feirante, narrando as relações sociais construídas em meio à feira livre e pontuando algumas considerações frente ao cenário provocado pela pandemia. O segundo, *Feira livre: memória e arte*, expõe uma leitura da feira livre onde o tempo, a memória e a narrativa se cruzam e são inscritas na arte pinturas. Já a primeira dimensão refere-se ao texto introdutório, no qual apresento a pesquisa e os seus elementos estruturantes. A segunda dimensão é intitulada *Recôncavo, caminhos identitários: manifestos de memórias da filha da terra*; nela, através da evocação de memórias,

---

e as diversas linguagens, vinculada ao Grupo de Pesquisa Geo(bio)grafar: Geografia, diversas linguagens e narrativas de professores, demarca um objeto instituído pela relação entre memórias (individuais, coletivas e subterrâneas ou marginais), narrativas e os modos de apreensão das diversas linguagens como estratégias metodológicas e dispositivos didáticos para potencializar a rememoração de acontecimentos, vivências experiências que compõem as histórias vividas por grupos diversos de sujeitos sociais em múltiplos contextos geográficos. Trata-se de uma pesquisa de caráter qualitativo, ancorada na abordagem (auto)autobiográfica, com inspiração nas contribuições da fenomenologia, da Geografia Cultural e, também, sob a perspectiva metodológica da História Oral. A intenção é analisar, a partir das memórias evocadas, as narrativas sobre as percepções e compreensões do vivido (acontecimentos e experiências), desvendando as tramas das histórias compartilhadas por diferentes sujeitos sociais sobre os seus percursos de vida-formação-profissão, entrelaçando passado e presente e os elementos culturais materiais e imateriais, símbolos, cenários, representações, hábitos, valores, costumes, práticas, saberes, fazeres, tradições, gestos, palavras, imagens e as práticas cotidianas nos lugares onde a vida acontece. Os procedimentos, do ponto de vista metodológico, norteiam-se a partir da proposição de fontes como o memorial, diário de formação, entrevista narrativa individual, depoimento oral e questionário biográfico para a composição do quadro-perfil do grupo de colaboradores, sujeitos da investigação. No entanto, torna-se importante destacar que a metodologia é uma construção cotidiana no devir das práticas investigativas. A referida pesquisa visa compreender as seguintes questões: 1) Quais elementos constitutivos da memória, individual ou coletiva, emergem nas narrativas autobiográficas dos sujeitos sociais nos seus diversos territórios? 2) Quais memórias compõem o mosaico de histórias que retratam as trajetórias de vida nos lugares de vivências dos indivíduos, colaboradores da pesquisa? 3) Como os elementos constitutivos das memórias (individuais, coletivas, subterrâneas ou marginais), reverberam no modo como os sujeitos sociais dão significados às suas vivências e experiências no cotidiano da vida em múltiplos contextos territoriais? 4) Quais as contribuições das narrativas sobre as memórias (individuais, coletivas e subterrâneas ou marginais) para uma interpretação das experiências com/no/sobre os lugares e seu cotidiano? e 5) Como as diversas linguagens potencializam/retratam a abordagem de temas vinculados às trajetórias de vida, com ênfase nas memórias, vivências e experiências de sujeitos sociais, em múltiplos contextos geográficos?

narro a minha história de vida e as minhas aprendizagens nas vivências e experiências nos espaços acadêmicos e na feira livre de Simões Filho, e intenciono neste contexto colocar-me também como sujeito da pesquisa. Na terceira dimensão, denominada *Incursoes metodológicas: a pesquisa e seus percursos*, descrevo os percursos teórico-metodológicos, caracterização do lugar da pesquisa e a demarcação dos elementos identitários. A quarta dimensão, *Histórias invisibilizadas, vidas narradas: identidades em contexto* reporta-se à história de vida, análise e interpretação das narrativas da Dona Ninha, Dona Márcia, Senhor Lucimário e Senhor Manoel, bem como as relações que eles estabelecem com as suas respectivas comunidades e com o lugar da feira de Santo Amaro. A quinta dimensão, *Contextos identitários na feira livre de Santo Amaro*, abarca a análise e interpretação de narrativas dos feirantes, intencionando compreender a feira livre como lugar marcado por múltiplos saberes e concepções. E, por fim, apresento as *Considerações finais: a feira livre segue o seu curso* e as referências bibliográficas que fundamentaram esta escrita.

Figura 5 – Joelma Ferreira e a feira. Aquarela sobre papel canson300g.



Fonte: Isabela Seifarth, 2021.

## 2 RECÔNCAVO, CAMINHOS IDENTITÁRIOS: *manifestos de memórias da filha da terra*

[...] nossa história, nossas memórias, nossas trajetórias singulares, nossas diferentes formas de estar sendo no mundo; nossas interrogações, nossas inquietações, nosso desassossego, são marcas invisíveis presentes na organização de nossas investigações, desde a problematização inicial à configuração final do objeto de pesquisa. (PÉREZ, 2006, p. 182)

“A memória é a peça-chave na constituição da pessoa, do ser e da sua existência.”  
(ECARPIM; TREVISAN, 2018, p. 214)

Neste capítulo, composto por três seções, contemplo fragmentos da minha história de vida. Na primeira seção, intitulada “*Antes da feira, Acupe: o lugar do começo*”, narro memórias atreladas ao lugar da minha infância. Na segunda, nomeada como “*A feira de Simões Filho e nossas vidas*”, descrevo a chegada da feira livre no seio da minha família. E na última, “*Bioepistemologia: quilombola, feirante e urbanista*”, conto como os lugares que vivenciei contribuíram para conformar a minha identidade.

A minha história ganha sentido por estar vinculada aos sentimentos maternos, os quais estão materializados não só na mulher que escolheu ser mãe de mais uma filha, como também das mulheres que de alguma forma contribuíram para a construção da mulher que sou. Aqui não cabe apenas uma protagonista, uma só voz, pois trata-se de uma história de vida “[...] que se desenvolve em torno de um eixo central: o percurso vivido – no qual se encadeiam em eventos, ações e interações sociais” (CARVALHO, 2016, p. 24). Vale ressaltar a observação de Dias (2016, p. 80) quando o mesmo diz que “[...] a forma das nossas narrativas, o conteúdo delas e o nosso comportamento narrativo revelam não apenas o *self* pessoal do sujeito-autor, mas também as identidades sociais”, ou seja, os traços identitários, à capacidade de troca, de partilha e de diálogo. Nesta oportunidade Chizzotti (2006, p. 95) revela que a “[...] história de vida ou relato de vida pode ter a forma autobiográfica. Onde o autor relata suas percepções pessoais, os sentimentos íntimos que marcaram a sua experiência ou os acontecimentos vividos no contexto da sua trajetória de vida”.

É importante demarcar que o método (auto)biográfico nas ciências sociais se baseia em diversos objetos teóricos como o vivido, as trajetórias de vidas, os modos de vida que são amplamente estudados e aplicados na Antropologia, História Social, Sociologia, Educação e nas “[...] diversas escolas de pensamento como o empirismo [...] fenomenologia, a hermenêutica, o interacionismo, teorias dos papéis, dramaturgia e outras” (CHIZZOTTI, 2006, p. 53).

As memórias acionadas para a construção deste capítulo não seguem uma

temporalidade exata, cronologicamente demarcadas. A marcação do tempo aqui não é tão relevante quanto o encontro entre o lugar e a coexistência de múltiplas identidades. A inteireza que busquei construir advém de uma realidade experimentada e simbólica aos meus olhos, correndo o risco de não ativar algumas memórias em virtudes de outras. No entanto, a ação de lembrar faz emergir conhecimentos e isso “[...] está associado às raízes mais fundas de nosso ser cognitivo” (MATURANA; VARELA, 1995, p. 33). Para Dias (2016, p.74), a memória é concebida por uma visão construtivista que ativa o “[...] movimento de retomada do passado que ao restituí-lo o reconstrói, equaciona a relação entre o individual e o coletivo”. Logo, reconheço que a memória compreende uma rede de referências importantes, que não necessita de cronologias pontuais.

Por isso busco não temporalizar a narrativa, baseada na ideia que o entendimento é um processo contínuo, um esmiuçar das camadas que compõem o conhecimento geral e, sobretudo, o conhecer íntimo. Segundo Ecarpim e Trevisan (2018), o tempo é uma produção humana, uma ferramenta cronológica da história, não sendo necessariamente um instrumento obrigatório de uso, ainda que a percepção tenha em si um tempo histórico. Sendo assim, temporalizar seria dar exatidão às sensações atemporais que surgem com diversas intensidades, em ritmos e condições sociais diferentes.

A princípio, a memória individual é o meu instrumento de busca, minha fonte de pesquisa. É nela que almejo encontrar emoções, a conexão entre o individual e o coletivo, o sentimento de pertencimento, a dialética entre o lugar e a força que dele emerge. Para Machado (2016, p.122), “[...] a memória de um ser humano é um universo onde diferentes vozes se conjugam, além da voz do ser que reflete sobre si e sobre sua existência”. Em síntese, é transformar a voz em escrita, é recompor as experiências passadas e construir a trajetória atual.

## **2.1 Antes da feira, Acupe: o lugar do começo**

Início a narrativa de minha trajetória por Acupe, lugar do começo, onde foram construídas as lembranças que permeiam o tempo de criança, de adolescente e da vida adulta. Este lugar representa a parte da minha vida, cujos momentos são ricos de tradições, e de tamanha importância quanto, de práticas que ressaltam o

convívio coletivo e o processo de formação da minha identidade. Santos (2016, p.143) indica que a memória seria “[...] uma referência, a ponte para a construção de um processo de identificação – uma percepção crivada, de recortes, de enfoques, de escolhas, de valores que perpetuam a existência”. Neste sentido, procuro acionar, construir e reconstruir minhas memórias e as materializo em enunciados para significar, não só a mim como o outro.

Ao buscar o que vem a ser narrado, percebo que em dado momento o presente e o passado se cruzam e ficam lado a lado ao mesmo instante que se distanciam. Por isso, diante da escrita iniciada, vale ressaltar que os modos de vidas ganham novas características em virtude das ações globalizantes, mas certas práticas e costumes estão imersos em contextos profundos que não mudam e isso interfere na minha narrativa, pois os dois tempos estão presentes. Sendo assim, no decorrer da narrativa posso tecer observações do passado que se fazem também no presente e que se entrelaçam no mesmo contexto da geograficidade.

Acupe se constitui como um lugar desempenhou um papel importante em minha história. Foi o palco onde dei os primeiros passos, onde fiz as minhas primeiras travessuras e travessias. Brinquei por suas ruas correndo atrás das caretas<sup>9</sup>, banhei-me nos seus rios e mar, subi em suas árvores, caí de algumas delas, catei frutas nas suas matas, desenhei nas suas areias logo ao amanhecer, deixei marcas de pisadas de uma criança que se sentia segura e íntima. Marisquei em suas marés como quem mariscava vida e sobrevivência, mas ao mesmo tempo como quem mariscava alegria; a água brincava comigo, fazia cócegas nos meus pés e o siri quando me beliscava era para fazer companhia. Assim como Carlos (2007, p.17) que enfatiza o lugar enquanto espaço do cotidiano: “[...] é a porção do espaço apropriável para a vida — apropriada através do corpo — dos sentidos — dos passos de seus moradores, é o bairro, é a praça, é a rua”, Acupe transcende como lugar geográfico dotado de valores, símbolos, cultura, sensações e sentimentos.

Acupe, distrito do município de Santo Amaro, localizado no Território de Identidade do Recôncavo (figura 6), de acordo com o Censo Demográfico do Instituto Geográfico Brasileiro (IBGE, 2010) possui 7.451 habitantes. As principais atividades econômicas são a pesca artesanal e a mariscagem (siri, sururu, camarão,

---

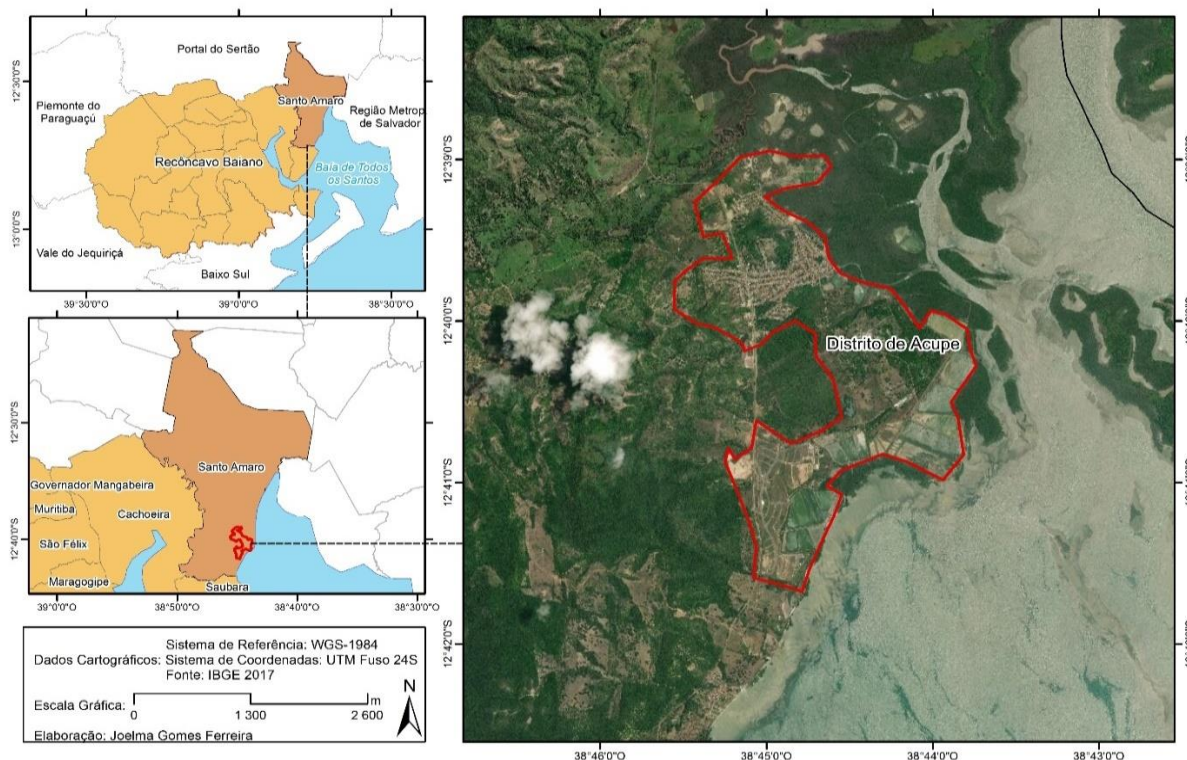
<sup>9</sup> Manifestação cultural em que os homens se vestem de saia de bananeira, usam máscara feitas de papelão e saem brincando e assustando pelas ruas do Acupe. Esta manifestação foi iniciada no tempo da escravidão, acontecendo sempre nos domingos do mês de julho.

ostra, caranguejo entre outros). É caracterizado por ter umas das maiores comunidades tradicionais pesqueiras do estado da Bahia e um estoque pesqueiro rico em diversas espécies.

Acupe, enquanto distrito e unidade territorial que compõe o município de Santo Amaro, parece uma criança que envelheceu precocemente por falta de zelo administrativo, ou uma velha comunidade de povos remanescentes de quilombo que tem cotidianamente seu contexto histórico e sua luta pela demarcação do território pesqueiro negligenciado por muitas gestões eleitas. No entanto, resiste de forma contundente e alimenta seus filhos com os frutos da terra e do mar.

**Figura 6 – Comunidade quilombola Acupe, Santo Amaro – BA**

**LOCALIZAÇÃO DO DISTRITO DE ACUPE NO MUNICÍPIO DE SANTO AMARO-BA**



**Fonte:** IBGE, 2020. Elaboração: Joelma Gomes Ferreira.

Acupe também é o lugar onde nasci, me criei<sup>10</sup> e fui criada. Criada com base no respeito e na obediência as pessoas de sabedoria e de maior idade – seja as com quem possuo laços sanguíneos ou não –, os quais chamo de meus e minhas

<sup>10</sup> Expressão comum que denota a noção de pertencimento ao lugar.

mais velhas<sup>11</sup>. São elas as responsáveis por transmitir logo na infância um dos primeiros ensinamentos que consiste em tomar-lhes a bênção, um gesto composto por beijo na testa e na mão, como sinal de amor e respeito.

“A bênção”<sup>12</sup> ou “bênça” é uma expressão carregada de ancestralidade e de significados, representa proteção concedida, passos benzidos, livramento de situações importunas. O ato de dar e tomar a bênção aos mais velhos, beijar-lhes as mãos em sinal de respeito, enfatiza o sentido e o valor da vida. *“F’ara imóra o, f’ara imóra”*<sup>13</sup> – cujo significado é *“como o corpo nos abraçamos e pedimos bênção”*.

Seguindo em sinal de respeito, peço-lhes bênção às energias que me acompanham no desenvolvimento desta pesquisa, para que as memórias acionadas retratem não só as minhas experiências e reminiscências, como também as vivências coletivas, pois são elas que elevam a minha trajetória no âmbito pessoal, profissional e acadêmico.

Penso ser importante contemplar, ou de certa forma evidenciar, o ato de tomar a bênção, pois a princípio era bastante presente na relação familiar e comunitária, enquanto hoje é um costume pouco praticado. Possivelmente, os hábitos e costumes do passado foram modificados a cada geração, reflexo da inserção de novos modos de vida construída pela modernidade.

Ainda assim, por se guardar no cotidiano de Acupe as práticas tradicionais, os seus sujeitos buscam a bênção; ao serem abençoados, uns seguem com destino ao mar, outros com destino às roças de mandioca, melancia e outros tipos de culturas. Numa rotina comum que reflete a relação de dependência dos recursos advindos do mar e da terra como fontes de sustento.

É sabido que da pesca tradicional vêm os pescados; dos manguezais, os mariscos, sururu, bebefumo, ostra, caranguejo, siri, siri de mangue e aratu. No entanto, a pescaria é uma atividade que requer força braçal e conhecimento não-científico que tem como base a observação e a experiência do cotidiano, ou o que Certeau (1998) compreende como “arte do fazer”. Para o autor, a “arte do fazer” rompe a cegueira instituída pelo dogma da ciência, porque envolve procedimentos

---

<sup>11</sup> Uso está expressão quando me refiro às pessoas que nasceram antes de mim. Ou seja, avós, mãe, tias, tios e etc.

<sup>12</sup> Na tradição do Candomblé, se costuma pedir licença à ancestralidade, em seguida, pedir a bênção aos mais velhos e trocar a bênção com os mais novos, antes de qualquer referência.

<sup>13</sup> Expressão escutada numa celebração religiosa de matriz africana na festa do Bembé em Santo Amaro – Ba, escrita no meu bloco de anotação por um membro religioso.

próprios, individualizados, que estão intrinsecamente atribuídos ao habitat e as práticas culturais. Sendo assim, os saberes do cotidiano são primordiais para que seja compreendido o tempo da maré, a hora da pescaria e o tempo do pescar.

Para Diegues (1998), a experiência da pesca representa o meio pela qual os pescadores reinventam seus mundos e fortalecem suas relações com a natureza, reforçando ou transformando os mundos de seus ancestrais. O autor fundamenta-se na concepção filosófica de Godelier (1984), a qual diz que a capacidade de mudar é força mais profunda que movimenta o homem e faz com que construa novas formas de sociedade ou de transformá-la. Logo, ao trazer tal entendimento para explicar o acontecer da pesca, o autor ressalta que os

[...] elementos simbólicos por meio dos quais os homens agem não somente sobre a natureza visível, mas sobre as potências invisíveis que controlam a reprodução da natureza e podem dar ou recusar [...] uma boa pesca. Nesse sentido, a parte simbólica do processo de trabalho constitui uma realidade social tão real quanto as ações materiais sobre a natureza. (DIEGUES, 1998 *apud* GODELIER, 1984, p.18)

A pesca com rede por ser considerada uma atividade que exige um determinado esforço. A mesma necessita que seja composta por mais de uma pessoa. Ela é normalmente praticada por um mestre<sup>14</sup> e por até quatro moços<sup>15</sup>, para que a arte e o saber tradicional de fazer a pesca sejam passados para as novas gerações. Caymmi<sup>16</sup>, no seu álbum *Caymmi e o violão* (1959) ensaia uma breve descrição do momento da pesca: “[...] cerca o peixe, bate o peixe, puxa a corda, colhe a rede, ô canoeiro puxa rede do mar”. No entanto, para a realização da pesca se faz necessário a utilização de alguns instrumentos como lanternas e candeeiros<sup>17</sup>, os quais em noites de lua cheia tornam-se apenas auxiliares, pois o

---

<sup>14</sup> O mestre é aquele que melhor interpreta os sinais da natureza, o transmissor dos saberes do mar. É também o líder, dono da rede, condutor e dono canoa, responsável por não deixar a rede se perder no mar e por receber e dividir a renda gerada com as vendas dos pescados. Por ser o líder, recebe duas vezes mais que os demais pescadores.

<sup>15</sup> Numa linguagem mais acessível, compreende-se como auxiliares da pesca. Têm as seguintes funções: guiar a rede quando a mesma está submersa; separar os pescados por espécie; ajudar na comercialização dos pescados; lavar a canoa; lavar a rede e guardar os materiais de pescas no tijupá.

<sup>16</sup> Dorival Caymmi (1914-2008) foi um cantor, compositor, violonista e pintor. Compôs inspirado pelos hábitos, costumes e as tradições do povo baiano. Tendo como forte influência a música negra, desenvolveu um estilo pessoal de compor e cantar, demonstrando espontaneidade nos versos, sensualidade e riqueza melódica. Entre suas canções de sucesso estão "Samba da Minha Terra", "Marina", "Samba da Bahia", "O Dengo Que a Nega Tem" e "Saudade de Itapuã". Disponível em: [https://www.ebiografia.com/dorival\\_caymmi/](https://www.ebiografia.com/dorival_caymmi/). Acesso em: 15 jul. 2020.

<sup>17</sup> São luminárias feitas de alumínio que tem o gás como fonte de energia.

mar fica mais claro, exigindo que os pescadores tomem maior cuidado, já que a atração lunar torna as marés mais altas.

Em Acupe é comum entre seus habitantes repertórios narrativos próprios, os quais demarcam e referenciam seus lugares; como, por exemplo, “o porto”. Esta expressão denota duas concepções: a primeira é entendida como local das ancoragens das canoas e de práticas comerciais (pescados com a maior predominância de vendas seguida de bebidas, lanches e almoço); e a segunda como lugar de sociabilidade, histórias e memórias. Neste sentido, busco durante a escrita narrativa manter a oralidade do povo desse lugar e seu modo de figurar o real.

Na beira do porto, quando a maré está para chegar<sup>18</sup>, o vento sopra mais forte, o cheiro do mangue exala, o movimento de pessoas fica mais intenso e vai mudando de acordo as ancoragens das canoas. Na verdade, são dois movimentos percebidos: dos que chegam da pescaria agradecidos por estarem em terra com o fruto do trabalho coletivo e dos que saem para o mar na esperança de uma boa pesca. Aqueles que estão em terra mantêm o ciclo da atividade com lavagem das redes, manutenção das canoas, separação minuciosa dos pescados por espécie e tamanho. Lembro-me que era muito comum a realização da pesagem dos pescados e mariscos em balança de gancho e em balanças de dois pratos, equipamentos que exigiam certa sabedoria para o manuseio, prática para poucos. Normalmente, aqueles que possuíam as balanças de dois pratos eram os donos das quitandas<sup>19</sup>.

Ainda na beira do porto, uma parte dos pescados é compartilhada entre o mestre da pescaria e os moços para consumo próprio. A outra parte é colocada à venda; leva quem oferece maior valor pelo quilo. O valor arrecado serve para pagar a canoa e a rede de pesca, pois em alguns casos são alugadas. E a sobra do valor arrecado com a venda é repartido entre os membros da pescaria. A quantia, de pouco valor, é destinada para a compra dos demais alimentos, adquiridos em quantidade reduzida – meio quilo de arroz, feijão, farinha, um tomate, uma cebola, um pimentão, meio pedaço de sabão.

Quando os pescados não são vendidos na beira do porto, os pescadores saem apressados pelas ruas do Acupe na esperança de encontrar pessoas

---

<sup>18</sup> É o momento que a maré fica alta na beira do porto.

<sup>19</sup> São pequenos estabelecimentos comerciais que vendem fumo de corda, pingas, biscoitos e outros produtos alimentícios e utensílios.

interessadas na compra. A necessidade da venda fica mais em evidência com o decorrer do tempo, pois se trata de alimentos perecíveis que exigem refrigeração e consumo rápido. Como os pescadores são conhecedores das pessoas que revendem pescados nas feiras livres do Recôncavo Baiano, são elas as primeiras a ser procuradas. Vale ressaltar que quando as vozes dos pescadores ecoam fortemente, refletem uma prática secular que advém dos ganhadores de ruas<sup>20</sup> que faziam uso das vias públicas para o comércio e, sobretudo, como estratégia de sobrevivência e sociabilidade.

Após a comercialização dos pescados, os pescadores vão para o Tijupá<sup>21</sup>, um abrigo que serve para a guarda das redes, dos remos e do monsur<sup>22</sup>, que são os instrumentos de trabalho do pescador. Ademais, o Tijupá também serve como lugar utilizado para manutenção, reparos e confecções de novas redes, que normalmente são costuradas com linhas de náilon, agulha e maleiro, cujas técnicas dos nós são de acordo com as espessuras da rede e o tipo de pesca.

O trabalho coletivo de costuras das redes é transformado em momento de narrativas das vivências e das experiências dos pescadores. São histórias de vidas que podem ser atreladas ao canto de Caymmi (1954), quando o mesmo em sua canção “O pescador” verseja

[...] o bem de terra é aquele que fica na beira da praia quando a gente sai, o bem de terra é aquele que chora, mas faz a que não chora quando a gente sai. O bem do mar é o mar, é o mar, que carrega com a gente pra gente pescar.

O trecho da canção descreve o dúbio sentimento que habita o coração do pescador, um misto de dor e amor direcionado ao mar e para aqueles que ficam na expectativa de uma volta segura e com o barco cheio de pescados.

Ainda neste ambiente de narrativas, são compartilhadas as experiências de viver o mar através da leitura do vento, dos tempos das marés, os caminhos que levam para o melhor lugar para a realização de uma boa pescaria, das correntes

---

<sup>20</sup> Segundo Reis (2019), esta significação é relacionada aos escravizados ou não, que no período associado ao ano de 1857 cobriam alargado território urbano de Salvador na condição de ganhadores de ruas, ou seja, ambulantes.

<sup>21</sup> Local onde são guardados os materiais utilizados para a pesca.

<sup>22</sup> São gaiolas confeccionadas pelos próprios pescadores, utilizadas para captura dos siris e caranguejos. Normalmente são deixadas em pontos estratégicos, em diferentes áreas dos manguezais em um dia e são retiradas no outro dia.

marítimas, do pedir licença à dona das águas<sup>23</sup>, das lendas e da arte do pescar que são aprimoradas a cada pescaria. Estes ensinamentos despertam a atenção das pessoas que estão presentes e são de extrema importância para a construção da memória coletiva, individual e de contextos que enfatizam as relações sociais e culturais intrínsecas às ancestralidades.

O porto que tanto apareceu, ora como local de práticas comerciais ora como lugar de histórias e memórias, registra em seu entorno o primeiro núcleo populacional formado por sujeitos que viveram em regime de escravidão, os quais mantiveram suas vidas tendo a maré como “[...] uma alternativa viável para a substituição das atividades da lavoura” (PINTO, 2014, p. 24). Barickman (2003) ressalta que mariscagem era uma atividade complementar de suma importância para a subsistência dos engenhos e fazendas do recôncavo:

Os mariscos, porém, serviam como uma fonte suplementar de proteína na dieta dos escravos rurais. Os engenhos e fazendas de cana localizados perto da baía as vezes tinham “mariscadores”, cativos cuja função era apanhar caranguejos, ostras e camarões (BARICKMAN, 2003, p. 93).

Por muito tempo, as características das habitações eram marcadas, predominantemente, por barracas de madeiras cobertas por lonas, casas de taipas<sup>24</sup> cuja proteção de origem natural se dava através das palhas dos coqueiros, das palmeiras e das piaçavas. Com o passar do tempo as residências foram aos poucos modificadas, adquirindo traços de resistência e prosperidade.

A pesca no Acupe não é uma atividade exclusiva de homens. Neste contexto de sociabilidades, as mulheres marcam presença e seu labor ajuda também no sustento da família, quando não são elas as responsáveis diretas para suprir todas as necessidades do ambiente familiar. Nos dias da mariscagem<sup>25</sup>, elas percorrem longas distâncias debaixo de sol e chuva, levam consigo um balde, um saco de náilon e uma colher para raspar areia que surge com a baixa da maré. Para garantir a alimentação no decorrer da labuta, levam consigo água, farinha e banana. Por necessidade, seus filhos as acompanham e nesta ida aprendem a técnica da mariscagem. Quando não se deslocam de canoas para as ilhas, elas caminham até

---

<sup>23</sup> Refere-se ao orixá *Yiemonjá* considerada a deusa dos mares e oceanos.

<sup>24</sup> São casas construídas coletivamente com argiloso e madeiras.

<sup>25</sup> A mariscagem é assim atividade predominantemente feminina. Pode ser considerada pesca artesanal, pois se caracteriza por uma pesca de baixo impacto ambiental.

a salina<sup>26</sup>, lugar de água rasa, de areia branca, composta por manguezais. Lá é iniciada a cata dos mariscos até obterem a maior quantidade possível, pois o tempo da mariscagem corresponde ao tempo da maré; é ela que determina o período de extração.

O retorno para casas é sempre mais difícil, em decorrência do transporte dos mariscos, cujo peso é transportado sobre a cabeça; esta é protegida com um pedaço de tecido enrolado em forma de círculo, popularmente conhecida como rodilha. Para além desta dificuldade, existe o cansaço, o efeito do calor, do contato direto com a umidade, com cascas dos mariscos que perfuram os pés. Mas para essas mulheres, todas as dificuldades enfrentadas não se tornam maiores que a satisfação de levar o alimento para si e para seus filhos, no misto de dor e alegria. Vale ressaltar que após horas de trabalho em condições sub-humanas, no mangue e na praia, a luta continua, pois na sequência da cadeia produtiva é necessário rachar a lenha, acender o fogo, pôr o marisco para ferventar em quantidades pequenas, escorrer o caldo quente e sentar para catar um por um, o que no final rende menos de 2kg, caso a quantidade com a casca ultrapasse a marca dos 20kg. Todo este processo é desconhecido e/ou ignorado por aqueles que compram os mariscos nos espaços de vendas por valores que não correspondem ao trabalho árduo desenvolvido pelas marisqueiras.

A minha infância foi marcada por esse movimento. Lembro-me que à noite as mulheres com seus filhos, inclusive minha mãe e eu, íamos para o porto adquirir pescados que não eram encontrados como muita facilidade durante o dia. Enquanto a maré não chegava, algumas crianças dormiam nos passeios enrolados em lençóis para se protegerem da frieza e usavam o gás de candeeiro na pele como forma de repelir os insetos; outras ficavam acordadas realizando brincadeiras. Lembro-me que às vezes não conseguia dormir por medo de ser esquecida, e então ficava acordada observando o vendedor de mingau que vivia se desvencilhando das crianças que ficavam à sua volta, os movimentos das pessoas, as prosas, as histórias narradas pelas mulheres.

Logo bem cedo ou no meio da tarde, minha mãe e outras mulheres seguiam com lenços na cabeça e facão na mão com destino ao mato para catar lenha.

---

<sup>26</sup> Local de trabalho das marisqueiras para a cata do bebefumo e também lugar de lazer e de realização do evento cultural conhecido como corrida de canoa, a qual acontece há mais de 50 anos, sempre aos domingos de carnaval.

Parecia um momento de descontração pelos risos e casos contados nos caminhos já desenhados pela rotina constante; porém, atrelado a isso havia a obrigação de se apropriarem de recursos naturais para cozimentos dos mariscos, alimentos, preparo de banhos quentes, como também o aproveitamento da brasa para passar roupa com ferro esquentado à brasa. A vida em coletividade era muito comum, natural, uma construção social e cultural sentida no dia a dia, e também fortalecida, por exemplo, no interior das casas de farinhas, lugar onde se produzia o beiju de coco, a pamonha, a farinha e o bolo assado na palha de bananeira. Desse modo, as atividades praticadas possibilitavam e possibilitam o encontro, trocas de saberes compartilhados por homens, mulheres e crianças, que juntos nutrem de significados, a relação construída e mantêm enraizados os afetos manifestados e as práticas e saberes sociais da ancestralidade.

As rezadeiras<sup>27</sup> que viviam em Acupe eram indiretamente responsáveis por cuidar da saúde física e espiritual das pessoas que acreditavam no poder das folhas e das rezas para curar os variados infortúnios materializados em doenças. Recordo que sempre que ficava com alguns sintomas que indicassem sinal de doença era levada para a casa de Dona Fia<sup>28</sup> (*in memoriam*) para ser diagnosticada com problema de mal olhado<sup>29</sup>. Caso fosse, era rezada com folhas de arruda antes do sol de pôr, tomava banho de ervas e a ingestão de chás. Rememorar esses momentos está na base da concepção da identidade coletiva, pois acionamos símbolos e saber popular enquanto compartilhamos práticas culturais construídas a partir de valores, crenças e costumes, ancoradas em saberes tradicionais repassados pela oralidade através de gerações.

Tanto água do mar quanto as águas dos rios são como dispositivos que ao serem acionados despertam memórias e sentimentos que preenchem a relação homem/natureza de emotividade. Diegues (1998), com base nos princípios da cosmologia da Babilônia<sup>30</sup>, a qual é relacionada com a origem do universo tendo as águas como elemento estruturador deste nascimento, enfatiza que

---

<sup>27</sup> São mulheres conhecedoras dos poderes de cura através das folhas e das rezas, que no ato de suas ações criam e sustentam crenças.

<sup>28</sup> Dona Fia, morava na Rua do Prédio, era alta, negra, de fala mansa, usava saias longas e um lenço branco para cobrir a cabeça. Não lembro muito dela sorrindo. Quando eu ia à casa dela, estava sempre nos afazeres domésticos.

<sup>29</sup> É estar sob influências das energias negativas.

<sup>30</sup> A expressão *cosmologia da babilônia* é compreendida como elemento cósmico que explica a origem do universo, tendo a água como elemento fundante.

[...] o rio, o mar representam o curso da existência humana e as flutuações dos desejos e dos sentimentos. O mar, água em movimento é o lugar das transformações e do renascimento, simbolizando, também, um estado transitório, ambivalente, de onde surgem os monstros, e nesse sentido é a imagem do subconsciente, fonte de correntes que podem ser mortais ou vivificadoras. (DIEGUES, 1998, p.13)

Neste sentido de travessias pelas águas, temos em Acupe vários rios presentes no imaginário coletivo, tais como: o Rio do Pavão, que deságua no mar; o Rio Chamiláia, de águas rasas; o Rio Pobre e Soberbo, de águas frias, escuras e profundas e com suas margens cobertas por dendezeiros, onde a luz do sol mal penetra deixando o ambiente rústico; o Rio Cajueirinho, que tem um cajueiro bem no olho<sup>31</sup> do rio. Estes ambientes naturais representavam há um certo tempo atrás os lugares da lavagem de roupas, da recreação, do samba improvisado pelos ribeirinhos; lugares de ouvir o som da lambada e do reggae no toca fitas, que serviam como fonte de captação do peixe traíra e do camarão pitú e lá mesmo eram consumidos aos serem utilizados para o preparo da moqueca com o azeite de dendê feito na hora.

Outro elemento marcante são as fontes de águas subterrâneas que desempenharam por muito tempo o papel de centro de abastecimento. Dentre muitas fontes que ficavam em pontos estratégicos pelas ruas do Acupe, a mais conhecida é a Fonte da Pedra, localizada no Morro Sem Vela<sup>32</sup>, hoje denominada Alto do Cruzeiro. Suas águas cristalinas brotavam de dentro de uma pedra num ritmo lento, o que causava a formação de filas, compostas majoritariamente por mulheres. Neste contexto, as conversas revelavam histórias, relatos da vida diária, trocas de confidências e – não mais importante – as intrigas, desavenças, a luta para manter o lugar na fila, o que traduzindo para âmbito epistemológico nada mais é do que a luta pelo território. Na verdade, estes lugares revelam as diferentes estratégias de (con)vivência a partir das condições reais, o que leva a compreender o lugar como resultado das relações sociais e, mais que isso, como repositório de sentimentos, emoções e memórias. E assim, o lugar adquire “[...] significado para a vida de cada um se constituindo sujeito de sua própria história” (CALLAI, 2009, p.

---

<sup>31</sup> Refere-se à nascente do rio.

<sup>32</sup> Esta localidade teve seu nome associado as características estruturais do lugar; não eram todas as residências que possuíam o fornecimento de energia. À noite, suas ruas ficam escuras, por isso o nome Morro sem Vela, que quer dizer “sem iluminação”.

176).

Desse modo, todas essas práticas, com seus modos próprios e suas tradições, estão inseridas num ambiente movente, numa paisagem que entrelaça a presença humana com os seus contextos e processos identitários.

## 2.2 A feira de Simões Filho e/em nossas vidas

Antes de entrelaçar a feira livre de Simões Filho com a minha vida, é mais importante que esta entrelace comece pela Senhora Valdiluce Gomes da Cruz, popularmente conhecida como Lurdinha (figura 7). Faço saber que ela é a quarta filha dos 19 filhos da senhora Maria Lucia (*in memoriam*) e nasceu no meio da mata atlântica, enquanto minha vó catava lenha para cozinhar os alimentos. Cresceu entre a fazenda onde seus avós maternos moravam e o quilombo Acupe<sup>33</sup>, lugar de sua residência até o presente momento.

**Figura 7** – Dona Lurdinha na feira livre de Simões Filho



**Fonte:** Lurdinha, peixe e a feira. Aquarela sobre papel canson300g, Isabela Seifarth, 2021.

<sup>33</sup> A história de Acupe remete à época dos engenhos existentes no Recôncavo Baiano. O espaço onde está situado o distrito de Acupe fazia parte das terras de Mem de Sá, que após passar por doações e heranças, encontravam-se nas mãos de outros proprietários e com a presença de alguns engenhos (RIOS, 2012, p. 03). No que se refere ao processo de ocupação, Pinto (2014) revela que esteve relacionado com a exploração dos recursos naturais a partir de 1888, ano em que é assinada a Lei Áurea, findando oficialmente a abolição da escravidão. Segundo Rios (2012, p.05) “[...] é a partir desse período [...] que começa a surgir Acupe enquanto uma vila de pescadores artesanais”. “Uma espécie de quilombo após a abolição, um símbolo de resistência, afirmação e reafirmação dos ex-escravos da sua condição de pessoas livres.” (PINTO, 2014, p. 24)

Ao reconstituir as suas memórias, ela narra que durante a sua infância precisou ajudar sua mãe na criação e no sustento dos seus irmãos. Que não conheceu o lado bom de ser criança; ao menos não rememora momentos em que pôde sentir o direito de ser desprovida de obrigações que eram acentuadas pelo cenário de pobreza, tanto que só veio aprender a escrever o seu nome e a ler vagarosamente já na vida adulta. Narra, com a expressão séria e com um olhar triste, que viveu as dificuldades de ser empregada doméstica aos 10 anos de idade e que em muitas casas que trabalhou passou fome e sofreu tentativas de estupros, mas que nunca denunciou, pois sabia que não seria ouvida; no entanto, não permanência mais naquele ambiente hostil.

Tornou-se mãe precocemente, aos 14 anos. A sua primeira filha, que se chamava Simone, partiu para o mundo espiritual com 8 meses de nascida devido ao um problema cardíaco. Não houve tempo para que ambas desfrutassem do amor uma da outra, através da relação maternal, do leite materno que escorria sem encontrar a boca que sustentaria e dos ensinamentos mútuos que reverberaria no decorrer da vida. Segundo minha mãe, a dor de ver Simone partir ainda persiste em existir e com uma certeza que jamais será esquecida, mesmo que se tenha passado muito tempo, pois amor de uma mãe é um sentimento forte, protetor e que não se apaga, ainda que o filho tenha falecido.

A vida da minha mãe, marcada pela dor da perda, traz como referência o retrato das famílias pobres que vivem em diversos territórios brasileiros, sobretudo na Região Nordeste, onde possui um histórico de desigualdade socioeconômica mais presente. Contextos reais de uma mulher negra que sofreu as mazelas sociais, a desigualdade econômica que é substrato do sistema capitalista e que contribui para que atos de violência sejam culminados. Inscreve-se nessa narrativa enquanto denúncia social o não acesso à educação básica, direito tão importante para o desenvolvimento social, econômico e cultural dos sujeitos. Em suma, estas vivências que compõem o repertório de sua vida retratam histórias de tantas outras mulheres<sup>34</sup> que engravidaram precocemente e que sozinhas assumem a responsabilidade em

---

<sup>34</sup> É importante denunciar que o número de pais que abandonaram seus filhos número no Brasil saltou de 10,5 milhões para 11,6 milhões no período de 2005 a 2015, o que significa que são 11,6 milhões de mães solo. Além de tudo, das famílias em que as mulheres assumem a responsabilidade do comando 56,9% vivem abaixo da linha da pobreza. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo.html?alvo=m%C3%A3es-solos&busca=1&data-fim=2016-12-05&data-inicio=2004-01-04&id=1&pagina=1&paginar=1&quantidade=10&view=noticias>. Acesso em: maio, 2020.

manter recursos que garantam a sustentação dos seus filhos.

Após estas considerações, sigo contando que minha mãe construiu nossa casa de taipa, ao lado da casa da minha avó. O imóvel possuía três divisões: a sala, a cozinha e o quarto (o banheiro ficava no quintal). Os móveis fixos ao chão eram feitos de barro (cama, bancos, mesa, o fogão à lenha), além de alguns utensílios domésticos (panelas de vários tamanhos). Nesse tempo, as nossas vidas eram marcadas por dificuldades, mas não passávamos fome. Comíamos galinha de quintal, peixes, feijão de corda, frutas e beiju; no entanto, lembro-me que quando tinha carne de boi um ar de prosperidade emanava, pois a carne era considerada naquela época o alimento mais caro, quem nem todos podiam comprar.

Enquanto que nossa mãe só pôde estudar na vida adulta, meu irmão e eu frequentamos à escola pública desde muito cedo. Estudávamos em turnos diferentes, porque dividíamos o mesmo lápis. Nosso caderno era papel de embrulho de cor vermelha, o que dificultava à escrita e a leitura. A ida à escola fazia parte de um ciclo que incluía o trabalho na roça, na maré e a venda de comidas na praia de Cabuçu<sup>35</sup> - BA; porém, nossa mãe fazia parecer leve a difícil realidade com brincadeiras, cantigas e amor. E assim conseguimos ser alfabetizados e alcançar outros níveis de escolaridade.

O meu irmão Osair Gomes da Cruz nasceu 3 anos depois do falecimento da nossa primeira irmã e foi criado até os 12 anos pela nossa avó. Era o neto predileto dela, sentimento que a mesma não fazia questão de esconder e falava em alto e bom tom<sup>36</sup>. Mesmo sendo portador de deficiência auditiva, estudou e por paixão pela área de segurança patrimonial exerce a função de segurança em uma empresa que fica localizada no Polo Industrial de Camaçari. Meu irmão, por sorte, cresceu no ambiente liderado por mulheres e aprendeu, até onde conheço, a se portar como um sujeito respeitador. Desempenhou, talvez a contragosto<sup>37</sup>, o papel de cuidar de mim no período da minha infância à adolescência enquanto nossa mãe trabalhava. Tinha nas mãos, ainda que fosse por um curto período, uma responsabilidade que não era dele; no entanto, representava a figura materna e paterna.

---

<sup>35</sup> Cabuçu é um dos distritos de Saubara, cujo desenvolvimento econômico da localidade é atrelado ao uso da praia não só para o turismo, como para as vendas de comidas tradicionais, como caruru, vatapá, cocada, pamonha e frutos do mar. O comércio destes alimentos é realizado na sua maioria por mulheres que saem com a bacia na cabeça à oferta nas mesas das barracas de praia.

<sup>36</sup> Claro que esta atitude provocava ciúmes nos demais netos, inclusive em mim. Mas eu não me importava, pois na hora de dormir era na cama dela que eu dormia.

<sup>37</sup> Lembro-me dele reclamando. Risos.

Em relação à figura paterna, cuja ausência é tão presente, crescemos cada um aprendendo a lidar com algo que sabíamos que existia, mas que nunca tivemos nem por um instante, nem para um afago, nem por uma veste, nem para um momento de dor, nem para o brincar, nem para um alimento e, para meu irmão, nem sequer para o registro em cartório<sup>38</sup>. Ele cresceu apenas sabendo o nome do pai, mas nunca chegou a conhecê-lo, foi abandonado ainda na barriga da nossa mãe.

Já a minha relação paternal é marcada pela ausência. Fui abandonada logo após o meu nascimento e hoje este abandono persiste diariamente, pois ao chegar aos 33 anos, não por acaso, tive a oportunidade de reencontrá-lo. Junto a isso, conheci mais duas irmãs, motivo pelo qual me sinto mais completa e agradecida pelo reencontro. No entanto, o sujeito que se julga ser o pai continuou com a prática do abandono paterno, não só para uma filha, mas também para mais duas. Chego a pensar que eu não seria a mulher que sou se por acaso fosse criada com ele, que representa para mim a prática do desamor.

Mediante do que foi exposto, não posso deixar de exaltar a mulher negra que é minha mãe, que de tanto ser mãe por vezes esqueceu que era uma mulher, que também precisava de carinho, de cuidados, de amor para além do amor fraternal, de alguém para dividir o peso da vida cotidiana, de comer e não de ser a última a comer, a tomar banho, a dormir. Não concebo, nem por um minuto se quiser, narrar a minha vida sem que ela não esteja direta ou indiretamente envolvida, entrelaçada em cada palavra, nas conjugações, nas formações de frases e parágrafos, pois sinto que nada teria a imensidão que se tem se não tivesse o seu amor, a sua força, a sua sabedoria e, sobretudo, se não fosse pelos seus ensinamentos. Minha mãe para mim é referência, assim como são as escritoras Carolina de Jesus (1960), Lélia Gonzalez (1984) e Conceição Evaristo (2006) em virtudes da ligação ancestral e do compromisso que todas assumiram e criaram estratégias e táticas; evidentemente, cada uma à sua maneira, para lutar contra todas as formas de racismo e de exclusão. Sendo assim, eu me construo como pessoa a partir destas mulheres e suas histórias.

---

<sup>38</sup> Infelizmente, segundo os dados do Conselho Nacional de Justiça (CNJ), com base no Censo Escolar de 2011, apontam que há 5,5 milhões de crianças brasileiras sem o nome do pai na certidão de nascimento. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2013/08/11/brasil-tem-5-milhoes-de-criancas-sem-pai-no-registro.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: maio de 2020.

As concepções narradas por Lélia Gonzalez em *Racismo e sexismo na cultura brasileira* (1984), bem como as narrativas de Carolina de Jesus em sua obra *Quarto de despejo* (1960) e de Conceição Evaristo em *Beco da memória* (2006), revelam os cascalhos dos poderes condicionados para um determinado grupo social, para desvelar uma sociedade perversa e indiferente. Ainda que não seja de modo contundente, tê-las como referências para o desenvolvimento da minha escrita narrativa contribuem para reforçar a existência de mais uma voz negra que narra entre percalços e conquistas, as suas reminiscências.

Atendendo o objetivo desta seção do capítulo, entrelaço a partir deste ponto, as narrativas que envolvem as inter-relações entre a memória e a história construída na diversidade do lugar feira livre, que está localizada em Simões Filho – BA.

A feira livre de Simões Filho acontece todos os dias dentro no interior do Mercado Municipal do município. Está presente em nossas vidas como o lugar de trabalho, como mais uma alternativa de sobrevivência e que aos poucos foi se tornando nossa principal fonte de renda. Rememoro que quando minha mãe começou a desenvolver a atividade de feirante, levou para vender uma pequena quantidade de pescados que se resumia em: peixe seco ao sol, 3 cordas<sup>39</sup> de caranguejos e 2 quilos de mariscos. A princípio foi o investimento inicial suficiente para a primeira ida à feira, mas a quantidade foi crescendo a cada dia de trabalho. Para isso, ela mariscava todos os dias no vazar da maré, uma rotina não tão poética como o poema a seguir, mas com a carga identitária nele descrito.

E quando vaza a maré, o mangue me chama e eu me levanto antes do nascer sol. Os mariscos acordam comigo. Eu peço licença, eu peço a bença e vou mariscar. As vezes encontro Francisca, Tereza, Conceição, Nilza, Edna, Cacemira, Lelé, até Miuda! Eu encontro é gente, um monte assim ô, de marisqueira, cada uma com a sua isca, cada uma, com seu esconderijo. (NATALYNE SANTOS<sup>40</sup>, 2016)

Durante o dia minha mãe mariscava, tratava peixes, catava mariscos, cuidava da casa, mal tinha tempo para comer, para pensar em si. O tempo era todo dedicado para desenvolver as atividades que garantissem meios de permanência na feira. A cada peixe vendido, a cada freguês conquistado, aumentava o trabalho e as

---

<sup>39</sup> Corresponde a 30 caranguejos.

<sup>40</sup> Mobilizadora cultural, poetisa, atriz e pesquisadora. Importante frizar que esta poesia não foi publicada, por isso a ausência da referência nas páginas finais.

chances de permanecer no box<sup>41</sup> que media 2m<sup>2</sup>. Na verdade, a feira surgiu como um caminho mais rentável, entre mariscar e ser empregada doméstica.

No começo, chegar até a feira semanalmente era um martírio, pois era necessário sair de casa uma da madrugada. Antes disso devia se arrumar todos os produtos no isopor de modo que o peso fosse suportado na cabeça para ser levado em mais de uma viagem até o ponto e esperar o primeiro ônibus que passava em Acupe com destino a Simões Filho. Ao desembarcar na BR-324 – e com ajuda do transportador – chegava-se ao mercado municipal, após caminhar 40 minutos.

Sob sol ou chuva, não importasse as condições do tempo, a ida para a feira se tornou a obrigação de cumprir a ação do trabalho e ser um ponto de referência na imensidão de ofertas. E ser procurada, não pelo nome de batismo ou como se é conhecida no lugar de origem, mas como um nome que simboliza a relação entre a pessoa e o produto vendido por ela. Assim, somos as freguesas<sup>42</sup> dos peixes e dos mariscos, identificadas pela alegria no atendimento e pelos dialetos que usamos para vencer a concorrência.

Ao final do dia de feira livre, lavava-se o box, as ferramentas, a banca, separava-se o lixo, armazenava-se as sobras das mercadorias não vendidas. Ainda com marcas deixadas pelas escamas dos peixes que se espalham em nossas vestes e nos nossos corpos mediante escamação, cabiam, ainda que fosse rápido, momentos de prosas (figura 8), de sociabilidade, dos relatos sobre as vendas e de risos, entre os que se faziam presentes no acontecer da feira livre.

Com o passar do tempo fomos melhorando as estruturas da nossa casa: os móveis passaram a ser de madeira e a chuva já não assustava tanto, pois sempre que chovia ficávamos apreensivas com a possibilidade de a casa desabar, uma vez que estava sustentada por madeira e arenoso. Ademais, houve mudança na localização da casa: passamos a morar em outra rua, mais afastada dos demais familiares que também dividiam a casa e o terreno que era da minha avó. E o mais importante, passamos a ter acesso aos materiais escolares.

---

<sup>41</sup> Em uma das reformas de ampliação do Mercado Municipal de Simões Filho – BA foram construídos boxes os quais foram distribuídos para os feirantes após cadastro.

<sup>42</sup> O ser freguesa está relacionado ao modo como os compradores nos identificam. Na sua maioria os compradores na feira livre dizem que somos as freguesas do peixe, do beiju, da farinha e etc. E não as feirantes. O termo freguesa na feira livre é utilizado por todos os lados, tanto por quem compra como por quem vende.

Figura 8 – Prosa, acrílica sobre tela.



Fonte: Isabela Seifarth, 2017.

A nossa nova casa que fica localizada no Loteamento Maria Pedreira Lopes, mais conhecida como Av. Beira Rio, tinha quatro cômodos, o quintal e ao lado um rio de águas vermelhas que servia como local de lavagem de roupas e utensílios domésticos e para os banhos diários. Lembro-me que quando nos mudamos em 1993, só havia três famílias, cujas residências ficam um pouco distante uma da outra. Neste tempo não havia rede elétrica e nem água potável, era necessário ir buscar água na fonte da pedra, para beber, fazer o cozimento dos alimentos.

Após quase três décadas, o rio não exerce mais as mesmas funções, em decorrência do crescimento populacional e do processo de ocupação que foi ocorrendo sem o planejamento municipal, que culminou numa localidade sem rede de saneamento básico, ou seja, o rio foi transformado em receptor de esgoto não tratado. Com base em registro próprio, o Loteamento Maria Pedreira Torres possui aproximadamente 300 residências, 900 habitantes e estimula-se que residam quatro pessoas por unidade.

Voltando para as memórias sobre a feira, a mesma é um lugar livre que permite aos sujeitos a oportunidade do trabalho, ainda que seja em condições difíceis e precárias. Por meio do trabalho, neste contexto de dificuldades, que

mudamos nossas condições de vidas. A feira se constituiu e se constitui como um lugar fundamental na construção das nossas identidades e na nossa relação de mãe e filha, pois a partir deste contato em meio à labuta na feira houve um maior aprofundamento e conhecimento de quem ela é e de quem eu sou.

Posso dizer que ao vivenciar os sentimentos que foram desenvolvidos em meio à feira culminou-se na ruptura da cegueira de mim mesma e passei sentir e perceber intensamente a minha própria essência, pois houve uma quebra de paradigma no processo de conhecimento na cultura ocidental que é

[...] centrada na ação e não na reflexão, de modo que nossa vida pessoal é, geralmente, cega para si mesma. Parece que em geral há um tabu que nos diz: é proibido conhecer o conhecer [...] de tal modo que nunca se sabe onde está o fundamento de todo processo. (MATURANA; VARELA, 1995, p. 30)

E, deste modo, os detalhes se perdem na imensidão dos sentidos.

### **2.3 Bioepistemologia: quilombola, feirante e urbanista**

“Eu sou filha de deusas, de reis e rainhas.  
Eu sou filha de gloriosas guerreiras.  
Eu sou nascente, sou filha das águas (ora yê yê  
ooo), do vento,  
dos mistérios, das matas.  
Eu sou filha do asé.”

Partilho nesta seção as minhas andanças nos lugares que contribuíram para a minha formação identitária enquanto mulher quilombola, feirante e urbanista. Nesta perspectiva inicial, demarco a minha trajetória me reconhecendo como corpo integrante da ancestralidade que permeia a Religião de Matriz Africana tão presente no território do Recôncavo Baiano, a qual é versada no canto de Caetano Veloso em seu álbum *O Livro* (1997). Através do trecho “[...] o que eu herdei da minha gente eu não posso perder” (“Não enche”, 1997), ele revela a tradição da passagem dos saberes ancestrais e traduz o que eu há algum tempo tenho procurado fazer: não perder os conhecimentos e saberes herdados dos meus antepassados para este mundo cheios de pessoas que, imersas em seus dogmas, têm dificuldades de respeitar as diferenças; não me fragmentar ao ponto de não saber quem e de quem

eu sou. É me reconhecer como mulher que tem o amor, a benção e a proteção dos meus orixás. É o que Maria Bethânia, na música “Carta de amor” do seu álbum *Oasis de Bethânia* (2012), canta o que eu desejo expressar:

[...] a rainha do mar anda de mãos dadas comigo, me ensina o baile das ondas e canta, canta, canta pra mim. É do ouro de oxum que é feita a armadura que cobre meu corpo, garante meu sangue, minha garganta o veneno do mal não acha passagem e em meu coração, Maria acende a luz e me aponta o caminho. [...] vivo de cara pra o vento na chuva e quero me molhar. O terço de Fátima e o cordão de Gandhi cruzam meu peito. Sou como uma haste fina, que qualquer brisa veja, mas nenhuma espada corta. (Maria Bethânia, 2012)

Uma vez que a música carrega valores e elementos marcantes na concepção da identidade, posso associá-la às minhas memórias e traçar rotas identitárias pelas tessituras do Recôncavo Baiano. Uma teia de realidade interligada por relações identitárias, na qual se percebem forças interagindo e produzindo variados contextos, muitos deles, as identidades territoriais. Conforme sinaliza Haesbaert (1999, p.175), “[...] trata-se de uma identidade em curso, e por estar sempre em processo/relação ela nunca é una, mas múltipla”. Por isso, delimito o subtítulo desta seção chamando atenção para os nomes que me definem, todos eles construídos por relações territoriais distintas.

A Bioepistemologia, também inserida no título desta seção, é uma etimologia que amplia o entendimento sobre o percurso de vida do pesquisador, tanto no âmbito acadêmico quanto na sua trajetória pessoal. Uma expressão que “[...] consiste na objetivação do pesquisador com o seu campo-objeto de estudo, que valoriza a experiência de vida pessoal e coletiva no processo da construção do conhecimento”, (MALOMALO, 2010, p. 27). Para Malomalo (2010), a Bioepistemologia é reflexiva por permitir ao pesquisador a autocrítica sob o modo pelo qual desenvolveu suas produções científicas e como elas foram atreladas à sua narrativa de vida. Neste conjunto de exposição, penso que Bioepistemologia assemelha-se com a narrativa autobiográfica, por ambas conceberem ao sujeito maneiras pelas quais possa narra suas nuances e particularidades.

Segundo Moita (2007, p. 116), “Só uma História de vida põe em evidência o modo como cada pessoa mobiliza os seus conhecimentos, os seus valores, as suas energias, para ir dando forma à sua identidade, num diálogo com os seus contextos”. Diante desta riqueza é possível, por meio do método (auto)biográfico,

tocar de maneira simbólica o que o outro nos mostra após relatar suas memórias, reminiscências, os saberes e as rasuras que desabrocham de si.

Nessa ordem, há também memórias que desvelam a tensão dos sujeitos que vivenciam cotidianos, cujas marcas refletem os resultados de ambientes que são submetidos permanentemente à violência em suas diversas modalidades. Estas memórias são as narrativas que Evaristo (2006) chama de “escrevivência” em seu livro *Becos da Memória*<sup>43</sup>. Para a referida autora, a “escrevivência” revela três elementos balizadores: o corpo, a condição e a experiência. Para Oliveira (2009)

O primeiro elemento reporta à dimensão subjetiva do existir negro, arquivado na pele e na luta constante por afirmação e reversão de estereótipos. A representação do corpo funciona como ato sintomático de resistência e arquivo de impressões que a vida confere. O segundo elemento, a condição, aponta para um processo enunciativo fraterno e compreensivo com as várias personagens que povoam a obra. A experiência, por sua vez, funciona tanto como recurso estético quanto de construção retórica, a fim de atribuir credibilidade e poder de persuasão à narrativa. (OLIVEIRA, 2009, p. 622)

Sabendo que é possível construir a partir dos meus escritos um espaço que alude à resistência, ao enfrentamento, uma forma de oposição ao poder que ascende condições desfavoráveis, penso que não alcanço a totalidade quando narro a minha trajetória de vida entrelaçada ao processo de reconhecimento enquanto quilombola, à atividade de feirante ou ao campo do Urbanismo. Isso exige de mim, para além de uma voz que narra, uma outra voz discursiva que deseja expor as mazelas que habitam o lugar social que ocupa a mulher-negra-feirante. Neste sentido, ressalto que o interesse de seguir nesta perspectiva recai nas relações sociais estabelecidas em múltiplos lugares.

Retornando para onde foi o começo, Acupe passa ser enunciado como o lugar que despertou em mim o sentimento político, que traduz como o sentimento de pertencimento. Pertencimento no sentido de “[...] vínculo a um grupo e a um território que determinam a noção sobre identidade social e sustentam o sentido de direito coletivo referente aos grupos étnicos” (FERNANDES, 2016, p. 26). E o pertencimento compreendido como “[...] o elo afetivo entre as pessoas e o lugar ou

---

<sup>43</sup> [...] *Becos da memória*, foi escrito em fins dos anos 1970 e início dos 1980. Ficou engavetado por cerca de 20 anos até sua publicação, em 2006. A obra em prosa de Conceição Evaristo é habitada, sobretudo, por excluídos sociais, dentre eles favelados, meninos e meninas de rua, mendigos, desempregados, bebedores, prostitutas, “vadios”. (OLIVEIRA, 2009, p.621)

ambiente físico. Difuso como conceito, vívido e concreto como experiência pessoal” (TUAN, 1980, p. 05). De forma mais ampla, um sentimento que encontrei nos espaços de debates, de reuniões, nas ações coletivas promovidas pelos movimentos sociais da comunidade. Ademais, uma mulher que nasceu quilombola, mas que só se enxergou quilombola quando passou a ser sujeito participante das questões locais.

Uma destas questões remete ao processo de demarcação do território enquanto comunidade quilombola que ainda se encontra em análise<sup>44</sup>, no qual pude prestar apoio voluntário nas atividades administrativas. Vale salientar que as ações coletivas que viabilizaram o estudo<sup>45</sup> que tende a reconhecer toda extensão territorial do Acupe como comunidade quilombola – sendo que por enquanto apenas a localidade Alto do Cruzeiro é certificada<sup>46</sup> –, teve um bom índice de participação dos moradores, articulada com as comunidades vizinhas.

Outra concepção apreendida nos espaços de debates se refere ao entendimento sobre o sentimento de pertencimento que está para além do conhecer o contexto histórico do lugar. Esta premissa é vista como um processo inicial; no entanto, é necessário inserir-se numa relação social e nos referenciais que simbolizam o reconhecimento identitário. Vivendo esta experiência, percebi o quanto fui equivocada e determinista em pensar que tudo sabia sobre Acupe. Na verdade,

---

<sup>44</sup> Segundo Fernandes (2016, p. 90), a elaboração do relatório de identificação de seu território ainda demanda procedimentos formais quanto à contratação de equipe técnica e destinação de recursos em parceria com a Universidade Federal do Recôncavo Baiano que também aguarda pelas decisões do órgão responsável.

<sup>45</sup> Segundo Fernandes (2016, p. 78) o estudo compreende nas seguintes fases: fase 1, após a emissão da Certidão de Auto definição pela FCP, ocorre a abertura do processo de regularização fundiária junto ao INCRA, conforme determina o Decreto 48887/2003. Após, é realizado o Relatório Técnico de Identificação e Delimitação (RTID), composto pelos seguintes elementos: a) estudo do território: relatório antropológico que identifica o território quilombola com base no levantamento de dados etnográficos; b) cadeia dominial dos títulos de propriedades localizadas no interior do território quilombola identificado pelo relatório antropológico; c) levantamento fundiário e georreferenciamento das propriedades não quilombolas inseridas no território identificado; d) cadastramento das famílias quilombolas; e) memorial descritivo onde é apresentada planta georreferenciada e uma descrição sucinta do perímetro do território quilombola elaborada pelo técnicos do INCRA; f) relatório agro ambiental do território proposto; g) pareceres conclusivos das áreas técnicas e jurídicas. Na fase 3 ocorre a publicação do RTID, momento em que se inicia também o processo das contestações (recursos do contraditório). Após o julgamento, na fase 4, é publicada no D.O.U, pelo presidente do INCRA, a Portaria de Reconhecimento dos limites do território identificado no RTID. A penúltima fase é de desintrusão, por meio de Decreto de Desapropriação por Interesse Social, publicado pelo(a) Presidente da República, quando são feitas as notificações e a retirada dos ocupantes não quilombolas, seguidas de vistorias e avaliações de preço de mercado nos casos de indenizações referentes à terra nua (títulos válidos) e às benfeitorias. Por fim, é feita a titulação pelo(a) Presidente da República, mediante outorga de título coletivo destinado à associação quilombola; título este indivisível, inalienável e imprescritível.

<sup>46</sup> Número do processo 01420.000009/2010. Disponível em: [www.palmares.gov.br](http://www.palmares.gov.br).

eu era um sujeito às margens das múltiplas insurgências e contextos que aqui se passam(vam).

Não posso negligenciar que, ao chegar nestes espaços de debates em Acupe, antes passei pelo espaço da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, lugar onde fui aluna no curso de graduação de Urbanismo e onde pude cursar disciplinas que contribuíram para despertar o meu interesse por contextos e entidades representativas. Estudos que foram relevantes para desenvolver em mim o anseio pela participação<sup>47</sup> ao mesmo tempo em que aprendi a ser participativa. Neste sentido reafirmo que sou um ser em constante evolução, evoluindo e aprendendo no decorrer das experiências vividas.

O componente curricular Introdução ao Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, ministrado pelo professor Dr. Eric Maheu, tinha como objetivo apresentar perspectiva teórico-metodológica que contribuíssem para o processo de conhecimento e interpretação da realidade que resultasse na construção do projeto de pesquisa. Esta vivência formativa me permitiu, numa aula de campo realizada no distrito do Acupe, compreender que o meu desejo não era só produzir uma pesquisa acadêmica<sup>48</sup> sobre meu lugar de origem, mas entender o quanto se ganha ao articular conceitos e a realidade vivida e o quanto são complementares e intrínsecos. Sobretudo, enxergar meus conterrâneos como sujeitos sociais detentores e produtores de conhecimentos e saberes históricos e culturais. Neste caminho encontrei produções acadêmicas<sup>49</sup> que tinham como objeto de estudo os contextos históricos, antropológicos, culturais e geográficos do Acupe.

O outro importante componente curricular que compõe o eixo integrador do

---

<sup>47</sup> A participação popular é uns dos princípios consagrados na Constituição de 1988 e importante na tomada de decisões políticas na observância precisa dos anseios sociais. A participação popular [...] no planejamento das políticas públicas reafirma a importância da gestão compartilhada do espaço urbano entre Poder Público e sociedade civil, de modo a aperfeiçoar a democracia participativa (REIS; VENÂNCIO, 2016. p.1219) Nesse sentido, evidencia-se a importância da manifestação dos cidadãos quando da elaboração ou até mesmo fiscalização de políticas públicas que digam respeito ao desenvolvimento da cidade, em uma verdadeira construção de um espaço de convivência integrador e condizente com a realidade social.

<sup>48</sup> A pesquisa final abordou a feira livre de Simões Filho – BA.

<sup>49</sup> Apresento duas pesquisas que abordaram contextos do Acupe. A primeira pesquisa, ancorada nos conceitos da geografia, é intitulada *Da produção do espaço a construção dos territórios pesqueiros: pescadores artesanais e carcinicultores no Distrito de Acupe – Santo Amaro (BA)*. A autora (RIOS, 2012) buscou identificar e demarcar os territórios produtivos dos pescadores artesanais de Acupe, com o objetivo de ressaltar a importância da regularização fundiária e preservação dos territórios pesqueiros. A segunda pesquisa, cujo título é *Nego Fugido: O teatro das aparições*, foi desenvolvida com base nos conceitos da antropologia e teve como trajetória responder às inquietações do autor (PINTO, 2014) a respeito do que seria esta manifestação cultural “Nego Fugido”, que percorre as ruas do Acupe.

curso de Bacharelado em Urbanismo e que colaborou para o processo de construção desta pesquisa refere-se ao Laboratório Regional ministrado pelo professor Dr. Agripino Coêlho Neto e pela professora Dra. Rosali Fernandes, cuja proposta possibilitou o estudo sobre as diferentes abordagens conceituais do procedimento de regionalização, destacando critérios utilizados pelos planejadores, as características e suas respectivas aplicações, com destaque para os aprofundamentos teóricos e conceituais enfatizando as correlações entre escalas, agentes e processos espaciais envolvidos na produção e na reprodução do espaço, sobretudo, em termos regionais aplicados para instituir a política dos Territórios de Identidade da Bahia. Este componente me possibilitou refletir sobre as feiras livres como elemento comum entre os municípios integrantes do Território de Identidade Recôncavo, que contribui para o dinamismo cultural e econômico.

A mobilidade entre os lugares contribuiu para ampliar e apurar o meu olhar de urbanista, na medida em que compreendo que a existência da diferença exige de mim uma sensibilidade para planejar cidades tomando as suas peculiaridades como pontos de extrema relevância. Com este entendimento faço uso do conhecimento interdisciplinar com a intenção de promover por meio da execução de políticas públicas a equidade social. Para Souza (2011, p. 47), isso é possível para o cientista social, pois o mesmo tenderá

[...] ao lidar com o espaço urbano, a mobilizar o seu conhecimento a propósito das relações e processos sociais (dimensões econômica, política, cultural) e dos condicionamentos espaciais para extrair proposições a respeito de caminhos válidos para mudança social.

Enquanto não ocupo cargo que me permita uma tomada de decisões atribuídas ao profissional urbanista, tomei a iniciativa de criar o projeto Quitanda Rainhas do Mar, que nasceu com um compromisso de priorizar a comercialização de alimentos que possuem uma carga simbólica e identitária. Os mesmos são produzidos por homens e mulheres negras, na sua maioria agricultores, pescadores e marisqueiras. Além desta tentativa de colaborar para o crescimento econômico e social da comunidade, penso que a iniciativa possa servir como incentivo para que outras pessoas acreditem no potencial que existe em si e em nosso território.

Já na Pós-Graduação, no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Estudos Territoriais – PROET, o componente curricular intitulado

“Teorias e Métodos da Análise Territorial”, também ministrado pelo professor Dr. Agripino Coêlho Neto, me ajudou no entendimento de conceitos como território (HAESBAERT, 2009; COÊLHO NETO, 2013), território numa perspectiva clássica (RAFFESTIN, 1993; GOTTMANN, 2012), territorialidades (HAESBAERT, 2017; COÊLHO, 2016) e os seus respectivos processos e conflitos. Entre os conceitos discutidos nesta disciplina, não mais importantes que os demais, destaco as identidades territoriais (HAESBAERT, 1999).

Ao discutir a influência do território na constituição da identidade social, cujas referências espaciais localizam as relações sociais, culturais e políticas, Haesbaert (1999, p. 180) sinaliza que “[...] a (re)construção imaginária da identidade envolve, portanto, uma escolha, entre múltiplos eventos e lugares do passado, [...] nesta perspectiva, ‘a memória é solicitada e reestruturada sem cessar’”. Neste sentido, compreendi através dos elementos definidores das identidades territoriais que, enquanto sujeito inserido na contemporaneidade, sou múltipla por enxergar a completude que existe em minhas trajetórias. Penso que seguindo este caminho, as experiências não são subtraídas; elas delineiam o que Tuan (1983) nomeia como condição de aprender e criar a partir do aprendizado.

Segundo Lélia Gonzalez (1984, p. 224), “[...] o lugar em que nos situamos determinará nossa interpretação sobre duplo fenômeno do racismo e do sexismo” e/ou sobre qualquer outro contexto. O importante é entender que o lugar em que a mulher negra se situa, bem como suas concepções e vivências, são fundamentais para potencializar a própria voz, que normalmente são silenciadas pelo sistema do heteropatriarcado. Fundamentada por esta observação, ser mulher-feirante-negra me coloca num lugar social no qual a partir da minha experiência posso descrever as ações cometidas majoritariamente pelo grupo macho/branco, as quais afetam o dia-a-dia da mulher que trabalha no espaço feira livre.

De imediato, sinto-me na obrigação de fazer deste escrito um espaço de denúncia de cunho social e racial, principalmente em uma sociedade capitalista que por vezes utiliza-se dos fatores gênero e raça para produzir discriminação e desigualdades socioeconômicas. Essas condições contribuem para que atos de violência sejam culminados contidamente contra nós. Neste sentido, sigo a instrução da autora Conceição Evaristo (2006) quando a mesma em seu livro *Beco da Memória* nos ensina através da sua narrativa que a nossa escrevivência não pode

ser lida como história para ninar aqueles que nos oprimem cotidianamente e sim para incomodá-los.

Faço saber que a localização, a depender do ponto de vista, é concebida como uma localização de não-poder, no qual as feirantes ocupam; tal localização não é requisito para sermos julgadas como pessoas despossuídas de conhecimento técnico e científico. Mas parece que o lugar que ocupamos dá margem direta para esta interpretação, visto que há sempre quem questione: “você tem estudos?” “É alfabetizada?” “Procure estudar e sair desta vida?!”. Como se não houvesse a culpabilidade das estruturas estatais. Mais que isso: como se nós tivéssemos que seguir o adestramento social e ter que andar com as credenciais acadêmicas penduradas no pescoço para sermos minimamente respeitadas, não por sermos humanas, mas por cumprirmos as imposições da meritocracia.

Para Gonzalez (1984, p. 224), “[...] o sexismo produz efeitos violentos sobre a mulher negra em particular”. Ele se dá de tal modo que o nosso corpo parece fazer parte das mercadorias colocadas à venda na feira livre, ao ponto de ser tocado e apalpado como se fosse objeto de manuseio coletivo. São tantas situações sorrateiras, camufladas de relações amigáveis que quase não são identificadas como mais uma forma de violência, mas que normalmente se inscrevem como substrato da cultura machista. O entendimento sobre a violência proposto por Chauí (2003), revela que eu tenho tentado a partir da minha experiência de feirante explicar

A violência se opõe à ética porque trata seres racionais e sensíveis, dotados de linguagem e de liberdade como se fossem coisas, isto é, irracionais, insensíveis, mudos, inertes ou passivos. Na medida em que a ética é inseparável da figura do sujeito racional, voluntário, livre e responsável, tratá-lo como se fosse desprovido de razão, vontade, liberdade e responsabilidade é tratá-lo não como humano, e sim como coisa. (CHAUÍ, 2003, p. 42)

A violência ainda me atinge através dos dizeres de/com conotação sexual e convite à prostituição feitos por fregueses que se sentem próximos após compras realizadas constantemente em minha banca, na feira livre de Simões Filho. Por sorte, tenho a memória que, segundo Gonzalez (1984, p. 226), guarda o “[...] não-saber que conhece, esse lugar de inscrições que restituem uma história que não foi escrita, o lugar da emergência da verdade”. E seguindo por este caminho revelo-me

através da narrativa; na verdade, penso que esta narrativa se configura para este presente momento como depoimento representativo, pois posso estar representando não só o meu lugar de mulher-negra-feirante que sofre variadas opressões, mas outras tantas mulheres que passam por situações semelhantes.

“Penteia este cabelo duro”, disse-me um homem branco, de estatura média, cabelo grisalho, de aproximadamente uns 50 anos, enquanto eu fazia a limpeza o peixe de um cliente, na feira livre de Simões Filho. Logo eu, que pensei estar pronta para responder atos de racismo, fiquei tão inerte que não consegui formular nem uma palavra. Não me posicionei como resistente, não fui ao enfrentamento. Lembrome que olhei para o racista, mencionei uma reação e baixei a cabeça, me senti envergonhada, humilhada e violentada. Passei dias remoendo aquelas palavras descabidas e preconceituosas, me questionando sobre o fato de ter agido passivamente com aquele sujeito, que tem em si a permissividade do sistema que o protege. Segundo Jardim (2018),

A violência racista exerce-se antes de qualquer coisa pela tendência de destruir a identidade das pessoas negras, e por meio de um processo de internalização do ideal eurocêntrico, o negro e a negra são obrigados a formularem para si um projeto identitário incompatível com as propriedades biológicas de seus corpos. (JARDIM, 2018, p. 2)

O pior de tudo é perceber que a violência racista abre uma ferida que nunca cicatriza e que não para de sangrar, pois quando não ocorre diretamente em nós atinge alguém da família, um vizinho, um amigo, comunidades inteiras através da negação de serviços de saúde e de equipamentos coletivos. O racismo deixa marcas irreparáveis e condiciona uma batalha invisível, pois há quem diga que no Brasil racismo não existe e é coisa da nossa cabeça.

É preciso ressaltar que a figura da mulher-negra-feirante não é sinônimo de preço barato e nem de produtos gratuitos – pare de chegar colocando valor nos produtos que você não sabe o verdadeiro custo. Outro ponto, tão importante quanto: não roubamos as mercadorias, compramos e revendemos com a margem de lucro que não incluiu o preconceito, que você provoca ao insinuar que “pegamos”. Não confunda pechincha com imposição: cabe a nós decidirmos se existe a possibilidade de um desconto, de oferecer um agrado, pois entendemos, ao contrário do sistema hegemônico, que nem todos têm condições financeiras para suprir necessidades

básicas, e, que pode se tratar de mais um ser oprimido pelas desigualdades socioeconômicas.

Penso que as reflexões que compõem os parágrafos anteriores soam como um discurso contundente, um grito desesperado, um silêncio que precisou ser rompido, pois não há como ignorar esta oportunidade que tenho aqui neste espaço de escrevivência para relatar os percalços da minha condição de mulher-feirante-negra. É complicado trabalhar explicando a origem e justificando os preços das mercadorias. Mais que isso, é perceber que estar na condição de mulher-feirante-negra é ser duas vezes mais resistência, trabalhar preocupada em proteger o meu corpo, a minha sanidade e os meus pertences de modo geral.

Assim, entre conquistas e batalhas, posso ainda afirmar que vivo contrariando as estatísticas a cada vez que ocupo lugares que normalmente não se percebia a presença de mulheres negras. Que os lugares – Acupe, a feira livre de Simões Filho, a universidade, os espaços informais de conhecimentos – e principalmente as pessoas que compartilharam saberes e experiências foram importantes para minha formação enquanto mulher, quilombola, feirante e urbanista, porque nas trajetórias da vida o que vale é a construção coletiva. Como bem ressalta Rilton Júnior (Poeta com P de Preto), quando questiona se incomoda ver “[...] uma preta adentrar os espaços de poder, com um discurso consciente, saudando as pretas que lutaram pela gente” (2019, p. 77).

Portanto, nesse movimento de mobilizar reminiscências cresce em significância o fato de a narrativa permitir que as histórias da pesquisadora percorram as escritas, concebendo suas memórias histórias como um corpo integrado, atuante, participante da pesquisa, de quem conhece e vivencia o cotidiano da feira livre no contexto que é, sobretudo, uma representação da cultura do povo nordestino. Ainda se faz necessário enfatizar a memória como um dispositivo que restaura, territorializa, demarca e desvela as vivências em seus lugares, que ora se cruzam, se entrecruzam e ora se distanciam, simbolizando a construção do reconhecimento identitário que é ao mesmo tempo singular (individual) e plural (coletivo).

Figura 9 – Sem título, pintura acrílica sobre tela.



Fonte: Isabela Seifarth, 2017.

### 3 INCURSÕES METODOLÓGICAS: *a pesquisa e seus percursos*

[...] escrita é a fotografia do saber, mas não o saber em si. O saber é uma luz que existe no homem. A herança de tudo aquilo que nossos ancestrais vieram a conhecer e que se encontra latente em tudo o que nos transmitiram.  
(HAMPATÊ BÂ, *apud* TIERNO BOKAR, 1957, p. 168)

Este capítulo é composto por três seções. A primeira versa sobre o (re)encontro com o objeto de pesquisa. A segunda, nomeada “*A Feira livre de Santo Amaro – Bahia: contextualização*”, aborda os contextos históricos, característicos, demarcação e a discussão sobre os elementos identitários da feira livre. E a terceira seção comporta a trajetória teórico-metodológica da pesquisa.

A epígrafe que abre a teorização deste capítulo me permite pensar que os saberes são supremos na sua essência. Eles existem e são materializados nas pessoas, em elementos e em lugares que a nossa capacidade de entendimento nem imagina. E tão importante quanto é o conhecimento que quando requerido pode provocar questionamentos, os quais tendem a culminar em teorias que ajudam na compreensão do universo.

Por este e outros motivos que a pesquisa sugere que o pesquisador se ponha num processo contínuo de aprendizado, que o mesmo se reconheça como partícula que integra e se apropria dos saberes para compreender a si e a vidas dos sujeitos colaboradores que aceitaram partilhar suas histórias de vida, as quais geraram as narrativas que dão forma ao enredo desta escrita. Ainda neste sentido, vale enfatizar que só o pesquisador tem conhecimento de quantas emoções subjazem às questões teórico-metodológicas durante o tempo dedicado a escrita do texto, buscando manter o rigor acadêmico e a decisão de persistir na busca de informações/dados e elementos que contribuam com o processo criativo da escrita. Para Chizzotti (2006, p. 49), “[...] ainda que pressuponha momentos distintos entre si [na pesquisa], a singularidade de cada momento é arte de um todo, do qual todos são coautores participantes do processo de produção do conhecimento a ser incorporado na ação”.

Começar a pesquisa – seja ela na abordagem qualitativa, quantitativa ou que caminha pelos dois segmentos – é transitar pelo ambiente de tensões, incertezas e inquietações. Lembra bastante a arte da costura, a qual exige experimento, medidas e cortes; uma máquina de costurar que sem as mãos da costureira torna-se uma costura de pontas soltas, sem modelagem, sem bordas, sem ajuste e sem acabamentos. Daí a similaridade entre a arte da costura como arte da escrita: ambas partem do mesmo desejo de construir sonhos e emaranhar histórias (neste caso, os retalhos de tecidos) e ideias (os fios que são entrelaçados). Enquanto que a

costura alinha e remenda tecidos, a escrita alinha frases, modela parágrafos, articula conceitos, reverbera memórias une afetos e os tempos.

Sendo assim, este capítulo descreve o meu encontro com a feira livre de Santo Amaro, a contextualização do *lócus* da pesquisa, abordando questões históricas, culturais, bem como os seus produtos e elementos identitários. Apresenta também o recorte teórico-metodológico, o qual está ancorado num entrelace de proposições dos métodos fenomenológico, (auto)biográfico e inspirado na abordagem da Geografia Cultural.

### **3.1 A Feira livre de Santo Amaro – Bahia: o (re)encontro**

No capítulo 2, narrei como e quando a feira livre se constituiu um lugar (na dimensão física e simbólica) da minha história de vida, passando pelo momento que se torna o objeto escolhido no âmbito da graduação para ser pesquisado e analisado no TCC. No entanto, agora é importante situar o porquê da continuação pelo tema feira livre, no âmbito da pós-graduação, mas em um *lócus* geográfico diferente. Informo antecipadamente que esta escolha é compreendida e sentida como (re)encontro. Pois, segundo Chizzotti (2006, p. 80),

[...] a pesquisa não pode ser o produto de um observador postado fora das significações que os indivíduos atribuem aos seus atos; deve, pelo contrário, ser o desvelamento do sentido social que os indivíduos constroem em suas interações cotidianas.

Ainda era criança quando experienciei pela primeira vez a feira livre de Santo Amaro. Neste tempo, a frequentava esporadicamente na companhia da minha mãe que realizava pequenas compras, e a necessidade de ir a esta feira estava atrelada à falta de alguns produtos na nossa comunidade. Recordo-me com o vigor do agora, que essa ida me causava uma extrema ansiedade, pois nesta oportunidade minha mãe me arrumava com a melhor roupa e colocava fitas coloridas no meu cabelo; parecia uma ocasião importante, de festa ou de celebração. Se era ou não, pouco importava. Eu amava a ideia de pegar ônibus e sentar na janela para apreciar as paisagens do caminho que me levaria para fora da minha comunidade e para dentro de outro lugar, com outras pessoas, cheiros e sons. Isso reverberava em mim sentimentos que ainda não consigo traduzir em palavras, mas com certeza estes

sentimentos me vincularam ao lugar feira livre, sobretudo por ser o lugar substancialmente ligado à coletividade, ao encontro com o outro.

As lembranças das idas à feira livre de Santo Amaro que foram construídas no meu tempo de criança são como lentes que desfocam os rostos, os corpos, as paisagens; não consigo realizar uma narrativa descritiva que caracterize o ambiente e as suas nuances. Em contraponto, tenho em minha memória a voz rouca de um senhor feirante que comercializava carnes, do qual minha mãe era freguesa. Como era de costume, o mesmo contava um fato novo, falava da sua família, tinha uma história para tudo, dizia que eu crescia rápido e sempre colocava na sacola da minha mãe o osso da sopa sem cobrar nada. Sua voz marcou um tempo na minha memória e sua atitude garantiu a nutrição, não só do corpo, como também da relação social estabelecida no lugar da feira livre. Essa narrativa me remeteu aos escritos de Carolina de Jesus (1960), quando a autora documentou no seu diário como ela e outras mulheres atravessaram o cenário da fome tendo a feira livre enquanto lugar da possibilidade do encontro alimentar, ainda que os alimentos estivessem em condição imprópria para o consumo, conforme excerto da sua narrativa:

[...] tem as mães que catam frutas e legumes nas feiras. Tem a igreja que dá o pão. Tem o São Francisco que todos os meses dá mantimentos, café e sabão. Elas vão à feira, catam cabeça de peixe, tudo que pode aproveitar. Comem qualquer coisa (JESUS, 1960, p. 17).

Em virtude do que foi exposto, sinto que a escrita narrativa é força potente que atravessa o esquecimento, o tempo e que ainda permite o cruzamento de vivências que revelam diferentes estratégias de sobrevivência e diversas maneiras de sentir e encontrar o lugar.

E este encontro foi sendo percebido gradativamente, pois já na condição de mulher adulta e antes de me tornar pesquisadora e reconhecer a mesma como meu objeto de estudo, eu pude transitar entre os balaios de camarão defumado, barracas de frutas e verduras e principalmente as de confecções. Era pouco provável resistir ao convite às compras das blusas de R\$ 5,00, shorts, vestidos e calças de variados preços acessíveis. Os chamados dos feirantes eram tentadores – “[...] são peças de roupas baratas freguesas. Tem pra você, pra sua mãe, pro seu filho e até para o embuste do seu marido. São peças que vestem bem. Saiam da frente, que está

*chegando novidade.*” A disputa entre feirantes, ou, o atravessamento<sup>50</sup>, são marcas na oralidade – “[...] primeiro a boca pra depois a roupa. Primeiro o bucho pra depois o luxo”<sup>51</sup>. Esta interação linguística engendrada na feira livre coaduna com estudo da economia das trocas linguísticas de Bourdieu (1998) que versa sobre a produção da troca simbólica, confronto social, mediante o ato da fala. Para o autor, toda expressão linguística é uma troca simbólica, onde se atualizam relações de poder, de força entre os locutores ou seus respectivos grupos.

A prática do fiado<sup>52</sup> (figura 10) que não se vê explicitamente na feira livre, existe na relação entre o feirante e o freguês, cujo laço de confiança foi fortalecido mediante uma rotina de compras, de preferência pelo produto ou alimento ofertado por aquele feirante e pela transformação da relação comercial para uma relação de amizade. Na feira livre a palavra dada ainda tem muito valor; sendo assim, quando o feirante cede o fiado ele acredita na volta do freguês para cumprir com o acordo. O retorno pode ser na próxima compra ou no encontro que não seja necessariamente para adquirir alguma mercadoria, mas que seja, sobretudo, para cumprir com o combinado e assim solidificar a confiança na relação comercial.

**Figura 10 – Fiado, pintura acrílica sobre tela**



**Fonte:** Isabela Seifarth, 2017

<sup>50</sup> “Tá me atravessando?” É o questionamento usado pelo feirante que se sentiu prejudicado pela postura de outro feirante, o qual usou da expertise para tomar o freguês que compraria com o feirante que foi atrevesado, ou seja, perdeu a venda.

<sup>51</sup> Nesta fala da oralidade o feirante ressalta a importância de colocar o alimento como prioridade no momento de fazer a feira.

<sup>52</sup> É uma forma de crédito que o freguês possui para comprar com o feirante, desde que não seja valor muito alto.

Por conta dos serviços prestados, do papel que desempenham e da presença frequente, existem os carregadores de compras que transitam pelos espaços da feira livre com os seus carros de mãos (figura 11) em busca dos senhores e senhoras que fazem uma *feira grande*<sup>53</sup> de alimentos e produtos; esses carregadores também são feirantes que ofertam serviços de carregamento e entregas das mercadorias. Esses trabalhadores começam a lida cedo e sem horário definido para o término; tudo depende do movimento dos consumidores e da oferta/venda dos produtos e neste processo estabelecem relações interpessoais com diferentes sujeitos. Sob a minha perspectiva, estes são os feirantes que mais conhecem as ambiências da feira livre.

**Figura 11** – Carregadores, pintura acrílica sobre tela.



Fonte: Isabela Seifarth, 2017

Ainda que provoque um certo desconforto, o atravessamento é prática comum na feira livre. Os feirantes na tentativa de vender mais e no menor espaço de tempo usam da *expertise*, do barateamento momentâneo da mercadoria com a aproximação de um freguês na banca do concorrente, da propaganda que incita que o produto vendido por ele é melhor do que os vendidos pelos outros feirantes, da explanação que aponta o lugar de origem dos produtos. Por fim, utilizam das estratégias de vendas, que por sua vez viabilizam dinamicidade na feira livre, ou

<sup>53</sup> No popular, fazer uma feira grande significa comprar muito.

seja, reafirmam a feira livre como um lugar de encontros, de cultura de práticas sociais.

Do atravessamento passa-se para a política da boa vizinhança, onde os feirantes cooperam entre si na feira livre. A começar pela montagem e desmontagem das barracas, carregamento, arrumação das mercadorias, do famoso *passa olho aí* enquanto um feirante se ausenta, até na ajuda nas vendas, independentemente das mercadorias disputarem do mesmo consumidor. Vale dizer que apesar da política de vizinhança contribuir para a minimização das dificuldades, esta dualidade é intrínseca a feira livre e reverbera nas práticas cotidianas do ser feirante. Na verdade, a feira livre também revela as diferentes estratégias de (con)vivência a partir dos anseios individuais e coletivos, o que leva a compreender este lugar como resultado das relações sociais; mais que isso, o leva a compreendê-lo como repositório de sentimentos, emoções, saberes e memórias.

E neste ritmo sentia-me envolvida ao contexto que me conformava, ao passo em que me reconhecia como corpo integrante, participante nas trocas simbólicas, a saber: prática da pechincha, muito comum e permitida quando a mesma é entoada de maneira respeitosa. Ainda cabe ressaltar as performances pelos dialetos, expressões culturais que revelavam a confluências de identidades num só lugar, as quais interagem com a minha. Em consonância com Chizzotti (2006, p. 79), “[...] o sujeito-observador é parte integrante do processo de conhecimento e interpreta os fenômenos, atribuindo-lhes um significado”. Com base neste entendimento o autor reitera que o encontro com objeto de pesquisa não é um acontecimento inerte e neutro; o mesmo está possuído de significado, cujas relações concretas são criadas pelos sujeitos. Sendo assim,

A construção do objeto de pesquisa revela-se uma captura: vou ao encontro de minhas marcas, me permito estranhá-las e deixo-me capturar por este objeto engendrado nas múltiplas composições que vou/fui produzindo ao longo da minha trajetória pessoal-profissional. (PÉREZ, 2006, p. 182)

Neste interim, a captura enquanto ação necessária para sentir a feira livre de Santo Amaro como meu objeto de estudo foi mobilizada em dois momentos. Sendo o primeiro quando cursei, na condição de aluna (matrícula especial) a disciplina Rede e Território no Programa de Pós-graduação em Engenharia Civil na Universidade Federal da Bahia – UFBA. Essa disciplina propôs uma atividade que

se referia a um estudo hipotético sobre o impacto territorial sob a hierarquia da rede urbana após a implantação da ponte Salvador-Itaparica. Delimitamos uma área de estudo, definimos a metodologia com base na teoria dos grafos e como resultado descobrimos que Santo Amaro tem uma localização geográfica importante, sendo um nó que ocupa uma posição topológica privilegiada em relação à rede. Com base nesta observação, pensei em estudar as relações engendradas na feira livre desta cidade a partir da rede como ponto de ligação entre os territórios; neste caso, a feira seria um nó<sup>54</sup>.

O segundo momento ocorreu também no âmbito acadêmico, numa tentativa de escrever um artigo que abordasse a feira livre de São Joaquim como patrimônio afro-brasileiro. Em uma das idas à feira de São Joaquim, o cheiro do camarão defumado de imediato me lembrou da feira de Santo Amaro e a partir daquele momento, do sentir um cheiro que para mim era muito familiar e simbólico, as minhas memórias do tempo de criança foram mobilizadas e de imediato voltei o meu olhar para a feira livre de Santo Amaro.

Após um longo período sem frequentar a feira livre de Santo Amaro, voltei a ela em dezembro de 2018. Entre uma compra e outra, tentei conhecer alguns feirantes, preferindo naquele dado momento fazer um recorte racial e de gênero. Conversei rapidamente com algumas mulheres negras sobre a condição e a representação de ser feirante, sobre a importância da feira. Ainda que eu tenha me apresentado também como feirante e santamarense, senti certa resistência e estranheza, mas pude, nas suas narrativas curtas, perceber o quão era diferente aquela feira pela força simbólica que exercia na vida dos seus feirantes e frequentadores. Logo intuí que se tratava de um lugar que poderia revelar suas riquezas e múltiplas identidades ao ser apropriado e sentido.

Antes disso tudo, no meu imaginário vivido a feira livre de Santo Amaro pertencia ao universo dos seus feirantes e frequentadores numa relação estritamente ligada aos laços sociais; a partir dessa compreensão, eu imaginava que a mesma influencia com intensidade na dinâmica da cidade e nas histórias de vidas dos seus cidadãos. E ao ressignificar minhas memórias, ao vivenciar as experiências citadas e por transitar entre as barracas e perceber a mobilização de pessoas

---

<sup>54</sup> Nó é um ponto dentro de uma rede territorial. O nó permite compreender as relações entre os nós importantes das redes e as centralidades territoriais. Ou seja, os nós são pontos na rede que podem definir centralidades urbanas e inferir no seu entorno.

trabalhando cada uma com seu saber e seus alimentos tradicionais, senti ser causado em mim um encantamento, um sentimento de (re)encontro com a minha identidade, a qual sempre esteve presente, mas no entanto não era percebida por estar imersa no contexto de outros lugares.

Neste sentido, ressalto que o meu (re)encontro com a feira livre de Santo Amaro foi traçado desde o início da minha trajetória de vida. Logo, o estranhamento ficaria em evidência se ela não fosse o recorte do estudo desta pesquisa, com a sua tamanha força de provocar metamorfose no lugar e, sobretudo, nas vidas dos sujeitos que a fazem acontecer.

### **3.2 A Feira livre de Santo Amaro – Bahia: contextualização**

Intento, nesta seção, contextualizar a feira livre abordando seu contexto histórico, contemplando informações necessárias para compor a sua caracterização. No entanto, é de suma importância considerar, ainda que de forma sucinta, o histórico da cidade de Santo Amaro tomando como ponto de partida a observação ressaltada por Marengo (2016, p.139) a qual diz que Santo Amaro “[...] se localiza, participa e reproduz o Recôncavo, essa região que contribui para explicar a cidade, ao mesmo tempo que é explicada por ela”. Ou seja, conjunto de formações históricas que se complementam e se configuram em lugares geográficos.

Conforme o IBGE (2010), a cidade de Santo Amaro foi fundada em 1557 às margens do Rio Taripe e foi elevada à categoria de cidade com a Lei Provincial n.º 43, de 13-03-1837 e nesse devir passou por diversas divisões territoriais e, atualmente, possui em números aproximados 60 mil habitantes. Em seu contexto histórico são encontrados marcos que ajudaram a definir a Santo Amaro de hoje. Um dos mais significativos está vinculado às mudanças socioeconômicas que ocorreram em 1950, com a inserção do setor industrial em decorrência da descoberta de combustível fóssil, primeiro em Salvador e depois nos municípios de São Francisco do Conde e São Sebastião do Passé, o que culminou na desintensificação dos antigos centros de produção açucareira (MACHADO, 2009). Essa conjuntura teve como principal desdobramento o crescimento da economia via produção industrial e a

[...] desintegração das pequenas propriedades rurais. Colocando Maragojipe, Cachoeira e Santo Amaro, em situações de polos, onde uma das principais facetas seria oferecer mão de obra não qualificada, dificultando o acesso à cidadania, submetendo sua população à vulnerabilidade nas condições de sobrevivência, pois priorizava as exigências dos complexos industriais, inseridos na nova lógica econômica do capitalismo. (MACHADO, 2009, p. 35)

As consequências apresentadas por Machado (2009) fizeram emergir “[...] questões sobre como a população do Recôncavo e a região Recôncavo – como espaço vivido – sobreviveram” (MARENGO, 2016, p.144). Segundo o autor, não houve de imediato o que normalmente ocorreu no período da industrialização, ou seja,

[...] trabalhadores não emigraram, especialmente aqueles que não apresentavam qualquer tipo de qualificação, já que dificilmente conseguiriam vender sua força de trabalho. Esses trabalhadores permaneceram no Recôncavo onde poderiam ‘se virar’, seja graças à roça de subsistência (de caráter familiar), seja graças ao extrativismo vegetal e/ou animal que conseguissem realizar. A essa dimensão, de subsistência, associamos uma instituição do Recôncavo, fundamental para a realização das trocas: a feira. No período de estagnação, a feira mostrara-se importante em diversos momentos da reprodução socioeconômica do morador de Recôncavo, dessa forma, por exemplo, as feiras semanais das cidades do Recôncavo tornaram-se importantes, porque nelas aqueles produtos adquiridos, via agricultura familiar e extrativismo, tinham a oportunidade de serem comercializados. Mas outras relações de troca, além da material, se realizavam na feira. Sua sazonalidade, semanal, não impedia que se estabelecessem entre aqueles que viviam da feira e aqueles que a frequentavam, por necessidades relacionadas ao consumo, relações de intimidade e cumplicidade. (MARENGO, 2016, p.144)

Neste sentido, apresento a concepção sobre feira livre a partir do aporte teórico de Vedana (2004, p.11), o qual considera “[...] as feiras como elemento importante na estrutura social do meio urbano, pois são constituintes de uma dinâmica específica de ocupação do espaço”. Já para Corrêa (2001) as feiras livres no Nordeste Brasileiro são sinônimos de mercados periódicos, estes definidos

[...] como aqueles núcleos de povoamento, pequeno, via de regra, que periodicamente se transformam em localidades centrais: uma ou duas vezes por semana, de cinco em cinco dias, durante o período de safra, ou de acordo com outra periodicidade. Fora dos períodos de intenso movimento comercial esses núcleos voltam a ser pacatos núcleos rurais, com a maior parte da população engajada em atividades primárias. (CORRÊA, 2001, p.50)

Com base em Corrêa (2001), a feira livre desempenha múltiplas funcionalidades. Dentre elas está a atividade econômica, que sobressai como dimensão central deste espaço, o qual é vital para a manutenção da vida urbana. O autor ainda complementa que

A feira constitui-se em um tipo particular de mercado periódico. Tem como agentes comerciantes, produtores rurais, artesãos e consumidores, sendo eminentemente espontânea. Envolve fluxos de mercadorias, pessoas e informações, e, através dela, realiza-se a integração entre áreas rurais, pequenas, médias e grandes cidades [...] é real, material e eminentemente informal, tendendo a ser hierarquizada, na qual há centros com comércio atacadista para os feirantes e centros onde há apenas varejistas-ambulantes [...] a velocidade de seus fluxos é lenta e sua frequência é periódica. (CORRÊA, 2001, p.113)

Tais considerações coadunam em parte com as características de ocupação da feira livre de Santo Amaro (figura 12) que possui cerca de 600 feirantes<sup>55</sup> (entre feirantes fixos e transeuntes) e aproximadamente 224 barracas, que ocupam parte da área histórica da Rua Presidente Vargas a partir da Ponte do Moringa até as proximidades do Convento dos Humildes. Transcende para Rua do Cigano, os becos e as pontes servindo como ponto de integração entre as ruas citadas. Os dias de maior movimento de pessoas, feirantes locais e oriundos de outras localidades são as segundas-feiras e os sábados; porém, a feira acontece entre ritmos diferentes – ora mais intensos ora nem tanto – de domingo a domingo, mantendo sua presença constante no espaço que ocupa.

A feira livre de Santo Amaro tem esta característica de ser presente, sem sazonalidade, como uma residência que ocupa um espaço independentemente do tempo e do período. Ela funciona, existe e se transforma em cores diversas acompanhando o ritmo da natureza. Há estações em que haverá mais flores, noutras mais de determinados tipos de frutas e verduras. Seus sons correspondem a períodos festivos, como por exemplo, a musicalidade dos atabaques, estes tocados durante o Bembé do Mercado<sup>56</sup>; no entanto, as vozes que dinamizam e veiculam saberes, sotaques, dialetos estão na feira livre contidamente. Sendo assim, em

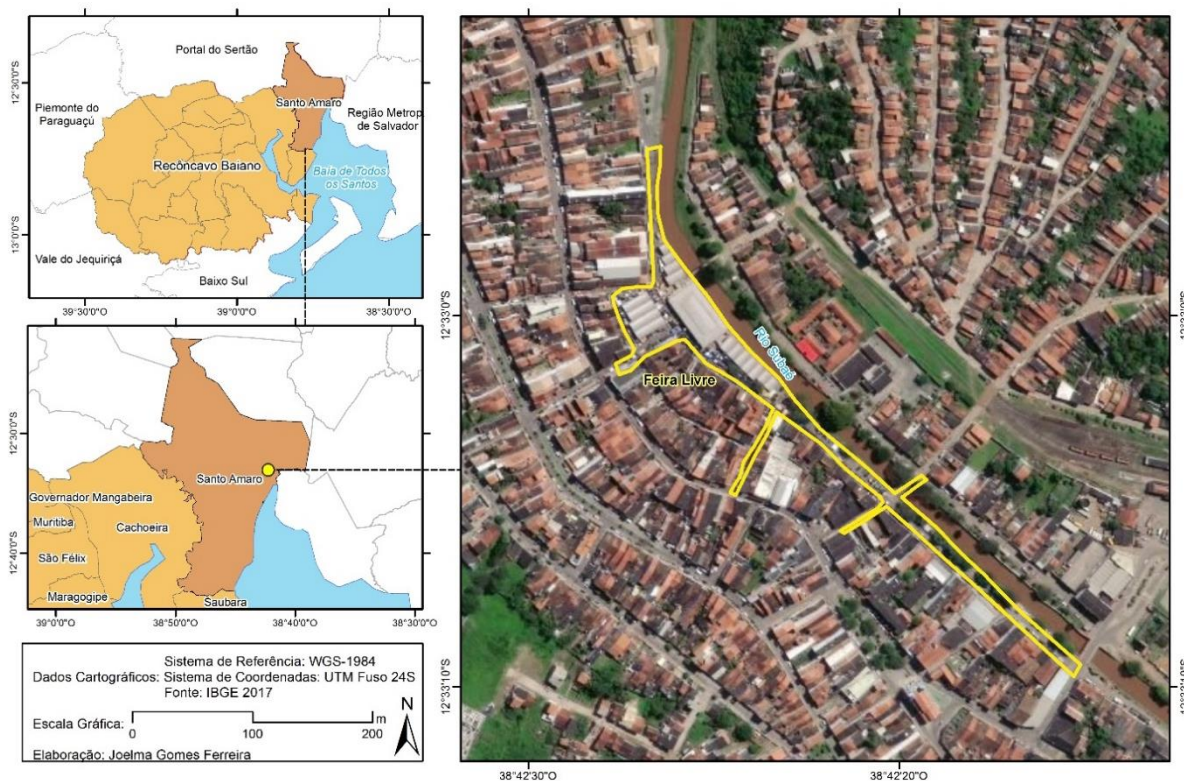
---

<sup>55</sup> Com base na informação cedida em entrevista com o fiscal que não quis ser identificado, o quantitativo de feirantes e barracas é impreciso. O motivo desta falta de organização não foi mencionado. Ficou subentendido que há uma quebra no processo de gestão da feira livre ou que a mesma não ocorre como deveria ocorrer.

<sup>56</sup> Abordado posteriormente.

Santo Amaro todo dia é dia de feira.

**Figura 12 – Localização da área de estudo: Feira de Santo Amaro**



Fonte: IBGE, 2020. Elaboração: Joelma Ferreira

Porto (2005), em seu estudo sobre a configuração espacial e a produção das principais feiras livres dos municípios de Maiquinique, Macarani, Itarantim, Itororó e Itapetinga (Região Sudoeste do Estado da Bahia), menciona a diversidade de práticas, de costumes e de valores que emergem dos contextos sociais e culturais que são produzidos pelos sujeitos que movimentam a feira livre em diferentes ritmos, espaços e tempos. Para o autor, as feiras livres brasileiras que ocorrem no espaço urbano resistem ao modo de produção do circuito superior da economia ao manter suas características tradicionais. No entanto, “[...] de forma lenta ou não, acompanham as transformações ocorridas na produção e distribuição dos produtos, no campo e na cidade” (PORTO, 2005, p.26).

Sobre as feiras livres nas cidades do Recôncavo Baiano, Dias (2019, p. 42), afirma que a de Santo Amaro é

[...] certamente a maior do Recôncavo. É, sem dúvidas, um fenômeno urbano de rua singular, reunindo pessoas de diversas

cidades num convívio social da mais alta urbanidade, em meio a uma ambiência urbana e ambiental definida.

A feira livre de Santo Amaro também perpassa por cenários de mudanças, em decorrências das implantações comerciais nos casarões históricos que ficam localizados nas ruas onde ocorre a feira livre. Para Dias (2019), estas mudanças são reflexos da falta de políticas públicas efetivas que visem à conservação ou até mesmo a preservação do patrimônio arquitetônico da cidade.

Em seu estudo geográfico, Marengo (2016), alicerçado em Silveira (2011), qualifica a feira livre de Santo Amaro como uma feira regional, tal equivalência está baseada nos seguintes critérios: o primeiro se refere às características típicas da região do Nordeste; e a segunda “[...] pela influência que as mesmas possuem nos aglomerados populacionais do entorno” (p. 223). Acrescento ainda o fato de a cidade estar localizada numa posição geográfica importante, que permite acesso para outros municípios. Mediante este contexto,

A feira atual demonstra sua capacidade de polarização de comerciantes e consumidores que convergem para a mesma toda segunda-feira, vindos de várias povoações, cidades, distritos e aglomerados populacionais próximos e não tão próximos. Para a feira regional de Santo Amaro convergem pessoas vindas dos distritos e povoações de São Francisco do Conde, Saubara e do próprio município de Santo Amaro. (MARENGO, 2016, p. 224)

Não há dados precisos que definam ao certo quando começou a atividade da feira livre em Santo Amaro, mas há evidências de que essa movimentação se iniciou século XIX. Associa-se o seu surgimento aos seguintes fatores: o primeiro está vinculado ao de localização, em virtude de o Rio Subaé (figura 13) ter servido como interligação das localidades da região e o escoamento dos produtos agrícolas, constituindo-se como demarcadores das ocupações e organizações espaciais e territoriais dos povoados e vilas (MARENGO, 2016). E o segundo está atrelado ao fator econômico. Dias (2019) informa que o comércio de rua que ocorria em 1884 na atual cidade de Santo Amaro era geralmente feito por negros libertos e pelos negros que ainda viviam no regime da escravidão. É sabido que a comercialização dos alimentos acontecia sob a vigilância dos donos de escravos, papel desempenhado desde o Brasil Colonial. O autor ainda ressalta que

A Feira Livre esteve presente nas cidades brasileiras desde a Colônia, como forma de abastecimento das populações urbanas ou

como base de renda das populações rurais, em especial dos escravos negros que construíram relações de trabalho diferenciadas com os senhores de engenhos do Recôncavo Baiano. (DIAS, 2019, p. 5)

Na confluência destas observações, Paul Claval (2012, p. 21 *apud* VASCONCELOS, 2002) afirma que “[...] os escravos de ganho estão na origem da economia informal e do habitat precário na cidade brasileira, cuja paisagem eles vão marcar de modo profundo”. Com interpretação semelhante, Fraga Filho (2006) destaca que as feiras livres são compreendidas como lugar de importância para as práticas econômicas e sociais, pois

Frequentar as feiras locais dava aos escravos roceiros a oportunidade de ter acesso a dinheiro e a bens que não eram produzidos nos engenhos. Nas feiras, os cativos estabeleciam relações com escravos e libertos de engenhos vizinhos, criavam redes de amizade e comércio com gente da cidade e com marinheiros dos portos que transportavam os produtos das roças para o mercado urbano. Essas relações poderiam ser acionadas no momento em que decidissem fugir do domínio dos senhores, para questionar a legitimidade de sua escravidão. (FRAGA FILHO, 2006, p. 43)

É importante considerar os contextos históricos, pois eles são suportes indispensáveis para analisar as relações de forças existentes entre a identidade e o lugar feira livre, por serem, sobretudo conceitos distintos, mas que de alguma forma se completam para uma análise mais contundente das questões que envolvem a conformação de lugares com protagonismo do povo negro.

**Figura 13** – Saveiros ancorados no rio Subaé, próximos à ponte que atualmente é chamada de Ponte da Moringa. Primeira metade do século XX.



Fonte: Marengo, (2016, p 159)

Marengo (2016) enfatiza em sua tese que não teve acesso a registros escritos que datassem a origem da feira, nem de forma aproximada. No entanto, com base numa fotografia do antigo edifício do mercado municipal que está associada ao final do século XIX (figura 14), pôde identificar um indicativo que contribuiu para conceber a referida feira para antes deste período. Mas independentemente de ter ou não a resposta para demarcar sua origem, o que importa é saber que sua presença resiste aproximadamente há três séculos. Tornando-se o que Dias (2019) compreende como sendo lugar de diversas realidades, ou seja, da experiência cultural, territorializado, majoritariamente, pelo povo negro.

**Figura 14** – Antigo Mercado Municipal de Santo Amaro



**Fonte:** Autoria desconhecida. Sem data. (MARENGO, 2016, p. 224)

No espaço da feira livre de Santo Amaro localiza-se o atual Mercado Municipal (figura 15), conhecido como o Mercado da Farinha, local cuja parte interna é dividida por pequenos empreendimentos comerciais que mercam<sup>57</sup> comidas e bebidas. No seu centro, são colocadas as sacas de farinha, feijão e milho, comercializadas no atacado e no varejo; já na parte externa existem os pontos de açougues e outras barracas com diversas mercadorias montadas à frente do mercado pelos feirantes.

Normalmente, nos finais de semanas, o Mercado da Farinha é compartilhado para a realização de eventos acadêmicos e culturais<sup>58</sup> promovidos pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB, por meio das ações do Centro de Cultura,

<sup>57</sup> O mesmo que ofertar e comercializar.

<sup>58</sup> Por exemplo: O encontro de compositores do Recôncavo.

**Figura 15 – Atual Mercado Municipal de Santo Amaro**



Fonte: Acervo da pesquisadora. Dez. 2020.

Os alimentos comercializados preenchem de cores e cheiros (figura 16) a feira livre, uma combinação que cria paisagem cíclica, pois a mesma vai mudando no decorrer das vendas. De repente, a banca sortida de sabores passa oferecer no

---

<sup>59</sup>CECULT – Santo Amaro consta no projeto inicial de implantação da UFRB (criada pela Lei no. 11.151, conforme Diário Oficial de 29 de Julho de 2005). Essa conquista se deve, fundamentalmente, às estratégias, ações e compromissos acadêmicos, associados às lutas sociais por educação. A criação do CECULT simboliza a política de crescimento do país no governo de 2004, que colocou como questão central a educação superior, o ensino, a pesquisa, a extensão, a ampliação de oportunidades e inclusão social, com vistas a intensificar a formação cidadã e profissional no interior da Bahia. O CECULT representa uma experiência pioneira, inspirada nos estudos interdisciplinares nos campos da cultura, das tecnologias, das linguagens artísticas, da engenharia do espetáculo e da economia criativa. Formações, produtos e serviços oriundos dessa proposta impactarão a dinâmica social e econômica da região e do estado da Bahia. Notadamente, por constituir um novo campo de desenvolvimento associado à vocação, aos padrões de criatividade e inovação dos aspectos regionais mais diretamente ligados à cultura. Trabalha com os seguintes conceitos: estímulo à inovação tecnológica associada às áreas artístico-culturais; o processo de inovação tecnológica nas artes, particularmente, dos espetáculos, resulta na necessidade de desenvolvimento de novas especializações profissionais. Esse campo tecnológico pode ser categorizado em termos conceituais e metodológicos, condição para integrar a academia nas suas indispensáveis funções de produção e reprodução (ensino e pesquisa) de conhecimento, bem como no desafio da extensão inovadora; o novo centro de ensino da UFRB tem como finalidade a produção intelectual institucionalizada considerando o estudo formal, sistemático das questões, temas e problemas relevantes para a formação do educando, para o desenvolvimento da cidadania, para qualificação no trabalho e, em específico, para o aprendizado e invenção de tecnologias aplicadas à produção cultural; e promoverá formação através do ensino de conhecimentos culturais, científicos e técnicos; do trabalho de pesquisa visando o desenvolvimento científico e tecnológico; da criação, produção e difusão da cultura; da promoção da extensão em conexão com as experiências e tradições da região. Disponível em: <https://ufrb.edu.br/cecult/conheca-o-cecult>. Acesso em: 06 de maio de 2020.

final do dia a xepa, ou seja, a sobra dos alimentos não vendidos por um preço mais em conta.

**Figura 16 – Vários tipos de pimentas**



**Fonte:** Acervo da pesquisadora. Dez. 2020.

Em visita de campo, as carnes secas (figura 17) chamam atenção por serem uns dos alimentos mais ofertados na feira. Em conversas com alguns feirantes fui informada que a carne de fumeiro é a mais procurada em virtude de o sabor ser mais apurado e por possuir uma quantidade mínima de gordura. Mas de modo geral todas as carnes são bem vendidas e garantem uma rentabilidade suficiente para renovação do estoque, bem como para manter as melhorias na casa, nos estudos e para adquirir bens materiais.

**Figura 17 – Variedades de carnes secas**



**Fonte:** Acervo da pesquisadora. Dez. 2020.

O mesmo não ocorre com outros produtos, a exemplo das sandálias de couro (figura 18), do chapéu de palha, da colher de pau e outros utensílios (figura 19). Por estarem inseridos numa outra cadeia de consumo que corresponde a de bens duráveis, não possuem uma procura constante a qual permita volume de venda que proporcione impactos significativos na vida dos feirantes. Eles informam que o valor arrecadado com a comercialização dos produtos garante o sustento e o pagamento de algumas despesas, mas que se faz necessária a realização de outras atividades para suprir as demais obrigações.

**Figura 18 – Sandálias de couro**



**Fonte:** Acervo da pesquisadora. Dez. 2020.

**Figura 19 – Artigos diversos**



**Fonte:** Acervo da pesquisadora. Dez. 2020.

O fumo (figura 20) viu no Brasil, sobretudo na Bahia, o berço da sua lavoura, a fumagueira, uma importância significativa para o seu crescimento econômico, sendo responsável pela geração de emprego e renda e da metade do século XIX até a década de 1960, quando houve o declínio na produção, segundo (MESQUITA; OLIVEIRA, 2003). Para Mesquita e Oliveira (2003) o fumo serviu como base econômica para municípios do Recôncavo Baiano, como por exemplo: Cachoeira, São Felix e Maragogipe, dentre outros. Contribuiu também para formar “[...] uma verdadeira cultura do fumo, cujos reflexos se estendem até os dias atuais, moldando costumes, comportamentos, relações econômicas, sociais e políticas.” (p. 31)

Na feira livre de Santo Amaro a presença do fumo, do charuto e do cachimbo representa um produto cujos consumidores, segundo informação colhida na pesquisa de campo, são em sua maioria idosos que costumam mastigá-lo como fonte de energia, pescadores que acreditam que carregá-lo na canoa e jogar na água atrai sorte e proteção e os povos de santos que o utilizam em suas oferendas e festividades.

**Figura 20** – Fumo, cachimbo, charuto



**Fonte:** Acervo da pesquisadora. Dez. 2020.

O peixe moqueado (figura 21), que aparece na epígrafe – fragmento da canção do compositor Roque Ferreira –, é um alimento que expressa a lida que envolve mulheres e homens que possuem uma relação com a prática da pesca artesanal e com a tradição de limpar, salgar e expor o peixe ao sol em cima do

moquém<sup>60</sup>. Para a historiadora Merlo (2011), a arte de moquear representa um processo que comporta memórias, identidade territorial e contextos identitários dos sujeitos sociais que vivenciam e produzem valores culturais pelo modo de fazer os alimentos. A autora ainda reforça que “[...] a tradição alimentar constitui-se numa importante representação étnica, permeando o imaginário pelos sentidos do olfato, do paladar, do gosto e da visão” (MERLO, 2011, p. 29).

**Figura 21 – Peixe moqueado**



**Fonte:** Acervo da pesquisadora. Dez. 2020.

De toda maneira, os alimentos constituem um dos elementos identificadores de uma cultura no lugar feira livre, pois cada um deles é referência do seu lugar de origem, exercendo forte influência na construção socioeconômica, simbólica e cultural. Ainda vale enfatizar que há outra intenção envolta do alimento comercializado/consumido na feira livre, a qual é identificada por Merlo (2011) como a sensação de consumir a tradicionalidade através dos alimentos. Ainda, para a autora “[...] o consumidor procura não somente uma experiência tradicional, mas também uma certeza no tempo; ele quer desfrutar do sonho tradicional, de igual maneira todas as vezes que sentir vontade” (MERLO, 2011, p. 35). Em virtude desta concepção o ato de consumir o pastel da feira (figura 22) exemplifica esta experiência alimentar, observada nas visitas de campo na feira livre de Santo

<sup>60</sup> Na língua Tupi Guarani, moquém significa secador (MERLO, 2011).

Amaro. Vedana (2008) ressalta que a experiência alimentar se constitui no elo importante para o organismo, pois,

[...] sem a referência simbólica construída no corpo não é um organismo humano. O corpo vincula-se à dimensão simbólica da vida humana e é desta forma que alimentar o organismo passa pela mediação da cultura que alimenta o corpo. Ou seja, as formas do ato alimentar e tudo que o envolve (aquisição de alimentos, escolhas, preparação das refeições, comer sozinho ou em grupo, compartilhar sentidos e sentimentos) são essencialmente culturais, envolvem representações e significações específicas. (VEDANA, 2008, p. 223)

**Figura 22 – Pastel da Feira**



**Fonte:** Acervo da pesquisadora. Dez. 2020.

No espaço da feira livre acontece o Bembé do Mercado (figura 23), festa que recentemente foi reconhecida como Patrimônio Cultural do Brasil pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) como marco sagrado que reafirma a importância da celebração que guarda memórias coletivas das comunidades tradicionais negras residentes na cidade de Santo Amaro e adjacências. Seus membros utilizam-se dos referenciais civilizatórios de matrizes africanas para dançar, tocar o atabaque, rezar, cultuar a ancestralidade e festejar a conquista dos seus antepassados.

Segundo Machado (2009), o Bembé do Mercado acontece anualmente desde o dia 13 de maio de 1889, com um cortejo que percorre as vias que dão acesso à cidade, fixando-se na feira livre, momento em que a feira livre é dada pelos participantes como um espaço sagrado por receber e guardar, de forma simbólica e rítmica, os festejos da religião de matriz africana. Segundo Holzer (2013), eventos e ações são significantes somente no contexto de certos lugares, pois através deles ganham tonalidades e são influenciados pelas suas ambiências, seus contextos históricos e pela força que emerge dos seus cidadãos.

**Figura 23** – Festa do Bembé em comemoração ao 13 de maio



Fonte: Google Imagens, 2019.

Com base na observação de Carlos (2007, p. 46), as manifestações culturais servem para avivar a memória, reacender a força coletiva, tornar possível o reencontro dos grupos de negros, bem como uma oportunidade de articulação e assim “[...] manter-se unidos em torno dos símbolos evocados. Por outro lado, estimula o desenvolvimento de lideranças, o que motiva a conservação de sua dinâmica interna”. Além da reminiscência da luta pela abolição, o Bembé do Mercado serve para reavivar a memória histórica ao criar uma identidade no lugar.

Tuan (1983), explicando o lugar enquanto categoria de análise geográfica, enfatiza o conteúdo simbólico, uma vez que se contempla tanto sua objetividade quanto as relações intersubjetivas que o caracteriza. O referido autor também coloca a contribuição do lugar para a construção da identidade; logo, a partir desta percepção, a feira livre é concebida numa escala onde a experiência e a proximidade entre as dimensões materiais e imateriais que fortalecem a construção identitária.

Vale ressaltar que essa caracterização foi pautada questões históricas, bem como os processos sociais, alimentos, produtos e manifestação cultural, os quais contribuem na composição das relações identitárias e de pertencimento com o lugar feira livre.

### *3.2.1 Elementos identitários da feira livre de Santo Amaro: expressões culturais*

Quando comecei os estudos sobre os contextos identitários da feira livre de Santo Amaro, tomei como ponto de partida o dicionário português para encontrar os significados das palavras contexto e identitário. A primeira significa inter-relação de circunstância que acompanham um fato ou uma situação. Já a segunda é compreendida como um conjunto de características que define e caracteriza algo ou alguém, diferenciando esta pessoa ou coisa dos demais. Logo, a junção das duas palavras alcança uma certa praticidade que colabora para identificação dos elementos identitários; todavia, com base no conceito de identificação (HALL, 2007), de tradição viva (HAMPATÉ BÂ, 2010); (SANTOS, 2015) e nos aspectos culturais (CORRÊA, 2009), também se deu a demarcação de alguns elementos e a resposta para a pergunta norteadora desta subseção: quais são os produtos e alimentos que carraegam/demarcam elementos identitários que retratam a cultura presente na feira livre de Santo Amaro?

Esta reflexão permitiu inúmeras possibilidades de abordagem, mas a construção seguiu primeiramente pelo caminho fundamentado na concepção de Hall (2007), quando não por acaso o referido autor analisa a construção identitária como uma relação atrelada à diferença. Sendo que a “[...] identidade é a referência, é o ponto original relativamente ao qual se define a diferença” (HALL, 2007, p. 76). Concomitantemente, esta relação é condicionada ao um processo que

[...] seria preciso considerar a diferença não simplesmente como resultado de um processo, mas como o processo mesmo pelo qual tanto a identidade quanto a diferença (compreendida como aqui como resultado) são produzidas. Na origem estaria a diferença – compreendida, agora, como ato ou processo de diferenciação. (HALL, 2007, p. 76)

Para o processo de diferenciação, percorri o segundo caminho, que consistiu na compreensão “[...] dos sistemas de significação nos quais adquirem sentido. Não são apenas seres da natureza, mas também da cultura e dos sistemas simbólicos que a compõem” (HALL, 2007, p. 78). A abordagem cultural baseada na análise dos processos culturais ou socioculturais colaborou também neste sentido, pois segundo Claval (2008, p. 27) “[...] ela permite levar em conta o papel das representações, a dimensão subjetiva da percepção, o papel da emotividade, dos sentidos e da significação do corpo na vida humana e social”. Acrescento ainda a tradição viva que são saberes ensinados através da oralidade, cuja perpetuação manifesta até mesmo nos dias atuais.

Nessas premissas, os elementos identitários seguem neste sentido de angariar símbolos socialmente criados, mediante não só ao processo de classificação, que é um dos pontos centrais da vida social segundo Hall (2007). Aqui “[...] entendido como um ato de significação pelo qual dividimos e ordenamos o mundo social em grupos” (HALL, 2007, p. 82). Pode ser entendido também pela forma como a “[...] imaginação reelabora metaforicamente tudo aquilo que os sentidos capturam, criando e recriando significados que enriquecem a compreensão a respeito da existência humana.” (CORRÊA, 2009, p. 4)

Outro ponto tão importante quanto o processo de identificação dos elementos identitários, para além de uma identificação discursiva, seria reconhecê-los

[...] a partir do reconhecimento de alguma origem comum, ou características que são partilhadas com outros grupos ou pessoas, ou ainda a partir de um mesmo ideal. É em cima dessa fundação que ocorre e natural fechamento que forma a base. (HALL, 2007, p. 106)

Isso implicou em interpretar a identificação associada às diversas formas de manipulação que variam de acordo com o modo de produção, as práticas coletivas e os contextos históricos que em si alcançam a dinâmica social e os aspectos culturais. Silva e Mendes (2019) completa que no processo de identificação o saber-fazer também se constitui em uma diferença, à medida que se compartilham as

trocas de saberes e experiências.

No ponto de vista apresentado por Haesbaert (1999), a identificação é um dispositivo de demasiada importância para a concepção da identidade. Posto que “[...] identificar, no âmbito humano-social, é sempre identificar-se, um processo reflexivo, portanto, e identificar-se é sempre um processo de identificar-se com, ou seja, é sempre um processo relacional, dialógico, inserido numa relação social” (HAESBAERT, 1999, p.174). Ainda com base no mesmo autor, “[...] trata-se sempre de uma identificação em curso, e por estar sempre em processo/relação ela nunca é uma, mas múltipla [...]” (HAESBAERT, 1999, p. 175). Neste sentido, o foco da identificação múltipla esteve, sobretudo, na dimensão simbólica constituída pelos sujeitos e pelo modo como se apropriam dos elementos estruturantes da identidade, que por sua vez entrelaça os valores e práticas ancestrais.

Segundo Mello (2008), existe outro traço extraordinário de identificação, o qual diz respeito à força da experiência, do reconhecimento e da sensação de pertencimento desenvolvido pelo contato contínuo como os elementos. O autor ainda reforça que os “[...] símbolos adquirem profundo significado, através dos laços emocionais tecidos ao longo dos anos” (MELLO, 2008, p. 167). Esta concepção assemelha-se com o pensamento ancestral de Hampaté Bâ (2010) sobre a tradição viva e afirma que a mesma é mantida principalmente pela oralidade e pelo modo como os sujeitos se relacionam com os elementos que, segundo a filosofia africana<sup>61</sup>, os elementos têm em si sopro da vida à medida que as ações humanas dotam sentidos e significados.

Vale ressaltar que é bastante comum neste tempo globalizado encontrar uma gama de produtos e alimentos que denotam uma bagagem identitária nos espaços da feira livre independentemente da sua localização geográfica ou mobilidade espacial. Isso vem a ser uma vantagem para aqueles que vivem em lugares fora do seu lugar de origem e uma oportunidade para que outros sujeitos experimentem símbolos e sabores de outras culturas. Convém reconhecer que na feira livre de Santo Amaro não é diferente; nela existem produtos e alimentos dotados de histórias e sabores culturais que pulsam através de uma teia construída por mãos que os

---

<sup>61</sup> Segundo Kakozi (2018, p. 01) trata-se de “[...] uma cosmovisão biocêntrica, que está sempre voltada para fortalecer, cuidar, gerar e transmitir a vida, respeitando todos os seres vivos, humanos e não humanos e tratando os ancestrais como elo de ligação entre os vivos, os mortos e os que ainda não nasceram”. Disponível em:< <https://www.geledes.org.br/filosofia-africana-luta-pela-razao-e-uma-cosmovisao-para-protger-todas-as-formas-de-vida/>>.

produzem e os comercializam.

Por muitas vezes, a presença e constância destes produtos e alimentos os tornam pertencentes às geografias de tal maneira que parecem ser produtos do lugar. No entanto, se sabe que na feira livre existe a comercialização de diversos produtos e alimentos oriundos de muitos lugares, fato que faz emergir o seguinte questionamento: o que existe de diferente nas folhas que curam, o camarão defumado, o fumo de corda, os derivados da mandioca (a maniçoba, a farinha, a massa de tapioca, o beiju), a arte em cerâmica e em cipó, para serem identificados como um elemento identitário na feira livre de Santo Amaro? Vale ressaltar que a identidade tende a ser compreendida dentro de um contexto histórico simbólico-social atemporal, sendo-a também fluida, ou seja, não deixa de ser o que é por não estar localizada no determinado tempo e lugar. Castro (2012) sinaliza que a concepção da identidade como característica múltipla contribui para compreender o dinamismo cultural e os contextos identitários, pois ambos são intrínsecos nas suas relações e “[...] preservam elementos importantes e que representam a ponte entre o passado, o mito fundante e o presente” (p.116). Por sua vez, Claval (2012) reitera que no âmbito da Geografia Cultural os alimentos e hábitos alimentares podem ser compreendidos enquanto elementos estruturantes da identidade, bem como as diversidades de saberes e tradições que representam lugares e grupos humanos.

Segundo Pollice (2010, p. 8), a cidade de Santo Amaro pode ser entendida “[...] como produto de um processo de sedimentação cultural; um processo que tem o seu motor próprio na relação identitária que se instaura entre uma comunidade e o espaço da qual está se apropriando”. Tal concepção considera a possibilidade de compreender a feira livre para além de um tecido uniformizado pelo contexto histórico, elevando o seu entendimento para a dimensão identitária ao se tomar como base a criação de laços a partir de determinados elementos. Segundo Santos (2015), a criação de laços identitários pode ser associada ao que o autor chama de biointeração, o que significa a vivência e comunhão com os elementos e o corpo.

Neste contexto, é possível inferir que a sedimentação cultural no referido município pode ser evidenciada, sobretudo, pela existência de “[...] 60 terreiros de candomblé” (BAHIA, 2012, p.10). Constatação que elevou Santo Amaro como o território com o maior número de terreiros de religião de matriz africana da Região do Recôncavo, segundo o estudo realizado pelo Governo do Estado da Bahia através

da Secretaria de Promoção da Igualdade Racial – SEPRONI, o qual mapeou os espaços de religião de matriz africana dos municípios do Território de Identidade do Recôncavo. Este fato coloca a dimensão religiosa como contexto cultural que explica a formação identitária de um lugar, sendo ele

[...] produto das relações humanas, entre homem e natureza, tecido por relações sociais que se realizam no plano de vivido, o que garante a construção de uma rede de significados e sentidos que são tecidos pela história e cultura civilizadora produzindo a identidade”. (CARLOS, 2007, p. 67)

Cada alimento/produto, que a partir deste momento é identificado como elemento identitário, merecia um destaque em particular pelas suas raízes históricas e culturais, pela influência que exerce no contexto do lugar e pelas relações sociais e econômicas que se firmam entre os sujeitos que vendem e que compram. Porém, direcionei o olhar para uma dimensão que alcançasse os saberes vivos que estão presentes nas tessituras destes elementos identitários, os quais permitiram uma abordagem sobre a coletividade como modo de vida que estrutura e forma identidade.

A produção dos elementos identitários, enquanto prática tradicional, opera na inserção dos sujeitos sociais no contexto da relação de afetividade e de pertencimento. O ato de produzir, atrelado intrinsecamente ao de consumo, se constitui como um dos traços identitários mais significativos (SILVA; MENDES, 2019). Neste sentido,

[...] compreende-se que essa produção ultrapassa em muito o consumo e a comercialização, pois revela também tradição familiar, recordação de cheiros e gostos da infância e se constitui em elemento que possibilita transferência de aprendizados e significados. Representa, assim, ‘saberes e fazeres transmitidos de geração em geração que extrapolam o entendimento de mercado. (SILVA; MENDES, 2019, p. 37)

Os sujeitos que estão na cadeia de produção destes elementos identitários vivenciam práticas organizativas baseadas na coletividade. Juntos processam memórias, histórias, sociabilidades, partilham valores e possuem uma capacidade de disseminar conhecimentos diversos. Em sua pesquisa de mestrado que versa sobre a cerâmica (figura 24) tradicional de Maragogipinho, Simões (2016) ressalta a herança engendrada pelo ciclo da produção artesanal.

Para Simões (2016), a arte em cerâmica<sup>62</sup> produzida tradicionalmente em Maragogipinho expressa a cultura e a identidade do lugar, pois suas tradições, usos e costumes estão presentes na vida cotidiana de tal forma que possibilita e favorece a “[...] transferência de conhecimentos de técnicas, processos e desenhos originais. Sua importância e valor cultural decorrem do fato de preservar a memória cultural de uma comunidade, transmitida de geração em geração” (SIMÕES, 2016. p. 93).

**Figura 24** – Arte em cerâmica: elemento identitário na feira livre de Santo Amaro



**Fonte:** Acervo da pesquisadora. Dez. 2020.

A arte em cerâmica, bem como os demais elementos identitários, estabelecem conexões, diálogos com outros lugares que imbricam histórias diferentes, fortalecem e reconstituem memórias, como por exemplo, as bonecas namoradeiras (figura 25), artesanato mineiro que ocupa janelas e está presente nas feiras livres, inclusive nesta em questão.

---

<sup>62</sup> As figura (24) foi registrada na Ponte da Moringa. As cerâmicas presentes nas fotos são contextualizadas por Marengo (2016, p. 241) que afirma: “[...] a feira é uma referência importante na memória coletiva da cidade. Sobre isso, é válido notar um ponto de venda que nos chamou atenção pela sua permanência. Nesse ponto, o feirante, filho do proprietário original do ponto, vende peças de cerâmica, panelas, pratos e moringas. Daí, possivelmente, o nome popular da ponte (Ponte da Moringa) próxima de onde o ponto existe desde 1946, quando os saveiros ancoravam ali. Era em um saveiro que as peças de cerâmica chegavam para o pai do atual proprietário do ponto, o Feirante III (53 anos). Elas vinham de um distrito – Maragogipinho – que faz parte de Aratuípe, outro município do Recôncavo. Essa conexão entre o ponto e Maragogipinho foi possível graças ao fato de sua família ter parentes naquele distrito.

**Figura 25** – Arte em cerâmica, popularmente conhecida como boneca namoradeira: elemento identitário na feira livre de Santo Amaro



Fonte: Acervo da pesquisadora. Dez. 2020

De modo geral, os elementos identitários, cada um à sua maneira, nutrem aqueles que os consomem, sejam por necessidades fisiológicas, estruturais, para fins medicinais ou ritualísticos. As plantas que curam (figura 26) e alguns utensílios de cerâmicas, por exemplo, são bastantes presentes nas práticas culturais dos povos indígenas e do povo de santo<sup>63</sup>, por ambos acreditarem na importância da natureza para manutenção, continuação da vida, e sobretudo por compreenderem que a força que habita nestes elementos está para além de fins alimentícios, pois também os mesmos são vinculados para a ornamentação, lavagem e purificação dos espaços antes dos rituais religiosos.

No preceito do candomblé, por exemplo, os poderes que existem nas folhas que curam são despertados com rezas e cantigas. “[...] Se me der a folha certa, e eu cantar como aprendi, vou livrar a Terra inteira de tudo que é ruim! Kirimurê” (MORENO NETO, 2017, p. 204). Esta crença demonstra a profunda relação existente entre a representação da oralidade, enquanto base de transmissão de conhecimentos e saberes que geram força ao lidar com as folhas em ritmo que sincroniza a cura. Segundo Moreno Neto (2017), as folhas são elementos importantes para a religião de matriz africana, pois são utilizadas para todos os ritos desde os preparos de banho de purificação para ter a força que habita na natureza à cura de males físicos e espirituais. Esta explicação coaduna com o entendimento de

<sup>63</sup> São pessoas que vivem com base nos ensinamentos e rituais da religião de matriz africana.

Claval (2008, p. 27), ao ressaltar que diante de muitas crenças presentes nos contextos culturais, cabe para o observador, ao tentar compreender o devir do mundo, um deslocamento “[...] dum ponto de vista afastado ou elevado, de um outro mundo. A abordagem cultural analisa, deste modo, a topologia dos algures que permite dar um sentido à vida individual e coletiva: o mundo encantado de espíritos e deuses”.

**Figura 26** – As plantas que curam: elemento identitário na feira livre de Santo Amaro. Feirante que comercializa as plantas, conhecido como Vaqueiro da selva.



Fonte: Acervo da pesquisadora. Dez, 2020

Salienta-se ainda que o encanto pelas folhas é uma prática trabalhada na fase de iniciação dos adeptos da religião da matriz africana, visto que há a necessidade de purificação, do contato com os poderes vitais das folhas e do aprendizado. Moreno Neto (2017) ressalta que no decorrer do tempo o aprendizado se dá sobretudo pela transmissão advinda da família de santo que compartilha com os seus integrantes à medida que os mesmos forem crescendo e se reconhecendo dentro da religião. No entanto, enfatiza a importância do conhecimento propagado pelos sujeitos que lidam diariamente com as folhas em virtude do seu trabalho de erveiros e de seus conhecimentos sobre usos litúrgicos das ervas e experiências na coleta de folhas de axé<sup>64</sup> no mato.

---

<sup>64</sup> São as folhas sagradas.

Nesta ambiência, encontram-se também as rezadeiras ou benzedadeiras, que são mulheres conhecedoras dos poderes de cura através das folhas e das rezas e que no ato de suas ações criam e sustentam crenças; e através da tradição oral também difundem os seus saberes sobre esta prática. Normalmente, elas são indiretamente responsáveis por cuidar da saúde física e espiritual das pessoas que acreditam no poder das folhas e das rezas para curar os variados infortúnios materializados em doenças. Segundo Moreno Neto (2017), as rezadeiras ou benzedadeiras fazem parte da rede que constrói a concepção da identidade coletiva, pois elas acionam símbolos e saber popular, ao mesmo instante que compartilham práticas construídas a partir de valores, crenças e costumes, ancoradas em saberes tradicionais repassados pela oralidade através de gerações.

Chegando neste ponto, a referência simbólica desta identidade atrelada aos elementos identitários se dá de maneira intensa na feira livre de Santo Amaro, em virtude dos contextos históricos culturais realizados pelas comunidades tradicionais negras, pelos povos de santos que estão presentes na formação da feira livre e no consumo dos elementos nela comercializados. É importante ressaltar que essa referência simbólica

[...] mantém uma relação mais direta com a coisa nomeada e ao mesmo tempo, mais carregado de subjetividade, ele teria uma abertura para levar a outros sentidos, indiretos, secundários e, de alguma forma, inesperados. No símbolo haveria sempre um deslocamento de sentido, nunca de todo definido ou explicado. (HAESBAERT, 1999, p.177)

Conforme enfatizado por Hampaté Bâ (2010), na filosofia africana a tradição vida corresponde aos sujeitos que vivenciam o tempo presente, os quais ao se relacionar em um determinado lugar de práticas comunitárias adquirem e disseminam saberes, que segundo o mesmo autor, “[...] foram transmitidos de boca a ouvido, de mestre a discípulo” (HAMPATÉ BÂ, 2010, p.167). Ademais, uma tradição viva pode ser percebida em uma gama de atividades – como, por exemplo, na produção artesanal dos utensílios de cipó (figura 27) –, na qual os artesãos envolvidos na sua arte transmitem a técnica para os membros da família e da comunidade. Voltando-se ao exemplo dos utensílios de cipó, colabora-se para que a tira do cipó se entrelace no ciclo ancestral de existência e significação da experiência, que é essencialmente coletiva e articulada com a natureza. Neste caso,

também se aprende a colher de maneira sustentável o recurso utilizado para a confecção da arte, garantindo por mais tempo o meio de sobrevivência e a perpetuação do saber.

**Figura 27** – Arte com cipó: elemento identitário na feira livre de Santo Amaro



**Fonte:** Acervo da pesquisadora. Dez. 2020.

Outro ponto importante a destacar é a relação homem/natureza, que não deve ser pensada apenas como meio de obter recursos para a sobrevivência (HAMPATÉ BÂ, 2010). Trata-se acima de tudo de cadeia(s) de transmissão de saber,

[...] uma vez que se considera a natureza como viva e animada pelas forças, todo ato que a perturba deve ser acompanhado de um 'comportamento ritual' destinado a preservar e salvaguardar o equilíbrio sagrado, pois tudo se liga, tudo repercute em tudo, toda ação faz vibrar as forças da vida e desperta uma de cadeia de consequências cujos efeitos são sentidos pelo homem. (HAMPATÉ BÂ, 2010, p. 188)

Hampaté Bâ (2010) apresenta um exemplo desta concepção da abordagem da tradição viva para compreender a relação íntima que por conseguinte nos permite o entendimento a respeito dos elementos constituídos de identidade. O referido autor, ao demarcar os ofícios realizados na África, ressalta, entre muitos exemplos, a arte de tecer. Para o autor, o tear expressa a comunhão dos ritmos, ligações simbólicas entre as linhas que se transformam em vestes e o sentimento que

reverbera do corpo do tecelão. De modo descrito e poético Hampaté Bâ narra

[...] a tira de tecido que se acumula e se enrola em um bastão que repousa sobre o ventre do tecelão representa o passado, enquanto o rolo do fio a ser tecido simboliza o mistério do amanhã, o desconhecido devir [...] o trabalho do tecelão representa oito movimentos de vaivém (movimentos dos pés, dos braços, da naveta<sup>65</sup> e o cruzamento ritmo dos fios do tecido) que correspondem às oito peças da armação do tear e às oito patas da aranha mítica que ensinou sua ciência ao ancestral dos tecelões. (HAMPATÉ BÂ, 2010, p.186)

É possível, através da atenção que Hampaté Bâ (2010) atribui aos ritmos, ao funcionamento dos objetos e à relação do corpo com o modo de fazer tradicional, pensar que sua percepção coaduna com a de Santos (2015), que enfatiza a relação social e identitária que é construída em torno do processo de fabricação dos derivados da mandioca nas casas de farinhas. Lugar comum em comunidades tradicionais, cuja reprodução da vida é praticada em volta da força que advém da coletividade natural do dia a dia. Chegando neste ponto, pode ser identificado também como elemento identitário o camarão defumado (figura 28), por participar deste mesmo sistema de relações sociais e práticas coletivamente partilhadas.

**Figura 28** – Camarão defumado: elemento identitário na feira livre de Santo Amaro



Fonte: Registro Edivaldo Bolaji<sup>66</sup> em Acupe, Santo Amaro. Sem data.

<sup>65</sup> Instrumento utilizado para costurar.

<sup>66</sup> Produtor Cultural.

Com a presença marcante, não só na feira livre de Santo Amaro como também nas comunidades tradicionais Acupe e São Braz, o camarão defumado é um dos alimentos que impulsiona o empreendedorismo local, pois, independentemente de estar na feira ou não, ele é encontrado com muita facilidade nas frentes de portas das residências das comunidades citadas, por ser um dos alimentos utilizados no preparo de comidas culturais como o caruru, vatapá, acarajé, dentre outras. Torna-se assim um complemento ou até mesmo a principal fonte de renda para muitas famílias.

De modo geral, os camarões defumados, bem como outros alimentos produzidos no contexto da tradicionalidade, possuem um grande papel na criação de memórias e de significados para os sujeitos sociais, que envolvidos na produção, preparo ou consumo tecem vínculos emocionais que acompanham no decorrer das suas trajetórias de vidas. Nestes alimentos o valor social é imensurável: a sociedade começa com o fomento das práticas culturais, à medida que o ato do consumo toma como requisito esta dimensão.

[...] Dessa maneira, constata-se que esse alimento artesanal é importante tanto para a necessidade de se consumir quanto para a configuração da identidade de grupos sociais. Além disso, esses alimentos têm sido valorizados por pessoas que procuram os produtos tradicionais sem uso de condimentos e aditivos comuns aos produtos industrializados. (SILVA; MENDES, p. 37)

Para Santos (2015), a biointeração está intimamente ligada à experiência e à prática coletiva nos roçados, na pescaria, nas casas de farinhas que produzem farinha, beiju, pamonhas (figura 29), na produção de utensílios de cerâmica e cipó, nas moagens das canas de açúcar para a fabricação da rapadura. Ele enfatiza que a biointeração resulta numa estrutura orgânica social que é composta por mestras, mestres e aprendizes, que desenvolvem as atividades coletivas

[...] compondo e cantando suas lidas e vidas, juntos formando uma grande orquestra que anima a todas e a todos com a música da vida e o movimento desenvolvido pelos que fazem parte desta orquestra formando uma das mais belas coreografias que já pudemos vivenciar. Daí em diante tudo é orquestrado como as demais expressões, inclusive a forma de realização das tarefas e de distribuição dos seus resultados. (SANTOS, 2015, p. 85)

A narrativa de Santos (2015) permitiu compreender que as atividades coletivas entoadas ritmicamente criam movimentos que gera força que potencializam

o encontro, trocas de saberes compartilhados por homens, mulheres e crianças que juntos nutrem de significados a relação construída e mantém enraizados os afetos manifestados e as práticas e saberes sociais da ancestralidade. E é neste sentido que o autor constrói o entendimento da biointeração, ressaltando a relação coletiva com os elementos da natureza como ponto estruturante da vida humana.

**Figura 29** – Beiju, farinha, bolo de puba: elementos identitários na feira livre de Santo Amaro



**Fonte:** Acervo da pesquisadora. Dez. 2020.

As heranças, saberes, práticas que são peculiares de cada cultura e povo são transmitidas de geração a geração através da vivência e, tão importante quanto, pelas narrativas. Segundo Hampaté Bâ (2010), heranças e saberes são transmitidos pelo conhecedor ou pela pessoa mais velha da comunidade/grupo no decorrer da sua prática, por se tratar de uma “[...] ciência da vida cujos conhecimentos sempre podem favorecer uma utilização da prática [...] que consiste em saber como entrar em relação apropriada com as forças que sustentam o mundo visível e que podem ser colocadas a serviço da vida” (HAMPATÉ BÂ, 2010, p.175). A maniçoba (figura 30), por exemplo, é um tipo de comida preparada com a folha da mandioca e carnes secas, que “[...] além de sua composição nutricional, a preparação guarda um grande valor cultural para a culinária do Recôncavo Baiano” (SANTOS; SOARES, 2012, p. 02). As autoras Santos e Soares (2012) ainda ressaltam que a singularidade deste alimento permite o entrelace de raízes históricas e culturais com

relações afetivas, contextos que possibilitam a construção da identidade e o “[...] acesso a um universo social, cultural, histórico e afetivo que é partilhado, construído e representado em torno dessa iguaria (2012, p. 7).

**Figura 30** – Maniçoba<sup>67</sup>: elementos identitários na feira livre de Santo Amaro



Fonte: Acervo da pesquisadora. Dez. 2020.

Os elementos identitários identificados na feira livre de Santo Amaro conferiram um conjunto de representações simbólicas e culturais que engendraram uma rede de significados, produção e consumo. A começar pela memória que se forma no manusear dos elementos identitários e em seguida alcança a tradição que é desenhada em barro, em cipó, nos alimentos derivados da mandioca, a mesma que é transformada em sabores e que fortalece os sentimentos desenvolvidos por cada sujeito que reage de acordo a sua experiência; ou seja, cada corpo imerso nas energias do lugar cria seus próprios vínculos culturais e identitários.

Sendo assim, foi a partir desta relação de importância e de significados criados em torno de alguns produtos que direcionei a identificação dos elementos identitários, tomando o sentimento de pertencimento, de tradição vinculada aos modos de produção dos alimentos e a transmissão do saber como expressões estruturantes desta compreensão. Incluindo, sobretudo, os sujeitos que possibilitam a conexão das expressões culturais com muitos lugares, inclusive, com feira livre.

---

<sup>67</sup> Folha da mandioca.

Em suma, a leitura destes autores (HAESBAERT, 1999; HALL, 2007; MELLO, 2008; CORRÊA, 2009; HAMPATÉ BÂ, 2010; SANTOS, 2015) refletiu o esforço de encontrar um traçado teórico-conceitual que priorizasse a coexistência de concepções desenvolvidas em torno de um entendimento que acionasse a abordagem cultural (CLAVAL, 2008, 2012), esta por sua vez alicerçada na aspiração simbólica, do sagrado, das crenças, e da relação tradicional entre os sujeitos sociais e os saberes que são transmitidos numa vivência ligada a coletividade, para a demarcação dos elementos identitários, os quais representam sentidos e significados múltiplos.

### **3.3 A pesquisa na/sobre a feira livre de Santo Amaro: trajetórias teórico-metodológicas**

A curiosidade humana e o desejo pelo saber, enquanto forças moventes da pesquisa, colaboram para a construção do conhecimento científico, o qual transformam o mundo e os envolvidos durante o processo de investigação. Chizzotti (2006), em seu livro *Pesquisa qualitativa em Ciências Humanas e Sociais*, enfatiza que o pesquisador se mune de instrumentos mais pertinentes para ajudar na leitura e no entendimento do objeto pesquisado. Por estes motivos que intento nesta seção apresentar e estabelecer a conexão entre as teorias e os métodos que nortearam o desenvolvimento da pesquisa. Para Chizzotti (2006), o pesquisador

Nesta tarefa confronta-se com todas as forças da natureza e de si próprio, arregimenta todas as energias da sua capacidade criadora, organiza todas as possibilidades da sua ação e seleciona as melhores técnicas e instrumentos para descobrir objetos que transformam os horizontes da sua vida. (CHIZZOTTI, 2006, p.11)

Está na Geografia Humanista o aporte teórico que subsidiou a escrita deste texto dissertativo, uma vez que compreendendo, conforme sinaliza Holzer (2008), que a Geografia aproximada dos valores humanistas contribuiria para a valorização e conservação do ambiente de um modo geral, já que estaria direcionada para a percepção, para o simbolismo e para a totalidade do ser. Neste caminho Holzer (2003) sinaliza que na primeira metade da década de 70 o nome<sup>68</sup> de Tuan se

---

<sup>68</sup> Holzer (2003) também cita Anne Buttimer (1974,1976).

destaca como o que mais contribuiu na busca por uma identidade própria para a Geografia Humanista, pioneiro no conceito de mundo vivido, o ser-no-mundo, e talvez o mais importante, a identificação do conceito de lugar. Todos estes conceitos foram associados a uma base teórica fenomenológica, utilizando do seu mais alto valor, os sujeitos humanos.

Holzer (2003, p.120) aponta que Tuan

[...] observa que o lugar, na linguagem coloquial, tem dois significados: posição na sociedade e localização espacial. Mas, além destes, tem outro mais profundo: ele possui 'espírito', 'personalidade', existe um 'sentido do lugar' [...] Este sentido do lugar remete-se à apreciação visual ou estética, e também pela audição, olfato, paladar e tato, que exigem um contato próximo e uma longa associação com o ambiente.

Tomando como base a concepção de Tuan (1983), o lugar em seu caráter geográfico é compreendido como um centro de valor, apoio, ações, percepções, emoções, memórias, sentimentos, significações e intenção individual e coletiva, onde se experimenta e vivencia diversidades culturais e eventos que preenchem de significância a nossa existência.

Para Holzer (2013, p.23), o lugar “[...] existem a partir do compartilhamento de experiências entre seres humanos, ou seja, da experiência intersubjetiva compartilhada das coisas e fenômenos para os quais nos voltamos em comum”. Isso supõe um processo de reconhecimento do lugar pela existência dos sujeitos. Sem as relações por eles estabelecidas não haveria talvez a possibilidade deste entendimento. Relp (1976 *apud* HOLZER, 2013, p.23) amplia a noção do lugar analisando-o pelos seus contextos, pensado como

[...] panos de fundo para objetos intencionalmente definidos ou para grupos de objetos ou eventos, ou podem ser, eles mesmos, objetos da intenção. No primeiro caso pode-se dizer que toda consciência não é meramente consciência de algo, mas de algo em seu lugar, e que esses lugares são em grande parte definidos em termos dos objetos e de seus significados. Como objetos propriamente ditos, os lugares são essencialmente focos da intenção, têm geralmente uma localização fixa e possuem traços que persistem de uma forma identificável. Tais lugares podem ser definidos em termos das funções a que servem ou em termos da experiência comunitária pessoal.

Vale ressaltar que esta pesquisa também foi inspirada na abordagem da

Geografia Cultural em virtude dos significados que ela atribui aos lugares mediante a relação humana. Para Corrêa (2009, p. 1), “[...] a produção e reprodução da vida material é mediada na consciência e sustentada pela produção simbólica – língua, gestos, costumes, rituais, artes, a concepção da paisagem, etc”. Neste contexto, ganha importância o ato de pensar a feira livre nesta vertente, cujo propósito é aproximar o real ao construto epistemológico que melhor auxiliam na leitura deste lugar, sem a intenção de pormenorizar as demais ciências.

É importante situar que a Geografia Cultural permite um olhar pautado nos diferentes significados que um dado lugar produz. Isso acarreta numa polissemia de conceitos e sentidos que enriquece a construção analítica do objeto em questão. De acordo com Corrêa (2009, p. 5), “[...] a geografia cultural não é definida por um objeto específico, como a própria cultura, concebida segundo o senso comum ou segundo uma visão abrangente”. Para ele, há diversos caminhos a serem trilhados dentro das concepções da Geografia Cultural, como por exemplo compreender

A natureza e a distância aos lugares e grupos culturais [...]. Ao se considerar o espaço vivido, no âmbito do qual estabelecem-se práticas, percepções, afetividades e distanciamento ao que é estranho, o geógrafo depara-se com significados distintos, segundo cada grupo cultural, face à natureza e ao espaço social. (CORRÊA, 2009, p. 5)

Evidencia-se assim as inspirações que advêm tanto da Geografia Humanista quanto da Geografia Cultural para compor a trajetória teórico-metodológica desta pesquisa, que é sustentada na abordagem qualitativa, a qual “[...] parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito” (CHIZOTTI, 2006, p. 79). Tal inferência eleva a pesquisa qualitativa para um patamar em que o conhecimento está para além de teorias conectadas a dados isolados que não traduz a potência que emerge dos sujeitos. Por isso que

O significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida [...]. Nesses estudos há sempre uma tentativa de capturar a perspectiva dos participantes, isto é, a maneira como os informantes encaram as questões que estão sendo focalizadas. Ao considerar os diferentes pontos de vista dos participantes, os estudos qualitativos permitem iluminar o dinamismo interno das situações, geralmente inacessível ao observador externo. (LUDKE; ANDRÉ, 1986, p.12)

Segundo Holzer (2013), ao ocupar-se do corpo e do espaço em suas investigações filosóficas, a fenomenologia permite uma gama de possibilidades de interpretações do espaço-vívido, exatamente pelo espaço ser relacional e vinculado, sobretudo à experiência dos grupos humanos. De modo semelhante, Marengo (2010) assevera que ao buscar as descrições das essências que compõem as relações humanas, a fenomenologia

[...] parte do entendimento que o ser humano constrói através da consciência, uma relação entre o si (self) e o mundo. Consciência que, por ser fragmentadora, para ser fragmentadora, concebe a separação entre o Eu e o objeto, e comporta, portanto, intencionalidade, visto que a consciência sempre está consciente de alguma coisa. (MARENGO, 2010, p. 64)

Desta forma, ao articular as aspirações da Geografia Humanista com as pretensões da fenomenologia, há uma fusão homogênea nesta relação, visto que ambas são centradas no “[...] estudo da ação e da imaginação humanas e na análise objetiva e subjetiva de seus produtos” (HOLZER, 2008, p. 37). Isso não quer dizer que tanto uma como a outra se complementam nas suas totalidades, mas que refletem uma quebra nos parâmetros cartesianos na leitura dos contextos que são produzidos pelos sujeitos sociais. Chizzotti (2006, p. 80) reforça ainda que

A fenomenologia considera que a imersão no cotidiano e a familiaridade com as coisas tangíveis velam os fenômenos. É necessário ir além das manifestações imediatas para captá-los e desvelar o sentido oculto das impressões imediatas. O sujeito precisa ultrapassar as aparências para alcançar a essência dos fenômenos.

Com o objetivo de responder à questão mobilizadora desta pesquisa – que é: *Quais saberes guardam os sujeitos feirantes sobre a feira de Santo Amaro no Recôncavo Baiano?* –, opto pelo princípio da pesquisa fenomenológica e da história de vida, devido à importância que ambos os métodos compreendem a experiência humana como uma singular fonte de recolha de conhecimento sobre o mundo vivido. Desse modo, compreendo que as experiências das pessoas (feirantes) que compõem o grupo de colaboradores em relação ao lugar (feira livre de Santo Amaro) compõem o mosaico de histórias sobre os modos como os mesmos vivem, experienciam, compreendem e dão sentidos e significados a esse lugar.

Desse modo, sustentada nesta concepção, a ênfase da pesquisa está centrada nas histórias de vidas dos sujeitos que desenvolvem a atividade de

feirante, cuja narrativa individual foi a principal fonte para compreender a feira livre de Santo Amaro a partir das vivências com e neste lugar. Vale ressaltar que a história de vida enquanto fonte de pesquisa privilegia a recolha de dados sobre a vida pessoal dos colaboradores, com destaque para as suas experiências com a feira de Santo Amaro, *lócus* desta investigação.

Para Chizzotti (2006), o ato de narrar sobre os fatos experienciados faz parte da trajetória de qualquer sujeito inserido na dinâmica da vida. No entanto, há fatos e detalhes que se perdem na imensidão dos acontecimentos, mas que podem ser resgatados pela narrativa (escrita e/ou oral) da autobiografia que, segundo o mesmo autor,

[...] é uma história de vida escrita pela própria pessoa sobre si mesma, ou registrado por outrem, concomitante com a vida descrita, na qual o narrador esforça-se para exprimir o conteúdo de sua experiência pessoal. O autor seleciona e analisa fatos, experiências, pessoas e estágios relevantes de sua vida, interpretando sua história pessoal, o contexto e as contingências do curso da própria vida, criando um texto no qual tem voz privilegiada, imprime uma tônica subjetiva aos fatos e pessoas, transita entre real e ficcional, inscreve-se, de modo claro ou latente, me uma realidade social e se constrói como uma individualidade histórica. (CHIZZOTTI, 2006, p. 54)

Como sujeitos de conhecimentos de histórias atreladas à feira livre, cabe para os colaboradores da pesquisa relatos retrospectivos da experiência pessoal, oral, relativo a fatos e acontecimentos que foram e são significativos e constitutivos de sua experiência vivida (CHIZZOTTI, 2006) nos contextos da vida na comunidade e, sobretudo, no lugar da feira de Santo Amaro. A minha intenção foi apreender, a partir das histórias narradas, a(s) maneira(s) pela(s) qual(uais) os feirantes praticam e experimentam os espaços (DELORY-MOMBERGER, 2012) e como isso reverbera no seu saber-fazer cotidiano.

Neste sentido, a história de vida<sup>69</sup> desvela-se como uma oportunidade de evocar memórias; mais que isso, como um gênero fluente em que a perspectiva de vida se mantém em grande evolução, “[...] assumindo formas cambiantes, heterogêneas e controversas de apresentar experiências vividas. Funde-se com ou

---

<sup>69</sup> O uso da história de vida como meio de pesquisa tem uma evolução crescente. É introduzida pela Escola de Chicago, em 1920, e desenvolvida por Znaniesckj, na Polônia. “[...] A partir dos anos 60, a história de vida procura superar o subjetivismo impressionista e formular o estatuto epistemológico, estabelecer estratégias de análise do vivido e constituir-se em método de coleta de dados do homem concreto.” (CHIZZOTTI, 2006, p. 96).

transmuta-se, muitas vezes, em memória autobiográfica”. (CHIZZOTTI, 2006, p. 55)

Quanto ao objetivo geral da pesquisa – que consiste em *compreender como a feira livre de Santo Amaro se inscreve no cenário composto por diversas identidades, a partir das narrativas dos sujeitos que vivenciam este lugar, através das práticas do seu labor* –, a narrativa desempenha o papel principal para o desenvolvimento da pesquisa, visto que segundo Cabral e Sousa (2015, p.15), a “[...] narrativa é constituída de vivências e experiências, adquiridas e construídas no decorrer da história de vida do ser humano que cristalizam e se constituem em imagens que são retomadas em situações cotidianas”.

A narrativa que decorre da entrevista em conjunto com o referencial teórico e a pesquisa de campo são elos que contribuiram para a apropriação dos objetivos específicos, a saber: contextualizar a feira livre de Santo Amaro e suas possíveis insurgências; descrever as comunidades tradicionais que se inter-relacionam com a feira livre de Santo Amaro; identificar os elementos identitários presentes na feira livre de Santo Amaro; conhecer as histórias de vida dos sujeitos feirantes que atuam na feira livre de Santo Amaro; analisar as narrativas dos feirantes sobre a feira livre e as relações identitárias estabelecidas nesse lugar.

No que se referem aos passos metodológicos, o primeiro se fundamentou na construção conceitual que permeou toda a escrita deste texto, sem haver delimitação de um capítulo exclusivamente teórico. Os conceitos de lugar, identidade, memória, identidades territoriais, dentre outros, foram articulados durante a escrita narrativa e analítica, bem como na contextualização do objeto de estudo. A segunda estratégia metodológica utilizada foi a realização da pesquisa de campo com visitas à feira livre; inicialmente na figura de pesquisadora, observando as pessoas circulando entre as barracas, os movimentos dos corpos e das mercadorias, os modos de comercialização dos mais variados produtos, as relações estabelecidas entre os consumidores (fregueses) e os comerciantes (feirantes) e os diálogos sobre a vida. Neste contexto senti odores, vi muitas cores, ouvi muitos fragmentos de conversas, algumas delas atravessadas pelas perguntas sobre os preços dos produtos. É a vida que se vive nesse lugar tão diverso.

No segundo momento, me transverti em consumidora, estratégia utilizada com o propósito de provocar conversas informais com os feirantes e, por meio destas tentar construir vínculos sociais e formar o grupo de colaboradores da

pesquisa, mediante o convite que seria feito posteriormente.

A observação do *locus* da pesquisa é um importante procedimento, uma vez que

[...] tive condições de acompanhar, registrar, descrever e analisar as situações, as narrativas e as ações, interagindo com os sujeitos envolvidos no cenário do estudo, cujo objetivo foi responder às questões e os objetivos que orientaram esta investigação acadêmico-científica. (PORTUGAL, 2013, p. 92)

A partir do procedimento metodológico adotado inicialmente – a observação *in loco* –, consegui compor o grupo de colaboradores. A adoção da observação no âmbito da investigação qualitativa é uma técnica caracterizada “[...] como um recurso indispensável no contato pessoal do pesquisador com o objeto investigado” (PORTUGAL, 2013, p. 89). Para a autora este dispositivo possibilita conhecer, descrever e compreender o que é vivenciado, e neste sentido justifica e valida a inclusão do procedimento no contexto da pesquisa, pois

A observação direta permite também que o observador chegue mais perto da perspectiva dos sujeitos, um importante alvo nas abordagens qualitativas. Na medida em que o observador acompanha *in loco* as experiências diárias dos sujeitos, pode tentar apreender a sua visão de mundo, isto é, o significado que eles atribuem à realidade que os cerca e às suas próprias ações. (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p. 26)

Segundo Lüdke e André (1986, p. 26), é de fundamental importância “[...] acompanhar as experiências diárias dos sujeitos, poder apreender a sua visão de mundo, isto é, o significado que eles atribuem à realidade que os cerca e às suas próprias ações”. Ademais, esta técnica permite que o pesquisador perceba como os sujeitos analisam e/ou concebem as relações identitárias no espaço que vivem e trabalham.

O mesmo ocorre de modo semelhante com a entrevista, em virtude do seu importante papel desempenhado, não apenas nas atividades científicas, como em muitas outras atividades humanas, como a atividade jornalística.

Segundo Lüdke e André (1986, p. 33),

Na entrevista a relação que se cria é de interação, havendo uma atmosfera de influência recíproca entre quem pergunta e quem responde. Especialmente nas entrevistas não totalmente estruturadas, onde não há a imposição de uma ordem rígida de questões, o entrevistado discorre sobre o tema proposto com base

nas informações que ele detém e que no fundo são a verdadeira razão da entrevista.

De certa forma, a entrevista permite uma gama de vantagens e possibilidades sobre outras técnicas de pesquisa. Ela permite a captação imediata e corrente da informação desejada, praticamente com qualquer tipo de colaborador e sobre os mais variados temas. Para Lüdke e André (1986, p. 34), “[...] uma entrevista bem-feita pode permitir o tratamento de assuntos de natureza estritamente pessoal e íntima, assim como temas de natureza complexa e de escolhas nitidamente individuais”.

Neste estudo, considerando os princípios teórico-metodológicos e epistemológicos da pesquisa ancorada nas histórias de vida, optei pela realização de entrevistas narrativas individuais como fonte de recolha de dados que potencializou a apreensão do objeto, uma vez que o mesmo transversaliza a condição ser-fazer(se) feirante no cotidiano da feira livre de Santo Amaro, considerando as narrativas das histórias de vida, as vivências nas comunidades e as situações experienciadas no devir da feira.

Para Jovchelovitch e Bauer (2008), esta técnica da pesquisa qualitativa possibilita um modo singular de “gerar histórias”, ao mobilizar memórias e narrá-las. Num processo de investigação “[...] as pessoas lembram o que aconteceu, colocam a experiência em uma sequência, encontram possíveis explicações para isso, e jogam com a cadeia de acontecimentos que constroem a vida individual e social”.

O grupo de colaboradores é formado por quatro feirantes: Dona Ninha, moradora da comunidade quilombola São Braz; Dona Márcia Ferreira moradora da comunidade de Pedra; Senhor Lucimário, morador da comunidade quilombola Acupe; e o Senhor Manoel, que descreveu sua morada<sup>70</sup> localizada na feira livre. É importante situar que houve uma redução no número de colaboradores da pesquisa, em decorrência do momento pandêmico que atingiu todos os lugares, sobretudo as feiras livres, uns dos primeiros espaços determinado para cumprir medidas restritivas. Com isso a feira livre passou mais de sete meses sem funcionar, o que culminou na diminuição do número de feirantes. Todavia, as histórias de vidas

---

<sup>70</sup> Durante a entrevista narrativa o Senhor Manoel não deixou claro a localização da sua comunidade, em respeito ao seu direito de narrar o que se sente à vontade, não persistir com essa pergunta. No entanto, seu ato de figurar a feira livre como sua morada reflete como uns dos significados mais importantes sobre o lugar, o sentimento de se sentir pertencido e íntimo. Segundo Scarpim e Trevisan (2018), questões como o silêncio e ocultamento são comuns na entrevista narrativa.

destes colaboradores, bem como os seus saberes, transgrediram numa força semelhante à força que permeia e constrói a feira livre, singular, reveladora e potente, cujas narrativas potencializaram a apreensão do objeto delimitado.

As entrevistas narrativas ocorreram majoritariamente na feira livre e na residência do entrevistado, após a devida apresentação da pesquisa e o seu contexto, da universidade e também uma breve exposição sobre o Programa de Pós-Graduação que eu fazia parte. Desse modo, atendo o cuidado defendido por Scarpim e Trevisan (2018), sobre a conduta no trabalho com pessoas vivas, cuja “[...] forma por meio da qual se valerá dos registros orais deve ser pautada no respeito e na seriedade no trato de informações” (p.194). Para garantir a qualidade da gravação das narrativas dos feirantes no processo de realização das entrevistas, utilizei o recurso de gravador de voz digital.

O tempo das sessões de gravação das entrevistas narrativas teve uma duração média de 2 horas (ver quadro 1) para cada colaborador, de um total de 19 encontros realizados em dias de feira livre. É importante atentar que a quantidade de encontros não reflete o maior tempo de recolha de dados mediante relatos sobre as histórias de vida e as vivências/experiências dos feirantes com/na/sobre a feira livre de Santo Amaro. Desse modo, torna-se necessário sinalizar que isso não é relevante quanto ao conteúdo das narrativas. Para este estudo, a memória narrada tem outro sentido:

[...] ela é também a possibilidade do resgate do lugar, revelando-o e dando uma outra dimensão para o tempo. Ainda nas palavras de Saramago ‘foi ontem, e é o mesmo que dizer-mos foi há mil anos, o tempo não é uma corda que se possa medir nó a nó, o tempo é uma superfície oblíqua e ondulante que só a memória é capaz de fazer mover e aproximar’. (CARLOS, 2007, p. 39)

O limite da narrativa, da imersão nas memórias, da transferência dos saberes foi respeitado, e cada interação mútua, sintonizada e harmoniosa contribuía para que as informações fluíssem como águas que brotam das suas nascentes e que percorrem os caminhos numa trajetória marcada pela sua força.

**QUADRO 1** – Síntese espaço-temporal das sessões de entrevistas narrativas

Feirante	Lugar de encontro	Nº de encontros	Tempo
Ana Francisca Neves da Silva	Feira Livre	4	1h 50min
Márcia Ferreira	Feira Livre	4	1h 55min
Manoel Lobo	Feira Livre	5	2h 02min
Lucimário Alves	Feira livre/ Residência	6	1h 59min

**Fonte:** Diário de Campo da autora, 2020.

A realização da sessão das entrevistas narrativas partia sempre do mesmo ponto, que era o informe dos dados biográficos do colaborador (nome, idade, lugar de nascimento e moradia, estado civil, tempo de atividade na feira); posteriormente se buscava a narrativa sobre as memórias dos tempos da infância. Ao tocar neste último, a entrevista narrativa ganhava outras cores, saía de tons cinzentos ao quebrar a preocupação provocada pela expectativa de responder corretamente as questões iniciais e, num toque de magia, formou-se uma aquarela, cujos tons de mar, rios e matas se misturavam como num caleidoscópio. Por consequência, os sorrisos se abriam numa instantaneidade, os gestos corporais intensificavam os movimentos, parecendo retratos de um passado recente; as mãos envelhecidas, marcadas pelo trabalho e pelo tempo cronológico, quando não estavam segurando as mercadorias balançavam no ritmo de uma criança saltitante, brincando numa praça pública. Os olhares carregados de saudade refletiam a passagem do tempo e transpareciam as memórias do passado, um momento inverso que provocou emoções. Segundo Scarpim e Trevisan (2018, p.190), “[...] trabalhar com história de vida é lidar com a experiência pessoal de alguém em seus múltiplos aspectos: sua subjetividade, seu imaginário, seus medos, sonhos, anseios e sentimentos”. E assim, aos poucos fui me apropriado das histórias narradas e me aproximando cada vez mais do outro que se revelava ao se narrar; e do mesmo modo eu me mostrava para eles.

Durante a realização das entrevistas narrativas os saberes, práticas e

concepções sobre o lugar feira livre eram narrados sem incisões e sem direcionamentos condicionados, pois as abordagens evocadas pelos feirantes seguiam feito um novelo que se desenrolava à medida que a bordadeira puxava o fio e ia criando o seu bordado. Assim, um episódio narrado puxava outro, que por sua vez, ao se entrelaçar a outro, aguçava o ato de narrar e as memórias eram mobilizadas. A própria conversa oferecia estímulo para memória; um monólogo no qual eu como espectadora apreciava o outro que se alegrava com as histórias revisitadas. Já as narrativas significativas, dotadas de expressões identitárias, pareciam uma brincadeira, um momento de distração, cujas palavras narradas formavam uma ciranda. Quando o entrevistado deixava de focar na entrevista, ou melhor, quando esquecia que estava sendo gravada a sua narrativa, as memórias sobre os lugares, as pessoas, os eventos, os conhecimentos e saberes brotavam com mais força e naturalidade; e assim os enredos foram criados.

Após a realização das entrevistas narrativas, me atentei para o árduo processo de transcrição e textualização de cada história de vida tecendo as revelações, os saberes, as descrições com os conceitos que fundamentaram a pesquisa e que colaboraram na construção analítica. Vale ressaltar que depois de transcritas e textualizadas as histórias foram lidas por mim, e os colaboradores reagiram positivamente quando ouviram suas narrativas escritas sem inferências. As sessões de leitura e audição das narrativas foram um combinado no momento do aceite do convite para participar da pesquisa.

E é neste sentido de narrar as vivências que a escrita do próximo capítulo começa apresentando o tempo de ontem e o tempo do agora, o tempo guardado nas memórias que retratam experiências das histórias de vidas que são narradas, reveladas e ressignificadas pelos seus atores/protagonistas.

Figura 31 – Mosaico “Identidades em contexto”



Fonte: Isabela Seifarth, 2021.

**4 HISTÓRIAS INVISIBILIZADAS,  
VIDAS NARRADAS:  
*identidades em contexto***

---

“Quem vive do mar, sabe ser, sabe ser grande, sabe ser pequeno. Quem vive do mar, sabe ser, sabe ser grande, sabe ser pequeno.”  
(NATALYNE SANTOS, 2020)

Quem vive do mar e da feira entende a grandiosidade da vida, sabe usar o silêncio ao seu favor quando for para se colocar como aprendiz; sobretudo, sabe fazer uso da voz para transmitir saberes que atravessa a si mesma e quem o escuta, o percebe e o enxerga como construtores de conhecimento. Assim, no que concerne à organização deste capítulo, intento em quatro seções biografar ou emprestar as minhas mãos para transcrever as histórias dos colaboradores da pesquisa, contemplando suas memórias, seus saberes e vivências atreladas às experiências na/com a feira livre de Santo Amaro. Procuo manter a singularidade da vida de cada colaborador, como também tentar capturar a essência do encontro e transformá-la em escrita. Para Bertaux (2010, p. 94),

[...] toda biografia traz a marca da subjetividade do seu autor, com a condição de se reconhecer que é precisamente graças à mobilização de capacidades subjetivas (conhecimento, imaginação, inteligência, reflexão, capacidade de análise, de relacionar, de síntese e estilo narrativo) que uma biografia pode ser escrita.

Portugal (2013) sinaliza que somos partes entrelaçadas como teias de ideias que se cruzam, se entrecruzam e se interligam no decorrer da trajetória que nos (con)formam. Por isso o ato de biografar ou autobiografar-se é um movimento no qual o sujeito é oportunizado a construir um enredo sobre o vivido,

[...] tecendo fragmentos de tantas histórias e experiências que compõem um enredo que possibilita compreender os caminhos percorridos (ou quem sabe, ainda a percorrer) para buscar anunciar os modos e os repertórios de histórias que se entrelaçam nesta composição. (PORTUGAL, 2013, p. 42)

O acesso às histórias de vida se deu por meio da entrevista narrativa, técnica de pesquisa que segundo Jovchelovitch e Bauer (2008, p. 92)

[...] não é apenas a listagem de acontecimentos, mas uma tentativa de ligá-los, tanto no tempo quanto no sentido. Se nós considerarmos os acontecimentos isolados, eles nos apresentam como simples proposições que descrevem acontecimentos independentes. Mas se eles são contados estruturados em uma história, as maneiras como eles são contados permitem a operação de sentidos do enredo.

A entrevista narrativa, enquanto dispositivo de recolha de dados, possibilitou o direcionamento para a apreensão das respostas das seguintes questões: como as histórias de vidas e memórias dos sujeitos feirantes podem contribuir para compreender a feira livre? Como as vivências no lugar feira livre contribuem para a

construção da identidade do sujeito feirante? Como os feirantes da feira livre de Santo Amaro dão sentido às suas experiências a partir da mobilização de saberes ancestrais? É importante ressaltar que o contato com o outro mediante a entrevista narrativa fez emergir a atenção voltada para o registro das “[...] pausas, os silêncios, os gestos, as expressões faciais, os movimentos corporais [...] indícios não verbais que também sinalizam, retratam e reafirmam as histórias narradas e que possibilitam outras leituras”. (PORTUGAL, 2013, p.102)

Deste modo, a partir do processo de geo(BIO)grafização (PORTUGAL, 2013), busquei compreender como os feirantes concebem os seus cotidianos da vida (as comunidades tradicionais), os lugares da produção do labor, locais de extração/plantação dos produtos e a vida na feira livre de Santo Amaro e como as vivências e experiências nestes lugares retratam contextos identitários, mediante a

[...] interpretação das experiências vividas a partir da concepção, percepção e apropriação do lugar, cenário-referência, onde são construídas as cartografias das experiências, singulares e plurais, cuja narração dos enredos das histórias acontece e também, onde se desenrolam os saberes profissionais e as práticas sociais [...]. (PORTUGAL, 2013, p. 230)

Nas tessituras das narrativas o narrador constrói o que Silva (2020, p. 364) acredita ser “[...] o poema singular que é sua vida. É criador. É também leitor de sua própria vida. Quando compartilha sua história de vida, vemos alguns laços que nos unem”. Por isso que oportunizar a visibilidade das histórias permite ao narrador a construção da realidade a partir das suas narrativas, o que se escolhe narrar e como os fatos performatizados adquirem os sentidos e significados que ele dá ao mundo.

Cabe dizer que, ao me autorizarem a ouvir e narrar suas histórias, os colaboradores me outorgaram a ocupar um lugar de confiança e de intimidade que foi construído no devir da realização das atividades em campo. Estes sentimentos são imprescindíveis para aquele que se propõe a trabalhar com histórias de vidas, pois nesta incumbência se desenvolve uma relação de proximidade, como também a prática de uma escuta atenta, afetiva, responsável e muito sensível. Para Silva (2020, p. 364), “[...] aquele que ouve, escuta essa história e tenta, também, compreender-se enquanto sujeito. A unidade simbólica desses dois sujeitos encontra-se, consolida-se e possui significado”. Isso porque o mundo vivido é composto por histórias plurais, que se complementam e formam outras histórias a

partir do instante que se relacionam. Logo, a confiança mútua na relação entre entrevistador e entrevistado se faz demasiadamente importante.

Ainda neste sentido é importante mencionar a dificuldade que senti em trabalhar com a metodologia das histórias de vida, pois não é fácil se aproximar das pessoas, interferir nas suas rotinas e solicitá-las que contem suas vivências para uma estranha com uma intenção acadêmica. Por muitas vezes pensei em recuar, me sentia pretensiosa, como uma invasora na particularidade e na intimidade do outro. Isso provocou dúvidas e o seguinte questionamento: qual é a verdadeira missão do pesquisador ao adentrar a vida de alguém, para além de obter informações do seu objeto de estudo, as quais serão utilizadas para construção de uma dissertação? Depois de um curto período atenta para esta questão, entendi que compete ao pesquisador ressaltar para as pessoas que colaboram com o estudo sobre a importância da história de vida deles, uma vez que cada história contribui para formar outras histórias e nutrem de sentido os lugares; sobretudo, o lugar que conforma e é conformado pelas relações identitárias nele construídas e experienciadas.

Conhecer as senhoras Ana Francisca Neves da Silva e Márcia Ferreira e os senhores Lucimário Alves e Manoel Lobo me fez aprender, entre muitas coisas, que o universo da feira livre é composto por identidades e memórias, os quais comportam histórias, saberes e tradições; ambos são conceitos distintos, mas estão correlacionados. Para Pollak (1992, p. 204) existe uma “[...] ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade”. Com isso a

[...] memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa [...] em sua reconstrução de si. (POLLAK, 1992, p. 204)

Por isso que ao aproximar das vidas aqui presentes, antes de qualquer lugar aprendi a compreender o limite do lugar do outro, das suas falas, uma vez que são elas donas das suas decisões e escolhas. Aqui para mim se encontra uns dos aprendizados da pesquisa autobiográfica e fenomenológica, que é a percepção; ou seja, perceber as experiências individuais e coletivas e como elas influenciaram na formação das identidades destas pessoas. Contudo, ofereço cada história narrada nesta pesquisa com a profundidade estabelecida por cada colaborador,

acompanhada da melodia que ressoa dos atabaques, dos pandeiros, dos berimbaus, dos agogôs, dos xiquerês, instrumentos que juntos traduzem os ritmos que marcam os contextos identitários da feira livre de Santo Amaro.

Sendo assim, enquanto espaço de narrativa, de escuta genuína, este estudo convida as senhoras Ana Francisca Neves da Silva e Márcia Ferreira e os senhores Lucimário Alves e Manoel Lobo para transformar e compor com suas histórias e seus saberes esta escrita coletiva.

#### 4.1 Ana Francisca Neves da Silva (Dona Ninha): “a feira livre é livre”

*“A feira livre de Santo Amaro para mim? É livre.  
[...] Eu venho quando quero, fico o tempo que julgo necessário.  
[...] A feira livre também é um espaço popular.”*  
(Dona Ninha, 2020)

**Figura 32** – Dona Ninha e a feira. Aquarela sobre papel canson300g.



**Fonte:** Isabela Seifarth, 2021.

Ana Francisca Neves da Silva, conhecida como Dona Ninha, tem 59 anos, filha da senhora Francisca da Conceição (*in memoriam*). Dona Ninha, como prefere ser chamada, nasceu em Salvador, mas com apenas um ano e meio de nascida seus pais se mudaram para a fazenda Catarina, localizada em Santo Amaro e, posteriormente, para a comunidade quilombola São Braz (figura 33), lugar onde vivenciou maior parte da sua infância. Com 15 anos de idade migrou para Salvador e trabalhou como empregada doméstica por 3 anos, quando resolveu retornar para realizar seu sonho de casar.

**Figura 33** – Comunidade quilombola São Braz



Fonte: IBGE, 2020. Elaboração: Joelma Gomes Ferreira

Antes de seguir transcrevendo a história de vida e a vivência de Dona Ninha atrelada à feira livre de Santo Amaro, se faz necessário abordar o contexto histórico da sua comunidade. Segundo Fernandes (2016), a comunidade quilombola São Braz engloba áreas de antigos engenhos,

[...] como o engenho São Braz, onde foi construída a antiga Capela São Braz, que data de meados do século XVIII, e o sobrado de João Clímaco de Araújo (Seu Nenê), o 'fundador de São Braz'; Pitinga, onde situa-se o Projeto de Assentamento Rural Eldorado de Pitinga e a Fábrica Penha Papeis; o engenho Santo Antônio dos Calmons que engloba as ruínas da antiga capela Santo Antônio, construída na

primeira metade do século XVII; as áreas antes pertencentes aos Engenhos Palma, Capanema, Santa Catarina, Engenho Novo e Fazenda Bângala; o Engenho Cajaíba. (FERNANDES, 2016, p. 88)

São Braz é uma comunidade de marisqueiras e pescadores, constituída por cerca de 196 famílias que se auto identificam como remanescentes de Quilombos, as quais receberam em 2009 a certificação de Comunidade Remanescente de Quilombo pela Fundação Cultural de Palmares. Localiza-se na área rural de Santo Amaro, banhada pelos rios Subaé, Traripe e pelo mar da Baía de Todos os Santos, cujo território é formado por atividades lúdicas e religiosas (SANTOS, C. 2013). Segundo Fernandes (2016), estas atividades são eleitas pela coletividade e apontadas pela população como fronteiras étnicas estabelecidas entre o grupo e seu entorno No que se refere à construção da identidade quilombola,

As narrativas acerca da origem de São Braz apontam para a suposta existência de uma imagem de santo, São Brás, encontrada por pescadores em um determinado ponto no mar justamente no canal que dá acesso ao território e à área de mangue. O santo deu origem à construção da antiga igreja com mesma denominação e faz a ligação entre as suas memórias e as da comunidade vizinha, Acupe. Em outros termos, a *maré* relaciona vivências por meio de narrativas sobre origens e práticas que marcam as relações entre comunidades. (FERNANDES, 2016, p.177)

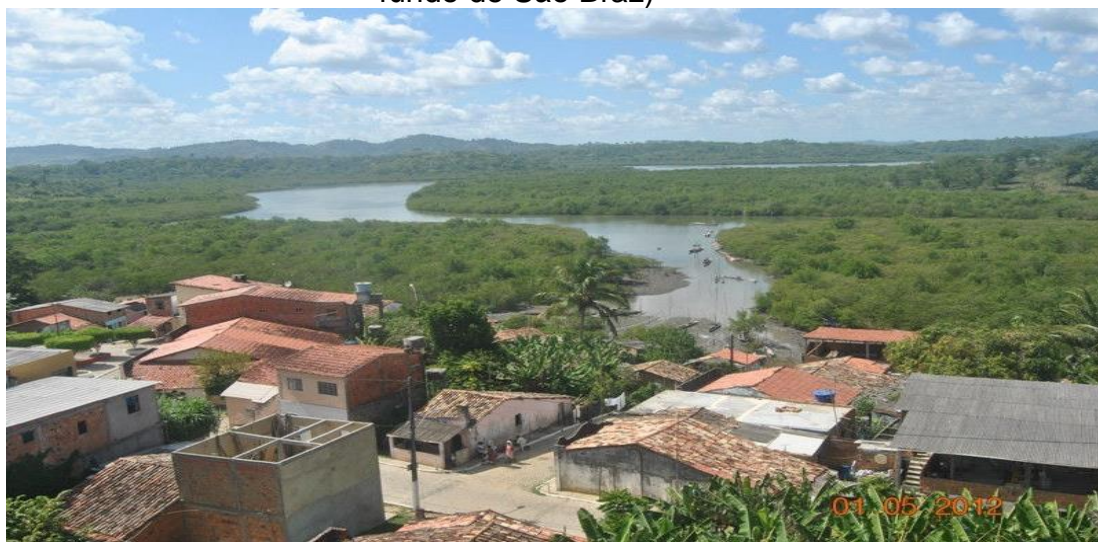
Tanto a antropóloga Fernandes (2016) quanto a cientista social Santos, C. (2013) tomaram como fonte de recolhimento dos dados sobre a comunidade de São Braz (figura 34) as narrativas de seus moradores, uma vez que compreenderam que a memória coletiva possui riquezas, tradições, valores, sentimento de pertença que serve como elo entre o lugar e suas histórias. Santos, C. (2013, p. 84) afirma que as histórias contadas “[...] são importantes por serem expressões de manifestações individuais e coletivas que resultam em conhecimento e manifestações diversificadas”. Esta concepção torna-se precisa pelo motivo de que, conforme Fernandes (2016, p. 33), a memória coletiva também é concebida como “[...] espaços de referência, práticas tradicionais e formas contemporâneas de ocupação fazem parte dos esquemas do grupo, de sua territorialidade”. Outro ponto comum que surge em ambos os estudos (de modo não tão expressivo, mas contribuinte para esta pesquisa) é a compreensão da feira livre de Santo Amaro como lugar onde são comercializados os alimentos produzidos na comunidade através da pesca e do

plântio de quiabo, banana, aipim, dentre outros.

Fernandes (2016) e Santos, C. (2013) estudaram a comunidade de São Braz, e essas pesquisadoras concordam que o mar, o mangue e a terra são ambientes das práticas da pesca e da extração dos recursos naturais realizadas pelos pescadores e marisqueiras, que coletivamente vivenciam experiências que marcam a relação identitária com seus territórios. Está observação me leva para a narrativa de Dona Ninha, que em tom poético narrou: “[...] *por toda a minha vida eu toquei o mar, se não pelos meus pés e mãos, pelos meus pensamentos*” (Feirante Ninha – Entrevista narrativa, 2020).

O nosso primeiro contato foi intermediado pela também feirante Dona Rita, a qual eu conheço há mais tempo por vivermos da mesma comunidade. Após sermos apresentadas, falei com Dona Ninha a respeito da pesquisa. Lembro-me que tropecei nas palavras, fiquei tímida, receosa e nem um pouco à vontade; senti que era muita pretensão da minha parte almejar tocar nas memórias alheias para compreender um fenômeno no devir de uma pesquisa. Pensei recuar, mas ao perceber o quanto eu estava nervosa, Dona Ninha proferiu as seguintes palavras: “[...] *senta aí minha filha, você quer saber o que? Você não é a primeira a fazer pesquisa aqui não, toda hora chega um estudante, é importante o que vocês fazem! Se eu puder ajudar, eu ajudo*” (Feirante Ninha – Entrevista narrativa, 2020). Logo em seguida me deu um caixote de madeira para me sentar; senti-me acolhida e sobretudo incentivada.

**Figura 34** – Vista da comunidade São Braz e acesso ao porto (canal à esq., fundo de São Braz)



Fonte: Fernandes (2016, p. 176)

A partir daquele momento, desatei a falar a respeito da pesquisa e principalmente da importância de tê-la presente nesta construção coletiva. Ressaltei que falar da feira é sem sobras de dúvidas autorizar que as vozes das pessoas que fazem a feira acontecer sobressaíam, reverberem em outros lugares. Dona Ninha escutou atentamente, fez perguntas de como seria a entrevista e de como ela deveria se portar. Expliquei para ela que a entrevista narrativa seria realizada de forma leve, como uma conversa que leva à outra conversa sobre a feira livre, mas nada que exigisse profundo conhecimento, pois a intenção necessária para a recolha das informações é a liberdade de expressão, o modo como ela compreende e concebe a feira.

Os nossos encontros ocorreram durante o acontecer da feira livre, sempre pela manhã, respeitando o tempo disponibilizado por Dona Ninha, ambas utilizando máscara e o álcool em gel por causa da ameaça do coronavírus. Vale ressaltar que durante a entrevista narrativa houve momentos em que desempenhei a função de feirante, ajudando com o atendimento aos fregueses, estes que por sua vez chegavam solícitos, demonstrando respeito e consideração. Este contexto descrito mobilizou o ser feirante que habita em mim e a pesquisadora ao mesmo tempo, pois enquanto prestava atendimento ao freguês, observava o interagir dos sujeitos que se relacionavam naquele momento de comercialização e entretenimento.

Dona Ninha se reconhece como quilombola, marisqueira, feirante. Casada há 45 anos, mãe de três filhos, possui uma voz doce, calma, um olhar atento, reflexivo, um andar de pisadas fortes. Tornou-se evangélica já na vida adulta; antes disso, acreditava na força das águas, a qual se dirigia com muita fé quando pedia uma boa mariscagem. Dona Ninha me revelou que rezava tocando na água e que todos os seus pedidos eram atendidos, até mesmo num tempo mais de maré baixa, que resultava numa oportunidade de mariscar por mais horas: “[...] *pedia para a maré não encher tão rápido, que me fosse dado mais um pouco de tempo de maré baixa para que pudesse extrair a quantidade de mariscos suficiente para o sustento. E não sei como, [mas] a maré baixava de imediato!*” (Feirante Ninha – Entrevista narrativa, 2020).

Portugal (2013) assegura que os narradores, ao narrar acontecimentos,

[...] traduzem experiências. Apresentam e descrevem pessoas que fazem parte das memórias evocadas, das histórias narradas. Delineiam modos de vida e seus cotidianos. E isso é o que nomeio

de geo(BIO)grafização. Um modo subjetivo de pensar as escritas sobre as nossas relações e experiências com e nos lugares, ao longo da nossa existência, da nossa vida. (PORTUGAL, 2013, p. 228)

A fé que sempre a acompanhou foi apreendida no tempo de criança, quando ensinada pelos seus mais velhos, uma vez que a experiência da fé fazia parte da convivência em família e da sua comunidade. Sobre esta questão, Dona Ninha revelou:

*Não tinha como não viver a fé. Tínhamos rezas em forma de cantigas, que sempre eram cantadas em algumas atividades, normalmente durante a plantação, a colheita. Minha mãe nunca deixava eu dormir sem antes rezar e tomar a benção.* (Feirante Ninha – Entrevista narrativa, 2020)

Durante a abordagem desse tema, houve comoção, olhos lagrimados, sentimento de saudade que desabrochou ao tocar na memória ligada à relação maternal, devido à partida da sua mãe para outro mundo. A esta particularidade da entrevista narrativa cabe

[...] uma análise sobre as reações emocionais que aparecem no diálogo entre o narrador e o ouvinte: o choro, o sorriso, o olhar distante, o olhar desapontado, o olhar para baixo. Os silêncios, as pausas, as respirações profundas, os gestos dão a vivacidade dessa troca. Reconhecemos esses elementos no corpo e na narrativa: a unidade simbólica liga o narrador e o ouvinte. (SILVA, 2020, p. 370)

Por trás da tranquilidade, do equilíbrio que demonstra, Dona Ninha guarda uma bagagem de vida, que por sua vez dá margem para que haja delicadeza para tocar na sua experiência que é rica em detalhes. Vale ressaltar que o mergulho na sua história de vida, embora não seja com a profundidade merecida em decorrência do tempo que nos falta e da intimidade ainda em construção, já revela o quanto somos plurais, ao mesmo instante em que há um cruzamento de tempos quando as narrativas se assemelham. Este acontecimento lembra que “[...] uma característica constitutiva das narrativas é a temporalidade. O passado narrativo é indispensável para a compreensão de qualquer instância presente de emocionalidade” (SILVA, 2020, p. 372).

No decurso da sua narrativa, a experiência escolar se deu no tempo do

Movimento Brasileiro de Alfabetização – MOBRAL<sup>71</sup>, cujo período reverberou na vida de Dona Ninha com demasiada importância, conforme o excerto da sua narrativa:

*[...] o tanto que estudei, que não foi muito, na época do Mobral, me serviu para eu aprender a escrever e a despertar o meu amor pelos livros e pelas leituras. Tive uma professora chamada Lene, que me ensinou a ler, me emprestava livros para estudar em casa. Minha professora cuidava de mim, entendia os meus atrasos, o meu cansaço, o meu sono durante a aula, pois ela sabia da minha labuta na maré. (Feirante Ninha – Entrevista narrativa, 2020).*

Quando Dona Ninha narrou sobre São Braz, localizando as informações no tempo da sua infância, descreveu sua comunidade como lugar bonito, rico, com rios, manguezais, roçados, um lugar coletivo, onde as famílias se ajudavam. Ela contou que os habitantes dependiam diretamente do mar e da terra para sobreviverem.

*Até hoje a maioria dos habitantes tem a maré como meio de sustento e isso é desde quando São Braz ainda era um povoado, com poucas residências, sem asfalto, sem água encanada. Lembro-me bem quando a gente tinha que ir buscar água para beber no Rio da Penha e depois catar lenha para esquentar os mariscos. Ainda assim, minha vida era muito boa, eu tinha e tenho tudo. (Feirante Ninha – Entrevista narrativa, 2020).*

Demonstrando uma expressão facial centrada, Dona Ninha rememora que quando mais jovem gostava de sair sozinha para o mar governando a canoa, pois sentia neste momento a sensação da liberdade, do encontro consigo e com a determinação, pois cabia somente a ela o direcionamento do seu destino.

*Aprendi com o meu tio conhecer os caminhos do mar. Quando saímos para pescar, ele me colocava na proa da canoa para remar. Meu remo não era muito grande, o que facilitava a remada, no trajeto ele contava histórias, mostrava os pontos que deveriam ser evitados*

---

<sup>71</sup> Mobral era um modelo de alfabetização para população urbana iletrada de 15 a 35 anos. Mas a partir de 1974, voltou-se também para os jovens de nove a 14 anos. A concentração de esforços na primeira faixa etária foi justificada pela sua importância produtiva e, na segunda, pela necessidade de aliviar a primeira série do ensino regular de primeiro grau, congestionada por excesso de alunos novos e repetentes. A atuação típica do Mobral desenvolveu-se através de quatro programas: 1) alfabetização funcional, com cinco meses de duração e duas horas diárias de aulas, em postos onde os alunos eram escolarizados sob a direção de monitores; 2) educação integrada, com 12 meses de duração, posteriores à alfabetização, compreendendo as primeiras séries do ensino de primeiro grau; 3) desenvolvimento comunitário, com dois meses de duração, com o objetivo de induzir os alunos a participar de empreendimentos de interesse comum; 4) atividades culturais, desenvolvidas segundo formas não-escolares, sem prazo determinado, pretendendo a ampliação do universo cultural da população atingida. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/movimento-brasileiro-de-alfabetizacao-mobral>. Acesso em: jan 2021.

*para não bater a canoa e ela não virar. Algumas vezes, a canoa virou e a gente perdeu todo o peixe e o marisco. Ele dizia que alguém retirou do mar o alimento sem pedir licença e nem se quer agradeceu, que por isso o mar tomava de volta. Mas no geral a gente tinha muita sorte. (Feirante Ninha – Entrevista narrativa, 2020).*

A sorte que apareceu na sua narrativa foi a força que direcionou o seu encontro com a feira livre. Lugar da transformação, da independência financeira, da resiliência, da travessia entre as identidades construídas nos lugares das suas vivências e das múltiplas memórias e pertencimentos.

*Meu marido saiu para pescar e pescou tanto camarão que não sabíamos o que fazer. Vendemos uma parte, comemos outra e ainda tinha sobrado muito camarão. Meu marido ficou procurando solução, foi então que eu disse para ele que iria defumar e que iria para feira vender. Ele não acreditou muito e nem gostou da ideia. Mas foi assim que eu fiz. Defumei tudo e no outro dia fui para feira, vendi que não sobrou nem o cheiro. Dei uma parte do dinheiro para ele e com a outra parte comprei mais camarão, defumei e tornei ir à feira. Foi uma luta continuar na feira, pois meu marido não queria que eu fosse, parou de pescar por um tempo, destruiu o local que tínhamos construído para defumar o camarão com a intenção de me impedir de trabalhar, sob a legação da ausência da necessidade. Só que eu sempre trabalhei, gosto de trabalhar e ter a minha independência financeira. Nunca gostei de depender de homem para comprar minhas coisas de mulher. Sem falar que mãe gosta de ver seus filhos bem arrumados e com o dinheiro da feira, eu podia manter eles numa condição melhor. Sabe Jó<sup>72</sup>, já são 25 anos como feirante, trabalho na feira e até hoje ele não aceita. Só que eu sou livre, assim como a feira é livre! Eu venho quando quero, fico o tempo que julgo necessário, as pessoas aqui me respeitam, me tratam bem, eu também trato meus fregueses muito bem. A maioria dos meus fregueses é do candomblé e nem por isso faço diferença. Tenho que respeitar a fé do outro. (Feirante Ninha – Entrevista narrativa, 2020).*

Ao narrar sobre o começo do trabalho na feira, Dona Ninha sinaliza que não foi algo não planejado, um acaso do destino. Tudo começou com uma tomada de decisão sobre o aproveitamento do camarão pescado pelo seu marido. A atitude para evitar o desperdício da pesca culminou na aprendizagem da função de feirante. Essa experiência ainda hoje, após 25 anos, reverbera no ser-fazer cotidiano na feira de Santo Amaro. Contrariando a insatisfação do marido, Dona Ninha se especializou na defumação de camarão com sua mãe e mantém essa prática social para garantir o seu sustento.

Sobre o camarão defumado, seu principal alimento comercializado na feira

---

<sup>72</sup> Dona Ninha passou a me chamar de Jó durante a entrevista narrativa.

livre de Santo Amaro, Dona Ninha revela sua relação comercial com a comunidade quilombola Acupe, a qual aparece sob o seu entendimento como lugar que possui uma oferta maior e melhor de camarões de variadas espécie e tamanhos, conforme excerto da narrativa:

*[...] atualmente o camarão que defumo quando não compro na minha comunidade, desloco-me para comprar em Acupe, lá tem mais pescadores que aqui. Neste caso, quando preciso ir comprar o camarão lá, a depender do horário da maré, eu perco o dia e a noite toda, pois prefiro descansar quando termino todo o processo de limpar, ferventar e defumar o camarão com a folha de aroeira que fica uma delícia. Eu lhe digo que o camarão me fez uma mulher completa, realizada – já que a vida não permitiu que eu fosse professora, porém me tornei marisqueira e feirante e na feira eu sou feliz, eu consegui até comprar minha canoa que hoje serve para a pescaria e para me levar nas ilhas, onde eu gosto de viver um lazer. (Feirante Ninha – Entrevista narrativa, 2020).*

Ao tematizar sobre os deslocamentos da comunidade de São Braz para Acupe, em busca de camarões para o ritual mais tradicional da defumação, Dona Ninha descreve como esse processo é realizado e, também, destaca como é feliz ao realizar três trabalhos: pescar, preparar e comercializar alimentos na feira. Ela ressalta que gosta muito do que faz na condição de feirante, contudo, revela que no passado, o seu maior sonho era ser professora, mas se considera uma pessoa feliz, uma mulher/marisqueira/feirante realizada.

As narrativas de Dona Ninha são permeadas de revelações significativas sobre a feira livre. O seu conhecimento potencializa a memória como lugar que guarda informações e histórias que ajudam a caracterizar e a compreender o objeto de estudos. Neste caso, a memória aproxima, faz mover saberes, “[...] é o campo do irredutível, é o que permite ao passado aproximar. Enquanto há o que recordar, o passado se enlaça no atual e conserva a vivacidade cambiante que significa uma ausência em presença” (CARLOS, 2007, p. 48).

Sobre o começo na atividade na feira, como feirante, narrou:

*Quando passei a trabalhar na feira livre de Santo Amaro, eu ficava em frente ao antigo mercado do peixe, próximo do mercado da farinha. Eu vendia meu camarão rápido, pois não tinha tantos feirantes como se têm hoje. Porém, eu entendo, a feira livre é popular, é o único lugar que conheço que acolhe quem precisa sem distinção de cor, pouco ou muito, ninguém sai sem vender. Eu chego cedo, limpo o espaço onde coloco as minhas mercadorias, arrumo meu bailo com azeite, camarão defumado com a folha de aroeira,*

*amendoim, castanha, de caju, azeite de dendê, gengibre, às vezes trago siri catado, pois não é sempre que eu cato ou encontro para comprar e revender. Eu não marisco mais, na minha idade puxar lama com os pés é muito pesado. (Feirante Ninha – Entrevista narrativa, 2020).*

Conforme evidenciado na narrativa, Dona Ninha não possui uma banca na feira. Para comercializar os produtos – azeite de dendê, camarão defumado com a folha de aroeira, amendoim torrado, castanha de caju, azeite de dendê, gengibre (figura nº 35) –, ela organiza as mercadorias em um balaio de cipó, forrando a parte interna com uma toalha branca, expõe as mercadorias que serão comercializadas no espaço da feira e todos os dias (de segunda a sábado) vai ao encontro dos seus fregueses. Esse ritual de chegada à feira, da arrumação do espaço num ritmo intenso e rápido, bem como a desarrumação do balaio no fim da feira e a guarda das mercadorias que não foram vendidas, foi presenciado por mim nos dias em que realizei as entrevistas com Dona Ninha.

**Figura 35** – Alimentos comercializados por Dona Ninha na feira livre



Fonte: Acervo da pesquisadora. Dez. 2020.

No decorrer da entrevista narrativa, Dona Ninha parecia saber das minhas

expectativas e abordava os contextos da feira como se tivesse lendo meus pensamentos ou como se houvesse um roteiro pré-estabelecido. Sobre o cotidiano da feira, ela narrou:

*Durante a festividade do Bembé a feira fica mais agitada, com som do samba de roda, das cantigas da capoeira, são montadas barracas coloridas para a comercialização de bebidas, o barracão onde acontece a celebração é ornamentado com flores, bandeirolas e utensílios de candomblé. Alguns feirantes são remanejados para outros pontos na feira, o que causa uma certa confusão. Nem todos gostam de sair do seu lugar de venda, eles alegam que vendem menos neste período. Particularmente, eu gosto de ver nossa cultura presente e forte. Não devemos esquecer a nossa história. (Feirante Ninha – Entrevista narrativa, 2020).*

Mesmo sendo evangélica, Dona Ninha valoriza a cultura local e respeita a crença do outro. Ao narrar sobre a festividade do Bembé, essa feirante destaca a relevância da preservação da cultura enquanto patrimônio de um povo. Descreve como o espaço da feira livre se transforma para a realização desse importante evento, o qual potencializa a manifestação do sagrado, da fé, da comunhão dos toques dos atabaques com os corpos que pulsam e expressam os movimentos das danças que encena gestos ancestrais, os quais em conjunto retratam um elemento identitário do povo negro do Recôncavo. As relações que são estabelecidas neste festejo articulam as memórias, os tempos (o presente e o passado) e as identidades no lugar livre da feira livre. Para Carlos (2007, 48) as relações identitárias se constroem “[...] a partir de uma experiência vivida num determinado lugar. Produz-se pela identidade em relação ao lugar, assim lugar e identidade são indissociáveis”. Para autora, a história tem suas inferências à medida que há inscrições, traços, escrituras deixadas pelo passado.

Claval (2008, p. 26) enfatiza que existem diversas representações culturais e/ou processos socioculturais presentes nos lugares e que os mesmos são de suma importância, quando são transferidos de geração a geração por meio da comunicação para o indivíduo, pois “[...] através da interiorização das práticas, dos conhecimentos e dos valores que ele recebe, o indivíduo torna-se uma pessoa, com uma identidade [...]. Graças à cultura, o homem torna-se um ser social”. Sendo assim, o Bembé do Mercado representa a restauração do sentimento de pertencimento, o qual dá visibilidade aos saberes ancestrais de um povo, possibilita o reencontro com o outro que diz muito sobre nós e demonstra uma auto-

organização dos povos de santo do Recôncavo Baiano.

Quando ousei formular uma pergunta, sobre o que ela poderia me revelar sobre a feira livre de Santo Amaro, ela ficou pensativa por alguns instantes, sorriu e em tom filosófico disse-me:

*Eu ainda tenho que aprender muito sobre a feira livre de Santo Amaro, estou aqui há 25 anos e não sei como é este lugar e como pode ser tão resistente. A feira livre é como a maré, ela enche e fica vazia no piscar de olhos, é um mistério. (Feirante Ninha – Entrevista narrativa, 2020)*

Após 25 anos de vivências na Feira de Santo Amaro, Dona Ninha a considera metaforicamente como um lugar de resistência e a compara com os movimentos das marés: enchente e vazante. Os espaços da feira efemeramente são ocupados por feirantes, mercadorias variadas e fregueses e, depois de um tempo, esses espaços vivenciam um movimento de esvaziamento, diminuindo o fluxo de pessoas (fregueses) e mercadorias, já que os trabalhadores feirantes permanecem mais tempo por conta das etapas que caracterizam a atividade de feirante: arrumar e desarrumar a banca. Assim, finalizo esta seção com um trecho da música “É de maré” dos compositores Toninho Geraes e Roque Ferreira, lançada em 2010 na voz de Mariene de Castro:

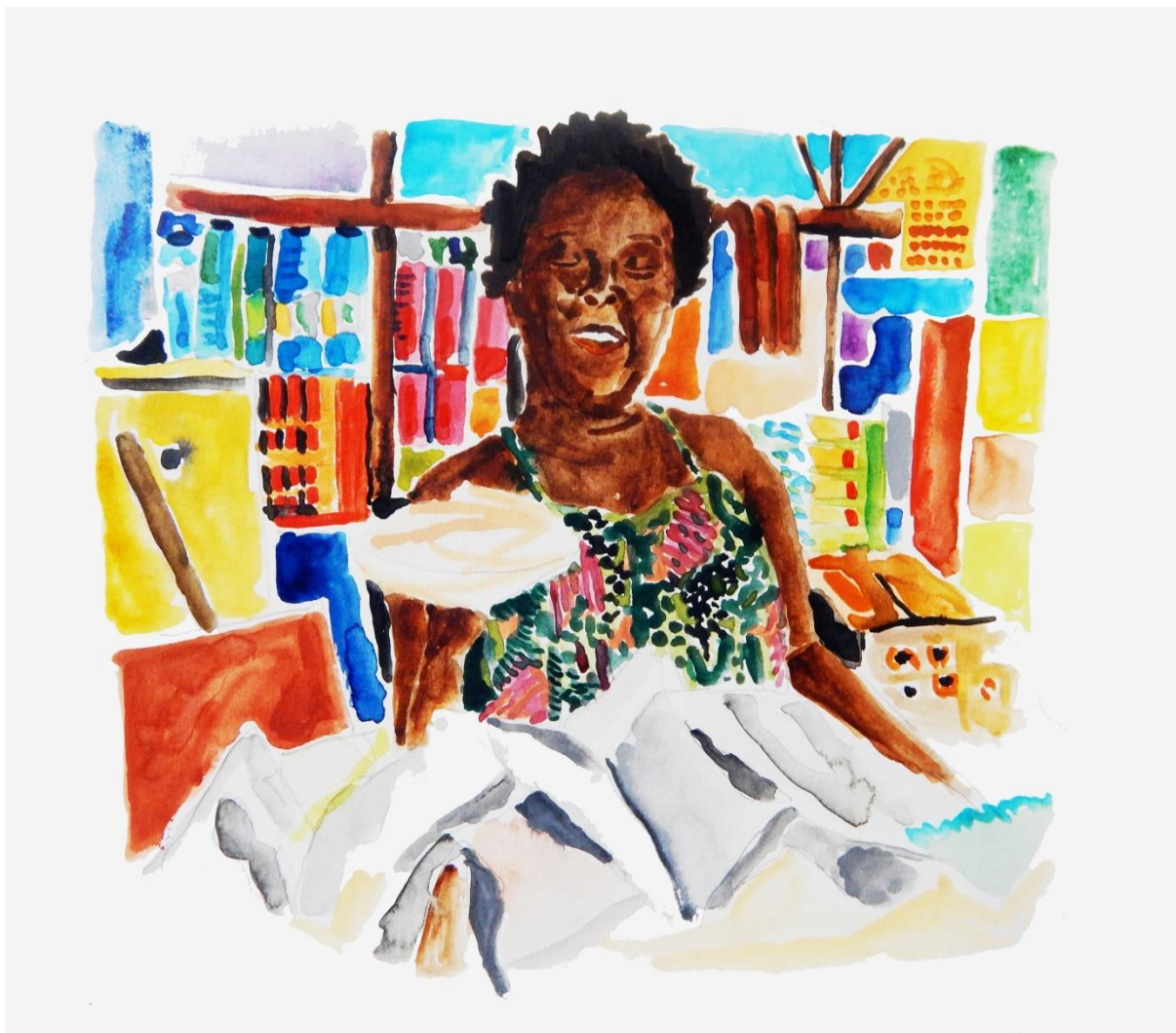
É de maré  
“[...] meu amor... Meu amor é de mar.  
É de amar. É maré. É maré. É de amar.  
Meu amor. Meu amor é de mar. É de amar.  
É maré. É maré. É de amar.  
(Mariene de Castro, 2010)

E por se amar, por e decifrar e conceber a liberdade no ofício que exerce, Dona Ninha reafirma a sua identidade construída no devir da vida, sinalizando que sabe quem ela foi, quem ela é e o que ela representa para si e para os outros, já que no percurso da sua vida aprendeu a se reconhecer enquanto mulher nordestina, negra, quilombola, marisqueira e feirante, em constante aprendizado sobre ela mesma e sobre a feira livre que vivencia, cotidianamente, com suas práticas laborais.

## 4.2 Márcia Ferreira: “a feira livre de Santo Amaro é negra”

*“Tentei não ser feirante, mas os meus caminhos  
me levaram para a feira livre”  
(Márcia, 2020)*

**Figura 36** – Márcia e a feira. Aquarela sobre papel canson300g.



**Fonte:** Isabela Seifarth, 2021.

Cada história de vida reflete um mundo particular e a história de vida de Márcia Ferreira, 48 anos, não é diferente. Mulher, negra, mãe, moradora da comunidade da Pedra, feirante, dona de uma risada que brota a cada palavra, seu sorriso é um convite para uma boa conversa afetuosa. Ele garante a certeza de um encontro permeado de alegria, ainda que na maioria das vezes a história narrada não permita sequer o riso.

O nosso primeiro contato não teve intermediações de terceiros; foi um encontro que pôde ser narrado tomando como exemplo a formação de relações que se constituem em meio à feira livre, a partir da compra do produto vendido pelo feirante, situação que vivencio constantemente quando estou na condição de feirante e, obvio, que faria uso deste modo de aproximação para conhecê-la e convidá-la para colaborar com este estudo.

A primeira reação de Dona Márcia quando falei da pesquisa foi um sorriso seguido de um não, que parecia ser mais vergonha do que uma negação. Essa atitude me fez tocar memórias do meu tempo em que eu dizia não para as oportunidades de um modo geral, por acreditar na impossibilidade de que o que fosse proferido ou feito por mim valesse a pena. Confesso que ainda estou no processo de me reconhecer cada vez mais como potência e devido a este motivo procurei através da narrativa da minha história de vida encorajar e incentivar esta mulher a contar as suas vivências, a sua história para compor o repertório de uma pesquisa que é tão minha, quanto dela. Deixando em evidência que cabia a ela dar voz aos fatos que achasse necessário.

[...] Ao escolhermos um ou outro ponto a ser narrado sobre nossas vidas queremos dizer que eles possuem algum significado no transcorrer de nossas experiências e, por conseguinte, fazem parte da nossa relação emocional com o mundo. (SILVA, 2020, p. 381)

Convidar Dona Márcia para visibilizar a sua trajetória de vida e as relações estabelecidas com a Feira livre de Santo Amaro é um compromisso com o *nós*, com a epistemologia fundamentada no pensamento e no conhecimento que advêm do feminino. Akotirene (2019) acredita que dentro da epistemologia feminista negra existe uma luta que define contornos identitários que integram a produção de conhecimento pelo pensamento e pela força da mulher negra, a qual modela as interconexões das relações sociais. Isso me faz entender que o título deste capítulo transpõe mais significado e sentido.

Dona Márcia cresceu sob os cuidados da sua madrinha após o falecimento precoce da sua mãe. Seu pai Tadeu Rodrigues Ferreira (*in memoriam*) exerceu sua paternidade dedicando amor a sua filha e provendo-lhe o que ela necessitava.

*Meu pai foi um homem que sempre cuidou de mim, entregou a minha criação por eu ser mulher e por achar melhor que eu crescesse ao*

*lado de outra mulher. Mas, dentro das possibilidades dele, nunca deixou que me faltasse nada, sempre fazia as compras da semana a qual era consumida por toda família. (Feirante Márcia – Entrevista narrativa, 2020).*

A sua infância foi vivenciada na comunidade quilombola Opalma, que está localizada na região da Bacia do Iguape<sup>73</sup>, um lugar que para Dona Márcia representa demasiada importância e sentimentos de felicidades

*Na minha memória Opalma era uma roça grande, de pessoas humildes, com casas espalhadas, uma aqui e outra lá. Apesar de sentir falta da minha mãe a todo instante, eu consegui brincar muito e ser feliz lá. Todo mundo, as pessoas dentro daquela vida humilde, que não tinha muito conforto como nas casas de gente rica, pareciam felizes, eu ao menos me sentia assim. (Feirante Márcia – Entrevista narrativa, 2020).*

Ao evocar as memórias da infância, Dona Márcia descreve o lugar onde experienciou a vida humilde em uma comunidade rural, as brincadeiras de criança e o modo de vida das pessoas. Para ela, naquele contexto temporal, Opalma era um lugar especial, mesmo sem o direito de conviver com os seus pais.

Para Silva (2020, p. 369), “[...] contar histórias é parte fundamental do universo simbólico, portanto são fontes privilegiadas para esse olhar sensível sobre a realidade, sobre os detalhes que animam a vida, dando vazão às experiências que nos afetam”. Esta observação permeia as narrativas de Dona Márcia quando a mesma descreve sua mudança para o Arraial da Vitória.

*[...] Quando estava já na adolescência meu pai foi me buscar para morar com ele no Arraial da Vitória, eu cuidava dele e ele cuidava de mim. Frequentei a escola até o Ensino Médio, eu gostava de estudar, de ler, mas por outras questões não dei continuidade aos estudos. Conheci o pai da minha filha Francine que tem 20 anos e já é formada. Deixei para minha filha os meus sonhos, lutei por ela desde o dia do seu nascimento, não queria que ela passasse pela infância sem a minha presença, sem os meus cuidados e, principalmente, sem o meu amor. Eu sei a falta que uma mãe faz, não que eu não tenha sido bem criada, mas é diferente o amor de uma mãe, sabe?! Eu sempre falo para Francine que se um dia ela for mãe que jamais ela abandone seu filho por nada neste mundo, que ela trabalhe, como eu trabalhei para poder dar uma condição de vida para ela.*

---

<sup>73</sup> A região da Bacia do Iguape possuía 22 engenhos de cana-de-açúcar, onde atualmente concentram-se as comunidades quilombolas existentes na Bacia do Iguape. São elas: Dendê, Caonge, Calolê, Engenho da Ponte, Calembá, Imbiara, Tabuleiro, São Francisco do Paraguaçu, Opalma, Caimbongo Velho, Tombo, Brejo do Engenho da Guaíba, Engenho Novo do Vale do Iguape, Santiago do Iguape, Engenho da Vitória e Engenho da Cruz. (MACHADO, 2016, p. 48)

*Não desejo que ela passe pelas humilhações que passei ao trabalhar como empregada doméstica em casa de gente branca e racista. Lembro-me que eu era acusada de roubar garfo, comia e bebia em pratos separados, isso me machucava profundamente, eu sabia que era racismo, mas o que eu podia fazer? Seria a minha palavra contra a palavra de pessoas poderosas. No entanto, eu venci, hoje sou feirante e o que eu ganho aqui dá para passar. (Feirante Márcia – Entrevista narrativa, 2020)*

Neste excerto da narrativa, Dona Márcia narra sobre a mudança de vida quando foi morar com o seu pai em Arraial da Vitória. Menciona que frequentou a escola até o Ensino Médio e desejava muito continuar os estudos, mas seu sonho foi abortado quando se casou e teve a sua filha Francine, a qual foi ensinada, ainda menina, o valor dos estudos. Para além da condição de mãe, da importância da família e da escola, Dona Márcia, também coloca em cena a manifestação de racismo denunciada através da sua narrativa ao ressaltar a intensidade da violência, de quanto o racismo é desumano e como possui uma extrema capacidade de marcar o corpo e a memória. Vale salientar a forma como ela foi violentada pelas práticas racistas e como isso não foi esquecido, pois se trata de “[...] um processo em que condições de subalternidade e de privilégio que se distribuem entre grupos raciais se reproduzem nos âmbitos da política, da economia e das relações cotidianas.” (ALMEIDA, 2019, p. 24)

O poder da narrativa ganha força quando o sujeito toca, relata e interpreta seu mundo e confere a ele o sentido por si experienciado e os significados atribuídos às experiências. Quando Dona Márcia narra presença da feira livre em sua vida ela a descreve como sendo seu lugar de labuta diária.

*A feira livre de Santo Amaro hoje é o meu lugar de trabalho, antes eu trabalhava nos mercadinhos dos bairros, quando acontecia de ser demitida, eu corria para trabalhar na feira, às vezes penso que este era o meu destino: ser feirante, pois todos os caminhos me levaram até a feira. (Feirante Márcia – Entrevista narrativa, 2020).*

A entrada no cotidiano da feira livre como feirante foi uma situação imposta pelo desemprego, conforme narrativa de Dona Márcia. Contudo, ela destaca que era seu destino tornar-se feirante e construir laços com esse lugar de encontros de culturas, de saberes e sobretudo de gente. Os laços construídos no dia a dia na feira livre em parte são formados mediante a compra dos alimentos ofertados, eles são os elementos que estruturam as relações entre feirantes e fregueses.

*Eu vendo beiju, pamonha, massa de puba, massa de aipim, a folha para a maniçoba (figura 37) que colho na roça e depois trituro. Só a massa do beiju de coco que não é como de antigamente, como se fazia nas casas de farinhas, naquele processo todo, trabalhadeira danada para raspar a mandioca, ralar, para depois tirar a goma e ficar naquele forno quente para fazer o beiju. Infelizmente, hoje compramos a massa industrializada, temos fornecedor certo. Na verdade, tornou-se mais prático, mas, no entanto, o sabor em comparação ao fazer tradicional, nunca será o mesmo. (Feirante Márcia – Entrevista narrativa, 2020).*

**Figura 37** – Massa branca (tapioca), massa amarela (aipim), massa meio amarela (massa puba), pacote verde (maniçoba), abaixo são beijus.



**Fonte:** Acervo da pesquisadora. Dez. 2020.

Ao narrar sobre os produtos que comercializa na feira livre de Santo Amaro, Dona Márcia destaca o modo de produção da massa de tapioca que faz parte da sua banca. Sinaliza que hoje compra a massa produzida em larga escala na indústria e descreve o modo artesanal que aprendera. Alega que a qualidade da massa se perdeu ao mudar o modo de produção, sem mencionar no valor simbólico agregado do ato de produzir algo coletivamente na comunidade.

Historicamente, a cultura da mandioca e a produção dos seus derivados são práticas sociais que retratam a cultura dos povos brasileiros, sobretudo dos povos indígenas, tendo em vista que eles foram os pioneiros no cultivo e no preparo destes

alimentos (GUIMARÃES, 2016). Segundo Guimarães (2016, p.1). Memórias, relações sociais e simbólicas, saberes e práticas, “[...] enquanto experiências diferenciadas, caracterizam a diversidade étnica e cultural brasileira, se constituindo em fundamento de diferentes identidades sociais”. Para o autor, estes elementos contribuíram no processo de reconhecimento da cultura da mandioca como patrimônio cultural imaterial<sup>74</sup>.

Dona Márcia trabalha com derivados da mandioca, cuja produção em comunidade se “[...] apresenta como um aspecto significativo que evidencia a relação entre o lugar, o alimento e a identidade” (SILVA; MENDES, 2019, p. 46). Normalmente, a produção tradicional destes alimentos ocorre em casas de farinha, mas a relação de afetividade e pertencimento se manifesta desde o plantio, a raspagem, a torragem e ao consumo. Desta forma torna-se “[...] possível afirmar que essa prática é um elemento articulador no processo de construção identitária com o lugar, assegurando a sobrevivência de muitas famílias da comunidade” (SILVA; MENDES, 2019, p. 46).

Ao estar na feira, Dona Márcia aciona seus saberes para ensinar aqueles que desconhecem os tipos de massa da mandioca, o modo de preparo de alguns alimentos, bem como o processo de cozimento da maniçoba que requer devidos cuidados. Ao buscar aproximação com o freguês, ensinando como utilizar cada produto, a feirante vai conquistando com muita simpatia os seus fregueses, conforme excerto da narrativa:

*Alguns fregueses não sabem como preparar as massas e nem a diferença entre elas. A massa de puba, por exemplo: faz bolo, beiju, mingau com o leite de coco. A folha para fazer a maniçoba precisa ser lavada em dez água, pois não vendo pronta ao ponto de ir direto para o fogo, é necessário lavar muito. Por isso que eu explico, ensino e ainda ganho o freguês, né?! (Feirante Márcia – Entrevista narrativa, 2020).*

---

<sup>74</sup> Para Guimarães (2016, p. 01) apresentar a cultura da mandioca enquanto patrimônio cultural imaterial do povo brasileiro implica necessariamente, em reconhecer um dos avanços mais significativos da Constituição de 1988, que foi a sua abertura para a democratização do poder, estabelecendo uma perspectiva de pluralismo constitucional, ao reconhecer a diversidade cultural e étnica do povo brasileiro e legitimar suas diferentes maneiras de referência identitária. Definida enquanto uma constituição cidadã, a Constituição de 1988 deu ao tema da diversidade cultural uma regulação minuciosa e completa, ao reconhecer que ‘o Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais’ (Art. 215). Além disso, esclareceu o § 1º desse mesmo artigo que ‘o Estado protegerá as manifestações das culturas populares, indígenas e afro-brasileiras, e das de outros grupos participantes do processo civilizatório nacional’.

Quando perguntei se havia alguma organização coletiva voltada para as questões da feira, Márcia informou que nunca ouviu falar de alguma associação de feirantes e que a gestão do espaço da feira é realizada pelo poder público municipal, ou seja, um órgão da prefeitura.

*[...] o que tem são os funcionários da prefeitura que recolhe o valor de R\$ 2,00 por dia de cada ponto. Antes a gente pagava o valor de R\$ 5,00 diretamente no banco. Não sei o que fazem com o valor arrecado, pois não se vê melhorias. Basta chover que há alagamentos, vejo muitos feirantes perderem suas mercadorias em dias de chuvas fortes. (Feirante Márcia – Entrevista narrativa, 2020).*

Dona Márcia destaca o sistema de arrecadação da taxa por agentes públicos, referente ao uso do espaço da feira em Santo Amaro; contudo, também denuncia a falta de gestão e melhoramento da estrutura física deste espaço e informa que em dias chuvosos, ocorrem alagamentos e perda de produtos, acusando prejuízos para os feirantes.

É importante ressaltar que a nossa entrevista narrativa ocorreu dentro da sua banca, enquanto ela ensacava os beijus e atendia os fregueses que chegavam. Cada pausa foi marcada por um atendimento acolhedor e a venda de um ou mais produtos e o retorno para a conversa, seguida de uma pergunta, “[...] onde paramos mesmo?”. Ficamos horas entre os assuntos pessoais e a feira livre, a qual ela compreende como

*[...] uma feira de energia negra, a força que circula aqui é negra, as mãos que movem os alimentos são negras. Veja as minhas mãos, são negras como a minha cor, como as minhas marcas, como a minha história. Oxe, não quero falar mais não, fiquei até emocionada. (Feirante Márcia – Entrevista narrativa, 2020).*

Ao tentar caracterizar a feira livre, o modo como concebe esse lugar singular na cidade de Santo Amaro, Márcia faz uma analogia à força do povo afrodescendente que fez do Recôncavo Baiano um lugar de produção de importantes culturas agrícolas, desde o período colonial. As mãos negras que fazem brotar da terra o alimento, as mesmas mãos que transformam esse alimento em outros produtos; essas e outras mãos negras oferecem aos fregueses as suas mercadorias e simbolizam a força desse povo retratada pelo trabalho cotidiano. Essa força negra destacada por Márcia na sua narrativa coaduna com a força que reverbera da escrita que atravessa os tempos e os espaços. A mesma escrita que

alude à resistência e a liberdade requerida cotidianamente pela população negra que vivem e sobrevivem de lugares, como a feira livre, por exemplo.

Evoco Milton Nascimento para terminar o interminável: parte da história de vida de Márcia.

[...] É um dom, uma certa magia  
Uma força que nos alerta  
Uma mulher que merece viver e amar  
Como outra qualquer do planeta

Maria, Maria, é o som, é a cor, é o suor  
É a dose mais forte e lenta  
De uma gente que ri quando deve chorar  
E não vive, apenas aguenta

Mas é preciso ter força, é preciso ter raça  
É preciso ter gana sempre  
Quem traz no corpo a marca, Maria, Maria  
Mistura a dor e a alegria  
Mas é preciso ter manha, é preciso ter graça  
É preciso ter sonho sempre  
Quem traz na pele essa marca possui  
A estranha mania de ter fé na vida  
(Milton Nascimento, 1978)

A voz de Dona Márcia é uma travessia por memórias marcadas pela resistência, pela resiliência, que transcendem sentimentos vinculados à história não apenas de uma mulher, mas de histórias de mulheres negras que parecem espelhos refletores de rostos diferentes. No entanto, essas narrativas e referências se cruzam e entrecruzam como fios náilon que tecem as redes de pescas e como as raízes (cipó) de Imbé<sup>75</sup>, que são utilizados na confecção artesanal dos balaios, elemento tão presente na feira.

---

<sup>75</sup> Uma árvore.

### 4.3 Lucimário Alves (Pato): “herdei a feira livre do meu pai”

“Meu sonho é conhecer a Jamaica e a feira está me ajudando nisso”  
(Lucimário, 2020).

**Figura 38** – Senhor Lucimário e a feira. Aquarela sobre papel canson300g.



Fonte: Isabela Seifarth, 2021.

Segue no ritmo do *reggae* a transformação da entrevista narrativa em escrita, a qual se inicia pela composição musical de Val Caetano, “Riquezas do Recôncavo” (2011). A música descreve como poesia as expressões culturais e identitárias construídas e fortalecidas pelo seu povo. E segue potencializando as comunidades pesqueiras, como por exemplo, Acupe, que é versada como terra de “[...] pescadores ao mar pra pescar, pra sobreviver, mas lá tem gente maneira, hospitaleira que gosta de dançar e ‘reggar’. O reggae é bom de dançar no porto de Acupe na beira do mar”.

E entre as marés a vida de Lucimário Alves foi se pertencendo, nos seus 55 anos, filho da senhora Maria Francisca Alves da Conceição (*in memoriam*) e do

senhor Solival Costa Alves (*in memoriam*), casado, pai de um filho de 13 anos. Pato, como é conhecido, tem um andar manso, um olhar meio que desconfiado, uma fala pausada. O conheci numa visita de campo, após caminhar pelos arranjos imprecisos da feira, quando parei bem próximo à sua banca de peixe que já estava quase sem mercadoria. Cumprimentei-o, me apresentei falando quem eu era, onde morava; por ajuste do destino, ele conhecia minha mãe e pessoas da minha família que moram na mesma comunidade que ele. Foi muito receptivo e acolhedor, e a conversa foi se prolongando. Em diálogo, me perguntou se eu não andava pelas ruas do Acupe por nunca ter me visto e, curioso, quis saber o que eu fazia no finalzinho da feira. Encontrei nesta pergunta a oportunidade adequada para falar da minha experiência de feirante que vende peixe em outra feira e como esta mesma experiência contribuiu para a pesquisa que estava desenvolvendo sobre a feira livre de Santo Amaro. O Senhor Lucimário se manteve numa escuta atenta, não me fez perguntas específicas, apenas se demonstrou disposto a contribuir.

O Senhor Lucimário gosta de ser chamado de Pato, apelido adquirido desde a infância. Estudou até a 5ª série e nasceu e vive na comunidade de Acupe (figura 39), um lugar que aparece nas suas narrativas como um lugar de saudades, cujos vínculos foram criados e fortalecidos em virtude da relação afetuosa em família e em comunidade. No livro “Terra dos Homens: A Geografia”, Claval (2010) aborda esta relação do homem o com o seu habitar, o qual é observado como um lugar “[...] carregado de experiência e subjetividade” (p. 39). Para este autor o habitar ocorre em lugares diversos como a vizinhança, o trabalho, o comércio, a familiaridade com os lugares e as pessoas, todavia, é no habitar a casa, onde os homens demonstram suas sensibilidades, “[...] descansam, que refazem suas forças, ou que dormem [...] evoluem em meio a seres que conhecem bem: eles podem se mostrar desta forma tal como são, revelar seus gostos, manifestar suas preferências expor suas opiniões” (2010, p. 40).

**Figura 39** – A comunidade quilombola Acupe vista do alto.



**Fonte:** Acervo da pesquisadora. Dez. 2018.

Claval (2010) afirma que o homem se funde na comunidade em que vive. Ou seja, a comunidade tem muito dele e ele muito da comunidade. E em Acupe, por ser o lugar da água do mar, todo morador tem algo fundamentado nas suas águas. Tal entendimento cria possibilidade do encontro com a identidade e a construção de si. Pato se apropria da sua trajetória marcada pelas águas e rememora momentos de trabalhos no mar.

*É sair para o mar com hora para voltar e sem a certeza da volta. Puxei muita rede, aprendi com o meu pai a remar, a entender da maré e dos peixes. Pescar para mim, em primeiro lugar, é o meu sustento. Em segundo lugar, o meu sustento, é do mar para feira.*  
(Feirante Lucimário (Pato) – Entrevista narrativa, 2020)

Nesta narrativa, Senhor Lucimário (Pato), ao falar da vida cotidiana em Acupe, destaca a importância do mar enquanto fonte do seu sustento, estabelecendo relação com outro lugar, a feira livre de Santo Amaro, onde garante a comercialização da pesca, ofício aprendido com o seu pai. Uma tradição passada de pai para filho, elemento identitário dessa comunidade.

Conforme Jesus (2018), em Acupe a pesca artesanal e a mariscagem são as atividades bases para o seu desenvolvimento econômico,

[...] A pesca artesanal, o manguezal e os territórios – terra e água –, são formas de produção deste modo de vida. Tradicionalmente Acupe constrói sua história no tecer das redes, na costura e reparos delas, nas amarras dos arames das grosseiras, no agachar das mulheres e homens no mangue, na força bruta dispensada na pesca em alto mar, nas expressões e manifestações religiosas aos domingos. (JESUS, 2018, p.15)

O território pesqueiro de Acupe é formado pela Ilha Pequena, Ilha Grande, Coroa Branca, Ilha do Chegado e o Iguarapirá (JESUS, 2018). São lugares que representam contextos históricos e identitários de seus habitantes,

[...] o mar e o mangue eram vistos pelos habitantes – os negros – como símbolo de liberdade, o único lugar onde poderiam praticar suas atividades e suas manifestações culturais, sem depender ou serem proibidos pelos senhores do engenho que se encontravam no poder das grandes extensões de terra ali existentes. Esses ambientes possibilitaram aos ex-escravos do Distrito, através da pesca e da captura de mariscos no mangue, novas formas de sobrevivência e trabalho, livrando-os da necessidade de continuar a viver nos engenhos. Dessa forma a atividade foi sendo desenvolvida e passada de geração a geração, estabelecendo no tempo histórico as suas territorialidades. (RIOS, 2012, p.197)

O tempo passou, mas ainda assim o mar e o mangue são símbolos de liberdade para os Acupenses. São lugares à medida que são apropriados, que denotam a transposição do infinito, da possibilidade de reencontro com as memórias, com as histórias narradas sempre pelo pescador ou pela marisqueira mais velha, que aciona lembranças e fatos apontando para uma direção em que os nossos olhos ao mesmo instante que encontra o que deve ser visto, se perde diante da imensidão da beleza do mar e do verde das plantas do manguezal.

Rios (2012) ressalta ainda que “[...] o território dos pescadores artesanais de Acupe foi sendo construindo à medida que a população se apropriava da natureza para retirar os recursos necessários à sua sobrevivência” (p. 197). Numa das suas narrativas Pato também enfatizou a apropriação dos recursos da natureza para a sobrevivência da sua família.

*A casa que meu pai construiu era de barro, de taipa, na verdade, as casas aqui no porto eram assim. As lenhas que cozinhavam os mariscos, eram retiradas do próprio mangue. Quando dava a gente trazia a lenha na canoa e às vezes cozinhava nas ilhas, era bom, já trazia ferventado. Sinto saudades daquele tempo, era tranquilo.* (Feirante Lucimário (Pato) – Entrevista narrativa, 2020)

Ao relembrar o passado, o feirante Pato, num tom melancólico, narra sobre o estilo de vida dos pescadores de Acupe no passado recente ao descrever as suas casas, e também descreve como os mariscos eram preparados para o consumo. Outro elemento importante que emerge deste excerto é o modo como os territórios terra e água da comunidade de Acupe são apropriados pelos seus habitantes, ao passo que os mesmos desenvolvem atividades produtivas, manifestações culturais (Caretas, Nego Fugido, Samba de Roda) e moradia. (RIOS, 2012)

Pato mora no porto de Acupe (figura 40). O fundo da sua residência permite o acesso direto para mangue. Ele desfruta de uma paisagem particular, de um contato íntimo com as águas que fertilizam a diversidade do ecossistema manguezal, o qual ele ajuda a preservar.

*O fundo da minha casa dá para a maré, procuro dentro do meu espaço manter a limpeza, pode ir lá para ver, você e nem ninguém vai encontrar lixo, como vou sujar o mar que me alimenta e que me dá mercadorias para eu vender na feira? Tenho cuidado, consciência. (Feirante Lucimário (Pato) – Entrevista narrativa, 2020)*

**Figura 40** – Porto do Acupe.



**Fonte:** Acervo da pesquisadora. Nov. 2020

Trabalhar com histórias de vidas é lidar com um emaranhado de fios que ao se cruzarem vão delineando o bordado, o qual comporta muitas crenças, desejos, gostos e modos de vida do sujeito bordador. Como uma rede de pesca, cada

movimento do fio define o traçado, que vai formando o instrumento que o pescador vai tecendo uma cartografia e cria laços com o mar. Para Delory-Momberger (2012, p. 74), “[...] cada um de nós constrói e desenvolve uma *cartografia* que lhe é própria, descritível em termos de lugares, de sítios, de territórios, de redes, de conexões, de trajetos etc., que não é impossível de ser reconstituído.”

E nesse processo de reconstrução de uma vida, Pato segue o caminho do pai após a morte deste, ao narrar sobre a sua entrada na feira na condição de feirante.

*Eu herdei a feira de livre de Santo Amaro, eu herdei a profissão de feirante do meu pai, eu acompanhei ele para feira desde os 8 anos de idade. Mas só depois do falecimento dele que assumi de vez a banca. Antes disso eu trabalhei um tempo na Penha, a fábrica de papel. Larguei o trabalho, fui pra feira, meu pai tinha muita freguesia e eu não podia deixar de atender. Até porque, a maioria dos fregueses já me conhecia por me ver com o meu pai na banca. (Feirante Lucimário (Pato) – Entrevista narrativa, 2020)*

A feira livre, enquanto patrimônio material e simbólico herdado, se constitui como lugar de referência, pois através dela podem se conhecer histórias de vidas como a de Pato, que trazem a lume compreensão sobre os aspectos socioeconômicos que explicam os motivos da continuação do ofício de feirante de geração a geração. Esta história de vida em questão demonstra como a trajetória de vida de um pai influenciou nas itinerâncias e na memória de seu filho, o herdeiro de práticas e saberes da arte de pescar e do ser feirante e que comercializa, por meio do alimento, expressões culturais.

De modo livre e dotado de espontaneidade Pato narra sobre sua relação com a feira, sentado no braço do sofá em sua residência. Por vezes é interrompido com a chegada de amigos pescadores que vende para ele alguns pescados.

*A minha relação é de amor e ódio com a feira. Às vezes vendo tudo, às vezes não vendo quase nada. Quando sobra muita mercadoria eu guardo dentro do mercado da farinha, lá tem meu freezer, que tenho de manter fechado com cadeado e arrame. Procuro sempre não sair da feira muito tarde por questão de segurança. Mesmo com algumas dificuldades eu não sei o que seria de mim sem a feira. Quando não vou por algum motivo, por algum problema, por falta de mercadoria, sinto uma saudade danada, já me acostumei com o ritmo, com o barulho, com os meus colegas feirantes. (Feirante Lucimário (Pato) – Entrevista narrativa, 2020)*

Ao narrar sobre a feira livre de Santo Amaro, Pato destaca a sua íntima

relação com esse lugar, a qual é marcada por dois sentimentos antagônicos: amor e ódio. O amor é retratado pelo apego ao lugar, às pessoas, aos cheiros e produtos comercializados, ao movimento rítmico e harmônico (musical) que marca os dias de feira. Já o ódio retrata a sensação de frustração quando não consegue vender a sua mercadoria e o medo que paira sob esse lugar à medida que as horas avançam.

As sessões de entrevistas narrativas realizadas com o Senhor Lucimário (Pato) aconteceram em sua residência e na feira livre. Ir à sua casa, foi uma sugestão dele; disse que não queria dividir atenção com os afazeres da feira. Em um domingo ensolarado conversamos sobre trechos da sua vida em tempos diferentes, ou seja, parte da infância e da vida adulta. No entanto, foi no lugar feira livre que ele narrou as histórias, mobilizando as suas memórias para o passado, fazendo emergir as reminiscências de saberes antigos aprendidos com as vivências com o seu pai, conforme excerto a seguir:

*Esta balança de dois pratos (figura 41), meu instrumento de trabalho me acompanha por anos, tenho histórias com ela. Se você reparar a base é mais velha, porque é do tempo do meu pai, agora os pratos eu tive que trocar por novos, mas o peso ainda são os mesmo. Meu pai que me ensinou a pesar as mercadorias com ela. O povo pergunta o porquê desta balança e não uma digital. Eu respondo que gosto de trabalhar com esta, sinto que não estou só. Se a balança falasse, te contaria sobre a feira mais do que eu. (Feirante Lucimário (Pato) – Entrevista narrativa, 2020)*

Este excerto narrativo coloca em evidência as aprendizagens construídas na convivência com o seu pai no cotidiano da feira. Operar uma balança analógica para pesar os pescados representa para o Senhor Lucimário (Pato), não apenas um procedimento no cotidiano do labor na feira, mas uma memória afetiva que guarda da sua relação com o seu pai.

Vale ressaltar que a narrativa dá autonomia ao entrevistado para que ele revele suas principais referências através dos seus instrumentos de trabalho, os quais subjazem como caminho que faz apreender outras formas de ver e pensar o outro, o seu entorno e as suas relações com os lugares e as pessoas. Segundo Delory-Momberger (2012, p. 39), “[...] pela narrativa, os homens tornam-se os próprios personagens de suas vidas e dão a elas uma história”. E são os sentidos atribuídos às experiências vivenciadas em diversos lugares que preenchem de significância sua existência.

**Figura 41** – Balança de dois pratos e os pescados expostos na banca na feira livre.



Fonte: Acervo da pesquisadora. Dez. 2020.

Para além das narrativas sobre as memórias que guarda do seu pai e a sua relação afetiva com a feira, em sua entrevista narrativa realizada nesse lugar, Pato narra como ela é reconfigurada para a realização dos festejos do Bembé.

*A feira durante o Bembé tem cheiro de alfazema, outras flores e cheiro de feira mesmo. Mas também é uma confusão, desarrumação de barracas, reclamação dos feirantes, pois dizem que não vendem nada. Eu vendo menos neste período, mas sempre vendo alguma coisa, nunca voltei sem um trocado. Particularmente, eu gosto do Bembé, é a nossa história celebrada e cantada. (Feirante Lucimário (Pato) – Entrevista narrativa, 2020)*

Ao retratar a feira como lugar de trabalho, para além do lugar de fazer negócios e de se garantir o sustento, Pato destaca neste excerto da narrativa a tradição dos festejos do Bembé, a qual reafirma a história do povo negro no Recôncavo Baiano, ao destacar que “[...] é a nossa história celebrada e cantada”, marcada por cheiros e cores que fazem da feira um lugar singular. O Bembé do Mercado é único candomblé de rua do Brasil, cujo cultos aos orixás<sup>76</sup> ocorrem dentro do barracão de madeira armado no espaço da feira, o mesmo arrumado com tecidos brancos bordados, palhas secas, flores, bandeirolas e com instrumentos musicais

<sup>76</sup> Divindades.

(atabaque, agogô, xequerê). Ao serem tocados, estes evocam as energias ancestrais de modo tão impactante que o ritmo convida os filhos<sup>77</sup> e filhas de santo, os participantes e quem mais for chegando na festa a cantar e dançar para celebrar o fim de um período em que negros e negras eram marcados a ferro e fogo, como se não fossem seres humanos com direito a liberdade e a vida.

Em outro momento, Pato revela suas expectativas sobre a vida e o que pretende realizar durante a sua trajetória pelos lugares que mantém contato constante e pelo lugar que ainda almeja vivenciar.

*Meu sonho é conhecer a Jamaica e a feira vai me ajudar a vender meus peixes do mar de Acupe, o sabor é outro, você é de lá, você sabe. É daqui da feira que vou adquirir as condições de ir e curtir o reggae jamaicano. Eu sou negro, tenho uma raiz longa que não foi cortada, graças ao meu bom Deus. (Feirante Lucimário (Pato) – Entrevista narrativa, 2020)*

Conhecer a Jamaica, a terra do reggae, simbolicamente representa para Pato um ato de renascimento no lugar que o mesmo se sente pertencente ainda sem conhecer, enraizado como baobá, árvore sagrada cujas raízes conectam os dois mundos: o subterrâneo e o da existência humana. Este último é dotado da ancestralidade, força e resistência que advém do povo negro.

Retomando o ritmo do começo, a narrativa desta história de vida continua no balanço de mais um trecho da música “Riqueza do Recôncavo”

[...] Viva meu deus, eh viva meu deus camará  
que eu sou regueiro, eh que eu sou regueiro camará  
de santo amaro, eh de santo amaro camará  
que é da purificação, eh purificação camará  
(VAL CAETANO, 2011)

Camará é o mesmo que companheiro ou companhia; lembra também que para quem acredita que nesta vida juntos a caminhada segue mais leve. E neste sentido de companheirismos, de partilha de saberes e sonhos que ressaltam para Pato, com seu sonho de ir para a Jamaica por meio da sua atividade de feirante, que o impossível é aquilo que a gente não tenta, não sonha, não planeja. E com este sentimento de esperança, de crença nos sonhos e desejos manifestados que se encerra aqui um pedaço da história de vida do Senhor Lucimário.

---

<sup>77</sup> Pessoas que tem efetivamente compromisso com orixá.

#### 4.4 Manoel Lobo: “a feira livre é a universidade”

“A feira livre é a universidade.  
Quer saber sobre a vida?  
Quer ter conhecimento? Venha para a feira.”  
(Manoel, 2020).

**Figura 42** – Senhor Manoel e/na feira. Aquarela sobre papel canson300g



**Fonte:** Isabela Seifarth, 2021

O ato de dizer, narrar e de trabalhar com as experiências se constituíram em verdadeiros espaços acionados para relatar emoções e sentimentos (SCARPIM; TREVISAN, 2018). É também espaço que também permite o compartilhamento de saberes. A narrativa da história de vida do Senhor Manoel Lobo caminha por uma memória que transborda conhecimento e sabedoria sobre a relação e conduta do homem com o lugar que vivencia suas práticas ancestrais.

O registro imagético do encontro (figura 43) com o Senhor Manoel é um daqueles que dificilmente as palavras podem mensurar, em virtude do acolhimento transformador proporcionado por ele. Senti durante a realização da sessão da entrevista narrativa que aconteceu na feira livre uma energia que me renovava e que

confirmava o meu processo de crescimento pessoal nesta trajetória de compartilhamento de vivência, de conhecimentos, saberes e de histórias. E ainda pude perceber o quão importante é reconhecer a pesquisa acadêmica enquanto instrumento capaz de modificar e entrelaçar vidas.

**Figura 43** – Joelma na feira livre, durante a entrevista narrativa com o Senhor Manoel



**Fonte:** Registro de Arnaldo Ramos. Dez. 2020.

Em nosso lugar – a feira livre –, os diálogos são espontâneos. Aqui as relações sociais são construídas na chegada às bancas que disponibilizam não só produtos e alimentos, como também, a escuta genuína. O Senhor Manoel me ouviu falar sobre a pesquisa, me ofereceu chá das suas folhas sagradas, que segundo ele ajudariam a mente e a memória. O chá tinha gosto de confiança recíproca, pois neste momento de troca estavam se afluando laços identitários.

Senhor Manoel Lobo tem 67 anos, o caçula dos 12 filhos da senhora Maria Sena Lobo (*in memoriam*) e do senhor Iodório Carneiro dos Santos (*in memoriam*). Nasceu numa fazenda no Recôncavo da qual ele não lembra o nome e atualmente se diz morador da comunidade da Pedra; no entanto, enfatiza que a sua morada é a natureza e a feira. Neste sentido, ao destacar o começo da vida nas fazendas e a sua relação afetiva com os seus pais e irmãos no espaço rural, por conta do ofício de vaqueiro desempenhado por seu pai, o Senhor Manoel ressalta ter tido uma vida

difícil.

*Eu cresci e vivi até os 18 anos nas fazendas da zona rural daqui de Santo Amaro a Feira de Santana. Meu pai trabalhava tirando leite das vacas, era um vaqueiro cheio de conhecimento. A gente vivia no meio das matas, dos bichos, da natureza. Era boa e sofrida a minha vida com os meus pais e meus irmãos. (Feirante Manoel – Entrevista narrativa, 2020)*

Neste excerto da narrativa, configura-se a geo(BIO)grafia, compreendida

[...] como modos singulares de narrar a vida a partir dos lugares de enunciação: a roça, a casa e as lavouras são espaços biográficos que demarcam a condição de ser de um certo lugar, reafirmando, desse modo, a identidade rural dos sujeitos e os lugares do acontecer da vida. (PORTUGAL, 2013, p. 35)

A construção autobiográfica do Senhor Manoel desvela memórias de um tempo que ao ser evocado compõe uma narrativa marcada pela saudade da relação afetuosa com a sua mãe, mulher que o protegia das ações disciplinares rígidas do seu pai.

*[...] minha mãe era carinhosa demais comigo, meu pai também era, só que as coisas com ele tinha disciplina, tinha regra. Eu confesso que aprontava, não era flor que se cheirasse, só do tempo da palmatória. Minha mãe era minha cobertura. Quando meu pai estava muito nervoso, minha mãe pegava a folha da graviola, fazia um defumador, passava pela casa toda. Na hora meu pai virava uma seda. As folhas tem o poder de amansar, de fazer a pessoa virar um nada, ficar quieto. (Feirante Manoel – Entrevista narrativa, 2020).*

Essa vivência narrada sobre o trabalho com/e o poder das folhas retrata a transmissão dos saberes tradicionais em meio ao convívio familiar, o qual busca manter vivos os conhecimentos a cada geração. Para Scarpim e Trevisan (2018), o núcleo familiar é o primeiro grupo de referência, em que se dá a construção das primeiras memórias, a partilha da vida, dos sentimentos, onde a existência ganha sentido e pertencimento. Neste interim, o Senhor Manoel narra sua experiência oferecendo um entendimento que converge com a questão levantada por Candau (2012 *apud* SCARPIM; TREVISAN, 2018, p. 48), a qual corresponde a compreensão de “[...] uma visão dos acontecimentos passados em parte transformada pelo presente ou, mais exatamente, pela oposição que ele próprio ocupa nesse presente”. Em síntese, “[...] a memória é a presentificação de uma ausência no

tempo, que se dá pela força do pensamento, capaz de trazer de volta o que teve lugar no passado” (ROSA; NETO, 2019, p. 29). Assim, ao revisitar as memórias do tempo de criança, o Senhor Manoel mobiliza e transfere o seu saber, reconhecendo que a integração das folhas na vida dos sujeitos é indispensável para salvaguardar o aprendizado.

A memória do tempo da escola não aparece na narrativa do Senhor Manoel. Ele relata que frequentou a escola no período do Mobral, cuja duração de permanência no espaço escolar foi suficiente para aprender apenas a assinar o seu nome. Isso coaduna com o modo que Portugal (2013) interpreta as memórias do tempo da escola, que contextualizadas em cenários diferentes de vida refletem experiências plurais. E esta experiência da escolarização é dada pelo Senhor Manoel como processo vivido na natureza: “[...] *eu fui escolarizado pela natureza, pelos ensinamentos da minha mãe, eu sou escolarizado nas folhas. Sabia que as folhas curam, mas sem fé a cura não acontece?* (Feirante Manoel – Entrevista narrativa, 2020). No excerto desta narrativa é possível compreender a grandiosidade que é a vida em conformar múltiplas concepções de sabedorias; enquanto para alguns os registros acadêmicos indicam nível de escolaridade, para outros a escolaridade é o que a vida predestinou para ser. Em ambos os casos, os saberes adquiridos nos diferentes espaços são imprescindíveis e complementares.

O Senhor Manoel narra que trabalhou nas fazendas, ajudando o seu pai na função de leiteiro até os 18 anos. Em seguida se dispôs a trabalhar em algumas empresas em outros estados, mas não se adaptou com os modos de trabalhos complementemente inversos à sua experiência de vida. E foi então que ao caminhar pela feira percebeu que poderia comercializar as folhas que curam e disseminar sementes e seus saberes e conhecimentos sobre o poder milenar das plantas medicinais.

*O meu lugar é nas feiras livres. Depois que passei a ter este lugar como o meu lugar de trabalho, minha vida passou a transitar entre a natureza e as feiras. Só nesta feira tradicional de Santo Amaro eu tenho 40 anos e sou conhecido como Vaqueiro da Selva.* (Feirante Manoel – Entrevista narrativa, 2020)

Nesse processo de transitar entre os lugares, Portugal (2013), inspirada nos

estudos de Josso (2010), demarca o momento em que o sujeito “caminha para si”<sup>78</sup>, para o seu próprio reconhecimento, para as suas referências delimitando metaforicamente e geograficamente, o lugar de/onde se narra,

[...] compreendendo-se como autor, personagem, protagonista e narrador, dos seus percursos de vida [...] considerando o lugar de onde narra à vida, o lugar onde dá forma ao vivido, ao experienciado, onde a geo(BIO)grafização acontece, onde o enredo das suas experiência é tecido, possibilitando, a partir da escrita de si, uma interpretação sobre si. (PORTUGAL, 2013, p.236)

O Senhor Manoel se considera um indicador, que significa: aquele que ensina o poder de cura das folhas sagradas, o modo de preparo, a quantidade de chá a ser ingerida por dia e a espécie das folhas por problemas de saúde específicos. Na sua banca sortida de folhas sagradas, há o que o freguês necessita para seu anseio humano e o que Luedji Luna emprega em sua narrativa musical “[...] um punhado de folhas sagradas. Pra me curar, pra me afastar de todo mal. Para-raios, bete branca, assa peixe. Abre caminho, patchuli, para-raio. Para afastar o mal. Para afastar a inveja. Para atrair o amor” (LUEDJI LUNA, 2017). Sua relação com as folhas sagradas acaba por repercutir na preservação, disseminação do conhecimento tradicional e na consolidação da feira livre como o seu

*[...] lugar de encontro. É muita raiz que tenho aqui plantada e quando estou na minha banca é possível sentir cada raiz nos meus fregueses. Eu dou para eles as sementes das plantas, indico para que serve, mas não adianta beber se não tiver a fé.* (Feirante Manoel – Entrevista narrativa, 2020)

Ao aguçar a audição para acompanhar e compreender a narrativa do Senhor Manoel sobre o seu sentimento de afeto e apego à feira livre de Santo Amaro, retratado com muita alegria e a satisfação, percebo a coesão no ato de narrar e na expressão facial do Manoel feirante-curador, quando destaca:

*[...] a população da feira livre me acolhe, me conhece e eu conheço*

---

<sup>78</sup> Para Josso, a expressão *Caminhar para si* “[...] é um verdadeiro pilar para mim, porque me permite (re)questionar regularmente o rumo da minha vida e se continuo a... navegar; mas ‘não sou eu quem me navega, quem me navega é o mar’, como canta o português João Afonso.” Trecho da entrevista concedida em novembro de 2009 e publicada na Revista @mbienteeducação, São Paulo, v.2, n.2, p.136 – 199, ago./dez. 2009. Programa de Mestrado em Educação da Universidade de São Paulo. Disponível no endereço [http://www.cidadesp.edu.br/old/revista\\_educacao/pdf/volume\\_2\\_2/11\\_josso.pdf](http://www.cidadesp.edu.br/old/revista_educacao/pdf/volume_2_2/11_josso.pdf). Acesso em 02 fev. 2021.

*muita gente também. Aqui na feira, a minha vida é boa, não tenho do que reclamar, agradeço todos os dias por tudo que o meu trabalho de feirante me proporciona. (Feirante Manoel – Entrevista narrativa, 2020)*

Interessa ainda destacar a visão do lugar feira livre sob a concepção do Senhor Manoel:

*A maior universidade é a feira, o diploma que a cidade oferece facilita ganhar dinheiro, mas o bom mesmo é o conhecimento que muitos têm e não sabe usar. Eu sei usar o conhecimento que tenho e ainda ensino. Tanto que o meu maior sonho é que Deus prolongue meus dias de vida para que eu possa multiplicar e compartilhar o conhecimento. (Feirante Manoel – Entrevista narrativa, 2020)*

Conceber a feira livre como uma universidade, um lugar de construção e socialização de múltiplos conhecimentos sob diferentes abordagens, é para o Senhor Manoel um modo de sinalizar que a feira livre é um lugar onde se aprende e ao mesmo tempo se ensina conhecimentos, saberes, fazeres e onde tradições são preservadas por meio de ações e práticas da oralidade.

Este entendimento permite tecer a ideia de que os feirantes também são repositores e preservadores de conhecimentos e saberes ancestrais. É possível considerá-los como multiplicadores de memórias que guardam saberes de matrizes afro-brasileiras, tão presentes nas comunidades rurais e urbanas do Recôncavo Baiano. Neste caso, a memória assume um importante papel de guardar imaterialidade, que são os saberes e fazeres de diferentes identidades construídas não só no lugar da feira livre como em outros lugares das vivências.

A narrativa do Senhor Manoel descreve a maneira de apreensão dos lugares por meio de sua fé, a qual é carregada de uma experiência particular cujas significações capturam a essência da vida. Ele enfatiza que o ato de orar antes de sair de casa confere-lhe proteção e a visão que permite o encontro com as folhas, conforme excerto da sua narrativa: “[...] eu entro na selva concentrado, eu não vejo os bichos e os bichos não me vê, porque Deus já trabalhou para que eles permitissem a minha entrada e a catação das folhas que curam [...]”. E continua narrando sua relação intensa e íntima com a natureza:

*Em um determinado tempo, retirava da natureza e não devolvia, com isso Deus cobrou de mim, tirou meu entendimento das plantas. Para ter de volta eu plantei mais 10 mil mudas de plantas diversas. Foi aí que eu entendi que temos que devolver, não podemos pensar só em nós próprios, e as outras pessoas como ficam? A natureza faz parte*

*da gente, quando mais você planta, você ajuda a natureza. Nós aprendemos mais quando plantamos, por isso que eu planto, que eu dou a semente, pois quando você planta, a natureza ganha, todo mundo sai ganhando.* (Feirante Manoel – Entrevista narrativa, 2020)

Ao narrar sobre a sua relação com a natureza e o modo como aprendeu a lidar com a extração das plantas medicinais para comercializá-las na feira de Santo Amaro, o Senhor Manoel retrata a relação mítica com o lugar de catação das folhas que curam, acionando o entendimento que Tuan (1983) compreende como “[...] componente espacial de uma visão de mundo, a conceituação de valores locais por meio da qual as pessoas realizam suas atividades práticas” (p. 97). No decorrer deste caminho que direciona para a apreensão mítica do lugar, o referido autor reforça que essa visão de mundo provoca a sensação de segurança e o sentimento de encontro com aquilo que não se explica na materialidade.

O Senhor Manoel ainda ressalta na sua narrativa que a natureza é dona de todas as folhas que ele utiliza para trabalhar na feira e que este entendimento faz dele doador de semente e de plantas: “[...] *se eu doar todas as plantas da minha banca a natureza me dá o dobro. Por isso que coloco sempre a mais, a recompensa é a sabedoria, a inteligência, a saúde e o dom que nunca há de embora*” (Feirante Manoel – Entrevista narrativa, 2020). Esta prática é a dádiva do feirante que segundo Souza (2010, p.197) “[...] envolve/supõe uma retribuição: fidelidade, confiança, ou simplesmente agrado, o que pode ‘fechar’ o ciclo ou religar o fio: agradar é possibilidade de ter o cliente de volta, de não ser esquecido. Dar – receber (aceitar) – retribuir”.

Quanto ao modo como prepara as folhas e raízes das plantas/ervas que curam para serem comercializadas na feira livre de Santo Amaro, o Senhor Manoel revela que prepara as receitas em um pilão (figura 44) que tem 70 anos de existência, mas que está aos seus cuidados há 38 anos. É com este instrumento de trabalho que ele desenvolve o ofício de erveiro ou indicador de folhas que curam, como se autodenomina. Sobre essa atividade, ele narrou:

*Quando o freguês chega à minha banca procurando uma mistura com sete ervas eu preparo na hora. O pilão ajuda na ativação das substâncias das plantas. É preciso fazer este procedimento para que as folhas se entendam com as outras folhas e o medicamento faça o efeito esperado. Não é só beber o chá preparado com as folhas, é também acreditar na força da cura e que esta vem de Deus, através das plantas.* (Feirante Manoel – Entrevista narrativa, 2020)

O ato de macerar as folhas medicinais em um pilão é uma prática ancestral que visa extrair o melhor das plantas, cuja tradição permeia com significância em muitas famílias e em algumas religiões, como por exemplo, a religião de matriz africana. Esta possui uma ligação mais profunda e necessária com os poderes que advém das folhas, em virtude da relação intrínseca entre a natureza e as divindades cultuadas nesta religião.

A narrativa do Senhor Manoel lembra o trecho do samba enredo da Escola Unidos de Padre Miguel (Carnaval, 2017) a qual versa sobre “[...] os tambores na floresta são clamores pela cura. A raiz se manifesta onde a seiva se mistura [...] Ossain macera as folhas da fé. Osain prepara os pilões. A sua missão é legado de olodumaré” (O PODER DE CURA, 2017).

**Figura 44** – Senhor Manoel e o seu pilão na feira livre de Santo Amaro



**Fonte:** Acervo da pesquisadora. Dez. 2020.

A diversidade de entendimento sobre a feira livre pode variar de acordo com os valores humanos, histórias de vidas, além da capacidade de conexão com este lugar. A experiência individual do Senhor Manoel consolida uma visão que enfatiza a força do povo negro e seus saberes ancestrais e a vivência continua como elementos que contribuem para compreender a feira livre para além da sua função e forma de espaço de venda e troca de mercadorias. Para Porto (2005, p. 147), “[...] o ‘ir à feira’ tem diferentes significados, significados esses ligados às necessidades

humanas que são impregnadas de afetividade, de valores culturais, dentre outros”. Ainda, segundo esse autor, o “ir à feira” caracteriza um movimento, uma rotina que retrata

[...] diferentes significados, que refletem relações sociais pautadas de afetividade, de valores e marcadas por necessidades materiais e imateriais das comunidades envolvidas, mostrando, assim, que há concordância entre as crenças e os valores dos feirantes e suas atitudes”. (PORTO, 2015, p. 50)

Ao comparar a feira como um espaço de ensino e aprendizagem, de formação, uma universidade da vida, o Senhor Manoel assevera que “[...] *a leitura dos livros é boa, mas a leitura da feira passa por outros caminhos e só quem é como eu sou, feirante e negro, consegue entender. Aqui sou livre, posso ser quem eu sou.*” Isso permite considerar que o feirante cria e recria, em suas práticas laborais, diferentes percepções sobre si e sobre o lugar onde produz a vida e realiza ações educativas e pedagógicas não formais.

Ao se autodenominar como feirante e negro que sente liberdade em ser quem é na feira livre, o Senhor Manoel coaduna com o sentimento de estar em quilombo, em contato próximo e contínuo com a sua história, com o seu povo que compartilha cotidianamente dos mesmos percalços e que o enxerga com uma parte que integra o todo. Há de convir que os contextos identitários que enveredam a sua banca e vendem as folhas nutridas de poderes curativos são reflexos de uma vida de conduta comunitária, de aprendizagens ancestrais, de saberes de uma tradição de um povo.

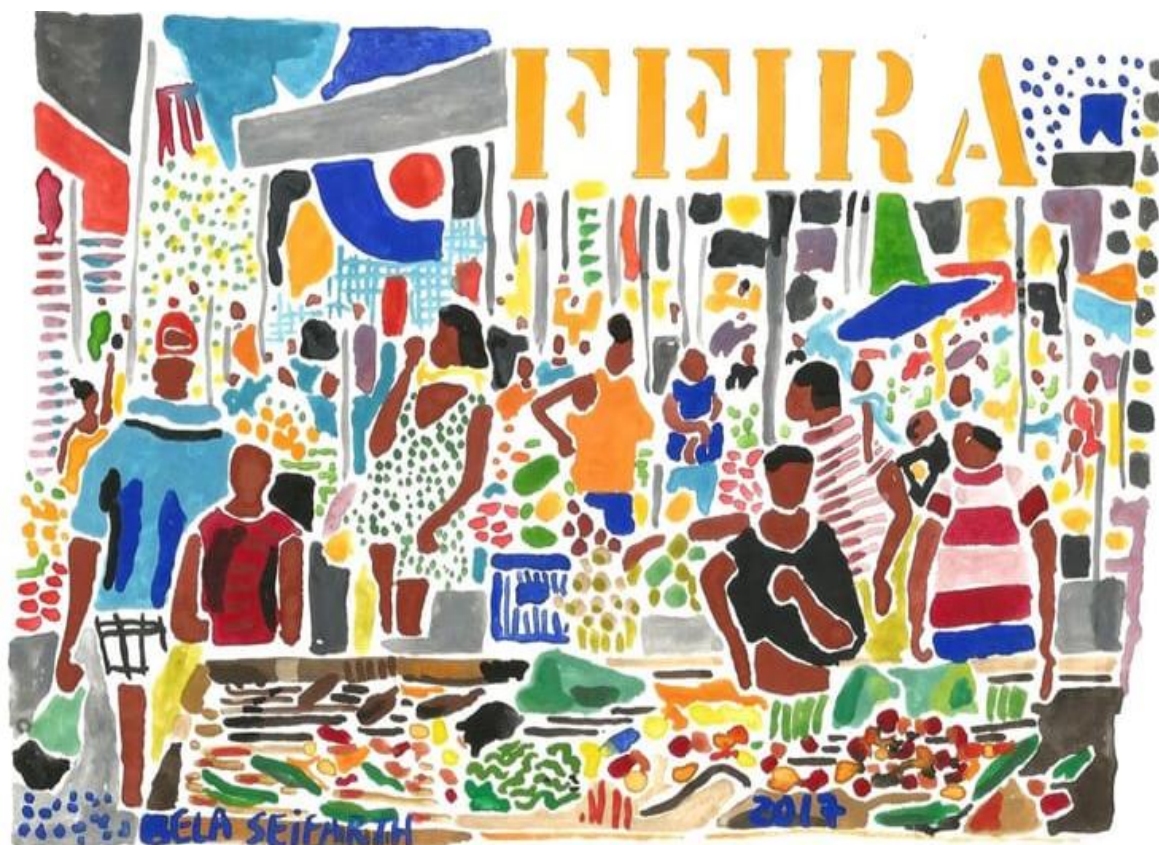
As histórias narradas por Senhor Manoel são carregadas de sensibilidade, subjetividade, simbolismos, crenças, poderes e saberes potentes, construídos no devir da vida, os quais são acionados, mobilizados e disseminados no seu lugar de trabalho em forma de conhecimento e de semente; estas, uma vez plantadas, darão frutos para a escrita de outras tantas histórias que serão narradas no cotidiano da feira livre de Santo Amaro, as quais se entrelaçarão com histórias e saberes de seus fregueses que partilham saberes sobre as plantas medicinais consumidas em forma de chás. E assim, tomando os seus ensinamentos, indico a canção “O Poder de Cura” (2017), interpretada por Dudu Nobre (2017) para marcar o fim desta entrevista narrativa que revelou elementos singulares de/em um contexto identitário.

[...]  
Pro bem no Ayê semear  
Orunmilá  
Divino mensageiro que reconheceu  
A obstinação, sabedoria  
Que fez liberto o curandeiro, o Katendê  
E Olodumaré  
Presenteou, o filho de Nanã e Oxalá  
Com o poder das folhas o axé  
Seiva da vida, da minha fé

Soca o pilão, bate o tambor (ôôô)  
Preto Véio joga arruda e Guiné no meu abô  
Luar de prata, no meu terreiro  
Tem reza forte pra benzer o mundo inteiro. Xangô num momento de ira  
Pedi a guerreira Oyá  
Sacode a saia e deixa o vento levar  
As folhas da mata pra cada orixá  
Mas o segredo guardado está  
Agué lhe peço licença  
Unidos no verde esperança  
É festa, é dança no meu viver  
Plantei no Jardim de Oxalá  
Pra sementeira vingar  
A cura e o amor no amanhecer  
(Dudu Nobre, 2017)

E é neste universo que é a feira livre – a qual ora transfere saberes por meio dos seus sujeitos, ora aprende na mesma direção – que as relações identitárias são construídas, conformadas em cantos, memórias, sonhos, alimentos, sabres, folhas, tradições e tudo que pode ser simbólico e real.

Figura 45 – Sem título, pintura acrílica sobre tela.



Fonte: Isabela Seifarth, 2017.

## 5 CONTEXTOS IDENTITÁRIOS NA FEIRA LIVRE DE SANTO AMARO: *abordagens e interpretações*

Uma característica geral da identidade é que ela recorre à uma dimensão histórica, do imaginário social, de modo que o espaço que serve de referência 'condense' a memória do grupo.  
(HAESBERT, 2009, p.180)

Este capítulo comporta as interpretações das narrativas dos sujeitos colaboradores, cujas histórias narradas potencializaram a construção das possíveis respostas para a pergunta que norteou esta investigação: Quais saberes guardam os sujeitos feirantes que vivenciam relações identitárias na feira livre de Santo Amaro no Recôncavo Baiano? O capítulo está estruturado em torno de quatro narrativas que foram compreendidas como ideias principais a serem desenvolvidas e analisadas no corpo do texto, partido do pressuposto que a pesquisa tendo como fundamentação os aspectos fenomenológicos e (auto) biográficos revelam múltiplas manifestações identitárias e saberes.

Para nortear o emaranhado de ideias sobre o sentido atribuído à concepção de contexto identitário, tento delinear que o mesmo é concebido para além das dimensões simbólica e abstrata, reunindo variados elementos que não podem ser pensados à parte quando a intenção é compreender o lugar enquanto conceito geográfico. É importante concebê-lo levando em consideração questões históricas, contemporâneas, culturais e identidade, bem como as marcas construídas pela ação dos sujeitos, suas vivências, experiências, narrativas e memórias. Pois a partir do olhar sobre essas dimensões é possível contemplar com mais detalhes a conformação do contexto identitário.

Essa percepção do contexto identitário que agrega vários elementos e dimensões que marcam o sentimento de ser/pertencer revela uma identidade suscitada da experiência cambiante entre os lugares e as relações construídas. Ela comporta referências, valores e simbologias construídas pelos sujeitos sociais, são eles os principais elementos estruturadores da identidade, ou seja, toda conformação geográfica, sobretudo a humana, reverbera sentido e identificação a partir das interações dos grupos humanos. Quando Hall (2007) aborda questões vinculadas à discussão sobre a instabilidade identitária, o autor revela que no decorrer das vicissitudes da história a identidade está “[...] constantemente em processo de mudança e transformação” (p.108). E isso explica o conflito que existe quando envolve questão da identidade, pois a necessidade de se reconhecer como parte integrante do contexto que define se é isso ou aquilo é resultado da trajetória da humanidade e da autonomia de cada ser. Pois ainda que seja de modo preliminar, reitero que as identidades não são resultado exclusivo dos sistemas de significações, porque cada indivíduo tem sua própria percepção e maneira de se

relacionar com mundo.

Tendo em vista a dialética que remonta a construção da identidade, tanto Hall (2007) quanto Haesbaert (1999) confluem para um ponto em comum: identidade enquanto elemento múltiplo, diverso, vivenciada para além de uma identificação. Neste entendimento, a identidade torna legítima a existência da subjetividade de cada sujeito, os quais partilham e adquirem saberes por serem conscientes do que são. Tomando-se então como base os pressupostos teóricos aplicados no cerne desta pesquisa, o contexto identitário é abordado como um conjunto de manifestações de memórias, práticas culturais, tradicionais, em que os sujeitos são autores, interpretes e conformadores de lugares mediante as suas ações.

Os contextos identitários da feira livre de Santo Amaro são ligados a lugares onde são forjadas as identidades, uma vez que as relações enraizadas em cada sujeito simbolicamente se movem com os mesmos. Segundo Haesbaert (1999, p.178), “[...] uma das bases que pode dar mais consistência e eficácia ao poder simbólico da identidade são os referenciais concretos aos quais ela faz referência para ser construída”. Por isso que a persona do pescador, da marisqueira, do agricultor, do erveiro são identidades forjadas, primeiramente nas comunidades pesqueiras, onde a prática da pesca e da mariscagem artesanal é desenvolvida, bem como no arejar da terra para o plantio dos alimentos e das folhas que curam. Tais identidades existem e pulsam com sagacidade na feira livre, de tal modo que o ser feirante sobrepõe e é sobreposto nesta confluência identitária; ou seja, como bem ressalta Carlos (2007, p.142), “[...] uma identidade que não se refere mais a um lugar único, mas à articulação de todos os lugares”. No mesmo sentido, uma identidade não forja contexto identitário, mas a coabitação de identidades que por sua vez são múltiplas e referenciadas aos lugares das vivências e das experiências.

Nesta consonância, os saberes evocados possibilitaram diversos caminhos de abordagens. Todavia chamo atenção para a conversão das narrativas que amplia o campo de entendimento sobre a feira livre, tal como a feira livre de Santo Amaro enquanto lugar dotado de contextos identitários; sendo estes construídos, reconstruídos, significados, ressignificados pelas experiências, vivências, identidades e memórias das mulheres e dos homens negros. Neste sentido o desenvolvimento textual das análises das narrativas segue pela via da interdisciplinaridade.

Vale enfatizar que as narrativas evocadas sobre a feira livre pareciam encaixes pré-determinados mesmo sendo de pessoas distintas, pois à medida que se tornavam audíveis, sentidas e transcritas tais compreensões davam mais complemento e sustentação uma à outra. Em virtude desta percepção a narrativa testemunha o cruzamento dos tempos, das falas que traduzem lugares e delibera sentimentos.

Sinto que seja necessário ressaltar a ideia do mistério, da compreensão limitada e inexplicável, pois a feira livre guarda em si o mistério de muitas vidas, da impossibilidade da explicação sobre tudo que foi criado dentro dela. É o lugar que possui uma linha visível que se separa de outros lugares pela força das energias que emergem dos elementos, símbolos, alimentos e pessoas que se cruzam e se conectam. O registro fotográfico fora do lugar feira livre (figura 46), realizado em uma das pesquisas de campo, traduz esta percepção sob meu olhar.

**Figura 46** – Trecho da feira livre de Santo Amaro vista de fora.



**Fonte:** Acervo da pesquisadora. Dez. 2020.

Para Tuan (1980, p.2), “[...] as atitudes e crenças não podem ser excluídas nem mesmo da abordagem teórica porque o homem é, de fato, o dominante ecológico e o seu comportamento deve ser compreendido em profundidade, e não simplesmente mapeado”. Para este autor a subjetividade e o modo como os seres

humanos percebem e estruturam seus mundos são importantes para elucidar estudos mais próximos da essência humana. Neste sentido a percepção dos sujeitos colaboradores a respeito da feira livre, possui similaridade com a Topofilia: o elo afetivo, vivido e experienciado com o lugar.

Ainda com base na fundamentação teórica de Tuan (1980), os indivíduos possuem uma capacidade não mecanizada para compreender os lugares que ocupam e cada um deles reflete sentimentos que podem ser comuns ou diferentes, sendo isso estritamente condicionado aos contextos culturais e ambientais. No que se refere à cultura, esta muda ao longo do tempo e interfere na percepção e nos valores ambientais dados pelas pessoas. Para o contexto ambiental, a análise é construída no tocante das características físicas, bem como nas atitudes e no devir das interpretações dos indivíduos. Portugal (2013, p. 231) ressalta que

Os lugares demarcados nas narrativas não compreendem apenas pontos de localização, de referência, indicação, impressão ou configuração geográfica. Trata-se, também, da evocação das relações topofílicas por meio das percepções e interações que são construídas pelos sujeitos com os lugares vividos. Os lugares compõem os cenários da vida, produzidos a partir das vivências, dos sentidos, impressões e significados que cada um experiencia cotidianamente.

Quando Tuan (1983) se propôs a tecer conceituação a respeito do lugar, uma categoria de análise do espaço que tem como elemento estruturante a experiência, contribuiu para o entendimento dos diversos componentes como, por exemplo: o tempo, o corpo, o íntimo, o conhecimento, as relações pessoais, dentre outros. Estes componentes que foram citados estiveram presentes no decorrer de cada história de vida e nas narrativas que evocaram saberes sobre a feira livre de Santo Amaro. O tempo acionado ora no presente ora no passado agiu para além da validação da experiência; ele trouxe riquezas, detalhes e sobretudo conhecimento sobre a transitoriedade dos ritmos, do acontecer das relações sociais que convergem no decorrer das trocas comerciais para uma relação mais humana e íntima.

Já o corpo, como bem trouxe Tuan (1983, p.39), representa a figura do “[...] homem, como resultado de sua experiência íntima com o seu corpo e com outras pessoas, que organiza o espaço a fim de conformá-lo a suas necessidades biológicas e relações sociais”. Neste sentido, vislumbra-se o corpo na feira livre numa performance dançante, falante entre as bancas, os balaios, os caixotes,

objetos utilizados para sobrepor as mercadorias e os alimentos em geral. Este baile de corpos e palavras ajuda na formação de laços sociais com os demais feirantes e na atração de fregueses.

Há um traço comum que pode ser atribuído também para outras feiras livres: o lugar dos feirantes, ou seja, o ponto, a referência. Tuan (1983) afirma que a referência é o símbolo que ajuda na apreensão do lugar e que o desejo de encontrar este lugar provoca uma experiência emocional a qual ajuda na memorização. Não é à toa que cada feirante conhece seu lugar; ele possui o seu lugar. Até os feirantes transeuntes conhecem o lugar de maior movimento, de volume de venda e pausa nele, nem que seja por pouco tempo. Nesta expectativa, o significado solidifica o sentido de lugar e ressalta sua importância para além da funcionalidade.

Sendo assim, a partir da perspectiva da experiência cotidiana, as seções a seguir revelam as percepções dos colaboradores da pesquisa a respeito da feira livre de Santo Amaro e seus traços identitários marcados nos mesmos.

### **5.1 Feira livre: espaço de liberdade, mundo vivido**

Perceber a liberdade através da apreensão e narração da experiência é materializar o mundo vivido. Para Carlos (2007, p. 20), “[...] o mundo do vivido, é onde, se formulam os problemas da produção no sentido amplo, isto é, o modo onde em que é produzida a existência social dos seres humanos”. Na fenomenologia de Merleau-Ponty (1999), a percepção e subjetividade são os elementos que traduzem, fora da racionalidade, a compreensão do mundo vivido e com ele é inscrito no tempo-espaço.

Durante a realização da entrevista narrativa, Dona Ninha mencionou suas percepções sobre si, a feira livre e sobre o seu amor pela leitura, pela profissão dos sonhos, afirmando que desejava ser professora do ensino básico. No entanto, diante de um sonho que não foi no sentido formal, a mesma ensinou para mim e se portou como uma professora, ao tecer suas concepções sobre os seus lugares, inclusive sobre o seu trabalho, expressando riqueza de detalhes, ligando um lugar ao outro pela sua trajetória/história de vida.

Por isso que a feira livre de Santo Amaro ao ser apropriada por muitos sujeitos como palco de atuação e da experiência de vida, provocou diversas

memórias, estas que foram erigidas durante a labuta diária, as quais comportam histórias que traduzem o espaço experienciado, cujas narrativas retratam as vivências, tanto que a feira livre pertence ao universo dos seus feirantes e frequentadores numa relação estritamente ligada aos laços sociais que são construídos durante o acontecer da feira. Carlos (2007, p.18) sinaliza que “[...] o percurso reconhecido de uma prática vivida /reconhecida em pequenos atos corriqueiros, e aparentemente sem sentido [...] criam laços profundos de identidade”.

São muitas as narrativas potentes proferidas por Dona Ninha que compõem a escrita desta subseção. A começar por esta: “[...] *a feira livre de Santo Amaro para mim é livre. A feira livre também é um espaço popular*” (Feirante Ninha – Entrevista narrativa, 2020). Iniciar as interpretações por esta narrativa, intercaladas com tantas outras, possibilitou primeiramente um despertar para o sentido de liberdade e para a seguinte questão: o que seria essa liberdade? Sobre esta pergunta, parto de uma breve contextualização dos trabalhos de Tuan (1983) e Ratts (2006), que versam sobre o sentido de espaciosidade e liberdade. Sigo então para compreender a feira livre enquanto espaço popular, sob a interpretação de Páez (2004).

Era de se esperar que esta mulher, negra, nordestina e quilombola, que vivenciou e construiu sua identidade em parte na feira livre, tivesse saberes que direcionam a compreensão deste lugar para outras particularidades. Este movimento é uma aderência presente no método fenomenológico que segundo Holzer (2008) têm sido uns dos caminhos da Geografia Humanista e Cultural para reconhecer as múltiplas percepções do mundo vivido. Nesta interlocução, Merlau-Ponty (1999) ressalta a essência que emerge da fenomenologia, a qual através das diversas linguagens pode expressar as maneiras de existir, reexistir e flunar nos lugares que ficam no plano concreto ou no imaginável.

Aqui, o caso em questão é compreender o vivido, a interpretação que versa: “*a feira livre de Santo Amaro para mim é livre*” (Feirante Ninha – Entrevista narrativa, 2020), para isso encontrei na obra “Eu sou Atlântica” de Alex Ratts (2006) – que conta a trajetória da historiadora Beatriz Nascimento – direcionamento, suporte e inspiração para traçar uma linha interpretativa. Neste livro o sentido de liberdade surge como propósito que cada pessoa negra deve compreender, tendo a sua vivência, os seus anseios como ponto de partida.

[...] na verdade, eu sabia quem era. Eu sabia que o Eu sou estava

inteiro. Mas desagregado numa vivência de mundo extremamente repressiva. Daí a possibilidade de sair disso foi a reflexão, voltar pra dentro. Tirar de dentro a potência para que houvesse possibilidade de abertura, de liberdade. (RATTS, 2006, p.64 *apud* NASCIMENTO, 1989)

A feira livre de Santo Amaro para Dona Ninha é o reflexo do sentimento de liberdade que habita nela e reverberada a cada encontro consigo mesmo, com a sua trajetória, com o sentimento de pertença, com os seus lugares, sendo ele de trabalho, lazer ou de memórias. É uma interpretação sobre seu próprio eu que Merlau-Ponty (1999, p. 1-2) explica como “[...] uma descrição direta de nossa experiência tal como ela é, e sem nenhuma deferência à sua gênese psicológica e às explicações causais que o cientista, o historiador ou o sociólogo dela possam fornecer”. Ou seja, um palco de manifestações de acontecimentos, sentimentos, delírios, saberes e sonhos.

É importante situar que o entendimento escrito por cada narrativa está no campo da subjetividade, da identificação, ou seja, do reconhecimento de um saber que travessou o atlântico. Segundo Ratts (2006), esses saberes ganham sentidos quando motivados e acionados pelo povo negro. Neste sentido Dona Ninha completa: “[...] *eu caminhei pelo mangue, menina! Pisei na lama e me sentia abraçada. O vento do mangue soprava o silêncio no meu ouvido, sabia? Já na feira caminho por ela. Sou da feira, feirante que vende alimentos do mar e do mangue*” (Feirante Ninha – Entrevista narrativa, 2020).

As leituras que Dona Ninha (2020) e Ratts (2006) fazem sobre o sentimento de pertencimento se cruzam diante de narrativas que diferem entre si na forma como são evocadas, mas que se conectam pelos significados, representações e, sobretudo pelo histórico-cultural de pessoas negras que traduzem seus lugares a partir das experiências vividas e dos contextos identitários que os cercam.

Embora o conceito de lugar seja o principal no devir deste estudo, cabe para complementar à análise desta narrativa a concepção do espaço tendo a experiência de espaciosidade como característica relacionada ao sentido de competência e liberdade (TUAN, 1983). Para o autor a

[...] espaciosidade está intimamente associada com a sensação de estar livre. Liberdade implica espaço; significa ter poder e espaço suficiente em que atuar. Estar livre tem diversos níveis de significado. O fundamental é a capacidade para transcender a condição

presente, e a forma mais simples em que esta transcendência se manifesta é o poder básico de locomover-se. No ato de locomover-se, o espaço e seus atributos são experienciados diretamente. (p.59)

Segundo Tuan (1983, p. 61), “[...] os seres humanos necessitam de espaço e de lugar. As vidas humanas são um movimento dialético entre refúgio e aventura, dependência e liberdade”. Nesta circunstância o espaço seria o desbravar, o campo das inúmeras possibilidades, enquanto o lugar caminha para o recolhimento, não deixando de haver também o sentimento de liberdade. Esta relatividade é dada pela experiência e pela cultura de cada indivíduo; em suma, somos nós os responsáveis por conceber ou não o sentir-se livre.

Lendo o livro de Raúl Zibechi, “Território em resistência: cartografia política das periferias urbanas latino-americanas” (2015), encontrei duas abordagens para interpretar: *A feira livre também é um espaço popular* (DONA NINHA, 2020). A primeira compreende o papel da mulher na conformação de espaços populares (favelas, moradia popular). Isso significa, segundo Zibechi (2015), que a formação de espaço popular encarna relações sociais diferenciadas, normalmente contrárias à sociedade hegemônica. Neste caso, cabe associar a feira livre como um “[...] setor social que têm características diferentes em decorrência das relações que os [...] sujeito encarna (p. 38)”. Para Dona Ninha “[...] a feira livre é aberta para o povo. Em meia hora se vê tantas coisas. As pessoas fazendo suas compras, o menino do carro de mão em busca de fazer um carreto, um feirante ajudando outro na venda da mercadoria e assim vai.” (Feirante Dona Ninha – Entrevista narrativa, 2020).

Para o autor, são as mulheres as responsáveis principais por produzirem relações solidárias, recíprocas e igualitárias em espaços populares, estes que são normatizados seguindo “[...] a forma de uma economia diferente da hegemônica, uma economia que, pela prática contesta a economia capitalista” (ZIBECHI, 2015, p.56). Esta economia sinalizada por Zibechi (2015) reverbera também na narrativa de Dona Ninha (2020):

*Na feira livre a maioria são as mulheres, as que compram e as que são feirantes. Também somos a maioria na beira do porto comprando os peixes, os siris e os camarões das mãos dos pecadores e das marisqueiras. Movimentamos a vida com o dinheiro que ganhamos com o trabalho da feira livre, nos ajudamos na medida do possível. (Feirante Dona Ninha – Entrevista narrativa, 2020)*

Vale reportar a compreensão da economia que subjaz tanto da fala do autor Zibechi (2015) quanto da narrativa de Dona Ninha a respeito da dinâmica socioeconômica circunscrita em ambientes onde as trocas comerciais são realizadas numa cadeia de produção, cujos ganhos alcançam os envolvidos neste ciclo produtivo. Nesse contexto, os pescadores, marisqueiras, agricultores, feirantes e o consumidor final reafirmam a importância da feira livre como lugar que possibilita esta integração identitária e econômica.

Deste ponto parte a segunda abordagem: o entendimento da feira livre como espaço de soberania popular. Segundo Zibechi (2015, p. 66), é no espaço como o da feira livre que se “[...] ensaiam as revoltas que extravasam, de tempos em tempos, as grandes alamedas do controle social”. Pois são nas feiras livres que se encontram as expressões autônomas dos povos, sejam elas políticas, econômicas e culturais que o poder estatal engendra esforços para sufocar com projetos modernizadores (ZIBECHI, 2015). Páez (2004) afirma que o historiador chileno Gabriel Salazar foi perspicaz ao enfatizar que

[...] es replantear las ferias libres precisamente como actos que recuperam la antigua soberania del Pueblo, revivendo la cultura social y el diálogo abierto del ágora. El autor pone énfasis no solo em le acto de ocupación y resisténcia que las ferias conllevan, sino tambien em le tipo de relación entre ciudadanos que promueven y facilitan. (PÁEZ, 2004, p. 1)

Para Páez (2004), a construção analítica que traduzir a feira livre enquanto espaço popular, também alcança o sentido de liberdade e as significações das trocas sociais

Las ferias serian un espacio público único em su espécie, donde se despliegan relaciones libres y abiertas em um permanente flujo de ciudadanos. Son puntos de la ciudad donde convergen la permanencia com la movilidad, y de cyuo choque emergem dos cualidades distintivas del ágora clásica: la ‘cultura comunitária’ y la soberania del ciudadano consumidor. (PÁEZ, 2004, p. 2)

A feira livre apreende conteúdo efetivo e social, bem como uma carga autônoma territorializada pela capacidade de escolha dos sujeitos que se fazem diferentes por entenderem que o poder está no modo como as relações sociais são construídas e são movimentadas. Neste sentido, ainda cabe ressaltar os sujeitos visitantes que flanam pela feira livre observados por Dona Ninha, conforme excerto

da sua narrativa:

*São muitos estudantes que fazem pesquisa aqui na feira. Também têm os capoeiristas, os grupos de amigos, as pessoas de fora que vêm para conhecer a feira livre. Estas a gente identifica logo, de longe já se vê que não são daqui, pelo modo de se vestir, pelas câmeras de fotografias grandes, e pelo jeito atrapalhado de tentar falar com a gente. (Feirante Ninha – Entrevista narrativa, 2020)*

Com base em Páez (2004), as feiras livres frente ao sistema dominante exercem funções, dentre elas a de um espaço utilizado pelo povo para o desenvolvimento da economia popular e onde as classes excluídas do sistema formal conseguem desenvolver mecanismos de sobrevivência, autogestão social, participação e organização comunitária. Construindo, para o autor reverbera com mais importância o sentido de igualdade, este não percebido nas instâncias do poder formal. Sendo assim,

[...] frente a um espacio público cada vez más dominado y administrado por los poderes centrales, donde se intenta disciplinar no solo las transacciones comerciales sino también las relaciones sociales, los patrones culturales y las pautas Morales, el comercio informal se há transformado em la última arma política y económica com que las clases populares pueden ejercer sus derechos ciudadanos. (PÁEZ, 2004, p. 2)

Diante dos saberes narrados por Dona Ninha, a feira livre é ressaltada como um lugar dotado de significado. Mediante as suas concepções foi possível a oportunidade de interpretá-la sob a ótica da interdisciplinaridade, cujos autores de ciências distintas – um da ciência geográfica (TUAN, 1983) e outros da ciência social (PÁEZ, 2004; RATTIS, 2006; ZIBECCHI, 2015) – foram importantes para a compreensão dos saberes que foram desvelados e revelados em narrativas.

Assim, torna-se importante sinalizar que “[...] o mundo não é aquilo que eu penso, mas aquilo que eu vivo; estou aberto ao mundo, comunico-me indubitavelmente com ele, mas não o possuo, ele é inesgotável” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 14). Por isso que as interpretações e análise das narrativas são reflexos de um esforço que procurou se ater numa construção teórica que subsidiasse a melhor tradução do mundo vivido e dos saberes de Dona Ninha a respeito da feira livre de Santo Amaro, de maneira que os seus traços identitários e suas percepções vívidas reverberassem com autenticidade no corpo do texto, de

modo livre como o seu jeito de viver e conceber os lugares das suas experiências.

## **5.2 Feira livre: lugar de produção e socialização de saberes e conhecimentos**

São muitas as manifestações de saberes que circulam na feira livre, os mesmos estão expressos nas performances corporais, nos alimentos, nos produtos, nos gestos, nos movimentos, nas práticas culturais que demarcam os contextos identitários, estes construídos pelos sujeitos que sociabilizam e territorializam relações simbólicas, afetivas, de pertencimento, dentre outras.

Souza (2015) sinaliza que os trabalhadores das feiras livres constroem, reconstroem e compartilham saberes ao longo de suas trajetórias de trabalho e histórias de vida. Para a autora,

O trabalho desempenhado nas feiras livres, para além da simples compra, comercialização e venda de mercadorias, em como enquanto espaços educativos e pedagógicos não formais de aprendizagem, de formação humana e de educação popular, cujos trabalhadores e trabalhadoras criam e recriam saberes, a partir de suas estratégias de sobrevivência material e simbólica. (SOUZA, 2015, p.129)

Uma dessas manifestações de saberes emerge da entrevista narrativa do Senhor Manoel, um feirante que se identifica a todo o momento como um sujeito que multiplica conhecimento através das suas indicações de plantas para curar a dor e das doações de sementes de ervas medicinais para os fregueses/amigos. Para ele a feira livre é como um lugar de muitos saberes, chegando a ser comparada com a universidade, onde todos estão inseridos num sistema de trocas na feira livre, numa relação mútua de professor e aprendiz.

*Eu entendo das folhas, o feirante ali entende do mel da abelha e assim vai, cada um aqui sabe um pouco das coisas da vida, das coisas da natureza. O saber da feira livre é saber que neste lugar todo mundo, pouco ou muito, tem conhecimento de alguma coisa. Têm inteligência. (Feirante Manoel – Entrevista narrativa, 2020)*

Tendo em vista a força desta observação, são muitas as narrativas que compõe a chuva de saberes que emanam das falas do Senhor Manoel, dentre elas a afirmação de que “[...] a feira livre é a universidade”. Ele acredita que os saberes

embutidos neste lugar correspondem à gama de saberes que estão nas universidades; ambos são lugares de partilha destes saberes, os quais trazem consigo a marca identitária. Sendo assim, o desenvolvimento desta seção seguiu no cruzamento das narrativas do Senhor Manoel com estudos que tiveram as feiras livres e seus contextos e saberes como objeto de análise, como por exemplo, filme, música, artigo, dissertação, tese e etc.

Para começar enveredo pelo filme lançado por Roberto Pires em 1961, *A grande feira*. Sua narrativa conta contextos populares, culturais, identitários e urbanísticos da feira de Água de Menino, que se localizava entre a cidade alta e a cidade baixa do município de Salvador – Bahia. Neste enredo cinematográfico a feira livre aparece como um lugar de sociabilidade, encontro, relações comerciais, mas a narrativa principal revela o avanço do sistema econômico sobre o terreno onde se localiza a feira, o qual seria o impedimento para a ampliação do Porto de Salvador. Em decorrência deste fato, especula-se o fim da feira, que por sua vez foi dizimada com um incêndio provocado por uns dos personagens que acreditou estar em defesa do seu lugar de trabalho.

Vale ressaltar que essa mesma feira inspirou uma composição musical adaptada aos enredos reais. A rigor, eles expressavam a dinâmica destrutiva de planejamento urbano que visava uma modernidade que efetiva a escassez de espaço popular, ocupado por população que dependem diretamente deste espaço em questão para sobreviver.

[...] Atrás da feira, a cidade. Na frente da feira o mar. Atrás do mar, a marinha. Atrás da marinha, o moinho. Atrás do moinho o governo. Que quis a feira acabar. Dentro da feira, o povo. Dentro do povo, a moça. Dentro da moça, a noiva vestida de rendas. Ô Abre a roda pra sambar. Moinho da Bahia queimou, queimou, deixa queimar. Abre a roda pra sambar. A feira nem bem sabia. Se ia pro mar ou subia. E nem o povo queria. Escolher outro lugar. Enquanto a feira não via. A hora de se mudar. Tocaram fogo na feira. Ai, me dia, mi'a sinhá. Pra onde correu o povo. Pra onde correu a moça. Vinda de Taperoá?. (GIL, 1967)

Gil (1967) cantou declaradamente a insurgências perpassadas na feira livre, estas provocadas por uma sociedade que se organiza segundo as regras capitalistas do sistema urbano-industrial. Com o seu poder de versar em ritmo sagaz os enredos dos lugares, sua música também revelou as relações de força que

disseminam a integração dos sujeitos formadores de contextos culturais que ambientalizam a feira livre. Contextos culturais que também podem ser observados na narrativa do Senhor Manoel:

*Eu aprendo muito na feira, quando as pessoas da religião de santo vêm comprar na minha banca, eles também me ensinam sobre as folhas que curam, às vezes usam nomes diferentes, uns nomes de entendimento deles. Abençoa a minha banca, chamando pelo santo que guarda a natureza. (Feirante Manoel – Entrevista narrativa, 2020)*

É constante a presença dos elementos sagrados na feira livre, cada um seguindo tradições que correspondem a diferentes espaços de aprendizado. Tal fato ganha demasiada importância em virtude do cruzamento dos modos de traduzir e revelar as experiências vividas e apre(e)ndidas. É interessante perceber que na feira livre a aproximação dos sujeitos, as trocas que fazem um com o outro, são produzidas instantaneamente, no decorrer de uma *prosa*, de um *dedo de conversa*<sup>79</sup>.

A pesquisa de Souza (2010) que versa sobre a feira livre de São Joaquim está fundamentada num inventário de estudos teóricos e empíricos. A sua análise a respeito da feira livre enquanto objeto sociológico levou a formular considerações importantes que ajudam na leitura deste lugar. Entre as considerações, o autor dialoga com as inferências provocadas pelas relações mercantis estabelecidas com sistema econômico do Recôncavo e com as possíveis teias tecidas entre a feira livre e a sua hinterlândia. Seu estudo mobilizaram as seguintes conclusões:

[...] Feira, com suas mais de 50 ruas, apresenta uma dimensão, um caráter sinuoso, rodopiante, barroco, multifacetado, multirreferencial. Em São Joaquim os caminhos são muitos, as opções são composições recombinantes, estão numa outra racionalidade. São espaços dentro dos espaços, os lugares no lugar. (SOUZA, 2010, p. 156)

[...] a Feira expressa a riqueza e complexidade sócio-econômica inscrita à enseada de São Joaquim e referida a múltiplas espacialidades, territorialidades constituídas e constantemente reafirmadas entre os fios da teia de São Joaquim – expressão da diversidade, da persistência-resistência. Trocando com vários lugares, nutrindo e sendo nutrida por estes, a Feira tece sua malha comercial – configurando-se como matriz de todas as outras feiras-livres da cidade, promovendo o abastecimento de grande parte do mercado informal de Salvador. Mesmo o Recôncavo, que se

---

<sup>79</sup> Significa conversa curta.

estagnou, se mantém vivo nessas trocas. (SOUZA, 2010, p. 224)

[...] a especificidade da Feira de São Joaquim está em sua história, em como ela é contada, vivida e interpretada pelos seus sujeitos, os feirantes. Os eventos que compõem o continuum Sete-Água de Meninos-São Joaquim são recheados/emaranhados por relações sociais com o Recôncavo imediato – em sua história antiga e recente, inclusive na constituição e reorganização deste mercado interno Salvador – Baía de Todos os Santos, quando essas relações estreitas eram a razão de ser da sua antecessora – expressando as mutações profundas e as permanências modestas – existências de domínio histórico-social e não arqueológico”. (SOUZA, 2010, p. 225)

Na tessitura do estudo de Souza (2010), a feira livre de São Joaquim foi analisada detalhadamente. O autor se preocupou em dar conta dos corredores de saberes, dos baús que guardavam histórias de uma feira livre inscrita no passado, mas que baila e flana com o presente traduzindo-se em uma realidade concreta, sentida, vibrante, nutrida com diferentes alimentos, cores e sons.

Ao pesquisar sobre a feira livre de Vitória da Conquista-Ba, Mendes e Lacerda (2019) constroem uma narrativa enfatizando o lugar e a memória como elementos presentes e complementares na feira livre. Segundo os autores, os lugares que colaboram na formação da memória, também funcionam como o despertar das lembranças e acionam elementos tais como “[...] o cheiro, o gosto, uma imagem ou diversos outros elementos que vão evocar memórias individuais ou coletivas, possibilitando a reafirmação de uma identidade para o sujeito social ou grupo” (p.64). Neste sentido, a memória que o Senhor Manoel evoca revela o ensinamento passado de geração a geração:

*Meu pai me ensinou os cuidado que devo ter ao lidar com as folhas que curam. As folhas verdes eu procuro manter em local fresco e coberto para que o sol não mate as energias que precisam estar vivas para o preparo dos banhos de purificação e para a benzedura. Já a folhas secas, normalmente indico para chás separados por sacos. E assim fica melhor para ser transportado até a feira. (Feirante Manoel – Entrevista narrativa, 2020)*

A narrativa do Senhor Manoel possui conteúdos de suma importância para dimensionar o saber fazer da sua atividade de erveiro nos lugares que realiza as trocas comerciais. Tanto que a natureza compreendida pela sua serventia enobrece a ideia do co-pertencimento e edifica as relações identitárias e comunitárias. Vale ressaltar que a narrativa do Senhor Manoel também coaduna com a fala de Dona

Ninha, a qual diz: “[...] lido com os camarões da maneira correta, limpo antes de ferventar, retirando as algas que vem do mar, não deixo exposto, o local que defumo anda sempre limpo e ainda ensino como se faz para os fregueses”. (Dona Ninha – Entrevista narrativa, 2020). Neste sentido, as práticas de preparo e de manuseio dos alimentos transcendem a transferência dos saberes, à medida que são explanadas pelos sujeitos.

Suas inferências sobre a feira livre foram desenvolvidas ao passo que se compreendia que atividades culturais, econômicas e as relações sociais são estabelecidas nos lugares de memória e que “[...] nesse processo, os espaços se ressignificam simbolicamente e reforçam as tradições e as comunidades”. (MENDES; LACERDA, 2019, p. 64). É de salientar que

A história de cada lugar passa a ser construída sobre essa rede de referenciais repletos de relações que se desenrolam em todas as direções, ela se faz pela síntese de elementos próprios que se relacionam com o mundo externo cotidianamente. É no dia a dia que os costumes são recriados, no cotidiano os traços culturais, os valores e as tradições são repassados. Na permanência das percepções a memória é preservada e evocada com afeto. (MENDES; LACERDA, 2019, p. 65)

Outro ponto mencionado por Mendes e Lacerda (2019) foi à tradição como expressão que legitima a feira livre como patrimônio

[...] um conjunto de costumes, crenças ou gestos e contém elementos que quando são contados (tradição oral) ou transmitidos de uma geração para outra, passam a fazer parte de uma cultura, portanto, são expressões culturais como essas que traduzem a feira como patrimônio. (MENDES; LACERDA, 2019, p. 70)

Este entendimento emergiu da narrativa do Senhor Manoel:

*Gosto quando umas freguesas que são rezadeiras aparecem por aqui na feira para comprar na minha mão, pois aproveito a oportunidade e peço pra ser rezado. Quando está na hora de rezar elas rezam, quando não, dizem que da próxima vez chegam mais cedo. É bom receber uma reza, porque o vento passa e não encosta. Vai para longe. (Feirante Manoel – Entrevista narrativa, 2020)*

Silva (2020, p. 367) entende que “[...] as narrativas como arte, poesia de autoconhecimento, representadas a partir da linguagem, expressadas com base no imaginário do universo mítico”. Deste imaginário, a crença tem a dimensão da

vivência do sujeito que internaliza a cultura do seu lugar, tendo a fé como força capaz de proteger e guardar o corpo dos infortúnios da vida. A mesma fé concebida como elemento unificador de relações sociais e religiosas na feira livre, sem deixar de mencionar a sua manifestação que entrelaça identidades, saberes e memórias.

Não tão distante das concepções apresentadas por Mendes e Lacerda (2019), Vedana (2008) investiga o cotidiano urbano a partir das práticas de consumo nas ruas das cidades, sobretudo, nas feiras livres. Nas suas investigações, a autora compreende o cotidiano a partir das formas expressivas com as quais os habitantes da cidade apresentam-se como corpo coletivo, dotados de gestos e práticas que dão vida e forma à cidade. No entanto, é preciso compreender a conformação do cotidiano para além da descrição, pois

[...] não basta apenas observar e descrever o desenrolar das ações dos sujeitos. É preciso aderir, compartilhar, interpretar, estas práticas e gestos para compreender que a vida urbana é resultado de múltiplas durações, e que só continua porque recomeça diferente. (VEDANA, 2008, p. 242)

A reflexão de Vedana (2008) caracteriza a feira livre entoando os seus ritmos temporais conformados na vida urbana, como lócus da construção, descontração e reconstrução das práticas de compra e venda de alimentos. Seu estudo desvendou a feira livre em suas múltiplas faces, nas suas artes de fazer e de dizer, nas suas práticas e gestos dos sujeitos que compõem a vida cotidiana “[...] além de compreender os jogos da memória que perpetuam estas práticas no interior da vida urbana” (VEDANA, 2008, p. 243).

Os estudos apresentados (que são uma pequena amostra diante da imensidão de pesquisas que a referencia) demonstraram o universo que é a feira livre, por possibilitar confluência de conceitos, diferentes abordagens e considerações. Em conformidade com Souza (2010, p. 24), os estudos são de “[...] variadas procedências. [...] Alguns autores são pontuais e falam especificamente (em descritivo) de algumas feiras famosas; outros são trabalhos inteiros sobre feiras, e também específicos, regional ou localmente”. O Senhor Manoel expande bem a sua concepção quando a compreende como universo do saber enquanto sujeito que multiplica conhecimento, feirante, leitor e intérprete da feira livre.

*A feira livre eu entendo e preservo como eu preservo a natureza e a mata, pois dependo delas para sobreviver, na verdade, todos nós*

*precisamos dos seus frutos, das suas riquezas, dos seus conhecimentos, das pessoas que se deslocam das suas casas, com as suas mercadorias para nutrir os fregueses com os alimentos, com os chás, com as risadas largas e o com os ensinamentos. Aqui na feira sempre observo um feirante ou um freguês ensinando algo.* (Feirante Manoel – Entrevista narrativa, 2020)

Ainda sobre a produção e socialização de saberes no cotidiano das feiras livres, remetem-nos, segundo Souza (2015, p. 139), “[...] ao entendimento e compreensão da emergência da subjetividade dos trabalhadores e trabalhadoras, expressas nas relações que estes atores sociais estabelecem com o saber.”

Em suma, os estudiosos da feira livre contribuíram para elucidar este campo de saber que foi materializado e enfatizado em narrativa pelo Senhor Manoel. Ele que desenhou sua caligrafia neste lugar, ao se traduzir e se revelar como uma identidade negra, viva, pensante, que dissemina semente da cura e do saber na feira livre.

### **5.3 Feira livre: herança, legado e vidas**

Uns dos encantos da entrevista narrativa é a possibilidade de sentir e perceber a força de uma trajetória de vida narrada pelo próprio autor. O Senhor Lucimário se revelou como um pescador de sonhos e um herdeiro de um lugar de trabalho, o qual ele demonstra certa resistência em aceitar, apesar de estar vivendo há muitos anos na condição de feirante: “[...] *herdei o ofício de feirante do meu pai. Trabalhei como ainda trabalho, mas dentro de mim ainda resisto, sei lá, era para eu ter sido outra coisa. Mas graças a Deus eu sobrevivo daqui, não posso reclamar*”.

Esta narrativa me atravessou profundamente, pois estava diante de um traço identitário em comum, de um sentimento que também reverbera em mim com a mesma veemência. Na verdade, o que foi exposto pelo Senhor Lucimário se mostra como uma riqueza que revela intersecção de saberes e o cruzamento de vivências pessoais que inscritas em tempos diferentes desabrocharam em narrativas no presente. Ademais, foi uma revelação pouco recorrente nas narrativas dos feirantes que colocaram em cena os seus sentimentos ao narrar sobre a feira, durante as conversas informais no decorrer da pesquisa de campo. As histórias narradas, na sua maioria, expressaram o sentimento de paixão e de alegria por ser feirante e por

ter a feira como o lugar de trabalho. Mas será que todo este sentimento de gratidão e satisfação não esconde uma dor camuflada pela labuta diária que exige tanto esforço ao ponto de fazer ignorar o descontentamento? Frente a este sentimento de repulsa que foi reverberado da narrativa do Senhor Lucimário, a construção desta seção seguiu por leituras que ajudaram a pensar a feira livre para além de um patrimônio familiar herdado.

Entre tantas concepções que se tem da feira livre, compreendê-la como lugar herdado é um dos fatos que explica seu legado histórico e cultural em muitas regiões do Brasil. No entanto, vale pensar a feira livre sob outra ótica, ou seja, de um lugar legitimado pelas conjunturas hegemônicas, uma vez que são estas conjunturas que interferem na modelação de espaços. A ideia aqui é propor uma interpretação da feira livre, caminhando pelas tessituras históricas que influenciaram na sua conformação.

Antes de tudo, é importante situar que o termo feira, mediante Lacerda e Fernandes (2019, p.66), “[...] deriva do latim *feria* que significa dia santo ou dia de descanso, este termo foi atribuído às feiras medievais do século XI quando as pessoas que se reuniam em praças para vender ou trocar seus produtos”. Essa prática é muitas das vezes resultado de uma alta produção agrícola que culminava no excedente. Os autores pontuam que em diversas cidades na Europa o processo de formação e expansão das feiras livres ocorreram deste modo. Já no continente americano, sobretudo no Brasil, as feiras livres foram constituídas como

[...] modalidade de mercado varejista ao ar livre, de periodicidade semanal, organizada como serviço de utilidade pública pela municipalidade e voltada para a distribuição local de gêneros alimentícios e produtos básicos. Herança em certa medida da tradição ibérica (também de raiz mourisca), posteriormente mesclada com práticas africanas na maioria das cidades brasileiras. (MASCARENHAS, 2008, p. 75)

Com relação à observação de Mascarenhas (2008) a respeito das práticas africanas serem uma das desenvolvidas na feira livre, faz-se necessária uma inferência mais contundente sobre essa constatação, pois a base estrutural e econômica do Brasil foi construída tomando como base o trabalho de pessoas escravizadas. Logo, a produção deste espaço teve forte influência desta forma de trabalho, sobretudo no Recôncavo Baiano, onde naquele período predominava a

produção agrícola sob o regime dos senhores de engenhos. Dias (2019) aponta relato exposto anteriormente, que revela a mão de obra escrava comercializando produtos e alimentos nas ruas da cidade de Santo Amaro sob vigilância dos seus respectivos donos. Neste ínterim cabe a interpretação da feira livre de Santo Amaro no século XIX como espaço de trabalho escravo, que reverbera na contemporaneidade como herança do mesmo, mas sob outra conjuntura.

Graham (2013), em seu livro *Alimentar a cidade: das vendedoras de rua à reforma liberal (Salvador, 1780-1860)*, chamou atenção para a seguinte constatação: nenhuma cidade alimenta a si mesma. Ela depende de uma quantidade de pessoas para suprir essa necessidade e no recorte temporal que se passa análise do autor (séculos XVIII e XIX) a mesma é suprida mediante ao trabalho de “[...] vendedores ambulantes, barqueiros, merceeiros, açougueiros, negociantes de gado, importadores; homens e mulheres; negros, mulatos [...] escravos, ex-escravos e livres” (p. 11). O contexto histórico desta obra colabora para fundamentar o entendimento que são estes os atores, por vez dentro de uma ordem social excludente, que ajudaram na formação e manutenção de variados os espaços nas cidades.

Utilizando o método do materialismo histórico, Graham (2013) contribuiu ainda mais para tornar visíveis dois movimentos díspares: um quando a economia se beneficiava com as atividades sendo desenvolvidas na lógica da escravidão; e outro quando o sistema se organiza na tentativa de propor leis que coibissem os vendedores, sendo eles livres ou não, de comercializarem alimentos nas ruas de Salvador, sob a justificativa de provocarem desordem dos espaços públicos. Tais leis foram rejeitadas em decorrência da falta de outro meio de abastecimento.

Com o fim da legalização do trabalho escravo em 1888, homens e mulheres negras buscaram outras geografias para residirem. Segundo Fraga Filho (2009), cidades como Santo Amaro, Cachoeira e São Félix foram o destino que mais atraíram população livre e liberta, devido “[...] à condição de interposto comercial” (p.20). Nestas cidades, alguns negros conseguiram ocupações nas seguintes profissões: pedreiro, roceiro, doméstica, carroceiro, cozinheira, servente, costureira, garimpeiro, engomadeira, ganhadeira, dentre outras (FRAGA FILHO, 2009). Apesar de não fazer referência à população que continuou ou passou a trabalhar na feira livre após o período colonial, é pertinente considerar esta possibilidade já que não

houve estruturação do sistema para dar condições de sobrevivência aos libertos. O que se tornou comum foi a imagem de “[...] negros [...] engrossando as fileiras dos desempregados” (FRAGA FILHO, 2009, p. 5). Esta constatação fomenta o entendimento da feira livre de Santo Amaro como reflexo de uma herança estruturada primeiramente como espaço de trabalho escravo e posteriormente como espaço de trabalho de pessoas livres, porém que tiveram a negação de direitos básicos que poderiam servir como alicerce para alcançar outros modos de sobrevivência e ocupar outros espaços de trabalho. Esta observação coaduna em parte com a narrativa do Senhor Lucimário:

*Eu só tenho um filho, trabalho para que ele não herde este lugar como meio de sobrevivência. Tanto porque ele hoje tem a condição de estudar, tem o que eu não tive. Ele tem tudo para fazer uma história diferente e de ir à feira livre só para comprar nas mãos de pessoas como o pai dele, que não tiveram a mesma oportunidade.*  
(Feirante Lucimário (Pato) – Entrevista narrativa, 2020)

Ao narrar a sua luta para que seu filho tenha condições de galgar outros meios de vivenciar experiências que não sejam na condição de feirante, o Senhor Lucimário assume a responsabilidade de efetivar o acesso permanente do seu filho no espaço escolar, o qual é o elemento integrador que auxilia no desenvolvimento do ser humano em todas as suas dimensões, sobretudo na dimensão humana e social. Ao frequentar os espaços de ensino de qualidade, o sujeito se torna uma pessoa minimamente dotada de consciência e de poder de questionamento. É interessante perceber que Dona Márcia narra neste mesmo sentido: “[...] *trabalho para educar e dar estudo para a minha filha, no que depender de mim, a vida dela será diferente, como já é. Ela tem a mim, ela tem mãe! O que eu não tive durante a minha vida*” (Feirante Márcia – Entrevista narrativa, 2020).

Feitas estas considerações, cabe ainda pensar a feira livre na contemporaneidade. Suas características atuais são resultantes da força provocada pelas conjunturas socioeconômicas, uma vez que são elas as intensificadoras da solidificação da concentração de renda. O que acarreta no incremento do circuito inferior da economia, facilmente identificado nos espaços urbanos, pois a população fora do circuito superior busca nos espaços das feiras livres alternativa de

sobrevivência, fato semelhante<sup>80</sup> ao ocorrido no período colonial.

Quando um feirante de uma determinada geração como o Senhor Lucimário afirma que a feira livre é uma herança, isso repercute com mais força em outras histórias, inclusive na minha. As leituras sobre este fato estão para além de análises que subscrevem a continuidade do trabalho desenvolvido na feira livre, bem como seus aspectos culturais. Faz-se necessário compreender que essa herança começa do lugar da residência, da comunidade, cujos contextos políticos, econômicos e educacionais são engendrados para condicionarem a repetição das histórias, as mesmas orientadas pela ausência da equidade e do direito de escolha.

Sobre esta percepção o Senhor Lucimário (Pato) reitera:

*Na minha vida, ser feirante devia estar no meu destino, pois não foi escolha minha. E não vejo ninguém aqui na feira dizer que foi. Todo mundo tem uma história de como se tornou feirante, mas nenhum diz 'eu quis ser feirante'. Mas depois que se acostuma, sente até falta do convívio com as pessoas, com os fregueses. (Feirante Lucimário (Pato) – Entrevista narrativa, 2020)*

O racismo estrutural determina tanto o lugar hegemonicamente herdado como quanto o não-lugar, sendo este último destinado aos povos colonizados. Desse modo, o racismo estrutural tenta limitar a capacidade dos povos ditos inferiores, cuja relação de superioridade e inferioridade é definida pela cultura branca, mediante narrativas de subjugação do povo preto. De tal modo que a narrativa do Senhor Lucimário expõe a existência de uma angústia que exige o enfretamento desta questão, a qual Gonzales (1984) ajuda na compreensão quando sinaliza a predominância do *lugar natural do negro*, este instituído pelo sistema racista e que se define da seguinte forma: “[...] da senzala às favelas, cortiços, invasões, alagados e conjuntos ‘habitacionais’ [...] dos dias de hoje, o critério tem sido simetricamente o mesmo: a divisão racial do espaço” (p. 232). Acrescentam-se ainda as ocupações nos empregos formais em que os negros historicamente ocupam: posições subalternas a serviço de uma supremacia racial.

Nesta continuidade, Milton Santos (2014) analisa o espaço do cidadão e constata que apesar de uma certa densidade demográfica existem “[...] áreas vazias de hospitais, posto de saúde, escolas secundárias e primárias, informação geral e

---

<sup>80</sup> Esta narrativa me faz lembrar e indicar como leitura a obra de Ruy Moreira, “Mudar para manter exatamente igual” (2018).

especializada, enfim, áreas desprovidas de serviços essenciais à vida social e à vida individual [...] como se as pessoas nem lá estivessem” (p. 59). Por isso que ainda que haja as melhores intenções em conceber a feira livre como reduto de práticas culturais, dotado de sociabilidade e elementos que a torna um objeto plural, não é coerente tentar enxergá-la apenas no discurso aprazível. Por trás de cada pessoa que forma a feira livre, há expectativa que difere da vivência ali experienciada.

Os rostos destas pessoas expressam o cruzamento de histórias iniciadas no tempo de ontem com as histórias no tempo do hoje. O inter-relacionamento destes diferentes tempos prolonga a existência do lugar feira livre, a qual o Senhor Lucimário compreende como

*A melhor feira do mundo, igual a esta daqui não existe, porque temos uma história rica aqui, é um que sabe plantar, outro que entende dos cuidados com os animais. O povo da feira é humilde. Aqui é diferenciado, os peixes que eu vendo mesmo, têm sabor de mar, de maré, é pescado com amor. Do meu peixe não acha em outra feira livre de jeito nenhum.*

Ainda que tenha se tornado feirante a contragosto, o Senhor Lucimário defende seu lugar de trabalho com muita sagacidade, pois é o lugar que ele usa para realizar seus sonhos e mudar o curso vida do seu filho. Da mesma forma, Dona Márcia usa para grafar uma história de vida para a sua filha e a minha mãe usou e usa na sua labuta constante na feira livre para mudar o curso da minha vida. Trata-se de uma grande conquista, pois estar aqui na posição de pesquisadora se mostra como resultado positivo e significante para nós, embora eu também esteja vivenciando concomitantemente a condição de feirante.

#### **5.4 Feira livre: Atlântico de resistência negra**

Tentar compreender o significado do lugar pelo olhar do outro é um desafio que surge a cada narrativa dos colaboradores deste estudo. Das suas falas subjazem uma carga identitária que também se torna uma erupção de leveza e no outro escama o lugar em sua camada mais íntima e profunda. Márcia compreende a feira livre como negra. Sua narrativa se caracteriza pelo tom afirmativo e contundente, pois reflete o seu lugar de fala acima de tudo. A sua narrativa também

revela a transição das fases de sua vida.

*Eu fui criança, massageei as minhas mãos com areias do quintal da casa minha madrinha. Fui crescendo, sendo doméstica, sendo maltratada, sofrendo racismo. Fui sendo feirante, fui deixando de ser e depois voltei a ser de novo e ainda estou sendo. Sou mãe e a minha filha tem nível superior completo. Dei para ela educação, formação, uma vida diferente da minha. (Feirante Márcia – Entrevista narrativa, 2020)*

Sua história de vida guarda um atlântico de luta, de resiliência e de estratégia de sobrevivência diante do sistema que tenta invalidar sua capacidade, altivez por causa da cor da sua pele. Identificá-la como atlântica é compreender que este traço identitário alcança a totalidade da sua força, a qual representa as outras mulheres negras que fazem diferença nos lugares que constroem memórias, saberes, relações mais humanizadas e que fazem a diferença nas vidas dos seus filhos e filhas que mediante aos seus esforços diários. Essas mães conseguem assegurar para eles condições mínimas para adentrar e permanecer em espaços de conhecimentos.

Perceber a feira livre como negra é um caminho que almeja ser percorrido acompanhado pelo compromisso de tecer considerações que nos levem as outras formas de ver e pensar o lugar apropriado, sentido e vivido pelo corpo negro. E para cumprir esta trajetória analítica contei com as concepções de Rattz (2014) quando foi para elucidar a questão do corpo negro e suas relações com o lugar; Jr. Oliveira (2014) para compreender a narrativa fílmica como fonte de leitura, relacionando a arte com o real; Chaveiro (2014) na conceituação do corpo e a sua ação influenciadora na aspiração do lugar.

Para Ratts (2006) a pluralidade habitada no corpo negro “[...] constrói e qualifica outros espaços negros, de várias durações e extensões, nos quais seus integrantes se reconhecem” (p. 59). Neste sentido, o

[...] lugar ou uma manifestação de maioria negra é ‘um lugar de negros’ ou ‘uma festa de negros’. Não constituem apenas encontros corporais. Trata-se de reencontros de uma imagem com outras imagens no espelho: com negros, com brancos, com pessoas de outras cores e compleições físicas e com outras histórias. (RATTS, 2006, p. 68)

O filme *Besouro*<sup>81</sup> (2009) faz alusão à feira livre de Santo Amaro de 1920, 40 anos depois do fim da escravidão. A narrativa cinematográfica aponta para uma feira livre predominada por pescadores, artesãos e agricultores, sendo eles somente homens e mulheres negras. Nesta perspectiva, cabe uma releitura da arte para os contextos reais. Para Oliveira Jr., (2014, p. 133) “[...] é de pensar e inventar outras interpretações para o mundo, a fim de permitir olhares diferenciados e diversificados não só do e para o filme, mas da e para a realidade nele amostrada, aludida ou encontrada”. Com verossimilhança, Scarpim e Trevisan (2018) sugerem a narrativa fílmica como fonte histórica capaz de transmitir ideias, valores, reconstruir obras literárias e artefatos culturais capaz de fornecer contra-análise da sociedade.

Segundo Oliveira Jr. (2014, p. 135), “[...] um ambiente visto num filme só se torna existente em nós quando nos afeta de alguma forma, tornando-se então um local narrativo, ganhando sentido na história que nos está sendo contada em imagens e sons”. Neste sentido, o filme *Besouro* nos remete a memórias de uma feira livre inscrita num passado que Dona Márcia traduz no presente. É interessante perceber o cruzamento de percepções semelhantes, em que a cor da pele demarca e solidifica co-pertencimento nas relações identitárias, que por sua vez “[...] são constantemente construídas, reconstruídas e renovadas nas trocas sociais” (SCARPIM; TREVISAN, 2018, p.213). Tanto que as mulheres negras retratadas na trama deste filme aparecem como na narrativa que Márcia no tempo presente. Vejamos:

*[...] o meu entendimento sobre a feira livre de Santo Amaro, ou como eu aprendi outro dia com a minha filha, o meu discurso sobre a feira livre de Santo Amaro não pode mais ocultar o que sinto e o que eu vejo. Vejo um monte de mulher negra na luta pelo seu sustento e da sua família. Aqui é onde nós negras retiramos diariamente o ganho que serve para tentar suprir as necessidades nossas, da casa e da educação dos nossos filhos. (Feirante Márcia – Entrevista narrativa, 2020)*

Neste excerto da narrativa de Márcia, a feira livre de Santo Amaro reaparece

---

<sup>81</sup> Décadas depois da abolição da escravatura no Brasil, corriam os anos 1920 e os negros ainda eram subjugados, condenados a trabalhos forçados, humilhados. Para as mulheres, a situação era ainda pior, posto que seviciadas, molestadas e, muitas vezes, estupradas pelos brancos. Essa era a situação vivida no Brasil quando a história do filme *Besouro* (1), direção de João Daniel Tikhomiroff, se desenrola em Santo Amaro da Purificação, na região do Recôncavo Baiano. Eliane Lordello (2017). Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/resenhasonline/16.187/6593>. Acesso em: jan, 2021.

como lugar de trabalho da população negra, sobretudo das mulheres negras. Essa percepção é reforçada pelo entendimento de Dona Ninha, que também observa a presença feminina na feira: “[...] a feira tem a força diária da mulher, também tem a força do homem, no entanto a presença da mulher é mais vistosa e constante” (Dona Ninha – Entrevista narrativa, 2020). Seus corpos ocupam majoritariamente as bancas e os bancos sob o guarda-sol e juntamente com as mercadorias, na esperança de realizar muitas trocas comerciais que garantam um dia de feira produtivo e lucrativo; ainda que este lucro seja o mínimo, o importante é que sirva para suprir as necessidades básicas. Na lógica comercial da feira livre é melhor vender pouco do que nada e vender com preço de custo do que levar para casa, onde muitas das vezes não há o local adequado para a guarda e armazenamento. Sem contar que alguns produtos são frescos e não recebem tratamento químico para que durem por mais dias, como por exemplo, a massa do aipim vendida por Dona Márcia.

Ainda como base nesta narrativa, a qual versa sobre o entendimento do lugar e a percepção da feira de Santo Amaro, uma das questões importantes para sua fundamentação está na alusão ou referência ao corpo negro e aos seus modos de ser e estar, tanto no sentido subjetivo/simbólico quanto concreto. É como “[...] olhar-se no espelho da raça e reconstruir sua identidade e seu corpo, pensando na sua trajetória e nas rotas do povo ao qual se sente vinculado” (RATTS, 2006, p.68). Isso demonstra o sentimento de pertencimento e de identificação, não só exclusivamente com lugar, mas também com as configurações nele estabelecido. Neste seguimento o lugar pode ser percebido em suas múltiplas perspectivas, das quais a narrativa (auto)biográfica, a memória e a experiência formam uma tríade reveladora. Isso se dá de tal modo que Dona Márcia não hesita em usar sua vivência para afirmar que

*Na feira livre de Santo Amaro, toda mulher é um pouco mãe, mãe preta, viu! É um pouco filha. Por conhecer a labuta do dia a dia, aqui todo mundo se ajuda de alguma maneira, na troca de um alimento, na doação de uma roupa, na indicação da barraca para o freguês que não sabe onde comprar algum produto. Esse jeito de ajudar é de nós negros. (Feirante Márcia – Entrevista narrativa, 2020)*

A narrativa autobiográfica de Dona Márcia eleva a interpretação da feira livre para um viés solidário e coletivo, cuja coletividade é exercida e nutrida pela mulher negra, a mesma que traduz a partir das suas perspicácias, a feira livre marcada pela

identidade negra. Beatriz do Nascimento nutriu percepções semelhantes ao pensar na memória e na identidade marcada no corpo,

[...] na linha do corpo negro que continua desenhando o espaço. Fio da memória. Fio da identidade. Espelho que nos indaga [...] corpo como território das relações de poder e de racialização; identidade como reconhecimento e como possibilidade de recriação inclusive do pensamento negro; amplexos entre a razão e a emoção. (RATTS, 2006, p. 69)

Como bem explica Chaveiro (2014, p. 250), “[...] o corpo é a propriedade pela qual sujeito pode fundar a sua extrema singularidade, registrar na carne a sua história na linha de contato e de intersecção com a história de mundo e dos lugares, mote para experimentar a si mesma”. O autor chama atenção para a impossibilidade da inexistência do corpo em vida, sem o espaço e os seus componentes, como não é possível conceber as geografias de um modo geral sem a ação humana, sem a experiência do corpo (CHAVEIRO, 2014). Por este ângulo, a feira livre é o resultado existencial do corpo (negro).

Chaveiro (2014) descreve o corpo enquanto guardião da história individual e social, observando a importância de considerá-lo como memória que aglutina conteúdos culturais, saberes e referências, pois

[...] a relação de um corpo com o mundo mediado pelo lugar, desde o corte do cordão umbilical até os seus níveis amadurecidos, se faz num incessante cruzamento que remonta à genética, aos conteúdos culturais, simbólicos e sociais. Matéria sensível e vibratória, o corpo é o que é mais singular e é o que é mais universal. É nome e terra. (CHAVEIRO, 2014, p.253)

Para além desta percepção, Chaveiro (2014) ressalta que

[...] o lugar é um feixe ininterrupto de relações e, portanto, de práticas espaciais de diferentes sujeitos que, em sua luta diária pela existência, com valores e símbolos, com sensações e sentimentos, com intencionalidades e motivações, com a sua produção de sentido, transformam o corpo num ator de suas plataformas. Convém sintetizar: os lugares são arenas vitais [...] encarnado, real e possível (CHAVEIRO, 2014, p. 251)

Ramos (2013) dedicou sua tese na identificação do bairro negro e na construção conceitual da forma urbana negra com o objetivo de pensar a produção do espaço para além das relações de produção, incorporando culturas negras como

eixo de análise. A autora identificou que o uso do espaço como “[...] efetivação de práticas concretas cotidianas, derivadas de práticas culturais, no caso culturas negras, partindo do conteúdo gerador de formas” (p. 264). Ela ainda ressalta que

[...] há um protagonismo histórico e cultural de populações negras que se dá através de formas de produção e apropriação da cidade, expressando seu próprio processo de criação e recriação, incorporando estratégias de lutas de resistência cotidianas. (RAMOS, 2013, p. 263)

Articulando com a proposta de Ramos (2013), cabe nesta análise pensar a feira livre de Santo Amaro como um lugar negro porque além de ser diversa, o “[...] seu conteúdo é proveniente da lógica da cultura e das demais condições econômicas, sociais, políticas e a [...] sua forma é operacionalizada segundo seu conteúdo e sua dimensão vivida” (p. 269). No caso específico da feira livre de Santo Amaro esta concepção se enquadra em seus contextos identitários, pela mesma ser lugar de tradições, de reprodução cultural e de sobrevivência de sujeitos que advêm de outras cidades e também dos povos de comunidades tradicionais.

Indo por este caminho, articula-se a força da mulher negra que aprofunda reflexões sobre o seu lugar de vida para além de problemas numa perspectiva socioeconômica, para elucidar saberes sobre o lugar que potencializa sua história. Até quando acredita não saber a respeito de uma questão, Márcia revela e reforça a todo instante o seu entendimento, a sua percepção e compreensão sobre a feira livre:

*Saberes da feira livre de Santo Amaro, só vivendo daqui para saber, porque eu mesma que sou feirante não consigo lhe dizer em palavras, além do que já disse. Mas posso garantir que têm momentos que a energia daqui mudar de repente, fica mais forte, mais presente, mais viva, mais negra, assim como eu, você consegue entender? (Feirante Márcia – Entrevista narrativa, 2020)*

“Consigo”. Foi a resposta que dei para Dona Márcia após a sua pergunta ter me atravessado com muita força, mas sem nenhuma surpresa. Pois assim como ela, eu e outras mulheres passamos por percalços parecidos, que se forem transcrever para uma folha em branco apareceriam como partes de uma história única, quando na verdade são narrativas de muitas vidas. Por outro lado, também compreendo toda esta energia que advêm de nós, que somos tão potentes e capazes de transformar qualquer lugar usando o nosso atlântico de inteligência, a qual é tão

comum, consciente e constante no nosso modo de viver, de produzir sabores, saberes por onde passamos.

Nesta ambiência de interpretação dos contextos identitários que emergiram das narrativas de Dona Márcia, chega-se à provocação que indica a ampliação do campo teórico voltado para fortalecer a epistemologia construída pela forma de ser, de agir, de pensar e conceber o lugar, mediante as percepções concebidas pela população negra. Neste sentido se reconhece os feirantes colaboradores desta pesquisa como co-construtores de conhecimentos.

Figura 47 – Feira livre e São João, pintura acrílica sobre tela.



Fonte: Isabela Seifarth, 2018.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS: *A feira livre segue o seu curso*

No tempo, vivemos e somos nossas relações sociais, produzimo-nos em nossa história. Falas, desejos, movimentos, formas perdidas na memória. No tempo nos constituímos, relembramos, repetimo-nos e nos transformamos, capitulamos e resistimos, mediados pelo outro, mediados pelas práticas e significados da nossa cultura.  
(FONTANA, 2010, p.182)

Assim como o Rio Subaé segue seu curso até se encontrar com as águas do mar na Baía de Todos os Santos, a feira livre também segue o seu, com a diferença de que ela não segue apenas para um destino. É importante situar que são múltiplos os destinos e direções que definem os caminhos. Os mesmos são marcados por cada sujeito que compõe as tramas deste lugar e que leva consigo saberes, alimentos e produtos adquiridos mediante as trocas comerciais, ao mesmo tempo em que participam da construção das histórias de vidas e das memórias. Com base na interlocução com Carlos (2007), compreendo a feira livre enquanto lugar de resistência, que possibilita a construção de uma rede de sociabilidade e relações humanas e se configura como um cenário, onde as múltiplas identidades atuam e se transformam.

A minha identidade neste processo contínuo de transformação é sempre ressignificada, à medida que me deparo com contextos históricos e culturais desconhecidos por mim, mas que fazem parte da minha história e da minha ancestralidade. Na feira livre de Santo Amaro me deparei com esta transformação, pois a cada contato com este lugar, com os colaboradores da pesquisa e, sobretudo com as histórias de vidas, eu me apropriava de algum valor que dava sentido à minha trajetória de vida. Carlos (2007, p. 67) explica que isso acontece “[...] porque diz respeito à vida e seus sentidos, marcados, remarcados, nomeados, natureza transformada pela prática social, produto de uma capacidade criadora, acumulação cultural que se inscreve num espaço e tempo”. Sendo assim, ao vivenciar esta experiência, senti o vazio cedendo espaço para a presença do que é real – relações dotadas de saberes, crenças e costumes.

Diante desta imensidão identitária, ressalto que o *toc-toc* da faca utilizada para a catação do siri e da ostra foi o som que marcou o desenvolvimento das ideias finais deste estudo, pois enquanto eu estava numa mesa defronte ao *notebook* – catando letras, dando espaço entre uma palavra e outra, apagando escritos que pareciam sem sentido na composição textual – ao meu lado estava minha mãe na sua arte de retirar a carne que fica entrelaçada na casca do siri, sempre atenta, alegre, rindo, contando suas histórias e me inspirando. Às vezes me interrompia sem querer ao pedir minha ajuda na catação, um processo que demanda paciência, tempo e técnica. Pedia ajuda, mandava ir até o local de cozimento dos mariscos, atizar o fogo, arrumar a lenha para o siri cozinhar mais rápido e nesta ida eu sentia o

contexto identitário mais vivo do que nunca. Ele estava nela e em mim, porque a identidade se dá por meio da apropriação do que é vivido e experienciado.

Para Carvalho (2016, p. 27), “[...] o sujeito que se empenha em contar sua própria vida torna-se, ao mesmo tempo, autor e protagonista de uma história narrada à sua maneira”. Por isso que ao confeccionar o enredo da minha história enveredei por vivências que demonstraram para mim o encontro de dois tempos: um tempo que corresponde à tradicionalidade, dito como passado, mas que com a sua força sustenta o avanço do segundo tempo, o presente, sendo ele construído com ideais direcionados para uma possibilidade de crescimento no âmbito acadêmico ou qualquer outro espaço, que normalmente não é ocupado por mulheres negras e nordestinas. Na verdade, almejo evocar narrativas que reverberem outros sentimentos, sobretudo, aqueles que não sejam sinônimos de luta e resistência, mas se assim for,

[...] por favor entenda, que a palavra por palavra, eis aqui uma pessoa se entregando. Coração na boca, peito aberto, vou sangrando. São as lutas dessa nossa vida que estou cantando. Quando eu abrir minha garganta, essa força tanta. Tudo que você ouvir, esteja certa que estou vivendo. Veja os brilhos dos meus olhos. E o tremor nas minhas mãos. E o meu corpo suado, transbordando toda a raça e emoção. (GONZAGUINHA, 1980)

Quando fui instigada a voltar ao lugar do começo através das memórias, esse movimento simbólico/existencial apresentou-se como um exercício importante para relembrar o cotidiano de Acupe num tempo em que as relações em comunidade se davam com mais proximidade e cumplicidade. Contexto no qual as trocas de conhecimento estavam tão embutidas no acontecer do dia a dia que o aprendizado era adquirido naturalmente. Saberes eram transmitidos no ser-fazer da vida cotidiana, de tal modo que a cada passo desta escrita narrativa os relatos pareciam a fusão do eu que vivenciou os fatos passados com o eu que os interpretam, uma espécie de regressão que ensina e faz entender o processo formativo das histórias de vida, as quais refletem na construção da identidade. Neste sentido, a memória entra numa brincadeira oscilante de lembrar e esquecer os episódios que compõem as trajetórias dos sujeitos que narram sobre o vivido.

Carvalho (2016) sinaliza que a narrativa tem sido apresentada como um gênero que procura alcançar a totalidade da vida de uma pessoa. E que esta

totalidade representaria os acontecimentos desde a infância à velhice, “[...] de modo a revelar não só o percurso vivido pelo sujeito, mas também seu desenvolvimento psicológico e emocional e seus relacionamentos no ambiente no qual se insere (p.33). Neste ínterim, o meu relato de vida seguiu tocando os sentimentos mais profundos e parte deles transcendeu com mais força, quando foi para narrar sobre a minha família (minha mãe e meu irmão) e as histórias de vidas dos colaboradores desta pesquisa.

Sendo assim, foi através deste mergulho interno – não só na minha vida, como na vida de outras pessoas – que senti que as justificativas que me levaram a escolher feira livre de Santo Amaro como meu objeto de estudo ganharam mais força e sentido. Pensar a feira de Santo Amaro para além do *lócus* escolhido para ambientar a investigação do objeto delineado é concebê-la como lugar que agrega múltiplos elementos identitários de um povo. Fui construindo outros modos de potencializar a pesquisa, a partir da apreensão das histórias de quem vivencia esse lugar entrelaçando com a minha própria trajetória de vida.

O desejo e a curiosidade de conhecer este lugar por meio das narrativas e vivências dos feirantes foi sendo aguçados. À medida que eu adquiria mais conhecimentos e detalhes sobre este lugar, compreendia que a partir da abordagem fenomenológica o mesmo detém seus mistérios, os quais não são reveláveis ou traduzidos em palavras, tampouco pouco definidos, mas que podem ser sentidos no decorrer das relações sociais ali estabelecidas.

A contextualização da feira livre de Santo Amaro realizada através da pesquisa bibliográfica revelou o provável começo desta atividade no século XIX, cujos fatores de localização e de dimensão econômica impulsionaram o seu desenvolvimento, sendo consideradas uma das feiras mais dinâmicas e polarizadas da Região do Recôncavo Baiano. Dessa perspectiva, a ênfase centralizada repercutiu numa busca de detalhes históricos, que ajudassem na interpretação da feira livre de Santo Amaro enquanto espaço de trabalho que teve nas suas ambiências uma gama de vendedores, alguns deles sendo pessoas que trabalharam em condições análogas a escravidão. Enveredando por este caminho foi possível entender o legado deste lugar por uma dimensão pouca explorada, mas que ainda precisa de uma investigação histórica com mais atenção e profundidade para que se possa construir novas percepções a respeito da feira livre de Santo Amaro.

Já a sua caracterização apresentou a diversidade alimentar e os produtos comercializados que retratam a cultura desse lugar, a sua forma de organização e os elementos identitários, os quais foram identificados com base nos traços culturais – produção tradicional, coletiva e comunitária. No entanto, não houve informação precisa que ajudasse na composição quantitativa de números de feirantes e barracas, o que por sua vez foi justificado por falta de gestão municipal. Alguns relatos recolhidos na pesquisa de campo revelam que a feira livre de Santo Amaro passa por problemas de ordem sanitária e fiscal, as quais impactam diretamente no desenvolvimento das atividades comerciais.

Assim como os lugares são distintos, o mesmo ocorre com os conceitos que são mutáveis, adaptados de acordo às reflexões e ao surgimento de novos fenômenos e questionamentos. Neste caso, a construção conceitual que permeou o desenvolvimento da pesquisa foi ancorada nos estudos associados às teorias de lugar, memória e identidade para a compreensão da feira livre e a interpretação/análise das narrativas, uma vez que ao se articular as teorias com empirismos se produz uma nova racionalidade.

Nesta lógica, ficam então compreendidas que as concepções do lugar são correlatas às inúmeras ações que têm como ponto de partida as situações sociais específicas, caracterizadas sobretudo pelo conjunto de experiências, cuja finalidade principal é dotá-lo de sentido e significado, de subjetividade, de objetividade. Para Carlos (2007, p. 99), “[...] o sujeito pertence ao lugar como este a ele, pois a produção do lugar se liga indissociavelmente à produção da vida. No lugar emerge a vida, posto que é aí que se dá a unidade da vida social”. Assim, de alguma forma “[...] o lugar demonstra a história das vidas que ali foram e estão sendo vividas” (CALLAI, 2011, p. 17).

A memória de um ser humano, segundo Machado (2016),

[...] é um universo onde diferentes vozes se conjugam, além da voz do ser que reflete sobre si e sobre sua existência. Essas vozes ‘falam’ de acontecimentos pessoais, vividos pelo indivíduo em pauta, mas também de acontecimentos coletivos.

Para a autora, as vozes dos diferentes eu-narradores que percorrem a trajetória do sujeito refletem sobre o seu lugar e a sua identidade, esta última construída em uma relação entre o individual e o social (MACHADO, 2016). Sendo assim, a memória, a identidade e o lugar são indissociáveis; suas linhas costuram as

relações sociais produzindo uma teia que capturam significados e símbolos, estes tecidos pela história e pela cultura que unem e identifica.

Por isso a necessidade de ressaltar a importância da construção desta trajetória, que refletiu como uma oportunidade de reconhecimento, ressignificação e fortalecimento, pois no decorrer da busca e do encontro com as histórias de vidas dos feirantes, colaboradores desta investigação, sentia que encontrava partes de mim em pessoas desconhecidas. E tão significativa quanto foi a junção dos contextos identitários que reverberavam de tempos diferentes, das memórias, das vivências e dos saberes e práticas culturais e ancestrais. O fazer narrativo enquanto elemento fundamental na construção e na leitura de uma narrativa de vida foi realizado tentando manter ou captar a essência de cada um deles na escrita. A intenção pretendida foi fazer com que as vozes transgredissem com as suas entonações e ritmos para a escrita, entrelaçando as emoções, os saberes, os sonhos, de modo que ultrapasse a simples enumeração diacrônica de fatos, acontecimentos e vivências.

Os colaboradores da pesquisa narraram os acontecimentos que faziam parte da sua história, desde lembranças do tempo da infância até a fase adulta. Suas narrativas revelaram particularidades que ora se cruzavam, ora traduziam realidades díspares. As histórias faziam crescer as expectativas sobre quais saberes seriam revelados, traduzidos: estariam eles embutidos na simplicidade, na lida, no manusear das folhas, dos beijus, dos camarões, dos pescados? Ou nas entrelinhas do mistério que reverberava a cada olhar que buscava no silêncio a resposta que por vez não era para ser de certo modo dita, sentida e percebida? Apoiados em suas memórias, os senhores e senhoras colaboradores/intelectuais desta pesquisa, enveredaram por caminhos desenhados pelas experiências emocionais construídas em seus respectivos lugares de vida – de moradia, de lazer, de estudo e de trabalho. Silva (2020, p. 368) sintetiza que “[...] a experiência permite que o conteúdo no ato transformado pela imaginação – a narrativa – adapte o novo ao velho, o que não é apenas acumulação, mas ressignificação”. Tanto que o contexto identitário da feira livre de Santo Amaro está em seus saberes, em como ele é contado, vivido e interpretado pelos seus sujeitos, os feirantes.

Ao narrar sobre a sua vida, ao refletir sobre a existência e a lida cotidiana, Dona Ninha, Dona Márcia e os Senhores Manoel e Lucimário criaram possibilidades

de interpretar os contextos identitários do lugar feira livre, o qual reflete pluralidade de ideias e crenças, diversidade de saberes e fazeres, singulares dimensões efetivas que englobam a relação com o outro e estão ancoradas nos traços culturais que emergem no cotidiano do ser humano que habita a feira livre. Trata-se de um lugar extremamente sociável, dotado de materialidades e imaterialidades que vão ganhando sentidos e significados à medida que o sentimento de pertencimento é vinculado. Esta vinculação é mediada pelo imaginário, pelas trajetórias e itinerários, cujas temporalidades e espacialidades são construídas nas relações emocionais estabelecidas entre os sujeitos e os símbolos culturais de forma produtiva e criativa (SILVA, 2020). Sendo assim, a feira livre é um lugar de narrativas que manifesta elos afetivos e que se mantém nas memórias, de modo a tornar-se presente na vida das pessoas.

Suas histórias de vidas narradas a partir da evocação de memórias e partilha de saberes compuseram elementos que descreveram seus respectivos lugares, identidades, sentimentos, sonhos e diferentes percepções sobre os lugares da vida cotidiana e, sobretudo da feira livre, contribuindo para elucidar diversas abordagens e compreensões. Tanto que para existir enquanto espaço livre e popular a feira livre de Santo Amaro, como bem disse Souza (2010, p. 226), “[...] tem que ter a capacidade de resistir. Isto é, ser capaz de mudar constantemente. Mudar é também se inventar, resgatar, apelar para a tradição”. E no processo de se inventar, resistir para existir, paralelamente faz-se também permanecer, conhecer e reconhecer o começo da história, continuar, abrir espaço para as mudanças promovidas pela luta constante dos sujeitos que demarcam seus lugares usando suas mãos, suas vozes, seus corpos, seus saberes e sobretudo seus alimentos. Os mesmos que acolhem o novo feirante, que cedem um pedaço do seu espaço, que emprestam um caixote, um balaio, que convergem à concorrência para uma relação em que ambos dividem a cena, aprendem o manejo, driblam as adversidades que ali se passa. É como se a feira livre fosse um quilombo – onde a ancestralidade negra resiste, as relações sociais são mais humanas, o saber é compartilhado no convívio em comunidade, um lugar marcado pelo ensinamento e aprendizagem de costumes e tradições culturais específicas, como o Bembé do mercado, por exemplo.

Fez sentido conceber a feira livre de Santo Amaro enquanto lugar herdado que aqui foi pensado como herança condicionada pelo poder hegemônico. As

histórias de vidas que desvelam trajetórias de gerações que ocupam a posição de feirante validam este entendimento e o direcionamento para a possível explicação: o racismo estrutural, o qual segundo Almeida (2019) produz conscientemente condição de vulnerabilidade e de desigualdade racial. Dentro deste sistema racista o povo negro vivencia privações em qualquer modalidade, seja ela econômica, educacional, sistema público de saúde ou tantas outras. E isso é constituído como padrão de normalidade, de forma que ver corpos negros de geração a geração por trás das bancas na feira livre, empurrando carro de mão e vendendo mercadorias sob condições difíceis não causa espanto, em decorrência desta falta de privilégio estruturalmente estabelecida pelo sistema. Está impregnado no imaginário social que o lugar do povo preto é o lugar da subalternidade. É importante ressaltar que essa observação não invalida o entendimento da feira livre enquanto lugar que potencializa a preservação de práticas culturais que são mantidas por esta passagem que se dá mediante a herança familiar.

A feira livre de Santo Amaro é caleidoscópio de saberes transvestidos em alimentos tradicionais e em produtos artesanais, sendo simultaneamente a soma de toda as partes, sejam elas as manifestações culturais, relações sociais e econômicas. A feira é forte inspiração para produtores de conhecimentos, que os transmitem nas mais variadas formas; transforma-se a cada olhar que se debruça sobre ela, mas ao mesmo tempo permanece imutável. A sua transparência revela de imediato quem ela é: um lugar cujos contextos identitários são formados/forjados por histórias de vidas de sujeitos sociais que carregam consigo as marcas, saberes, experiências construídos e apre(e)didos no devir da vida. Logo, a feira reflete e é refletida nas expressões simbólicas e nas marcas grafadas pelo trabalho cotidiano dos feirantes, estes que se definem paradoxalmente, como o pescador, a marisqueira, a produtora de alimentos tradicionais e o agricultor/indicador de ervas.

Ser feirante integra estes componentes que são comuns, como, por exemplo, o manuseio dos alimentos e a construção identitária que transcende do lugar primário da vivência. As comunidades tradicionais, configuradoras de memórias, estão construídas nas múltiplas interações entre o passado herdado e o presente. Neste devir o cruzamento das vivências foi um dos pontos de encontro que validaram o sentido da escrita (auto)biográfica, pelo poder de entrelaçar culturas e enriquecer a contextualização do lugar, pois partido da mesma condição de feirante,

os colaboradores fizeram reflexões ora distintas ora similares, mas que se complementavam como se fossem os traçados da rede de pesca.

As histórias que foram transportadas para esta pesquisa foram construídas e experienciadas em geografias distintas e é por isso que escrever sobre elas em diferentes perspectivas tornara-se tão importante. No entanto, há um traço comum que une o contexto identitário destas histórias: suas narrativas demarcaram e caracterizaram a feira livre enquanto lugar constituído e construído por pessoas negras. E este olhar é reflexo do processo de reconhecimento e de pertencimento que foi ganhando força no decorrer da trajetória e da experiência, conforme o excerto da narrativa de Dona Márcia.

*Eu sou negra, minha filha! Não me esqueço disso hora nenhuma e também nunca me deixaram esquecer. Você acha que estando aqui na feira ou em qualquer lugar a minha cor já não chegou primeiro? Sempre tem alguém que nos machuca. Eu gosto da feira, porque estamos todos na mesma lida. É desta atividade que eu e os meus colegas feirantes sobrevivemos, aprendemos um com outro e assim vai. (Feirante Márcia – Entrevista narrativa, 2020)*

Em síntese, fez sentido que cada inferência a respeito da feira livre tenha sido reflexo dos saberes que foram construídos durante a trajetória e experiência de vida dos colaboradores: Dona Ninha, que ensina como uma professora e definiu a liberdade como sentimento que traduz a sua relação com a feira livre; o Senhor Lucimário, que incitou uma releitura da feira livre enquanto patrimônio herdado, sendo ele parte deste legado; em seguida o Senhor Manoel, que multiplica conhecimento e nos fez enxergar a feira livre para além de um lugar de relações comerciais, mas, sobretudo como lugar capaz de provocar a troca de saberes e sapiências; e a dona Márcia, que por ser atlântica e mulher, narrou sua história de forma que esta reverberou a grandiosidade dos contextos identitários da feira livre de Santo Amaro, quando uniu, vinculou, estruturou a sua identidade negra a este lugar.

E assim, por meio da escuta sensível, da transcrição, textualização, interpretação e análise das narrativas que compõem o enredo deste texto dissertativo, ouse-me a afirmar que a pergunta – Quais saberes guardam os sujeitos feirantes que vivenciam relações identitárias na feira livre de Santo Amaro no Recôncavo Baiano? – que moveu a investigação desse objeto exigiu de mim olhar

para trás, revisitar as minhas memórias, entrecruzar as histórias e compreender que todos nós que tiramos da feira a essência das nossas vidas, a concebemos como um lugar permeado de identidades, as quais compõem um mosaico de signos, significados e significantes, muitas vezes invisibilizados por muitos que o frequentam.

“Como será amanhã? O que será o amanhã? Como será o meu destino?”, perguntou João Sérgio na sua composição musical *O amanhã* (1978). Na busca de inspiração para escrever as linhas finais desta narrativa coletiva, refaço as mesmas perguntas, porque diante de um cenário pandêmico, o qual silenciou muitas narrativas, criou memórias de dor, apagou sonhos, destruiu famílias, já considero uma vitória ter alcançado o fim deste ciclo, tendo comigo as pessoas mais importantes da vida e os colaboradores da pesquisa vivos e atuantes na feira livre, ainda sob o risco de contrair a COVID-19, pois para eles a feira é o principal meio de sobrevivência, palco de vivências, de vidas. E quem somos nós para dizer: “Fiquem em casa, não saiam”? Se a “casa” precisa comer, beber, tomar banho, dentre outras necessidades? Quais saberes serão revelados por eles no amanhã, depois da pandemia? Espero que estejamos aqui para tentar apre(e)nder estes saberes, já que o destino apenas nos permitiu conhecer os saberes da feira livre inscritos no ontem, estes desvelados no agora, no devir das narrativas e no tocar das memórias.

E assim, a vida, no emanar dos tempos, como o rio Subáe, segue o seu curso e, às suas margens, a feira livre de Santo Amaro continuará fazendo e compartilhando memórias, histórias e saberes.

Figura 48 – Feira livre de Santo Amaro em palavras



Elaboração: Joelma Ferreira (2021)

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Eu creio no poder das palavras, na força das palavras, creio que fazemos coisas com as palavras e, também, que as palavras fazem coisas conosco. As palavras determinam nosso pensamento porque não pensamos com pensamentos, mas com palavras, [...]. (LARROSA, 2002, p. 21)

- AKOTIRENE, C. **Interseccionalidade**. São Paulo: Polén, 2019.
- ALMEIDA, S. **Racismo estrutural**. São Paulo: Polén, 2019.
- BARICKMAN, B. J. **Um contraponto baiano: açúcar, fumo, mandioca e escravidão no Recôncavo, 1780-1860**. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- BARTHE-DELOIZY, F.; SERPA, A. (Org.). **Visões do Brasil: estudos culturais em Geografia**. Salvador: EDUFBA; 2012. p. 113-126.
- BERTAUX, D.. **Narrativas de vida: a pesquisa e seus métodos**. Tradução Zuleide Alves Cardoso Cavalcante e Denise Maria Gurgel Lavallée. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2010.
- BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- CALLAI, H. C. Apresentação. Em busca de fazer a educação geográfica. *In*: C. H. C. (Org.). **Educação Geográfica: reflexão e prática**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2011. p. 15-33.
- CALLAI, H. C. O lugar e o ensino-aprendizagem da Geografia. *In*: PEREIRA, M. G. (Org.). **La espesura del lugar: Reflexiones sobre el espacio en el mundo educativo**. Santiago de Chile: Universidade Academia de Humanismo Cristiano, 2009. p. 171-190.
- CARLOS, A.F.A. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Labur Edições, 2007.
- CARVALHO, A. T. S. Relações teórico-metodológicas entre a AD e a Narrativa de vida. *In*: MACHADO, L. I.; MELO, M. S. de S. (Org.). **Estudos sobre narrativas em diferentes materialidades discursivas na visão da Análise do Discurso**. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso, FALÉ/UFMG, 2016. p. 22-42.
- CASTRO, J. R. B. As manifestações culturais no contexto das festas juninas espetacularizadas da cidade de Cachoeira, no Recôncavo Baiano. *In*: BARTHE-DELOIZY, F.; SERPA, A. (Org.). **Visões do Brasil: estudos culturais em Geografia**. Salvador: EDUFBA; 2012. p. 113-126.
- CERTEAU, M. **A Invenção do Cotidiano: arte de fazer**. Petrópolis, Vozes, 1998.
- CHAUÍ, M. **Ética, política e violência**. Vitória: Edufes, 2003.
- CHAVEIRO, F. E. Elos da produção da existência. *In*: MARANDOLA JR., E.; *et al* (Org). **Qual o espaço do lugar?: Geografia, epistemologia, fenomenologia**. São Paulo: Perspectiva, 2014. p. 259-280.
- CHIZZOTTI, A. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. Petrópolis: Vozes, 2016.
- CLAVAL, P. A geografia cultural no Brasil. *In*: BARTHE-DELOIZY, Francine; SERPA, Angelo. (Org.). **Visões do Brasil: estudos culturais em Geografia**. Salvador:

EDUFBA; 2012. p. 11- 25.

CLAVAL, P. **A terra dos homens: a geografia**. Tradução de Domitila Madureira. São Paulo: Contexto, 2010.

CLAVAL, P. Introdução: uma, ou algumas, abordagem(ns) cultura(is) na geografia humana? *In*: SERPA, A. (Org.) **Espaços culturais: vivências, imaginações e representações**. Salvador: EDUFBA, 2008. p. 13-32.

COELHO NETO, A. S. Componentes definidores do conceito de território: a multiescalaridade, a multidimensionalidade e a relação espaço-poder. **Revista GEOgraphia** (UFF). v. 15, p. 23-52, 2013.

COELHO NETO, A. S. Territorialidade: uma proposição teórico-conceitual. *In*: SILVA, A.; AMORIM, I.; CASTRO, S. (Org.). **Educação, Territorialidade e Formação Docente: contextualizando pesquisa**. Curitiba: CR, 2016. p. 15-29.

CONTEXTO. *In*: **Dicionário da língua portuguesa**. Lisboa: Priberam Informática, 1999. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/contexto>. Acesso em: 30 dez. 2020.

CORRÊA, R. L. **Sobre a geografia cultural**. Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul. Rio Grande do Sul, 2009.

CORRÊA, R. L. **Trajetórias geográficas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertand, 2001.

DELEUZE, G. **O que é a filosofia?** Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Editora 34, 2010.

DELORY-MOMBERGER, C. **A condição biográfica** – Ensaio sobre a narrativa de si na modernidade avançada. Tradução Carlos Eduardo G. Braga; Maria da Conceição Passeggi; Nelson Patriota. Natal: EDUFRN, 2012.

DIAS, D. L. Narrativas autobiográficas na mídia impressa. *In*: MACHADO, L. I.; MELO, M. S. de S. (Org.). **Estudos sobre narrativas em diferentes materialidades discursivas na visão da Análise do Discurso**. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso, FALE/UFMG, 2016. p. 71- 88.

DIAS, M. V. S. **Feira livre, mercado municipal e as transformações do centro histórico de Santo Amaro/BA**. Trabalho de Conclusão de Pós-Graduação *Latu Senso* em Cidadania e Ambientes Culturais, do Centro de Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB, Santo Amaro, 2019.

DIEGUES, A. C. **Ilha e mares: simbolismo e imaginário**. São Paulo: NUPAUB/USP, 1998.

EVARISTO, C. **Beco da memória**. Belo Horizonte: Mazza, 2006.

FERNANDES, M. B. **Ilha de Cajaíba: lugar, pertencimento e territorialidade nas**

comunidades quilombolas Acupe, São Braz e Dom João / Recôncavo Baiano. 2016. 301f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia. Universidade Federal da Bahia UFBA, Salvador, 2016.

FERREIRA, J. G. **Dinâmica da feira livre de Simões Filho e o circuito inferior da economia urbana**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Urbanismo). Departamento de Ciências Exatas e da Terra – DCET. Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Salvador, 2017.

FONTANA, R. A. C. **Como nos tornamos professoras?**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

FRAGA FILHO, W. **Encruzilhadas da liberdade**: histórias de escravos e libertos na Bahia (1870-1910). Campinas, SP: UNICAMP, 2006.

FRAGA FILHO, W. Migrações, itinerários e esperanças de mobilidade social no Recôncavo Baiano após a abolição. **Cad. AEL**, Campinas, v.14, n.26, p. 1-36, 2009.

FREIRE, P. **Política e educação**: ensaios. Recife: Cortez, 1993.

GONZALEZ, L. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, Anpocs, p. 223-244, 1984. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4584956/mod\\_resource/content/1/06%20-%20GONZALES%2C%20L%C3%A9lia%20%20Racismo\\_e\\_Sexismo\\_na\\_Cultura\\_Brasileira%20%281%29.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4584956/mod_resource/content/1/06%20-%20GONZALES%2C%20L%C3%A9lia%20%20Racismo_e_Sexismo_na_Cultura_Brasileira%20%281%29.pdf). Acesso em: 06 jul. 2020.

GOTTMANN, J. A evolução do conceito de território. **Boletim Campineiro de Geografia**, Campinas, v. 2, n. 3, p. 523-545. 2012. Disponível em: <http://agbcampinas.com.br/bcg/index.php/boletim-campineiro/article/download/86>. Acesso em 09 set. 2020.

GRAHAM, R. **Alimentar a cidade**: das vendedoras de rua à reforma liberal (Salvador, 1780-1860). Tradução de Berilo Vargas. São Paulo: companhia das letras, 2013.

GUIMARÃES, F. A. M. **A cultura da mandioca no Brasil e no mundo**: um caso de roubo das histórias dos povos indígenas. VII Encontro Estadual de História. Feira de Santana, 2016. p. 01-11. Disponível em: [http://www.encontro2016.bahia.anpuh.org/resources/anais/49/1477769638\\_ARQUIVO\\_artigoFranciscoGuimaraes.pdf](http://www.encontro2016.bahia.anpuh.org/resources/anais/49/1477769638_ARQUIVO_artigoFranciscoGuimaraes.pdf). Acesso em mar. 2021.

HAESBAERT, R. Território e Multiterritorialidade: um debate. **Revista GEOgrafia**, Niterói, ano IX, n. 17, p. 19-46, 2017. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/13531>. Acesso em: 09 set. 2020.

HAESBAERT, R. Identidade Territoriais. *In*: ROSENDAHL, Z. *et al.* (org.): **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: ed. UERJ, 1999. p. 169-191.

HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização**: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. 2. ed. Rio de Janeiro: ed. Bertrand Brasil, 2006.

HALL, S. **Identidade e diferença** – a perspectiva dos estudos culturais. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Petrópolis: ed. Vozes, 2007.

HAMPATÉ BÂ, A. A tradição viva. *In*: KI –ZERBO, J. (Org). **História geral da África: metodologia e pré-história da África**. 2. ed. Brasília: UNESCO, 2010. p. 167-212.

HOLZER, W. Sobre territórios e lugaridades. **Revista Cidade**, São Paulo: Departamento da Geografia Urbana, v. 10, n. 17, p.19-29, 2013. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/revistacidades/article/view/3232>. Acesso: 09 set. 2020.

HOLZER, W. A geografia humanista: uma revisão. **Espaço e cultura**, UERJ, RJ, edição comemorativa, p. 137-147, 2008. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/6142>. Acesso em: 09 set. 2020.

HOLZER, W. O conceito de lugar na geografia cultural-humanista: uma contribuição para a geografia. **Revista GEOgraphia**, Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Geografia/UFF, n. 10, p.113 – 123, 2003. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geographia/article/download/13458/8658#:~:text=%22Lugar%22%2C%20conceito%20espacial%20que,paisagem%2C%20espa%C3%A7o%2C%20e%20territ%C3%B3rio>. Acesso em: 10 jan. 2021.

HOLZER, W. Uma discussão fenomenológica sobre os conceitos de paisagem, lugar, território e meio ambiente. **Revista Território**, Rio de Janeiro: Departamento de Geografia/UFRJ, n. 3, p. 77-85 1997. Disponível em: <https://www.docsity.com/pt/uma-discussao-fenomenologicasobre-os-conceitos-de-paisagem-e-lugar-territorio-e-meio-ambiente/4767792/>. Acesso em: 09 set. 2020.

IBGE. **Santo Amaro**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ba/santo-amaro.html>. Acesso em: 10 jan. 2020.

IDENTITÁRIO. *In*: **Dicionário da Língua Portuguesa**. Lisboa: Priberam Informática, 1999. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/identitário>. Acesso em: 30 dez. 2020.

JARDIN, L. **Empoderamento étnico-racial feminino através da apropriação do cabelo crespo**. 2018. Disponível em: <[https://www.geledes.org.br/empoderamento-etnico-racial-feminino-atraves-da-apropriacao-docabelocrespo/?Gclid=CjwKCAjwte71BRBCEiwAU\\_V9h3oBGTIS7D4nyxA-o6RzVse8jrffk5f8GcrzkZHJ4q20GFZHR1ZJMRoCtPYQAvD\\_BwE](https://www.geledes.org.br/empoderamento-etnico-racial-feminino-atraves-da-apropriacao-docabelocrespo/?Gclid=CjwKCAjwte71BRBCEiwAU_V9h3oBGTIS7D4nyxA-o6RzVse8jrffk5f8GcrzkZHJ4q20GFZHR1ZJMRoCtPYQAvD_BwE)>. Acesso em mai. 2020.

JESUS, C. M. **Quarto de despejo** – diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 1960.

JESUS, L. S. **Lançando as redes contra a espoliação do território pesqueiro em Acupe – Santo Amaro/Ba**. 2018. 135 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais: Cultura, Desigualdades e Desenvolvimento, Centro de Artes, Humanidades e Letras, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia –

UFRB, Cachoeira, 2018.

JOSSO, M. C. **Caminhar para si**. Tradução de Albino Pozzer. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

JOVCHELOVITCH, S.; BAUER, M. W. Entrevista narrativa. *In*: BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som** – um manual prático. Tradução de Pedrinho Guareschi. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 90-113.

JUNIOR, R. **Relatando as mazelas e alegrias do gueto**. Vitória da Conquista – BA: Galinha Pulando, 2019.

LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**. Nº 19, jan/fev/mar/abr., p. 22-28. 2002.

LÜDKE, M; ANDRÉ, M. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: E. P. U. 1986.

MASCARENHAS, G. Feira livre: territorialidade popular e cultura na metrópole contemporânea. **Ateliê geográfico**, V.2, n.2, p.72-87, 2008.

MACHADO, A. R. A. **Bembé do Largo do Mercado**: Memória sobre o 13 de maio. 2009. 133f. Dissertação (Mestrado em Estudos Étnicos e Africanos) – Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Estudos Étnicos e Africanos. Universidade Federal da Bahia – UFBA, Salvador, 2009.

MACHADO, I. L. Nos bastidores da narrativa de vida & Análise do Discurso. *In*: MACHADO, I. L.; MELO, M. S. de S. (Org.). **Estudos sobre narrativas em diferentes materialidades discursivas na visão da Análise do Discurso**. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso, FALE/UFMG, 2016. p. 121-138.

MACHADO, M. F. **Lutas e resistências nas “terras de preto”**: o caso de Santiago do Iguape. 2016. 106f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Serviço Social. Centro de Ciências Sociais Aplicadas. Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, Recife, 2016.

MALOMALO, B. **Repensar o multiculturalismo e o desenvolvimento no Brasil**: políticas públicas de ações afirmativas para a população negra (1995-2009). 2010. 453f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Faculdade de Ciência e Letra, Universidade Estadual Paulista – UNESP, Araraquara, 2010.

MARENGO, S. N. **A espessura do lugar**: leituras sobre o lugar nos Simpósios Nacionais de Geografia Urbana. 2010. 168f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Geografia. Universidade Federal da Bahia – UFBA, Salvador, 2010.

MARENGO, S. N. **Santo Amaro-BA**: um lugar de muitos lugares. 2016. 421f. Tese (Doutorado) - Programa de pós-graduação em Geografia. Universidade Federal da Bahia – UFBA. Salvador, 2016.

MARTINS, L. M. A oralitura da memória. *In*: FONSECA, M. N. S. **Brasil Afro-brasileiro**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 64-81.

MATURANA, H; VARELA, F. **A árvore do conhecimento**: as bases biológicas da compreensão humana. Campinas – São Paulo: Palas Athena, 1995.

MELO NETO, J. C. Tecendo a manhã. *In*: MELO NETO, J. C. **Obra completa**. Org. Marly de Oliveira. Biblioteca luso-brasileira: Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. Vol. único. p 345.

MENDES, G. F; LACERDA, F. R. Feira livre: patrimônio que se refaz em memória e tradição. *In*: MENEZES, S. de S. M. (Org.). **O que é que o Nordeste tem? Tem feiras e festas tem...** práticas e manifestações culturais em Sergipe, Alagoas e Bahia. São Cristóvão, Editora UFS, 2019, p. 63-72.

MERLO, P. **Repensando a tradição**: a moqueca capixaba e a construção da identidade local. *Interseções* [Rio de Janeiro] v. 13 n. 1, p. 26-39, jun. 2011. Disponível em: <https://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/intersecoes/article/download/4603/3402>. Acesso em 02 dez. 2020.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. Tradução de: Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MESQUITA, S.A; OLIVEIRA, C. M. J. A cultura do fumo na Bahia da excelência à decadência. **Revista Bahia Agrícola**. v. 6, n.1, p. 31-40, nov.2003. Disponível em:[http://www.seagri.ba.gov.br/sites/default/files/V6N1\\_socieconfumo.pdf](http://www.seagri.ba.gov.br/sites/default/files/V6N1_socieconfumo.pdf). Acesso em mar. 2021.

MOITA, M. C. Percursos de formação e de transformação. *In*: NÓVOA, António (Org.). **Vidas de professores**. 2. ed. Porto: Porto Editora, 2007. p.111-140.

MOREIRA, R. **Mudar para manter exatamente igual**: os ciclos espaciais de acumulação, o espaço total, formação do espaço agrário. Rio de Janeiro: Consequência, 2018.

MORENO NETO, J. L. **O cuidado nos Candomblés Jeje Savalu**. 2017 . 267f. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Antropologia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia – UFBA, Salvador, 2017.

OLIVEIRA, L. H. S. de. “Escrivência” em Becos da memória, de Conceição Evaristo. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, 2009, v. 17, n. 2, p. 621-623. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-026X2009000200019>>. Epub 07 Dez 2009. ISSN 1806-9584. Acesso em: 22 nov. 2020.

OLIVEIRA JR., M. W. Lugares geográficos e (m) locais narrativos: um novo modo de se aproximar das Geografias. *In*: MARANDOLA JÚNIOR; *et al.* (Org). **Qual o espaço do lugar?**: Geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2014, p. 119-154.

PAEZ, Pablo. Ferias libres, espacios residuales de soberanía popular. **Bifurcaciones**. núm. 1, p 1-3, verano 2004. World Wide Web document, URL: <[www.bifurcaciones.cl/001/feriaslibres.htm](http://www.bifurcaciones.cl/001/feriaslibres.htm)>. ISSN 0718-1132. Acesso em jan. 2020.

PÉREZ, C. L. V. Histórias de escola e narrativas de professores: a experiência do GEPEMC. Memória e cotidiano. *In*: SOUZA, E. C. de. (Org.). **Autobiografias, histórias de vida e formação**: pesquisa e ensino. Porto Alegre: EDIPUCRS; Salvador: EDUNEB, 2006. p. 177-188.

PINTO, M.S. **Nego fugido**: o teatro das aparições. 2014. 164f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Arte. Instituto de Artes. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. 2014. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/115853>>. Acesso em: 21 nov. 2020.

POLLICE, F. O papel da identidade territorial nos processos de desenvolvimento local. Tradução de Andrea Galhardi de Oliveira; Renato Crioni; Bernadete Aparecida Caprioglio de Castro Oliveira. **Espaço e Cultura**, [S.1], n. 27. jan. 2010. ISSN 2317-4160. p. 7-23.

POLLAK, M. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992. Disponível em: <http://www.pgdef.ufpr.br/memoria%20e%20identidadesocial%20A%20capraro%20.pdf>. Acesso em: 06 jan. 2021.

PORTO, G. C. S. **Configuração socioespacial e inserção das feiras livres de Itapetinga-BA e arredores no circuito inferior da economia**. 2005. 166 f. Dissertação (Mestrado) – Programa Pós-Graduação em Geografia. Universidade Federal da Bahia – UFBA, Salvador, 2005.

PORTO, G. C. S. Origen, permanencia y significados de los mercados populares al inicio del siglo XXI. **Revista Anekumene**, N. 10, p. 43-51, 2015. Disponível em: <https://revista.pedagogica.edu.co/index.php/anezumene/article/view/8015>

PORTUGAL, J. F. **“Quem é da roça é formiga!”**: histórias de vida, itinerâncias formativas e profissionais de professores de Geografia de escolas rurais. 2013. 352f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Educação e Contemporaneidade – PPGEduc. Departamento de Educação. Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Salvador, 2013.

RAFFESTIN, C. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo: Ática, 1993.

RAMOS, R. E. M. **Bairros Negros**: uma lacuna nos estudos urbanísticos, um estudo empírico conceitual no Bairro de Engenho Velho da Federação, Salvador (BAHIA). 2013. 283f. Tese (Doutorado). Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Universidade Federal da Bahia – UFBA, Salvador, 2013.

RATTS, A. **Eu sou atlântica**: sobre a trajetória de vida de Beatriz do Nascimento. São Paulo: Ed. Imprensa Oficial, 2006.

REIS, É. V. B. VENÂNCIO, S. R. O direito à cidade e a participação popular no planejamento urbano municipal. **Revista de Direito da Cidade** vol. 08, nº 4. p. 1205-1230. 2016.

REIS, J. J. **Ganhadores**: a greve negra de 1857 na Bahia. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RIOS, K. A. N. **Da produção do espaço a construção dos territórios pesqueiros**: pescadores artesanais e carcinicultores no Distrito de Acupe – Santo Amaro (BA). 2015. 262f. Dissertação (Mestrado) – Programa Pós-Graduação em Geografia. Universidade Federal da Bahia – UFBA, Salvador, 2015.

ROCHA, R. C. S. **Feira dominical do Nordeste de Amaralina, Salvador/BA**: uma análise sobre a territorialidade de um espaço do circuito inferior. 2016. 156f. Dissertação (Mestrado) – Programa Pós-Graduação em Geografia. Universidade Federal da Bahia – UFBA, Salvador, 2016.

RODRIGUES, J. C. Arte e paisagem em Vincent Van Gogh: uma conversa sobre a tela "os comedores de Batata", de 1885. *In*: REGO, N.; KOZEL, Salete. (Org). **Narrativas Geografias e Cartografias**: para viver, é preciso espaço e tempo. IGEO, Departamento de Geociência da UFRGS. Porto: Compasso Lugar-Cultura, 2020, p. 466-484.

ROSA, C. R.; NETO, C. X. A. Vulnerabilidades do patrimônio material com fins de preservar a memória: município de Camalaú (PB). *In*: OLIVEIRA, B. M. J. F. de; *et al.* (Org.). **Memórias**: lugar onde as lembranças não envelhecem. João Pessoa: Editora UFPB, 2019. p. 17-37.

SANTOS, A. B. dos. **Colonização, quilombos, modos e significados**. Brasília: INCT, 2015.

SANTOS, J. B. C. Autoenunciação, efeitos de memória e historicidade do sujeito. *In*: MACHADO, I. L.; MELO, M. S. de S. (Org.). **Estudos sobre narrativas em diferentes materialidades discursivas na visão da Análise do Discurso**. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso, FALE/UFMG, 2016. p. 139-149.

SANTOS, L. P. **O estudo do lugar no ensino de geografia**: os espaços cotidianos na geografia escolar. 2010. 159f. Dissertação (Mestrado) – Programa Pós-Graduação em Geografia. Universidade Estadual Paulista. Rio Claro, 2010.

SANTOS, M. C. dos. **“Minha mãe era mariscadeira, meu pai era pescador...”**: o papel do idoso na construção da memória e sua relevância nos processos políticos e identitários na comunidade remanescente de quilombo de São Braz, no Recôncavo. 2013. 95f. Trabalho de Conclusão de Curso – TCC. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), Cachoeira, 2013.

SANTOS, M. **O espaço dividido**: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos. Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

SANTOS, M. **O espaço do cidadão**. 7. ed. São Paulo: Editora da Universidade de

São Paulo, 2014.

SCARPIM, F. A.; TREVISAN, M. B. **História e memória**: diálogo e tensões. Curitiba: Intersaberes, 2018.

SILVA, M. A. da. Sobre narrativas e geografias emocionais: o Eu, o Outro e o(s) nós. *In*: REGO, N.; KOZEL, S. (Org). **Narrativas Geografias e Cartografias**: para viver, é preciso espaço e tempo. IGEO, Departamento de Geociência da UFRGS. Porto: Compasso Lugar-Cultura, 2020, p. 362-391.

SILVA, N. S; MENDES, G. F. A farinha de mandioca no povoado de Boa Vista da Tapera, Encruzilhada/Bahia: alimentação tradicional e identidade. *In*: MENEZES, S. de S. M. (Org.). **O que é que o Nordeste tem? tem feiras e festas tem...** práticas e manifestações culturais em Sergipe, Alagoas e Bahia. São Cristóvão: Editora UFS, 2019, p.36-46.

SIMÕES, I. C. **A cerâmica tradicional de Maragogipino**. 2016. 179f. Dissertação (Mestrado) Escola de Belas artes. Universidade Federal da Bahia – UFBA, Salvador, 2016.

SOARES, D. M.; SANTOS, P. N. *et al.* **O saber-fazer da maniçoba no contexto das práticas alimentares saudáveis**: estudo em um município do recôncavo da Bahia. Cachoeira, 2012. Trabalho apresentado no III Encontro Baiano de Estudos em Cultura.

SOUSA, M.G. S.; CABRAL, C. L. O. A narrativa como opção metodológica de pesquisa e formação de professores. **Revista Horizontes**, v. 33, p.149-158, 2015. Disponível em: <https://revistahorizontes.usf.edu.br/horizontes/article/download/149/102>. Acesso em 14 jul. 2019.

SOUZA, C. R. de. As feiras livres como lugares de produção cotidiana de saberes do trabalho e educação popular nas cidades: alguns horizontes teóricos e analíticos no campo trabalho-educação. **Trabalhonestessário**, n. 13, p. 126-144, 2015.

SOUZA, M. L. **Mudar a cidade**: uma introdução crítica ao planejamento e à gestão urbanos. RJ: Bertrand Brasil, 2011.

SOUZA, M. N. C. **A teia da feira**: um estudo sobre a feira-livre de São Joaquim, Salvador, Bahia. 2010. 233f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais. Universidade Federal da Bahia – UFBA, Salvador, 2010.

TUAN, YI-FU. **Espaço e Lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: DIFEL, 1983.

TUAN, YI-FU. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: DIFEL, 1980.

VEDANA, V. **“Fazer a Feira”**: estudo etnográfico das “artes de fazer” de feirantes e fregueses da feira-livre da Epatur no contexto da paisagem urbana de Porto Alegre.

2004. 237f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Porto Alegre, 2004.

VEDANA, V. **No mercado tem tudo que a boca come**: estudo Antropológico da duração das práticas cotidianas de mercado de rua no mundo urbano contemporâneo. 2008. 255f. Tese (Doutorado) Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Porto Alegre, 2008.

ZIBECHI, R. **Territórios em resistência**: cartografia política das periferias urbanas latino-americanas. Rio de Janeiro: Consequência, 2015.

## FILMES

**A GRANDE FEIRA**. Direção: Roberto Pires. Produção: Rex Schindler, Braga Neto. Roteiro: Roberto Pires. Intérpretes: Geraldo Rey; Helena ignes e outros. Salvador: Iglu Filmes, 1961. 1 bobina cinematográfica (91 min.).

**BESOURO**. Direção: João Daniel Tikhomiroff. Roteiro: Patricia Andrade; João Daniel Tikhomiroff; Bráulo Tavares. Intérpretes: Sérgio Laurentino; Aílton Carmo e outros. Rio de Janeiro: Globo filmes, 2009. 1 bobina cinematográfica (94 min.).

## MÚSICAS

BANDA DISSIDÊNCIA. **Riquezas do Recôncavo**. Compositor: Caetano, Val. 2009.

BETHÂNIA, M. **Carta de amor**. Compositor: PINHEIRO, P. C. *In*: Oasis de Betânia. Estúdio: Gravadora Biscoito fino, 2012.

CASTRO, M. de. **De maré**. Compositor: Geraes, T; Ferreira, R. 2010.

CAYMMI, D. **Canoeiro**. Compositor: CAYMMI, D. *In*: Caymmi e o violão. Gravadora Odeon, 1959.

CAYMMI, Dorival. **O bem do mar**. Compositor: CAYMMI, D. *In*: Caymmi e o violão. Gravadora Odeon, 1959.

GARPAR, J. **Deus é uma mulher preta**. Compositor: GARPAR, J. 2018.

GIL, G. **Água de meninos**. Compositor: Gil, Gilberto; CAPINAN, José Carlos. *In*: Louvação, 1967.

GONZAGUINHA. **Sangrando**. Compositores: Gonzaguinha e Luiz Gonzaga, 1980.

LUNA, L. **Banho de folha**. Compositor: LUNA, L. *In*: O corpo no mundo, 2017.

MELODIA, A. **O amanhã**. Compositor: João Sérgio. 1978. Álbum: Samba de Enredo, 2016.

NASCIMENTO, M. **Maria, Maria**. Compositores: Milton Silva Campos Do Nascimento / Fernando Brant, 1978.

NOBRE, D. **O poder de cura**. Compositores: Denilson Rozário, Diego Rodrigues, 2017. Álbum: Sambahs de Enredo, 2017.

UNIDOS DE PADRE MIGUEL. **O poder de cura**. Álbum: Sambahs de Enredo, 2016.

VELOSO, C. **Não enche**. Compositor: VELOSO, C.E.V.T. In: Livro. Nonesuch, 1998.

*Apêndices*

---



**PROET**

PROGRAMA DE  
PÓS-GRADUAÇÃO EM  
ESTUDOS TERRITORIAIS

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB**  
**Pró-Reitoria de Pesquisa e Ensino de Pós-graduação – PPG**  
**Departamento de Ciências Exatas e da Terra – DCET/*Campus I***  
**Programa de Pós-Graduação em Estudos Territoriais – PROET**

**APÊNDICE A**  
**TERMO DE ADESÃO À PESQUISA**

Eu, \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ (estado civil), RG n° \_\_\_\_\_, CPF n° \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_ declaro para os devidos fins que aderir, voluntariamente, como colaborador participante à pesquisa **“Vem freguês!”: lugares, contextos e relações identitárias na feira livre de Santo Amaro – Recôncavo Baiano**, realizada no Programa de Pós-Graduação em Estudos Territoriais – PROET, Departamento de Ciências Exatas e da Terra I, da Universidade do Estado da Bahia, *Campus I*, da Universidade do Estado da Bahia, no âmbito da Linha de Pesquisa II – Processo territoriais e dinâmica urbano-regional, vinculada ao Grupo de Pesquisa GEO(BIO)GRAFAR: Geografia, Diversas Linguagens e Narrativas de Professores, como parte dos requisitos obrigatórios para obtenção do título de Mestre em Estudos Territoriais, de autoria de **Joelma Gomes Ferreira**, sob a orientação da Profa. Dra. Jussara Fraga Portugal, da qual participarei de acordo com o processo de investigação desenvolvido pela autora.

Santo Amaro – Bahia, \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
(Assinatura do Feirante – Colaborador da Pesquisa)



**PROET**

PROGRAMA DE  
PÓS-GRADUAÇÃO EM  
ESTUDOS TERRITORIAIS

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB**  
**Pró-Reitoria de Pesquisa e Ensino de Pós-graduação – PPG**  
**Departamento de Ciências Exatas e da Terra – DCET/*Campus I***  
**Programa de Pós-Graduação em Estudos Territoriais – PROET**

**APÊNDICE B**  
**DECLARAÇÃO DE COMPROMISSO**

Eu, \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_(estado civil), RG n<sup>o</sup> \_\_\_\_\_, CPF n<sup>o</sup> \_\_\_\_\_ estou ciente que assumindo esse compromisso, precisarei colaborar com a pesquisa da mestrand **Joelma Gomes Ferreira**, inserida no Programa de Pós-graduação em Estudos Territoriais – PROET, Departamento de Ciências Exatas e da Terra I, da Universidade do Estado da Bahia, *Campus I*, da Universidade do Estado da Bahia, no âmbito da Linha de Pesquisa II – Processo territoriais e dinâmica urbano-regional, vinculada ao Grupo de Pesquisa GEO(BIO)GRAFAR: Geografia, Diversas Linguagens e Narrativas de Professores, participando de todas as etapas da investigação, estando de acordo com a gravação de entrevistas, autorizando a pesquisadora a fazer uso do material produzido. Desse modo, autorizo a utilização dos dados/informações para efeitos de apresentação em congressos e/ou publicações desde a presente data, fazendo a divulgação do meu nome.

Santo Amaro – Bahia, \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
(Assinatura do Feirante – Colaborador da Pesquisa)

\_\_\_\_\_  
(Assinatura da Pesquisadora)



**PROET**

PROGRAMA DE  
PÓS-GRADUAÇÃO EM  
ESTUDOS TERRITORIAIS

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB**  
**Pró-Reitoria de Pesquisa e Ensino de Pós-graduação – PPG**  
**Departamento de Ciências Exatas e da Terra – DCET/*Campus I***  
**Programa de Pós-Graduação em Estudos Territoriais – PROET**

**APÊNDICE C**  
**CARTA DE CESSÃO PARA AS HISTÓRIAS DE VIDA (ENTREVISTAS**  
**NARRATIVAS) DOS FEIRANTES DA FEIRA LIVRE DE SANTO AMARO –**  
**RECÔNCAVO BAIANO**

Eu, \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_(estado civil), RG n° \_\_\_\_\_, CPF n° \_\_\_\_\_ declaro para os devidos fins que cedo os direitos da narrativa da minha história de vida (Entrevista Narrativa) realizada em \_\_\_\_\_(data) para a mestranda **Joelma Gomes Ferreira**, usá-la integralmente ou em partes, sem restrições de prazo e citações, para a escrita/produção da sua dissertação de Mestrado, realizada no Programa de Pós-Graduação em Estudos Territoriais – PROET, Departamento de Ciências Exatas e da Terra I, da Universidade do Estado da Bahia, *Campus I*, da Universidade do Estado da Bahia, no âmbito da Linha de Pesquisa II – Processo territoriais e dinâmica urbano-regional, vinculada ao Grupo de Pesquisa GEO(BIO)GRAFAR: Geografia, sob a orientação da Profa. Dra. Jussara Fraga Portugal, para efeitos de apresentação em congressos e/ou publicações desde a presente data. Abdicando de direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente.

Santo Amaro – Bahia, \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
(Assinatura do Feirante – Colaborador da Pesquisa)

\_\_\_\_\_  
(Assinatura da Pesquisadora)



**PROET**  
PROGRAMA DE  
PÓS-GRADUAÇÃO EM  
ESTUDOS TERRITORIAIS

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB**  
**Pró-Reitoria de Pesquisa e Ensino de Pós-graduação – PPG**  
**Departamento de Ciências Exatas e da Terra – DCET/*Campus I***  
**Programa de Pós-Graduação em Estudos Territoriais – PROET**

**APÊNDICE D**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO E DE CONSENTIMENTO PÓS-INFORMADO**

Eu, \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ (estado civil), RG n° \_\_\_\_\_, CPF n° \_\_\_\_\_ declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista (história de vida, formação e profissão) gravada em \_\_\_\_\_ (data) para a a mestranda **Joelma Gomes Ferreira**, usá-la integralmente ou em partes, sem restrições de prazo e citações, para a escrita/produção da sua dissertação de Mestrado, realizada no Programa de Pós-Graduação em Estudos Territoriais – PROET, Departamento de Ciências Exatas e da Terra I, da Universidade do Estado da Bahia, *Campus I*, da Universidade do Estado da Bahia, no âmbito da Linha de Pesquisa II – Processo territoriais e dinâmica urbano-regional, vinculada ao Grupo de Pesquisa GEO(BIO)GRAFAR: Geografia, sob a orientação da Profa. Dra. Jussara Fraga Portugal, para efeitos de apresentação em congressos e/ou publicações desde a presente data. Abdicando de direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente.

Santo Amaro – Bahia, \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
(Assinatura do Feirante – Colaborador da Pesquisa)

\_\_\_\_\_  
(Assinatura da Pesquisadora)